

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

JHONATAN UEWERTON SOUZA

**O JOGO DAS TENSÕES: CLUBES DE IMIGRANTES ITALIANOS NO PROCESSO DE
POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM CURITIBA (1914-1933)**

CURITIBA

2014

JHONATAN UEWERTON SOUZA

**O JOGO DAS TENSÕES: CLUBES DE IMIGRANTES ITALIANOS NO PROCESSO DE
POPULARIZAÇÃO DO FUTEBOL EM CURITIBA (1914-1933)**

Dissertação apresentada como requisito parcial à
obtenção do grau de Mestre em História, no Curso de
Pós-Graduação em História, Setor de Ciências Humanas,
Letras e Artes da Universidade Federal do Paraná.

Orientador: Dr. André Mendes Capraro

CURITIBA

2014

Catálogo na publicação
Fernanda Emanoéla Nogueira – CRB 9/1607
Biblioteca de Ciências Humanas e Educação - UFPR

Souza, Jhonatan Uewerton

O jogo das tensões : clubes de imigrantes italianos no processo de
popularização do futebol em Curitiba (1914-1933) / Jhonatan Uewerton
Souza – Curitiba, 2014.
260 f.

Orientador: Prof. Dr. André Mendes Capraro
Dissertação (Mestrado em História) – Setor de Ciências Humanas da
Universidade Federal do Paraná.

1. Futebol – Curitiba - História. 2. Imigrantes italianos - Curitiba.
3. Clubes de Futebol – Curitiba - História. I. Título.

CDD 796.334



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

Rua Gal. Carneiro, 460, 7º andar, sala 716, fone/fax + 55 (41) 3360-5086,
80.060-150, Curitiba, PR, Brasil.

E-mail: cpghis@ufpr.br **Website:** www.poshistoria.ufpr.br

PARECER DA BANCA EXAMINADORA

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Paraná (PGHIS/UFPR) para realizar a argüição da Dissertação de Mestrado de **Jhonatan Uewerton Souza**, intitulada: **O Jogo das Tensões: clubes de imigrantes italianos no processo de popularização do futebol em Curitiba (1914-1933)**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovacão, completando-se assim todos os requisitos previstos nas normas desta Instituição para a obtenção do Grau de **Mestre em História**.

Curitiba, cinco de setembro de dois mil e quatorze.


Prof. Dr. André Mendes Capraro (Orientador)
Presidente da Banca Examinadora


Prof. Dr. Victor Andrade de Melo (UFRJ)
1º Examinador


Prof. Dr. Miguel Archanjo de Freitas Junior (UEPG)
2º Examinador

Aos meus pais, Rose e Otávio,
pelo apoio de sempre.

AGRADECIMENTOS

Feito de contatos e embates, esse trabalho é fruto das intensas relações que estabeleci nos últimos anos, das trocas de vivências e experiências que alimentaram minha inquietação por tudo que é humano. Aos que cruzaram meu caminho e contribuíram, de alguma maneira, para a feitura dessa pesquisa, deixo aqui meu reconhecimento e gratidão.

De Japurá, onde nasci, agradeço aos meus pais, Rose e Otávio, por todo o apoio que me deram e por todo carinho que me dedicaram. Ao meu irmão, Júnior, pelo companheirismo de todas as horas. Ao meu sobrinho, gestado nesse processo, João Miguel, pela ternura do olhar. Aos amigos de infância, que, nas peladas da vida, me ensinaram que a prática do futebol não era minha praia. Doente do pé, tive que me contentar em estudar esse fenômeno. Às professoras e professores do colégio, que me despertaram o interesse pelos estudos. Aos meus avós, que me ensinaram, desde pequenininho, a pisar manso nesse chão de pedras.

De Maringá, onde me formei, sou grato aos professores Bertonha, Fábio Viana e Christian, que me indicaram bibliografias e me estimularam para seguir na carreira de historiador. Ao professor e amigo José Henrique Rollo Gonçalves, pelas aulas, conversas, ideias, livros emprestados, pela leitura do meu projeto e, fundamentalmente, pela paixão à história e ao embate de ideias que despertaste em mim. Aos camaradas do programa *Offside* e do laboratório de Sociologia dos Esportes, André, Khairallah, Deiner, Fabrício e Gustavo, pelos intensos debates na rádio, nos botecos e nos laboratórios. A Edson, Antonio, Rui, Cecília e outros companheiros de graduação, que dividiram comigo essa viagem pela história.

De Curitiba, sou grato às pessoas que dividiram a casa e as despesas comigo nesses últimos anos - Emar, Wil, Thiago abandonado, Thiago sapateiro, Carlão, Xico cangaceiro, Sérgio e Evander - que ajudaram a construir um ambiente agradável aos estudos nas repúblicas por onde passei. Aos amigos que fiz nesse trajeto e me auxiliaram em diversos momentos, do Núcleo de Estudos Futebol e Sociedade, Natasha, Rick, André Couto, Ernesto e Eduardo; da UFPR, Flora, Reginaldo, Everton, Matheus, Elke, Neli e Marilane. Agradeço ainda aos professores e, principalmente, à secretária do Programa de Pós-graduação em História da UFPR, Maria Cristina, pelos ensinamentos e auxílios prestados.

Esse trabalho não seria possível sem o esforço e dedicação dos funcionários dos arquivos onde pesquisei. Da secretária ao bibliotecário, do faxineiro à arquivista, os trabalhadores de

instituições como a Biblioteca Pública do Paraná e o Arquivo Público do Estado do Paraná foram fundamentais para esse trabalho.

Um agradecimento especial deve ser direcionado aos comparsas do grupo de estudos E. P. Thompson, Thiago de Paula, Thiago Possiede, Pamela, Vanessa e Noemi. As manhãs de sábado na UFPR e as tardes e noites dos finais de semana nos bares e na república 113 foram fundamentais na "formação" desse trabalho e na minha "experiência" como pesquisador. Me honra, a amizade de vocês.

Noemi foi fundamental nessa pesquisa e na escrita desse trabalho. Primeira leitora, crítica contumaz, revisora, conselheira e formatadora, suas opiniões, sugestões, ideias e correções estão presentes em cada canto desse trabalho. Conhecer você, minha companheira, foi, sem dúvida, a melhor coisa que me aconteceu em Curitiba. Espero que compartilhem muitos anos de caminhada.

Sou grato ao professor Luiz Carlos Ribeiro, que entre conversas e reuniões, me deu valiosas sugestões nesses anos de pesquisa. Aos membros da banca de qualificação, Miguel Freitas e Marcelo Moraes, pela leitura atenta da primeira versão desse trabalho e pelos valiosos apontamentos feitos na qualificação.

Agradeço ao meu orientador, André Mendes Capraro, pela paciência, leitura atenta, dedicação, indicação de bibliografias, enfim, por todo o apoio dado nesse trajeto, por vezes tortuoso, de pesquisa e escrita da dissertação.

Por fim, agradeço à CAPES e aos cidadãos brasileiros, por financiarem essa pesquisa com o dinheiro suado de seus impostos, fruto do trabalho de milhares de brasileiros. Espero ter feito por merecer.

Linha severa da longínqua costa -
Quando a nau se aproxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, há aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as formas invisíveis
Da distância imprecisa, e, com sensíveis
Movimentos da esp'rança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A árvore, a praia, a flor, a ave, a fonte -
Os beijos merecidos da verdade.
(Fernando Pessoa. Horizonte, In: *Mensagens*, 1992).

O futebol trouxe ao proletariado urbano e rural a chave
ao auto-conhecimento, habilitando-o a uma ascensão a
que o simples trabalho não dera ensejo. (Carlos
Drummond de Andrade. Celebremos, In: *Quando é dia
de futebol*, 2014)

RESUMO

O presente trabalho é um estudo sobre os primeiros anos do futebol em Curitiba. Partindo da trajetória de alguns clubes formados por imigrantes italianos, como o Savóia e o Palestra Itália, analisamos o processo de popularização desse esporte na cidade e os conflitos gerados por esse processo. Nosso recorte temporal abarca as primeiras décadas do século XX, período conhecido como Primeira República, e os anos iniciais da Era Vargas. Praticado na capital paranaense desde, pelo menos, 1906, o futebol, em suas diferentes apropriações e formas de organização, abarcava as tensões sociais da Curitiba do início do século XX. Desde sua chegada à cidade, o futebol foi praticado por diversos grupos sociais, entretanto, o controle das primeiras ligas formadas para a gestão desse esporte esteve restrito, de início, aos clubes fundados pelas elites curitibanas. Essa realidade começou a ser alterada na segunda metade da década de 1910, quando agremiações e atletas oriundos das classes populares passaram a competir na primeira divisão da principal liga da cidade. Em decorrência da popularização do futebol, na década de 1920, as práticas semiprofissionais se expandiram pela maior parte dos grandes clubes locais. Essa realidade terminou por, no ano de 1933, precipitar adoção do profissionalismo no futebol curitibano.

Palavras-Chave: Futebol - Popularização - Imigração - Italianos - Curitiba

ABSTRACT

This work is a study about the early years of football in Curitiba. Through the trajectory of some clubs of Italian immigrants, as Savoia and Palestra Italia, we analyzed the process of popularization of this sport in this city and the conflicts generated in this process. We studied the early decades of the 20th century, the period known as the First Republic and the early years of the Vargas Era. The football was practiced since, approximately, 1906, and its many appropriations and forms of organization reflected the social tensions of Curitiba in the first half 20th century. Since coming to the city, football was practiced by various social groups, however, the control of the first football leagues created for management of the sport, was restricted, initially, to the elites of the Curitiba. This situation began to change in the second half of the 1910s, when clubs and athletes of the folk class began to compete in the first division of the major league city. Because of the popularity of football in the 1920s, the professionalism expanded in most major local clubs. This reality was reflected, in the year 1933, precipitation adoption professional football in Curitiba.

Key-Words: Football – Popularization - Immigration – Italian – Curitiba

LISTA DE SIGLAS

AMEA - Associação Metropolitana de Esportes Atléticos

APEA - Associação Paranaense de Esportes Athleticos

APEA - Associação Paulista de Esportes Atléticos

APSA - Associação Paranaense de Sports Athleticos

APSA - Associação Paulista Sports Athleticos

ASP - Associação Sportiva Paranaense

CBD - Confederação Brasileira de Desportos

FBS - Federação Brasileira de Sports

FBF - Federação Brasileira de Football

FBF - Federação Brasileira de Futebol

FPD - Federação Paranaense de Desportos

LAF - Liga Antoniense de Foot-ball

LMD - Liga Municipal de Desportos

LMFM - Liga Municipal de Foot-ball de Morretes

LMFP - Liga Municipal de Foot-ball de Paranaguá

LMSA - Liga Metropolitana de Sports Athleticos

LCD - Liga Curitybana de Desportos

LCF - Liga Carioca de Football

LPD - Liga Paranaense de Desportos

LPF - Liga Paulista de Foot-Ball

LRP - Liga Regional Paranaense

LSM - Liga Sportiva Municipal

LSP - Liga Sportiva Paranaense

LSP - Liga Sportiva Pontagrossense

LPF - Liga Paranaguense de Football

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1 - O <i>GROUND</i> E A RUA: AS APROPRIAÇÕES DO FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM A IMPRENSA E O PODER PÚBLICO	27
1.1 Dançando a modernidade: os passatempos "racionais" e os divertimentos populares nos primórdios da prática esportiva em Curitiba	27
1.2 De Frontão a <i>field</i> ou Prado & <i>ground</i> : primeiros registros do esporte bretão	35
1.3 <i>Football(s)</i> : entre o requinte dos salões e a banalidade das ruas	45
1.4 Curitiba, <i>nova Sparta</i> : o futebol como flagelo moderno	57
1.5 <i>Imprensa Sports Club</i> : apontamentos sobre a formação do colunismo esportivo em Curitiba	69
1.6 Cercando o <i>ground</i> e fechando a rua: a organização da <i>Liga Sportiva Paranaense</i> e as relações do poder público com o futebol	83
CAPÍTULO 2 - DE MANTOS VERDE, VERMELHO E BRANCO: OS PRIMEIROS CLUBES FORMADOS POR IMIGRANTES ITALIANOS E A INSERÇÃO DE AGREMIÇÕES POPULARES NAS LIGAS DE FUTEBOL CURITIBANAS	99
2.1 Da "Bota" às chuteiras: imigrantes italianos em Curitiba	99
2.2 Savoia e Torino: futebol e italianidade em tempos belicosos	119
2.3 Jogando nas "brechas": a ascensão do Savóia e de outras agremiações populares à elite do futebol paranaense	136
2.4 "Odienta e absurda": a recepção da nova "Lei do Amadorismo" em Curitiba e a defesa da inserção de trabalhadores pobres e negros nas ligas de futebol	152
CAPÍTULO 3 - UM PERIQUITO NA TERRA DAS GRALHAS: A TRAJETÓRIA DO PALESTRA ITÁLIA ENTRE O FALSO AMADORISMO E A ADOÇÃO DO PROFISSIONALISMO EM CURITIBA	168
3.1 Surgem os "Azuis": a fundação do Palestra Itália de Curitiba	168
3.2 Os "Borboletas" do Palestra Itália: a importação dos <i>players</i> paulistas e a circulação de atletas em Curitiba	184
3.3 De "Azuis" a "Periquito": trabalhadores pobres e homens de cor, da suburbana ao Palestra Itália ..	201
3.4 Nas asas do "Periquito": os caminhos da adoção do profissionalismo em Curitiba	222
CONSIDERAÇÕES FINAIS	240
REFERÊNCIAS	247
FONTES	247
BIBLIOGRAFIA	249
ANEXOS	256

INTRODUÇÃO

"Batalha futebolística 'italo-germânica"¹ foi o nome encontrado por Full-Blue, cronista esportivo do jornal *Gazeta do Povo*, para anunciar a partida que ocorreria na tarde daquele domingo, 27 de setembro de 1931, entre Palestra Itália F. C. e Coritiba F. C., pelo campeonato da *Federação Paraense de Desportos*. As duas equipes, repletas de jogadores recrutados em clubes do subúrbio de Curitiba no início daquele ano², faziam um campeonato de causar inveja às agremiações rivais. Os "germânicos", do Coritiba, vinham de uma vitória tímida sobre o Atlético Paranaense, pelo placar apertado de 2 a 1, mas carregavam em seu currículo duas goleadas, um 6 a 0 contra o Poty e um 7 a 0 contra o Paranaense, nos jogos anteriores à vitória sobre os atleticanos. O clube dos "descendentes da Pátria de Mussolini"³, como era chamado o Palestra Itália pela *Gazeta do Povo*, fazia um torneio ainda mais surpreendente. A agremiação, que já havia desferido um acachapante 15 a 2 no Aquibadan, vinha de uma vitória por, nada menos, que 16 a 0 contra o Paranaense⁴.

Esse histórico de goleadas de ambas as partes, dava ares de uma verdadeira batalha campal, digna de um cenário da Primeira Guerra Mundial, ao jogo entre Coritiba e Palestra Itália. Com efeito, foi essa a metáfora escolhida por Full-Blue quando anunciou a realização da partida:

Daqui algumas horas assistiremos a batalha futebolística "italo-germânica". Estes azeitam os formidáveis canhões 42. Aqueles acabam de transpor os escabrosos Montes Alpinos. A hora decisiva aproxima-se. E aumenta sensivelmente a palpitação desenfreada dos torcedores e apologistas. Esperemos pelo desfecho.⁵

Não era a primeira vez que o cronista apelava às analogias com a guerra para descrever o jogo que se avizinhava. Em 24 de setembro, depois de observar que o futebol, àquela altura, já conquistara: "[...] o coração das metrópoles, das cidades do interior, dos vilarejos e até das aldeias [...]", Full-Blue declarava: "[...] o encontro de 27 do corrente irá indicar um novo rumo. As baterias serão assentadas com outra mira e se o Forte não estiver á semelhança de 'Verdun' talvez

¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 27 set 1931. p 3.

² Sobre a formação dos times do Palestra Itália e do Coritiba para os campeonatos de 1930 e 1931, ver: CARDOSO, Francisco Genaro. *História do Futebol Paranaense*. Curitiba: Grafipar, 1978. p 65-68.

³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 set 1931. p 8.

⁴ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígitus, 1990. p 66.

⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 27 set 1931. p 3.

entrem os de sangue saxônico"⁶. Para o cronista, no entanto, o favorito na batalha era o Palestra Itália - que, de fato, venceria a partida por 3 a 2 -, em suas palavras: "Os descendentes da 'Terra Gloriosa' de Mussolini irão mostrar a força do espírito latino"⁷.

Essa relação simbólica entre o Palestra Itália e a pátria de origem da maior parte de seus associados remetia a 1921, ano em que o clube surgiu. Fundado por altos funcionários do *Banco Francez e Italiano*, diretores da *Sociedade Dante Alighieri* e outros setores da elite e classe média dos imigrantes italianos de Curitiba, o *Palestra Itália Football Club* foi a agremiação mais vitoriosa criada pelos ítalo-brasileiros na cidade. Até por ser ligado à sucursal curitibana da *Sociedade Dante Alighieri*, instituição cujo principal objetivo era disseminar a língua, a cultura e a identidade italiana entre os peninsulares, o Palestra Itália, desde sua fundação, foi tratado pela imprensa curitibana como o clube "representante dos italianos" no futebol local.

Esse, de fato, era o objetivo autoproclamado do clube, que ainda no anúncio para sua reunião de fundação, publicado no jornal *Diário da Tarde*, deixava claro sua ambição em reunir: "[...] todos os jogadores de Foot-ball italianos ou filhos de italianos [...]" da cidade⁸. Em que pese o fato de ser mencionado na imprensa como o "clube dos italianos", o Palestra Itália nunca logrou êxito em suas intenções de representar a totalidade desses imigrantes estabelecidos em Curitiba. Ao contrário, entre 1914 e 1933, surgiram diversos clubes de futebol relacionados a esses imigrantes e seus descendentes. Agremiações dos mais variados perfis sociais e identitários, que disputaram palmo a palmo com os palestrinos a fidelidade dos ítalo-brasileiros da capital paranaense.

Distintos entre si, esses clubes proporcionaram atividades recreativas e de socialização para os diversos imigrantes italianos, que, fugindo da miséria, chegaram a Curitiba, desde o último quarto do século XIX, em busca de trabalho e terras cultiváveis, fixando-se na cidade ou nas colônias formadas nos arredores dela⁹. Deslocados de sua terra natal e imersos em uma cidade que se constituía, no início do século XX, como um verdadeiro mosaico cultural, abrigando poloneses, ucranianos, alemães, russos, franceses, austríacos, holandeses, ao lado de nacionais, alguns destes recém-egressos do cativeiro, esses imigrantes italianos e seus

⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 24 set 1931. p 4.

⁷ Idem.

⁸ SECCÃO SPORTIVA. *Diário da Tarde*. 20 dez 1920, p 1.

⁹ Sobre a imigração italiana para o Brasil, ver: TRENTO, Angelo. *Do outro lado do Atlântico: Um século de Imigração Italiana no Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988

descendentes encontraram na formação de associações, uma estratégia para se integrar à nova sociedade que os recebia¹⁰. Nesse contexto, ao lado das sociedades mutualistas, igrejas, grêmios políticos, escolas, entidades de classe e associações fundadas para os mais variados fins, os clubes de futebol se converteram em importantes espaços de sociabilidade para esses indivíduos. Por meio dessas agremiações futebolísticas, redes de contato eram estabelecidas, atividades recreativas eram organizadas, laços afetivos e identitários eram criados, possibilitando a esses imigrantes, dada a projeção eminentemente pública da prática do futebol, um meio de inserção ativa na vida urbana de Curitiba.

O primeiro desses clubes a surgir foi o *Savoia Foot-Ball Club*, fundado em meados de 1914 pelos italianos do arrabalde de Água Verde, região que havia abrigado, no século XIX, a colônia Dantas, formada por imigrantes peninsulares. Embora seus sócios fossem majoritariamente ítalo-brasileiros, o clube tinha grande proximidade com sociedades operárias formadas por nacionais, como a *Sociedade Beneficente dos Operários*, a *Sociedade Beneficente dos Operários do Batel* e *Operário Foot Ball Club Curitybano*, com quem chegou a se fundir em 1917¹¹. No mesmo ano de 1914, surgiu o *Torino Sport Club*, um clube, segundo a *Gazeta do Povo*: "[...] composto de italianos, descendentes e alguns nacionais [...]"¹² que mantinha íntimas relações com a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi*.

Em 1920, os membros da *Sociedade Livorno Italo Brasileira* fundaram o *Sant'Anna Sport Club*¹³. No mesmo ano, "[...] um grupo de socios da 'União B. Recreativa' da Villa Morgnau" formaram o *Palestra Itália Sport Club*¹⁴. Em 1930, veio à luz o *Itália Sport Club*, um clube varzeano, fundado, segundo Jahir G. Teixeira, cronista da *Gazeta do Povo*, "pelos irmão Fornarolli", cuja: "[...] cancha de futebol está situada na travessa da Cervejaria Brasileira"¹⁵. Além de futebol, a agremiação promovia bailes, animados pela: "[...] excelente 'instrumental' composta por associados do Club, assim intitulada: 'Custa mas vae'... E a inseparavel dupla 'Maio-Juca' nas suas irresistiveis emboladas - ou em canções cheias de sentimento"¹⁶. Por fim, em 1933, um grupo de imigrantes oriundos do Vêneto e estabelecidos na Colônia de Santa

¹⁰ Sobre a imigração para o Paraná, ver: BALHANA, Altiva P; MACHADO, Brasil P; WESTPHALEN, Cecília M. Imigração e colonização. IN: _____ *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969. p 156-184.

¹¹ FORWARD, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 04 ago 1915, p 3.

¹² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 11 fev 1926, p 3.

¹³ ESPORTE. *Gazeta do Povo*. 12 nov 1920, p 1.

¹⁴ PALESTRA ITALIA SPORT CLUB. *Gazeta do Povo*. 20 out 1920, p 4.

¹⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 27 out 1932. p 2

¹⁶ Idem.

Felicidade, nos arredores de Curitiba, fundaram o *Trieste Futebol Clube*, outra importante equipe varzeana da cidade¹⁷.

Para além dos clubes de caráter étnico, outras agremiações, como o *Água Verde Sport Club* e o *Brintannia Sport Club*¹⁸, contaram com inúmeros imigrantes italianos entre seus fundadores e associados. O primeiro era um clube de bairro, que aglutinava os moradores do arrabalde de Água Verde, área, como vimos, habitada por imigrantes italianos desde o século XIX, e que recebeu a maior parte dos sócios e atletas do Savóia, quando este foi dissolvido, em meados de 1917¹⁹. O Britannia, por sua vez, era definido por Berthier de Oliveira, um de seus dirigentes, como um clube: "[...] composto na sua maioria de operários honestos e educados [...] que labutam desde o amanhecer ao entardecer numa officina de trabalho, ou n'um armazem da Estrada de Ferro ou numa Fabrica de Vidro"²⁰. Entre esses operários, era possível encontrar sobrenomes como Buzzetti, Zanicotti, Tesserolli, Bettine, Cavagnari, Regazzo, Foggiatto, na lista de fundadores do clube²¹.

Clubes de bairro, de colônia, operários, elitistas, de vênetos, de toscanos, exclusivos para italianos ou abertos para nacionais, a pluralidade e diversidade do associativismo esportivo entre os imigrantes italianos era, do ponto de vista da etnicidade, a própria expressão dos dilemas e conflitos internos a esses indivíduos, que nunca chegaram a formar uma coletividade homogênea em Curitiba, não obstante as diversas tentativas das elites italianas e, em menor medida, do governo italiano, que, segundo João Fabio Bertonha, entre fins do século XIX e início do XX, em todo Brasil: "lançavam-se ao trabalho para construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia"²². Oriundos de um país unificado tardiamente a edificação de uma "identidade italiana" era um problema na própria Itália quando muitas dessas pessoas emigraram para o Brasil²³.

Separados por diferenças regionais da Península Itálica, por condições de classe, por opções ideológicas, por identidades de bairro, ou mesmo por disputas de poder e jogos de vaidade, parecia fazer pouco sentido, no início do século XX, falar em uma "identidade italiana"

¹⁷ CHRESTENZEN, Levi M; Machado, Heriberto I. *Trieste: o campeoníssimo suburbano*. Curitiba: Edição do autor, 2006. p 8-10.

¹⁸ Posteriormente mudaria a grafia de seu nome para Britânia.

¹⁹ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígito, 1990. p 22.

²⁰ OLIVEIRA, Berthier. A A.S.P. e o Britannia. *Commercio do Paraná*. 09 abril 1921. p 1.

²¹ CHRESTENZEN, L. M; MACHADO, H. I. *Op cit.* 1990. p 7.

²² BERTONHA, João F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005. p 61.

²³ BERTONHA, João F. *Op cit.* 2005. p 56.

homogênea entre os imigrantes fixados na capital paranaense. Escrevendo sobre a situação da "colônia" de Curitiba, em 1914, o italiano Ranieri Venerosi lamentava: "[...] a nossa colônia de Curitiba e dos arredores vai a caminho do desagregamento quanto á consevação nacional". Para o viajante: "[...] faltou á colonia concordia, e as divisoes baseadas na inveja e nas lutas pessoaes fizeram fenecer as boas iniciativas de carater nacional"²⁴. De fato, essas divisões ficam nítidas quando analisamos as dinâmicas do associativismo esportivo nessa coletividade.

No que tange especificamente a história do futebol, a proliferação de clubes fundados por imigrantes italianos e seus descendentes em Curitiba, alguns deles claramente vinculados à classe trabalhadora ou formados nos subúrbios da cidade, indica uma mudança considerável no perfil elitista predominante nos primeiros anos da prática futebolística formal na capital paranaense. Com efeito, os anos que separam a década de 1910 e os primeiros instantes da década de 1930, período em que essas agremiações de imigrantes foram fundadas, marcaram a transformação desse esporte, antes hegemônico - ao menos em suas apropriações formais, institucionais em clubes e ligas - pelos setores enriquecidos da população, em uma prática cada vez mais imiscuída no cotidiano das classes populares. Como observou o historiador Leonardo Affonso de Miranda Pereira, em sua análise a respeito das mudanças ocorridas no futebol carioca ainda na década de 1910: "De esporte refinado e restrito, o futebol transformava-se em um jogo de negros e pobres"²⁵. Para o antropólogo José Sérgio Leite Lopes, esse movimento de transformação do futebol em um espetáculo de massas, espaço de encontro e confronto dos mais variados segmentos sociais, foi marcado por tensões de toda ordem, com especial destaque para os conflitos de classe, preconceitos de cor e embates étnicos. Nas palavras de Lopes: "A popularização do futebol no Brasil está relacionada à apropriação desse esporte pelas diferentes classes e grupos sociais, e isso não se dá independente da cor e da "etnicidade"²⁶

Formados em meio a essas transformações ocorridas no futebol, os clubes de imigrantes italianos se apresentam como um espaço propício para pensar as tensões inerentes ao contexto de popularização dessa prática esportiva em Curitiba. Estes fatores interferiram na definição do objeto do presente trabalho, que se apresenta enquanto um exercício de micro-história, no qual partiremos das trajetórias de duas dessas agremiações de imigrantes, o Savóia e o Palestra Itália,

²⁴ VENEROSI, R. Como estão os italianos no Paraná. *Diario da Tarde*. 06 abr 1914, p 1.

²⁵ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000. p 131.

²⁶ Idem.

para investigarmos a forma como se deu o processo de popularização do futebol na cidade, atentando às tensões e conflitos que constituíram esse processo. Para tanto, o recorte temporal de nossa pesquisa abarcará os anos entre 1914, fundação do Savoia, e 1933, quando o início da implementação do profissionalismo no futebol reordena as bases gerais de sua estrutura, inaugurando uma nova fase desse esporte no Brasil.

Seguindo as recomendações de Giovanni Levi - para quem: "[...] aquilo que o historiador pode e deve generalizar são as perguntas, que podem ser colocadas em contextos de temporalidades e espacialidades diferentes, deixando às situações singulares a sua especificidade irrepetível"²⁷ - partiremos de um questionamento relativamente amplo e passível de generalização, a saber: Como se deu o processo de popularização do futebol em Curitiba? Dessa pergunta central, se desdobram outras, que assumem a forma de objetivos dessa dissertação: De que forma se deu a apropriação do futebol pelos grupos subalternizados em Curitiba? Como as múltiplas apropriações desse esporte foram tratadas pelas elites, pela imprensa e pelo poder público? Qual a relação dos clubes étnicos com o grupo de imigrantes que pretendiam representar? Como esses clubes de imigrantes eram tratados pela imprensa? Quais os conflitos gerados pela introdução de brancos pobres, negros e mestiços no principal campeonato da cidade? Como se manifestaram as práticas semiprofissionais no futebol curitibano? E, por fim, como resultado do longo processo de popularização do futebol, como se deu a adoção do profissionalismo no futebol curitibano?

Para responder a todas essas perguntas, acompanharemos a trajetória das duas equipes supracitadas, não com o objetivo de oferecer uma espécie de biografia dessas agremiações, o que implicaria estudar a exaustão suas composições internas, suas estruturas burocrático-administrativas, seus padrões de jogo, variações nos números de associados, condições financeiras e estratégias competitivas. Tarefa que seria impossível, dada a inexistência da documentação interna desses clubes. De outro modo, procuramos tomar o Palestra Itália e o Savóia como um ponto de partida, encarando-os, ao mesmo tempo, como objeto e pretexto. Objeto, à medida que investigaremos, com base em informações fragmentárias, a forma como esses clubes foram organizados, a relação que travaram com a imprensa, com os imigrantes italianos e com o circuito futebolístico cidadão. Pretexto, pois partiremos destes clubes para

²⁷LEVI, Giovanni. Prefácio. IN: OLIVEIRA, Mônica R. ALMEIDA, Carla M. C. *Exercícios de micro-história*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2009. p 16.

pensar a conjuntura mais ampla na qual estavam inseridos, descendo àquilo que Jacques Revel chamou de "rés-do-chão"²⁸, na intenção de recuperar, o que, para Levi, é o objetivo central da micro-história: "[...] a complexidade dos contextos nos quais os homens se movem"²⁹. Em nosso caso, a complexidade dos contextos nos quais os clubes se movem.

A escolha por essa abordagem de pesquisa implicou, em vários momentos, em mudanças sistemáticas nas escalas de análise. Como pontuou Revel: "Mais do que uma escala, é [...] a variação de escala que aparece aqui como fundamental"³⁰. Em alguns momentos, como nos debates sobre a "nova lei do amadorismo", a circulação interestadual de jogadores e o processo de adoção do profissionalismo no futebol curitibano, fomos impelidos a refletir sobre outras espacialidades, algumas vezes recorrendo a periódicos de outras cidades e estados, comparando trajetórias de clubes, reconstruindo percursos de atletas, com o fim de melhor entender e aprofundar nosso objeto. Esse esforço se fez necessário, pois, concordando com Revel, consideramos que, embora localizados em Curitiba, os clubes aqui analisados, como de resto, qualquer ator histórico: "[...] participa, de maneira próxima ou distante de processos - e portanto se inscreve em contextos - de dimensões e de níveis variáveis, do mais local ao mais global. Não existe portanto um hiato, menos ainda uma oposição entre a história local e a história global". E, continua Revel: "O que a experiência de um indivíduo, de um grupo, de um espaço permite perceber é uma modulação particular da história global"³¹.

Embora não existam estudos específicos sobre as trajetórias de Savóia e Palestra Itália de Curitiba, alguns autores se debruçaram sobre clubes esportivos fundados por imigrantes italianos em diferentes cidades do Brasil³². Em geral, a bibliografia sobre o tema se limita a breves artigos³³ ou pesquisas que adotam uma abordagem meramente descritiva, elencando agremiações

²⁸ REVEL, Jacques. Prefácio. LEVI, Giovanni. *A herança imaterial: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000. p 7. Esse ato de poder destacar: "ao longo um destino específico - o destino de um homem, de uma comunidade, de uma obra -, a complexa rede de relações, a multiplicidade dos espaços e dos tempos nos quais se inscreve". Ibid. p 17.

²⁹ Ibid, p 14.

³⁰ REVEL, Jacques. Microanálise e construção social. IN: _____ (org) *Jogos de escala: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998. p 38.

³¹ Ibid, p 28.

³² Na verdade, existem breves relatos biográficos sobre essas agremiações no livro de Carneiro Neto sobre a história do Paraná Clube: NETO, Carneiro. *O vôo certo: a história do Paraná Clube*. Curitiba: S/Ed, 1996.

³³ Cf: RIBEIRO, Raphael R. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. IN: *Revista da Imigração Italiana em Minas Gerais*. Belo Horizonte, s/d. p 1-17. E: PRODANOV, Cleber Cristiano; MOSER, Vinícius. Estado Novo e futebol: a região italiana do Rio Grande do Sul. IN: *Lecturas, Educación Física y Deportes*, v. 140. Buenos Aires, 2010. p 1-7.

fundadas por esses imigrantes e indicando nelas um esforço de promoção da identidade italiana por meio dos esportes³⁴. Um trabalho de maior fôlego foi realizado por José Renato de Campos Araújo em "Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália", livro no qual analisa a trajetória do Palestra Itália de São Paulo entre 1914, ano de sua fundação, e 1942, quando a agremiação altera sua denominação para *Sociedade Esportiva Palmeiras* em decorrência das medidas nacionalizantes adotadas pelo governo de Getúlio Vargas, depois da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial³⁵.

Ancorado em uma abordagem que privilegiou a relação do Palestra Itália paulistano com a construção de uma identidade italiana unificada entre os imigrantes de São Paulo, na concepção de Araújo: "Esta agremiação se não foi a primeira, foi a que obteve maior sucesso na tentativa de representação do grupo italiano na cidade de São Paulo, inculcando a ideia de italianidade em pessoas que ainda não se consideravam italianas"³⁶. Para o autor, o Palestra Itália só "[...] teve uma trajetória diferenciada no universo do associativismo italiano da cidade [...]", pelo fato de: "[...] ser ligado ao futebol, modalidade esportiva que se tornaria a grande paixão nacional"³⁷. Segundo Araújo: "Até a fundação e estruturação do clube, o que víamos na cidade era uma grande profusão de entidades, agremiações e associações aglutinadoras de lombardos, vênnetos, calabreses, piemonteses, mas nunca italianos"³⁸. Conforme o mesmo autor, além de romper com esses regionalismos e inculcar nos imigrantes italianos um sentimento de pertencimento comum, o Palestra paulistano teria colaborado "[...] para a mudança da imagem do italiano residente na cidade de São Paulo: de um indivíduo que acarretava problemas à sociedade de adoção, tornou-se alguém que transpôs os obstáculos iniciais para tornar-se um vencedor e enriquecer na sociedade receptora"³⁹.

³⁴ Um exemplo dessa abordagem descritiva, quando não celebrativa, mais próxima da memória que da história, é a dissertação de Regina Fonticelha De Rose sobre o associativismo esportivo dos imigrantes italianos no Rio Grande do Sul. DE ROSE, Regina Fonticelha. *A influência da Imigração Italiana no Desenvolvimento do Esporte no Estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação em Ciências do Movimento Humano, Porto Alegre: UFRGS, 1996. No mesmo sentido, ver: MAZO, Janice Zarpellon; PEREIRA, Ester Liberato. Primórdios do Esporte no Rio Grande do Sul: os imigrantes e o associativismo esportivo. IN: MULLEN, Johana Coelho; GOELLNER, Silvana Vilodre. Memórias do esporte e do lazer no Rio Grande do Sul. Porto Alegre: FUNDERGS, 2013. Especificamente o item "O esporte e os ítalo-brasileiros" p 20-21.

³⁵ ARAÚJO, José R. *Imigração e futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

³⁶ *Ibid*, p 135.

³⁷ *Ibid*, p 7.

³⁸ *Idem*.

³⁹ *Ibid*, p 137.

Pesquisas mais recentes, como as realizadas por Alfredo Oscar Salun e João Paulo França Streapco, tencionam algumas das conclusões de Araújo, traçando um panorama mais complexo sobre a presença dos imigrantes italianos no futebol paulistano. Esses estudos indicam que os imigrantes peninsulares e seus descendentes, à exemplo do que ocorria em Curitiba, estavam espalhados por diversas agremiações, para além do Palestra Itália, como o Itália F. B. C., Ítalo F. C., Touring F. C., Smart F. C., *Società Calcistica Florentia Amicci dello Sport*, S. C. Corinthians e vários outros clubes de bairro⁴⁰. Para Streapco, mesmo depois da fundação do Palestra paulistano: "[...] diversas equipes de origem italiana ou fundadas por descendentes continuaram a existir ou foram fundadas, situação que desmente o suposto caráter unificador que o Palestra Itália teria exercido entre os italianos de São Paulo"⁴¹.

De fato, ao menos no caso curitibano, a multiplicação de agremiações de futebol relacionadas aos imigrantes italianos estava em plena sintonia com a dinâmica global do associativismo italiano no Brasil, marcado pela pulverização de pequenas entidades, muitas delas com frágeis estruturas e vida efêmera⁴². Essa tendência à divisão era, ela própria, sintomática da complexa situação desses imigrantes no Brasil. Não obstante fossem classificados pela população local e pela imprensa curitibana por meio de termos englobantes como "colônia italiana" e "coletividade italiana", que tendem a reduzir ou negligenciar as divisões internas a esses grupos; na prática, esses indivíduos conviveram, na maioria das vezes, com uma identidade fraturada, marcada pelas clivagens internas da própria Itália ou por conflitos de classe, ideológicos e pessoais, próprios da nova sociedade que os recebia. Essas divisões e conflitos identitários não podem ser negligenciados pelos historiadores preocupados em estudar os clubes de futebol formados por esses imigrantes e sua relação com a promoção de identidades étnicas entre seus associados.

Cientes desses desafios, nesse trabalho, procuramos escapar às noções essencialistas de etnicidade - evitando, sempre que possível, termos totalizantes, como: "colônia italiana",

⁴⁰ SALUN, Alfredo Oscar. *Palestra Itália e Corinthians: quinta coluna ou tudo buona gente?* Tese em História Social - USP. São Paulo, 2007. Especialmente o capítulo 1 "Os filhos de Abraão: Palestra Itália e Corinthians". STREAPCO, João P. F. *"Cego é aquele que só vê a bola." O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)*. Dissertação em História - USP. São Paulo, 2010. Especialmente a seção 4 do capítulo II "Sociedade Esportiva Palmeiras. O time unificador da colônia italiana em São Paulo?".

⁴¹ STREAPCO, João P. F. *Op cit.* 2010. p 132.

⁴² Sobre a pulverização e fragilidade do associativismo italiano no Brasil e sua tendência às cisões e ao desagregamento, ver o clássico: TRENTO, Angelo. *Op cit.*, 1988. Especialmente a seção 4.2 "As associações", do Capítulo IV: "Vida coletiva e assimilação".

"identidade italiana", "clube dos italianos", etc. - optando por pensar de maneira relacional⁴³ a complexa formação dessas identidades étnicas e o papel dos clubes de futebol nesse processo.

Um caminho promissor foi proposto pelo historiador Michael M. Hall, para quem:

Talvez seja mais útil encarar a etnicidade no espírito que E. P. Thompson tratou o conceito de consciência de classe: em vez de considerá-la como sempre igual e como uma entidade reificada que determina certas práticas, poderíamos tentar ver, no decorrer das lutas, como uma identidade étnica pode emergir (ou não), se desenvolver e esvaecer em circunstâncias históricas específicas.⁴⁴

Faz-se necessário ressaltar, ainda, que as identidades étnicas sempre tiveram que conviver com outras múltiplas possibilidades de identificação, erigidas com base em laços de classe, ofício, gênero, religião, bairro, entre outros. Identidades múltiplas, que ora se aproximam, ora se repelem, podendo conviver em conflito latente no interior de um mesmo agrupamento, ou, no nosso caso, de um mesmo clube. Sendo assim, pensaremos essas identidades, ao modo de Stuart Hall, como: "um dispositivo discursivo que representa a diferença como unidade ou identidades"⁴⁵.

Mais estudado que os clubes de futebol fundados por imigrantes foi o processo de popularização dessa modalidade esportiva no Brasil. De fato, o tema da apropriação do futebol pelas classes populares é um assunto clássico na incipiente historiografia sobre o futebol produzida no país. Essa preocupação esteve presente em pesquisas desenvolvidas na primeira metade do século XX, como a obra *O negro no futebol brasileiro*, de Mario Filho, que, partindo do caso específico do Rio de Janeiro, estabeleceu uma periodização rígida para o desenvolvimento do futebol brasileiro, enfatizando o pioneirismo das elites nessa modalidade e a posterior, gradual e conflituosa inserção dos setores subalternizados da população - trabalhadores braçais, imigrantes pobres, negros e mestiços - no circuito futebolístico nacional⁴⁶.

Estudos mais recentes, como os de Leonardo Affonso de Miranda Pereira⁴⁷, João Manuel Casquinha Malaia Santos⁴⁸ e Nei Jorge dos Santos Junior⁴⁹, para o Rio de Janeiro; Plínio José

⁴³ Para uma tentativa de pensar a formação de grupos e fronteiras étnicas em termos relacionais, ver: BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART (org.). *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p 185-229.

⁴⁴ HALL, Michael M. Entre a Etnicidade e a Classe em São Paulo. IN: CARNEIRO, Maria L. T; CROCI, Federico; FRANZINA, Emilio. *História do Trabalho e Histórias da Imigração: Trabalhadores italianos e sindicatos no Brasil (séculos XIX e XX)*. São Paulo: Edusp, 2010. p 63.

⁴⁵ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p 62.

⁴⁶ FILHO, Mario. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003. A primeira edição da obra é de 1947, pela Irmãos Pongetti Editores.

⁴⁷ PEREIRA, Leonardo A. M. *Op cit.* 2000.

Labriola de Campos Negreiros⁵⁰, Fatima Martin Rodrigues Ferreira Antunes⁵¹ e João Paulo França Streapco⁵², para São Paulo; Henrique Sena dos Santos, para Salvador⁵³; e Celso Luiz Moletta Junior, André Mendes Capraro, Miguel Archanjo de Freitas Junior e Natasha Santos⁵⁴, para Curitiba; problematizam alguns pressupostos de obras clássicas, como a de Mario Filho, apontando especificidades regionais no processo de popularização do futebol e indicando uma apropriação mais prematura desse esporte pelos segmentos empobrecidos da população brasileira. Nossa pesquisa se insere nesse esforço de renovação da historiografia sobre o futebol, buscando desvelar, por meio das trajetórias de Savóia e Palestra Itália, aspectos até então negligenciados do processo de popularização da prática futebolística em Curitiba.

Apesar de recorrermos ocasionalmente a outras tipologias de fonte - como *Atas da Câmara Municipal de Curitiba*, *Atas da Assembleia Legislativa do Paraná*, *Coleções de Decretos, Regulamentos e Leis*, *Códigos de Posturas Municipais*, revistas ilustradas e livros de memórias, recolhidos nos fundos da Biblioteca Pública do Paraná, do Círculo de Estudos Bandeirantes, do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná e no Arquivo Público do Paraná - o grosso do corpus documental utilizado nessa pesquisa foi constituído pela imprensa escrita curitibana, especialmente os jornais *Commercio do Paraná*, *Diário da Tarde*, *O Dia* e *Gazeta do Povo*, cujas tiragens diárias, publicadas nos anos abarcados por nosso recorte cronológico (1914-1933) foram lidas e catalogadas no decorrer dessa pesquisa. A escolha desses periódicos esteve relacionada tanto ao destaque que o futebol teve nessas publicações - por exemplo, como veremos, o *Commercio do Paraná* tinha uma coluna esportiva diária, desde 1913 -, quanto à

⁴⁸ SANTOS, João M. C. M. *Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção sócio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. Tese em História Econômica - USP. São Paulo, 2010.

⁴⁹ SANTOS, Nei Jorge. *A construção do sentido local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*. Dissertação em História Comparada - UFRJ. Rio de Janeiro, 2012.

⁵⁰ NEGREIROS, Plínio J. C. L. *Resistência e rendição: a gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916)*. Dissertação em História - PUC-SP. São Paulo, 1992.

⁵¹ ANTUNES, Fatima M. R. F. *Futebol de fábrica em São Paulo*. Dissertação em Sociologia - USP, São Paulo 1992.

⁵² STREAPCO, João P. F. *Op cit.* 2010.

⁵³ SANTOS, Henrique S. Notas sobre a popularização do futebol em Salvador (1901-1912). IN: *Esporte e Sociedade*, ano 6, n. 16. Rio de Janeiro, 2010. SANTOS, Henrique S. "Desastres Materiais, desordens morais": o "foot-ball de vagabundos" nas ruas de Salvador, 1905-1920. IN: *Recorde: Revista de Historia do Esporte*, vol 5, n. 1. Rio de Janeiro, 2012. E: SANTOS, Henrique S. Entre negros e brancos: considerações sobre a formação da cultura futebolística em Salvador, 1901-1920. IN: *Recorde: Revista de Historia do Esporte*, vol 2, n. 1. Rio de Janeiro, 2009.

⁵⁴ MOLETTA JR, Celso L. *Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (Curitiba, 1900-1915)*. Dissertação em História - UFPR. Curitiba, 2009. E: CAPRARO, André M; MOLETTA JR, Celso; FREITAS JR, Miguel A; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. IN: *Revista de História Regional*, v 17, n. 2. Ponta Grossa, 2012.

disponibilidade de acesso a esses jornais, que estão conservados no acervo microfilmado da "Seção Paranaense" da Biblioteca Pública do Paraná.

Outro órgão de imprensa ao qual nos reportamos frequentemente é o jornal *A República*, utilizado de maneira mais específica para a obtenção de dados biográficos de dirigentes e atletas dos clubes estudados, devido à possibilidade de realizar pesquisas nominais na plataforma da Hemeroteca Digital Brasileira da Fundação Biblioteca Nacional, que conta com diversas edições digitalizadas desse periódico em seu banco de dados. Outros impressos, como *Paraná Esportivo e Correio do Paraná*, de Curitiba; *Diário do Commercio*, de Paranaguá; *O Estado de São Paulo*, *Correio Paulistano* e *O Combate*, de São Paulo; *O Paiz*, do Rio de Janeiro; *Republica*, de Florianópolis; e *A Federação*, de Porto Alegre, foram utilizados em momentos pontuais desse trabalho, estando disponíveis nos acervos da Biblioteca Pública do Paraná, do Instituto Histórico Geográfico de Paranaguá, da Hemeroteca Digital Brasileira e no sítio eletrônico *Acervo Estadão*, do jornal *O Estado de São Paulo*. Com base nos periódicos lidos diariamente e naqueles aos quais fazemos referências pontuais, formamos um banco de dados de aproximadamente 2.000 fontes relativas aos anos de formação do futebol curitibano. Banco de dados, esse, que deu suporte à escrita dessa dissertação.

Inspirados na proposta metodológica para a análise de fontes de imprensa, como jornais e revistas, defendida por Tania Regina de Luca, atentaremos nesse trabalho para o duplo estatuto desses periódicos, encarando-os, ao mesmo tempo, como fonte e objeto de nossa pesquisa. Segundo Luca, ao analisar os periódicos, assim como qualquer outra fonte, o historiador deve: "[...] problematizar a identificação imediata e linear entre a narração do acontecimento e o próprio acontecimento"⁵⁵. A autora enfatiza a necessidade de pensar as motivações que levaram à decisão de publicar uma notícia, atentando para o destaque conferido à publicação, o local onde ela se encontra no periódico, a linguagem utilizada pelo autor, o público ao qual se direciona, a linha editorial adotada, a forma como a mensagem foi passada, os interesses políticos e financeiros do periódico e a organização no interior das redações. Para Luca, faz-se necessário investir em: "[...] um tipo de utilização da imprensa periódica que não se limita a extrair um ou outro texto de autores isolados, por mais representativos que sejam [...]", de outro modo, deve-se

⁵⁵ LUCA, Tania R. História dos, nos e por meio dos periódicos. In: PINSKY, Carla B. (org.). *Fontes Históricas*. São Paulo: Contexto, 2005. p 139.

optar por uma: “[...] abordagem que faz dos impressos, a um só tempo, fonte e objeto de pesquisa historiográfica”⁵⁶.

Em consonância com essas perspectivas analíticas, diversos historiadores dos esportes, como Rafael Fortes Soares, Victor Andrade de Melo e Bernardo Buarque de Hollanda, têm apontado para o papel fundamental exercido pela imprensa no processo de constituição das práticas esportivas no Brasil⁵⁷. Escrevendo sobre a revista *Fluir* e a consolidação do surf no Rio de Janeiro da década de 1980, Soares nos oferece algumas dicas interessantes acerca do trabalho com a imprensa. Em diálogo com Peter Berger e Thomas Luckmann, em seu *Construção Social da Realidade*, Soares pensa a imprensa: “[...] não somente como instâncias de representação do real, mas principalmente como agentes na construção da realidade [...]”⁵⁸, e completa: “[...] ao apresentar, explicar e narrar o surfe, ela o constrói”⁵⁹. O mesmo pode ser dito em relação ao futebol, mormente nos anos de introdução dessa prática esportiva em Curitiba. De fato, como veremos, ao narrar, apresentar e explicar o esporte bretão, a imprensa ajudava a construí-lo, atuando na edificação de valores e sentimentos associados a essa modalidade esportiva na cidade.

O presente trabalho foi dividido em três capítulos que, juntos, compreendem o período entre o surgimento do futebol em Curitiba e a implementação do profissionalismo na cidade. O primeiro capítulo, de caráter contextual, foi dedicado ao processo de introdução do futebol em Curitiba, ocorrido nas duas primeiras décadas do século XX. Nele, analisamos a formação dos primeiros clubes, a organização das primeiras ligas, os impasses entre os defensores e os críticos do futebol, o surgimento e a estruturação do jornalismo esportivo nos periódicos curitibanos e a relação do poder público com o esporte bretão. A hipótese que permeia toda essa parte do texto, é a de que houve uma dupla apropriação do futebol desde os primeiros anos de sua chegada a Curitiba. Por um lado, a prática no *ground*, formal, aos moldes britânicos, que foi apropriada a partir de referenciais de uma cultura relativa às elites curitibanas. Por outro, o futebol de rua e várzea, mais flexível, improvisada, cujos fundamentos remontam a uma cultura popular em intenso movimento. Como observaremos, essas duas formas de apropriação do futebol foram tratadas de maneiras distintas pela imprensa e pelo poder público local.

⁵⁶ Ibid, p 141.

⁵⁷ Cf: SOARES, Rafael Fortes. *O surfe nas ondas da mídia: Um estudo de Fluir nos anos 1980*. Tese em Comunicação - UFF. Rio de Janeiro, 2009. e HOLLANDA, Bernardo B.; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

⁵⁸ SOARES, Rafael Fortes. *Op cit*, 2009, p. 16.

⁵⁹ Idem.

No segundo capítulo, que é centrado na década de 1910, investigaremos o contexto de surgimento dos primeiros clubes de futebol fundados por imigrantes italianos em Curitiba, com especial destaque para a trajetória do Savóia, atentando para o processo de popularização do futebol na cidade. Nessa parte do texto, analisaremos os meandros da imigração italiana para o Paraná, a dinâmica associativa desse contingente populacional na cidade de Curitiba, a conjuntura da Primeira Guerra Mundial, a relação dos clubes de futebol formados por imigrantes, como Savóia e Torino, com o conflito deflagrado na Europa, os embates étnicos que envolveram a fundação das primeiras agremiações futebolísticas de imigrantes italianos e seus descendentes, as estratégias empregadas por clubes de origem popular, como Savóia e Britannia, para ascenderem à primeira divisão da principal liga da cidade e os conflitos gerados pela introdução de imigrantes pobres, trabalhadores braçais, negros e mestiços no principal campeonato de Curitiba.

Por fim, no terceiro e último capítulo, que abarca a década de 1920 e os primeiros anos da década de 1930, partiremos da experiência específica do Palestra Itália para refletirmos sobre o processo de transição do "amadorismo marrom" para o profissionalismo no futebol curitibano. Seguindo os rastros do "Periquito" - apelido do Palestra Itália de Curitiba - analisaremos o projeto empregado pelas elites imigrantes, especialmente as relacionadas à *Sociedade Dante Alighieri* e ao *Banco Francez e Italiano*, para a propagação da *italianidade* por meio do futebol, os conflitos étnicos gerados pela fundação do Palestra Itália, as circulações de atletas de outras cidades e estados por Curitiba, a intensa relação dos clubes das elites curitibanas com o circuito futebolístico suburbano e/ou varzeano da cidade, a difusão das práticas semiprofissionais - subproduto do processo de popularização desse esporte - pelos clubes de futebol curitibanos, e, por fim, as tensões que precipitaram a adoção do regime profissional no futebol paranaense, quarto estado, atrás apenas de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, a aderir ao profissionalismo.

CAPÍTULO 1 - O *GROUND* E A RUA: AS APROPRIAÇÕES DO FUTEBOL E SUA RELAÇÃO COM A IMPRENSA E O PODER PÚBLICO

1.1 Dançando a modernidade: os passatempos "racionais" e os divertimentos populares nos primórdios da prática esportiva em Curitiba

Era fim de tarde na Curitiba de meados de novembro de 1916, quando um grupo de cocheiros resolveu dançar na Praça Tiradentes. Assim relatou o colunista policial do *Diário da Tarde*:

NAS PRAÇAS TAMBÉM SE DANÇA, NADA COMO EM PLENA NATUREZA

E a sombra dos arvoredos, sobre o saibro da praça Tiradentes ao som de uma harmoniosa orchestra cujas notas fugiam pelas janelas do Verein Thalia, onde se realizava um casamento, os cocheiros, num "cancan" macabro, requebravam-se deliciosamente. Dansavam [sic] nos salões lustrosos e claros os patrões, e na praça, no escuro os cocheiros. O guarda civil 22, porém, achou que cocheiro não dança [sic], e mandou cessar o bailado. Mas os cocheiros não lhe deram ouvido, e o guarda, desrespeitado, foi se queixar ao delegado e pedir reforço. E assim parou a "farra".⁶⁰

O breve excerto desperta-nos algumas reflexões sobre as relações entre cultura de elite⁶¹ e cultura popular, além das formas como suas manifestações eram tratadas pela imprensa e pelo poder público curitibano entre os anos finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX, ou, num referencial cronológico baseado na história política, a primeira república brasileira (1889-1930). O conflito que se desenrolou na praça Tiradentes entre um grupo de cocheiros e o guarda civil 22 - e que, por pouco, não terminou na prisão dos "dançarinos" - tem como motivador um elemento aparentemente fútil: a dança. Analisemos com maior vagar o ocorrido.

Levando em conta a descrição de que dispomos, um grupo de cocheiros havia se deslocado ao centro de Curitiba, provavelmente no final da tarde de 13 de novembro de 1916. Após deixarem seus "patrões" - conforme nos informa o colunista do *Diário da Tarde* - às portas

⁶⁰ Nas ruas e na Polícia. *Diário da Tarde*. 14 nov 1916, p 3.

⁶¹ Como observa Flávio M. Heinz, nos estudos em ciências humanas: "não há um consenso sobre o que se entende por elites, sobre quem são e sobre o que as caracteriza". Diante disso, o emprego da noção de elite comumente: "diz respeito acima de tudo à percepção social que os diferentes atores têm acerca das condições desiguais dadas aos indivíduos no desempenho de seus papéis sociais e políticos". HEINZ, F. O historiador e as elites - à guisa de introdução. _____ (org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p 7. Nessa dissertação, partiremos da definição de elite estabelecida por Peter Burke, segundo o qual, as elites são: "definidas como grupos superiores [...] segundo três critérios: status, poder e riqueza". BURKE, P. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991, p 16.

do clube *Verein Thalia*⁶²: "onde se realizava um casamento", esses condutores seguiram à praça Tiradentes, possivelmente para estacionar seus veículos. Ali, estimulados pelo som da orquestra que animava o casamento no clube elegante, um grupo de cocheiros decidiu entregar-se à dança.

Um primeiro ponto interessante da notícia, diz respeito ao fato de ambos os grupos, patrões e cocheiros, dançarem ao som da mesma música. Entretanto, se as notas eram produzidas pela mesma "harmoniosa orchestra", as formas de apropriação dessa música eram distintas. A começar pelo espaço utilizado para dançar, de um lado um clube privado, o *Verein Thalia*, por outro, um espaço público, a Praça Tiradentes⁶³. Como observa o redator da nota: "Dansavam [sic] nos salões lustrosos e claros os patrões, e na praça, no escuro os cocheiros."

A própria narrativa do *Diário da Tarde* abarca diferenças significativas no trato dado à dança dos cocheiros e àquela dos salões do clube teuto. Ao passo que o colunista policial atribui à música do casamento o adjetivo "harmoniosa" - o que induz o leitor a imaginar que a forma de dançar dos convidados estivesse à altura -, em tom depreciativo, considera a apropriação que os trabalhadores faziam desta música: um "cancan macabro", onde "requebravam-se deliciosamente", numa "farrá", que só cessaria após a intervenção do aparato repressivo do Estado. A própria conotação sexual implícita na descrição da dança - ou, mais especificamente, do requebrado - evoca uma série de estereótipos em voga naquele momento, que associavam o comportamento das classes populares à promiscuidade e anomia⁶⁴.

O redator da nota parece não ser o único a encarar os dois bailados de maneira distinta, em comunhão de pensamento encontram-se, ao menos, o guarda civil 22, responsável pela vigilância da região, e o delegado. O primeiro, aborda com insucesso o grupo de cocheiros, diante do aparente descaso, recorre a seu superior, o delegado, pedindo reforços. Ambos, ao que parece,

⁶² O *Verein Thalia* era conhecido como um clube que congregava "os altos escalões da sociedade 'teutônica'". TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996, p 205. Segundo informações de Etelvina M. C. Trindade, a agremiação tinha sua sede social localizada nas proximidades da praça Osório, o que nos leva a crer que o colunista do *Diário da Tarde* tenha se equivocado quando descreve que o ocorrido se passou na praça Tiradentes. Já que, por conta da distancia, é pouco provável que o som de uma orquestra que tocava nas proximidades da praça Osório ecoasse até os ouvidos de um grupo de cocheiros situados na Praça Tiradentes. Outra possibilidade, que não deve ser descartada, é que o colunista tenha se utilizado as passagens "uma harmoniosa orchestra" e "notas fugiam pelas janelas" como mero efeito narrativo, para acentuar a distinção da ação policial no salão e na praça, mesmo que ambos fossem animados pela mesma musica.

⁶³ Mesmo que se trate da Praça Osório, ainda sim, estaríamos nos referindo a um espaço público.

⁶⁴ Sobre o comportamento amoroso nas classes populares e sua relação de tensão com o modelo de família burguesa, ver: CHALHOUN, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012. Especialmente o segundo capítulo "...Amando".

consideravam inquestionável a legitimidade do evento no *Verein Thalia*, ao menos compreendiam que não se tratava de um caso de intervenção policial. No extremo oposto, não parecia haver dúvidas de que o dançar lúdico na praça Tiradentes era um desses casos em que a ação policial seria requisitada, com deslocamento de reforços, se preciso fosse.

Conforme observa Luiz Carlos Ribeiro, trabalhadores como cocheiros, pipeiros e boleiros gozavam, nesse momento, de relativa autonomia, pois não estavam sob a tutela constante do empregador. Esse maior distanciamento do patrão, com o conseqüente afrouxamento de sua capacidade de controle e disciplinarização, aliado ao fato de esses grupos exercerem funções públicas, exigia que a vigilância de seus atos fosse levada a cabo por outras instituições, como a polícia.

Esses homens, apesar dessa relativa ausência de controle da instância do trabalho, ao exercerem funções públicas teriam de receber, de alguma forma uma vigilância.

O seu comportamento nas ruas da cidade expunha publicamente a figura do trabalhador pobre, que muitas vezes confundia-se com o vagabundo, obrigando a polícia a usar da violência, já que não dispunha de mecanismos de vigilância e disciplina mais eficientes.⁶⁵

Observada por esse prisma, uma nota curta, aparentemente banal, publicada na terceira página de um diário curitibano, escondida no emaranhado de relatos mal tabulados das ocorrências policiais, ganha ares de metáfora para o que chamamos de "circularidade cultural"⁶⁶. A mesma música que anima os salões elegantes, estimula os condutores na praça. Transmutada em dança a partir de referenciais distintos, por diferentes grupos, em espaços específicos, e com valores e significados igualmente específicos, essas formas de dançar são compreendidas pela imprensa e pela polícia como manifestações opostas. O relato permite entrever, por um lado, uma faceta daquela "[...] cultura popular relativamente autônoma, vigorosa e criativa [...]", de que fala Sidney Chalhoub no seu estudo sobre o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da *Belle Époque*⁶⁷. Entretanto, por outro lado, essa cultura popular se apresenta também em seu

⁶⁵ RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo: Dissertação em História- USP, 1985, p 89. Para maiores informações sobre os cocheiros consultar ainda VASCO, Ediméri Stadler. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. Curitiba: Dissertação em História - UFPR, 2006.

⁶⁶ O problema foi colocado por Mikhail Bakhtin, ao analisar a influência da cultura cômica popular medieval e renascentista na obra de François Rabelais, apontando para uma influência recíproca entre a cultura da classe popular e da classe dominante. Cf: Bakhtin, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Huietec, 2010. Posteriormente, o tema foi desenvolvido por Carlo Ginzburg, em sua análise sobre as leituras que o moleiro Domenico Scandella fazia de textos eruditos. Cf: GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

⁶⁷ CHALHOUB, S. *Op cit*, p 256.

dinamismo e mutabilidade, bebendo em vários referenciais. Como observou Ginzburg, existe: "por um lado, dicotomia cultural, mas, por outro, circularidade, influxo recíproco entre cultura subalterna e cultura hegemônica"⁶⁸.

Magnus Roberto de Mello Pereira aponta que, até fins do século XVIII prevalecia uma cultura comum entre os habitantes da região de Curitiba: "Apenas na virada do século XVIII para o XIX, parece ter início o abandono da cultura comum pelas classes dominantes locais, as quais começaram a adquirir hábitos mais 'refinados'"⁶⁹. À época da independência do Brasil, essa cisão cultural seria ainda mais acentuada, desse momento em diante os hábitos da burguesia europeia encontrariam um espaço de franca expansão entre as elites locais. Desde o oitocentos, a dança era uma das práticas privilegiadas onde se observava essa cisão cultural entre as elites e os grupos subalternizados: "[...] na sociedade paranaense do século XIX, as classes economicamente dominantes eram culturalmente distintas do restante da população. Essa cisão se manifestava exemplarmente no ato de dançar"⁷⁰.

Assim, ao passo que: "No Paraná, o salão de baile desempenhou um papel importantíssimo na unificação das classes dominantes"⁷¹. Por outro lado, os festejos populares, fandangos, batuques e, posteriormente, os *sumpfs*⁷² - realizados em espaços improvisados e constantemente perseguidos pelas autoridades policiais - ao reunirem, em um mesmo local, diversas pessoas, práticas de dança e hábitos de distintos matizes, colaboravam na edificação de uma cultura comum entre grupos subalternizados. Segundo Pereira: "Na sociedade paranaense do século XIX, escravos, libertos, pardos, mulatos, brancos despossuídos formavam um grupo social bastante homogêneo culturalmente"⁷³.

À medida que se "refinavam", os setores da elite recém-convertidos às práticas culturais da burguesia europeia, tornaram-se ainda mais críticos que os antigos burocratas coloniais portugueses às práticas culturais do restante da população, práticas das quais haviam sido, à pouco tempo, legítimos representantes. Para se afirmarem culturalmente, negavam os antigos

⁶⁸ GINZBURG, Carlo. *Op Cit*, p 21.

⁶⁹ PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: Editora UFPR, 1996, 136.

⁷⁰ *Ibid*, p 162.

⁷¹ *Ibid*, p 170.

⁷² Os *Sumpfs*, que normalmente ocorriam aos sábados, domingos ou dias santos, eram bailes populares introduzidos pelos imigrantes alemães, de entrada paga e com venda de bebidas alcoólicas, frequentado por estrangeiros, escravos, libertos, menores e até mesmo alguns "filhos de família". Cf. WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. *Lazeres e festas de outrora*. Curitiba: SBPH, 1983, p 34.

⁷³ PEREIRA, Magnus R. M. *Op Cit*, p 164.

costumes, associando-os à barbárie, aos maus hábitos e ao atraso. Para Pereira, essa percepção das elites a respeito da cultura popular, marcaria profundamente o tom das *Posturas Municipais*, compêndios normativos produzidos pelas câmaras paranaenses durante o século XIX, afim de regular a vida urbana. Nelas, a perseguição contra hábitos, até então comuns, ganhava ares de um projeto civilizador⁷⁴. Proibia-se o porte de armas, o jogo a dinheiro, os palavrões em via pública, os escritos obscenos nas paredes, a circulação de pasquins, os judas, as cantorias de rua, as manifestações carnavalescas, os limões de cheiro, a capoeira, os alaridos domésticos e, evidentemente, os bailes populares: "A grande unanimidade das posturas municipais do século XIX dizia respeito à perseguição aos batuques e fandangos. Não houve município paranaense que não criasse entrave legal à realização dessas manifestações culturais"⁷⁵. Como observa Marcelo Moraes e Silva, a censura aos bailes populares andava de mãos dadas com uma repulsa: "[...] à presença [nesses bailes] de gestualidades não condizentes ao novo modelo urbano que se instalava"⁷⁶. Era preciso educar/disciplinar o corpo e as sensibilidades segundo os padrões gestuais tidos por modernos e civilizados, ao olhar das elites locais⁷⁷.

Às transformações nos hábitos, correspondia uma alteração na percepção e nos usos do tempo. Apesar das mudanças na relação com o tempo, na Europa ocidental, remontarem ainda ao século XIV⁷⁸, no limiar do XIX o tempo ainda era poroso e flexível, sem uma distinção rígida entre os horários destinados ao trabalho e aqueles aplicados em outros afazeres. Conforme Alain Corbin, em meados do século XIX, notadamente na Grã-Bretanha, a reformulação dos ritmos do trabalho por conta da revolução industrial, começava a impor uma nova distribuição dos tempos sociais. Nessa conjuntura, o tempo maleável: "[...] foi sendo pouco a pouco substituído pelo tempo calculado, previsto, ordenado [...], estritamente medido que pode ser perdido, desperdiçado, recuperado, ganho." Suscitando: "[...] a reivindicação da autonomia de um tempo pessoal"⁷⁹. A própria conformação e alargamento desse "tempo livre", fomentaria a instauração do "tempo de lazer":

⁷⁴ Ibid, 136.

⁷⁵ Ibid, 160.

⁷⁶ SILVA, Marcelo M. *Novos modos de olhar: outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo na cidade de Curitiba (1899-1918)*. Tese em Educação - UNICAMP, 2011. p 65.

⁷⁷ Idem, p 60-78.

⁷⁸ THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 268-288.

⁷⁹ CORBIN, Alain Introdução. IN: _____ (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001, p 6.

Ora o desejo deste tempo vazio, sob a ameaça insidiosa do aborrecimento, suscitou paradoxalmente um outro tempo de lazer e de distração, por sua vez previsto organizado, cheio, agitado, baseado em novos valores: tempo-mercadoria [...] que só difere do tempo inicial da modernidade pela ausência de trabalho.⁸⁰

Para Corbin, durante o século XIX, os países ocidentais assistem ao delineamento de uma: "[...] tensão, de ordem ética, entre a busca do lazer 'racional' e a do divertimento sem finalidade moral"⁸¹. Motivando ações que visavam controlar e reprimir distrações consideradas anárquicas e pouco respeitáveis, normalmente associadas aos divertimentos populares, enquanto estimulava as "passatempos racionais", tidos como enriquecedores: "Nesses meios manifestam-se simultaneamente uma viva antipatia pela ociosidade e um forte desejo de modelar o lazer do outro, considerado inferior, naturalmente sujeito à imoralidade, à desordem dos instintos, à pulsão imediata e ao risco da miséria"⁸².

Em Curitiba, uma mudança mais clara na distribuição dos tempos sociais se processará entre a segunda metade do século XIX e as primeiras décadas do século XX, especialmente após a abolição da escravidão (1888), com a instituição do trabalho livre⁸³. Apesar disso, a "tensão de ordem ética", a que se refere Corbin, entre o divertimento racional e aquele sem finalidade moral, já podia ser percebido desde a emancipação da província do Paraná, em 1853.

Segundo Silva, desde 1854, Zacarias de Góes e Vasconcelos manifestava sua intenção em criar: "[...] hippodromos, ou praças destinadas às corridas e exercícios à cavalo". Entre outros motivos, estava o de eliminar as corridas populares, consideradas, pelo então presidente de província, mera: "[...] ocasião de apostas e rixas, e malquerenças entre o povo, e nada mais"⁸⁴. Não obstante a reprovação das autoridades constituídas, essas corridas populares, por vezes denominadas Cancha Reta, foram comuns em Curitiba, entre fins do século XIX e início do XX, mobilizando moradores dos arrabaldes do Portão, Boa Vista, Bacacheri, Capão da Imbuia, ou mesmo do centro⁸⁵.

Os intentos de Góes e Vasconcelos esperariam cerca de vinte anos para se materializarem. Apenas em dezembro de 1873 foi fundado em Curitiba o *Club Paranaense de Corridas*, por

⁸⁰ Idem

⁸¹ Ibid, p 8.

⁸² Idem

⁸³ RIBEIRO, L. *Op Cit*, p 133-140.

⁸⁴ GÓES E VASCONCELOS apud SILVA, Marcelo M. *A emergência das práticas esportivas em Curitiba: O Turfe e a Pelota Basca*. IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, 2011b, p 3.

⁸⁵ SILVA, M. *Op Cit*, 2011b p 4.

iniciativa de um gaúcho, oficial da cavalaria imperial, que, atendendo a um pedido do Imperador, permaneceu 73 dias na província, auxiliando na organização da associação e na construção do primeiro hipódromo. Seu nome, Luiz Jacome de Abreu, inspirou a denominação do novo espaço, o *Prado Jacome*, instalado na Rua Marechal Floriano. Como afirma Silva: "[...] o 'Jockey Club do Paraná' foi criado sob a proteção dos governantes, contando com o incentivo e o apoio das elites locais"⁸⁶.

Construído sob a égide de um esforço civilizatório, para ser o meio de sociabilidade dos círculos abastados da cidade e símbolo de distinção social, o hipódromo, diferente das corridas de rua, evocava valores caros àquela sociedade: "[...] a construção de espaços físicos delimitados, como o hipódromo, poderia ajudar a educar corpos, dentro dos princípios de uma cidade civilizada"⁸⁷. A atração pela novidade, pelos cavalos e apostas (*poules*), agora legitimadas e controladas por dispositivos institucionais, atraía ao prado um número cada vez maior de espectadores. O aumento da procura motivou a reestruturação do hipódromo. Ainda em 1897, iniciava a construção do *Prado do Guabirotuba*, inaugurado em junho de 1899, para ser: "[...] o novo lócus ideal para a construção do sentimento civilizatório"⁸⁸.

Assim como o turfe, a prática da pelota basca foi igualmente importante no alvorecer das práticas esportivas em Curitiba. Para Marcelo Moraes e Silva, ambas foram fundamentais na produção das imagens de espectador e esportista, no desenvolvimento de uma cultura física e na divulgação de novas modalidades esportivas na cidade⁸⁹. As *quiniellas*, como se chamavam as partidas de pelota basca, eram praticadas no *Frontão Curitybano*, localizado no centro da cidade, e também movimentavam apostas. Símbolo de modernidade, da engenharia e da arquitetura, segundo o *Diário da Tarde*, em 1899, o frontão media "[...] 66 metros de comprimento ficando assim o maior frontão da América do Sul"⁹⁰. Ostentando detalhado código de conduta e complexo esquema corporal, o atleta, no *Frontão Curitybano*, passava a ser o centro das

⁸⁶ Ibid, p 2.

⁸⁷ Ibid, p 4.

⁸⁸ Ibid, p 5.

⁸⁹ Ibid, p 1. Uma análise mais pormenorizada dos impactos do desenvolvimento do turfe e da pelota basca em Curitiba, pode ser encontrada no terceiro capítulo da tese de Marcelo Moraes e Silva. Cf: SILVA, Marcelo M. *Op Cit.* 2011, p 78-113.

⁹⁰ DIÁRIO DA TARDE apud SILVA, M, *Op. cit.*, 2011b. p 6.

atensões: "Se no turfe a figura central era o proprietário de cavalos, na Pelota Basca era o pelotário"⁹¹.

Nas memórias de América da Costa Sabóia, que versam sobre a Curitiba do início do século XX - especificamente o período que vai de 1904 a 1914 - o Frontão ocupa um espaço importante entre as "diversões que vale a pena recordar". Em sua descrição:

Ocupava um terreno espaçoso cercado de altos muros que se estendiam da metade do quarteirão da Voluntários da Pátria até a atual Escola de Música e Belas Artes na Rua Emiliano Pernetta [...]. Um grande portão à rua Aquidaban dava acesso ao recinto: uma praça de esportes modesta, como tudo naquele tempo. Havia uma arquibancada para os espectadores e a cancha onde se praticava o jogo denominado "pelota basca" [...]. Na época [...] as disputas eram frequentes e causavam tanto entusiasmo entre os assistentes quanto hoje desperta o futebol.⁹²

Interessante notar o deslocamento de sentidos operado pela memória, o distanciamento do vivido possibilita caracterizar aquilo que outrora indicava modernidade e progresso, como símbolo de modéstia: "[...] como tudo naquele tempo". As memórias de Sabóia, publicadas em 1978, seis ou sete décadas depois de sua passagem por Curitiba, tomam o futebol como parâmetro de avaliação daqueles divertimentos - "[...] causavam tanto entusiasmo entre os assistentes quanto hoje desperta o futebol [...]" - um esporte de massas que, no momento da escrita de suas memórias, alçava patamares de espetacularização impensáveis para o início do século XX.

Lado a lado com o "moderno" *Frontão Curitybano*, encontra-se, nas memórias de nossa autora, o *Rinhedeiro*:

Situado na esquina da rua Cruz Machado "Edifício São Paulo" assemelhava-se a um circo de pequenas proporções, com arquibancadas para os assistentes e uma arena onde se realizavam as famosas "brigas de galo" [...]. Era um local movimentadíssimo. Logo ao começo das tardes de domingo iam chegando os adeptos do referido esporte, todos fazendo previsões sobre a vitória dessa ou daquela ave e do sucesso ou fracasso da reunião, tal qual se faz hoje antes de qualquer competição. Os proprietários dos galos que iam disputar as peijas traziam-nos sobre os braços com todo o carinho e nas suas fisionomias podia se notar o entusiasmo com que se dirigiam ao local da luta. Durante a tarde quem morasse nas vizinhanças como nós, ouviria o vozerio e os aplausos que acompanhavam os lances mais empolgantes.⁹³

Diferente da pelota basca, a rinha de galo era considerada, no início do século XX, um símbolo de atraso, referência ao incomodo passado colonial e monárquico, que o país pretendia

⁹¹ Ibid, p 10.

⁹² SABOIA, América da Costa. *Curitiba de minha saudade: 1904-1914*. Curitiba: 1978, 77-78.

⁹³ Idem.

esquecer à todo custo a partir da instauração da República (1889), como uma espécie de condição para sua inserção na modernidade, onde a única temporalidade possível seria o futuro e o fim desejável o progresso. Nesse sentido, ainda em 1905, o vereador Romário Martins apresentou à *Câmara Municipal de Curitiba*, um projeto de lei que proibia a rinha de galo, associando-a ao vício e à perniciosidade. Como nota Ribeiro: "[...] o que verificamos era a existência de um conflito de duas moralidades, medidas também por diferenciadas e conflitantes noções de tempo e de trabalho"⁹⁴.

É nesse ambiente de transformações e permanências que o futebol chega ao Brasil, um país recém-egresso da escravidão, destino de diversos contingentes migratórios, com economia de base agrário-exportadora e alguns focos de incipiente industrialização. Local que, embora permanecesse ainda fundamentalmente agrário, assistia seus principais centros passarem por um processo ostensivo de urbanização, imerso no projeto político republicano, especialmente empenhado na construção de um imaginário moderno para a nação. Como observa Lilia M. Schwarcz, nessa conjuntura, experimentava-se "[...] a convivência inesperada de temporalidades distintas e a expressão de um movimento ambíguo que comportava inclusão e exclusão, avanço tecnológico com repressão política e social"⁹⁵.

1.2 De Frontão a *field* ou Prado & ground: primeiros registros do esporte bretão

Se as transformações no cotidiano e nas formas de se comportar já eram nítidas desde, pelo menos, a *Revolução Industrial*, ocorrida na Inglaterra no final do século XVIII, impactando o restante do mundo no decorrer do XIX. Foi, substancialmente, a partir da década de 1870, com a chamada *Segunda Revolução Industrial* ou *Revolução Científico-Tecnológica*, que essas transformações se ampliaram quantitativa e qualitativamente. É nesse contexto que surge a eletricidade e os potenciais energéticos do petróleo são explorados, modificando a noção de tempo, com o alargamento dos lazes noturnos - agora incrementados com os parques de diversão elétricos - e a de espaço, com o surgimento dos veículos automotores, transatlânticos e aviões. A descoberta da microbiologia, bacteriologia e bioquímica, transformavam a medicina e

⁹⁴ RIBEIRO, L. *Op Cit*, p 103

⁹⁵ SCHWARCZ, Lilia M. População e sociedade. IN: _____. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p 51.

as noções de higiene, por conseguinte, as formas de ver o corpo e as moléstias que o assolavam. Enquanto isso o telégrafo, o telefone, a fotografia e o cinema alteravam as formas tradicionais de difusão de informação e percepção da realidade.

Pari passu a essas inovações, ocorre uma maior expansão e unidade em termos globais do mercado capitalista, expressos na dinâmica do imperialismo. Como resume Nicolau Sevcenko:

Essa prodigiosa escalada global da produção obviamente tanto implicava uma corrida voraz pela disputa das matérias-primas disponíveis em todas as partes do mundo, como também exigia a abertura de um amplo universo de novos mercados de consumo para absorver os seus excedentes maciços. Foi essa ampliação na escala das demandas e das exportações que gerou o fenômeno conhecido como neocolonialismo ou imperialismo, que levou as potências industriais, na segunda metade do século XIX, a disputar e dividir entre si as áreas ainda não colonizadas do globo ou a restabelecer vínculos de dependência estreitos com áreas de passado colonial.⁹⁶

A abolição da escravidão e a proclamação da república criaram as condições institucionais necessárias à maior inserção do Brasil nesse processo de internacionalização do capital. Integrado à nova divisão internacional do trabalho como produtor de café e, em menor escala, de borracha, o Brasil passou por mudanças profundas nos seus hábitos, práticas de produção e consumo, nessa virada de século. Os processos de "desestabilização das regiões periféricas do mundo" gerados pela *Revolução Científico-Tecnológica* e o Imperialismo, conforme Elias Thomé Saliba: "[...] vieram consagrar a hegemonia europeia sobre todo o globo terrestre, que viu seus modos de vida, usos, costumes, formas de pensar, ver e agir transformados em modelos inspiradores de novas guinadas culturais"⁹⁷.

No Brasil, seja do ponto de vista econômico, seja no aspecto simbólico e cultural, a influência inglesa foi importante até, pelo menos, a primeira guerra mundial. Os dados levantados por Paul Singer indicam que as inversões de capital britânicas no país "[...] sofreram acentuada expansão entre 1890 e 1913 quando atingiram 223,9 milhões [...]"⁹⁸ de libras. Essas inversões de capitais se davam através de empréstimos a governos dispostos a pagar altas taxas de juros ou por meio do estabelecimento de subsidiárias, empresas desses países que forneciam serviços, como a construção e administração de ferrovias, companhias de navegação, bondes, eletricidade ou gás.

⁹⁶ SEVECENKO, Nicolau. Introdução: O prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso IN: _____ (org.) *História da vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 12.

⁹⁷ SALIBA, Elias Thomé, Cultura. IN: SCHWARCZ, L. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p 239.

⁹⁸ SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930) IN: FAUSTO, Bóris (org.) *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III: O Brasil Republicano. Vol 1: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1975, 364.

Em Curitiba, a presença do capital inglês pode ser percebido em diversos espaços, como as ferrovias, o sistema bancário, na atuação da *The South Brazilian Railways Limited*, responsável, a partir da década de 1910, pelo sistema de iluminação elétrica e pelo serviço de bondes da capital, ou, ainda, nas inúmeras casas de importação especializadas em produtos franceses e ingleses, como a conceituada *Casa Clark*, instalada na rua XV, subsidiária da gigante inglesa dos calçados, a *Clark Shoes Company*. Durante algum tempo, a *Casa Clark*, junto com *Casa Modelo* e a *Casa de Novidades*, foram as principais fornecedoras de artigos para a prática do futebol na cidade. Além de fornecedoras, essas lojas tornaram-se pontos de encontro dos *sportmen* locais, e frequentemente ofereciam taças para a disputa de jogos comemorativos, convertendo-se em fomentadoras do esporte bretão na cidade⁹⁹.

No bojo dos referenciais culturais europeus, e, em menor escala, estadunidenses, como vimos, desde o século XIX a cidade já sofria os efeitos das transformações alavancadas pela economia do mate, produzido para mercados internacionais, especialmente Uruguai, Argentina e Chile. Além da chegada de novas danças - como a valsa -, a instalação do *Jockey Club* e do *Frontão Curitybano*, diversos outros espaços eram construídos ou modificados. Ainda em 1885, na administração Alfredo D'Escragnole Taunay, se estabelece a limpeza da praça D. Pedro II (após 1889, praça Tiradentes), a reforma da Catedral Nossa Senhora da Luz, a construção do Passeio Público em 1885, os melhoramentos da rua Imperatriz, a ampliação do acervo da Biblioteca Pública, o projeto de cobertura do rio Ivo e, em 1887, a inauguração dos bondes de mula, o primeiro sistema de transporte da cidade. Os bondes elétricos, por sua vez, passariam a circular por Curitiba em novembro de 1912¹⁰⁰.

A instalação da luz elétrica, permitia que os divertimentos da cidade ganhassem a noite, os cafés e lojas estendiam seu expediente, para se adaptarem aos novos horários. A cidade ampliava em grande velocidade as opções de lazer. Em 1891 surge o Teatro Hauer e em 1900 é reinaugurado o Teatro São Theodoro, agora nomeado para Teatro Guayra. Ambos recebiam frequentemente a visita de companhias teatrais e líricas internacionais. Parques de diversões

⁹⁹ A título de exemplo, em 19 de outubro de 1913, a Casa Clark ofereceu um prêmio para o vencedor do jogo entre Internacional e Coritiba Cf: O SPORT, *Commercio do Paraná*, 16 out 1913, p 3. Em 1914, a mesma loja doaria uma bola *Olympic* para incentivar a formação do Imprensa F. C. Cf: SPORT, *Commercio do Paraná*, 15 out 1914, p 3. Em novembro de 1915 era a vez de a Casa Modelo oferecer a Taça 19 de Dezembro, para ser disputada entre o Internacional e o América. Cf: SPORT, *Commercio do Paraná*, 26 nov 1915, p 3.

¹⁰⁰BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2004, p 18-53.

como o *Colyseu Curitybano*, o Parque Museu ou o *Central Park*, eram instalados na cidade, ainda nos anos iniciais do século. As praças e a rua XV eram espaços privilegiados para os encontros em família ou o *footing*. Etelvina Maria de Castro Trindade calcula que havia 12 praças em Curitiba entre 1908 e 1911¹⁰¹. Diversos clubes foram fundados na cidade, com os mais variados fins, literários, políticos, recreativos, etc.

A modernidade, contudo, era contraditória. Alexandre F. Benvenuti, ao analisar as reclamações do povo na imprensa paranaense, verifica que havia um descompasso entre a cidade idealizada e a cidade real. Ainda no início do século XX, poucas ruas eram calçadas, o que gerava inúmeros transtornos aos habitantes, que tinham que conviver com a lama e os atolamentos em dias de chuva, ou com a poeira, nos tempos de estiagem. Em 1914, um articulista do *Diário da Tarde* ironizou a situação: "[...] a prefeitura precisa encontrar um meio de acabar com a lama. Afinal ella já é, como o sapo, uma 'instituição nacional' coritibana"¹⁰². A travessia dos inúmeros córregos e rios que cortavam o centro da cidade, não raro, eram feitas por meio de pontes improvisadas com ripas de madeira. As condições de higiene e salubridade eram igualmente precárias, o que expunha a população local a uma série de doenças. Entre 1885 e 1910, a cidade foi palco de epidemias de: "[...] coqueluche, disenteria, tifo, pneumonia, erysipela, febre dengue, sarampão, varíola, escarlatina e difteria"¹⁰³.

Seja como for, o discurso do progresso tomava de assalto a intelectualidade curitibana. Generoso Borges - que, entre 1912 e 1913, foi um dos principais colunistas do *Commercio do Paraná* - mostrava-se eufórico com a criação, em 1912, da Universidade do Paraná: "Dentro de alguns annos, quando o renome dessa instituição passar as fronteiras, Coritiba será, na sua vida intelectual, uma nova Coimbra dos bons tempos". O local seria tomada por "[...] estudantes alegres, poetas barulhentos, oradores das massas, transformando a cidade silenciosa e pacifica num Cenaculo e numa eterna folia, onde haverá arte e riso, talento e espirito de critica"¹⁰⁴. Dias depois, comentando a proliferação de teatros e cinemas na capital, em número que acreditava ser superior à capacidade de público da cidade, o mesmo autor afirmaria: "O publico já tem diversões de sobra"¹⁰⁵.

¹⁰¹ TRINDADE, E. Op Cit, p 201-206.

¹⁰² Echos e Factos, *Diário da Tarde*, 9 mar 1914, p 1.

¹⁰³ BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2004, p 21.

¹⁰⁴ BORGES, Generoso. Chronica do Dia. *Commercio do Paraná*, 23 jan 1913, p 1.

¹⁰⁵ BORGES, Generoso. Chronica do Dia. *Commercio do Paraná*, 20 fev 1913, p 1.

De fato, o número de cinemas e espaços que dispunham de cinematógrafos já era grande em Curitiba. Os afeitos à sétima arte podiam assistir às projeções em parques, como o *Colyseu Curitybano* e o *Central Park*; em teatros ou casas de espetáculo, como o Guairá, o Cinema Popular da praça Santos Andrade, o Bijou, o Victoria, o America Cine, Palace, o Santa Cecília ou o Avenida. Havia, ainda, os espaços específicos, e mais famosos, como o Smart, o Eden e o Mignon¹⁰⁶. A cronista Maria Luiza foi uma observadora atenta dos aspectos da modernidade que invadiram o cotidiano curitibano. A carioca¹⁰⁷ de 32 anos visitou Curitiba no último trimestre de 1914. Durante sua breve estadia na capital paranaense, Maria Luiza publicou suas impressões da cidade na coluna *Coritiba-Jornal*, que circulava, quase que diariamente, na primeira página do *Diário da Tarde*. Segundo a autora: "[...] o cinema quebrou a monotonia da vida de provincia [...]", seu surgimento "[...] modificou completamente os costumes [...]". E prossegue:

As secções diarias, curtas e modicas seduzem os frequentadores. As damas que, no theatro, são obrigadas ao apuro dos toilettes, no cinema vão mais a vontade com os seus trajes de 'trottoir'. Assim é que, fazendo avenida ou, aqui, fazendo a rua 15, muitas vezes sem a previa intenção de ir ver as ultimas novidades do Pathé ou Gaumont, as senhoras - novas phalenas dos luminosos cinemas - sentem-se, ao passar, attrahidas pelo Mignon ou pelo Smart e vão assistir uma sessão. Eis como o cinema quebrou a monotonia da vida de provincia. Já não se vive só a vida recolhida do lar. Fez-se a vida da rua. A rua illuminou-se, encheu-se de alacridade com a presença das famílias.¹⁰⁸

Em meio à ampliação do repertório de divertimentos no início do século XX e à progressiva influência britânica no cotidiano da cidade, chegava a Curitiba uma série de práticas esportivas. A patinação, o ciclismo, o remo, o *lawn tennis*, o golfe, o pedestrianismo, o automobilismo e o futebol, uniam-se aos já presentes turfe e pelota basca. Praticado em algumas escolas inglesas desde o início do século XIX, o futebol, que aportava no *fin de siècle* como uma novidade no Brasil, era, há algum tempo, uma mania no velho mundo. Na Inglaterra, onde surgiu, a prática do *football*, a princípio, esteve relacionada aos círculos letrados da população, frequentadores de instituições de ensino como *Rugby, Eton, Harrow, Cambridge*, etc¹⁰⁹.

Em 1863, representantes dos vários clubes de Londres se reuniram para fundar a *Football Association*, federação de clubes que começaria a uniformizar os procedimentos e regras do

¹⁰⁶ TRINDADE, E. Op Cit, p 201-206.

¹⁰⁷ Etelvina M. C. Trindade afirmou que Maria Luiza era paulistana. TRINDADE, E. Op Cit, p 235. Contudo, a própria autora se afirma carioca na crônica publicada em 12 de outubro de 1914. Cf: LUIZA, Maria. *Coritiba-Jornal, Diário da Tarde*, 12 out 1914, p1.

¹⁰⁸ LUIZA, Maria. *Coritiba-Jornal, Diário da Tarde*, 20 out 1914, p1.

¹⁰⁹ GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010, p 18-21.

futebol. Com a organização, o futebol ganharia também maior autonomia do rugby. Após a fundação da *Foot-ball Association*, o esporte se espalhou, em pouco tempo, pelos vários setores da sociedade, atraindo aos estádios, seja como atleta ou espectador, operários e trabalhadores que não compartilhavam dos mesmos valores dos primeiros praticantes. Na década de 1880, o jogo conquistou o continente europeu, chegando a países como França, Holanda, Dinamarca, Rússia, Espanha, Itália e Suíça. Com o objetivo de "[...] orientar e uniformizar a prática do futebol, não só na Inglaterra mas nos outros países pelos quais ele se espalhava [...]"¹¹⁰ foi criada, em 1886, a *International Foot-ball Association Board*. Finalmente, entre fins do século XIX e início do XX, em meio às trocas culturais e simbólicas fomentadas pela conjuntura imperialista, o futebol desembarcaria na América do Sul. Praticado por segmentos endinheirados do continente ou por ingleses aqui estabelecidos, o futebol tornava-se um símbolo de distinção das elites locais, sinal de que estavam antenadas com os modismos europeus. No caso específico do Brasil, cidades como Rio de Janeiro¹¹¹, São Paulo¹¹² e Belém¹¹³, presenciariam suas primeiras partidas do novo esporte, ainda nos anos finais do século XIX.

Em Curitiba, conforme André Mendes Capraro e Celso Luiz Moletta Júnior, é difícil estabelecer o momento exato em que se iniciou a prática futebolística. Contudo, alguns indícios apontam para a presença do esporte bretão na cidade, ainda na primeira década do século XX. Capraro chama a atenção para o fato de que, no final do século XIX, a atual Rua Dr. Muricy era conhecida por "rua da bola". Além das ruas, o futebol seria praticado em espaços como os colégios e clubes sociais, ainda nos primeiros anos do século XX. Segundo Capraro, provavelmente: "[...] clubes sociais já praticavam o futebol em círculo fechado, além da prática

¹¹⁰ PEREIRA, Leonardo A. M. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000, p 26.

¹¹¹ Segundo Leonardo Pereira, entre 1897 a 1901, futebol era praticado no interior de clubes relacionados à colônia inglesa no Rio de Janeiro, como o *Payssandu Cricket Club* (fundado em 1892) ou o *Rio Cricket and Athletic Association* (fundado em 1896). *Ibid*, p 24.

¹¹² A partir 1894/95 Charles Miller, seus colegas do *São Paulo Athletic Club* e os funcionários da *São Paulo Railway*, praticaram o futebol na Várzea do Carmo e na Chácara Dulley. Logo se uniram a eles os associados das recém-fundadas *Associação Atlética Mackenzie College de São Paulo*, do *Sport Club Internacional* e do *Sport Club Germânia*. STREAPCO, João P. F. *"Cego é aquele que só vê a bola." O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)*. Dissertação em História - USP, São Paulo, 2010, p 14-15.

¹¹³ Existem registros de que as primeiras partidas ocorridas na cidade remontariam ainda a 1896. Em 1898 já existia na cidade o Pará F. C. JESUS, Gilmar M. *Futbol y modernidad en Brasil: La geografía histórica de una novidade. Lecturas Educación Física y Deportes, v. 10*. Buenos Aires, 1998, p 7.

na várzea que não despertava maiores interesses, sendo destacada, somente quando os praticantes incomodavam os transeuntes"¹¹⁴.

Moletta Júnior, por sua vez, encontra os primeiros indícios da chegada do esporte inglês em Curitiba entre 1904 e 1906. O primeiro deles é o relato, no *Diário da Tarde*, da fundação do *Sport Club*, em 1904¹¹⁵. Segundo Moletta, a iniciativa reunia pessoas da alta sociedade curitibana¹¹⁶. As reuniões que antecederam a fundação do clube ocorreram na casa de Adolpho Guimarães¹¹⁷, importante comerciante da cidade. Entre os responsáveis pela fundação, estavam ainda o alferes Motta Pacheco, Annibal Rocha, Francisco Sink e Alberico X. de Miranda. O *Diário da Tarde* noticiava assim a fundação do clube: "Um grupo de jovens desta cidade, interpretando o sentimento da sociedade moderna, qual o da pratica de exercícios phisicos, regulados pela hygiene, resolveu fundar uma associação, á qual denominaam Sport Club"¹¹⁸. O excerto é elucidativo quanto aos significados dos esportes no início do século XX. Em poucas palavras o jornalista define a prática dos exercícios físicos baseados nos preceitos higiênico como o "sentimento da sociedade moderna", alçando os fundadores da agremiação à condição de intérpretes da modernidade, espécie de vanguarda, capaz de capturar o "espírito do tempo" convertendo-o em prática.

Como informa a nota de fundação, o *Sport Club* promoveria em sua sede social "tudo que julgasse conveniente ao desenvolvimento phisico", em especial os esportes praticados "nas mais adiantadas cidades do mundo". Eram eles: "[...] foot-baal [sic], base-baal [sic], laron-tenis, cricket, skating-rink, pela, esgrima, cyclismo, gymnasticca [sic]"¹¹⁹. Na verdade, o futebol figurava entre os esportes a serem estimulados pelo clube, desde os primeiros anúncios que apareceram na imprensa sobre sua organização¹²⁰. Acompanhando as atividades do clube, em 17 de outubro de 1904, o *Diário da Tarde* informou que o campo ao lado do quartel da polícia havia sido demarcado: "Hontem mesmo foi disputada uma partida por diversos socios do novo club.

¹¹⁴ CAPRARO, André M. *Football, uma prática elitista e civilizadora - investigando o ambiente social e esportivo do início do século XX*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2002, p 24.

¹¹⁵ Houve em Curitiba outro *Sport Club*, fundado em 1896, dedicado à promoção do jogo de Péla. Não sabemos se existe alguma relação entre os dois clubes. C.f: *Sport Club, A República*, 07 mar 1904, p 3.

¹¹⁶ MOLETTA JR, Celso L. *Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Curitiba Football Club (Curitiba, 1900-1915)*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2009, p 40.

¹¹⁷ Theatros e Diversões, *Diário da Tarde*. 24 set 1904, p 2.

¹¹⁸ *Diário da Tarde* apud MOLETTA JR, C. *Op. Cit.* p 39-40.

¹¹⁹ *Idem*

¹²⁰ Theatros e Diversões, *Diário da Tarde*. 22 set 1904, p 2.

Estão abertas as inscrições para a organização das partidas definitivas do foot-ball"¹²¹. No último dia de outubro, foi organizado um festival esportivo pela agremiação, outra vez o futebol esteve no cronograma, ao lado da pelota basca e da patinação: "A tarde no campo foram disputadas partidas de foot-ball, sendo feito alguns goals"¹²².

A iniciativa do *Sport Club* parece ter despertado o interesse pelo novo esporte em outras associações. É o caso do *Clube Tivoli*, fundado na segunda metade do século XIX por imigrantes italianos. O salão do *Tivoli* era frequentemente utilizado para a realização de bailes em comemoração a datas nacionais italianas, além de partidas dançantes e reuniões, o clube promovia convescotes e piqueniques nos arredores de Curitiba e na Serra do Mar¹²³. Em 22 outubro de 1904, um anúncio publicado na coluna *Theatros e Diversões* do *Diário da Tarde*, anunciava que a agremiação organizaria uma reunião para o dia seguinte, cuja pauta seria o esporte bretão: "FOOT-BALL - Amanhã, no salão Tivoly, haverá reunião dos socios, ás 3 1/2 horas da tarde"¹²⁴. Apesar de sabermos que o clube tinha alguma relação com o futebol - provavelmente de curiosidade - não podemos afirmar nada além disso, já que não encontramos outros relatos mais elucidativos a esse respeito.

No caso do *Sport Club*, ao que parece, a prática do futebol seria posteriormente abandonada. Ainda no festival de inauguração do clube, o esporte inglês não foi contemplado no roteiro de atividades, que contava com: "[...] jogos de pelota, tiro ao alvo, assalto á florete e patinação"¹²⁵. O mesmo aconteceu nos festivais subsequentes, até o último de que temos nota, organizado em janeiro de 1905¹²⁶. De qualquer modo, a agremiação foi uma das primeiras a promover *matches* de futebol na cidade. Importante assinalar que a sede do *Sport Club* foi instalada no antigo *Frontão Curitybano*. Mais do que mera coincidência, a referência à espacialidade da prática do futebol nos remete à ligação que os novos esportes estabeleciam com práticas esportivas já consolidadas na cidade. Desse modo, um espaço outrora destinado às

¹²¹ *Theatros e Diversões, Diário da Tarde*. 17 out 1904, p 2

¹²² *Theatros e Diversões, Diário da Tarde*. 31 out 1904, p 2

¹²³ WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. *Lazeres e festas de outrora*. Curitiba: SBPH, 1983, p 39-40.

¹²⁴ *Theatros e Diversões, Diário da Tarde*. 22 out 1904, p 2

¹²⁵ *Sport-Club, A Republica*, 28 nov 1904, p 2.

¹²⁶ No segundo festival organizado pelo *Sport Club*, estavam no roteiro: "diversas quinellas, tiro ao alvo, paralellas, esgrima, lucta romana e patinação". *Sport Club, A Republica*, 11 dez 1904, p 2. O festival de 16 de janeiro de 1905, por sua vez, contou com: "diversas quinellas de pelotas, tiro ao alvo e patinação". *Sport Club, A Republica*, 16 jan 1905, p 1.

quinellas de pelota vasca era resignificado para a prática de outras modalidades mais identificadas com a cultura burguesa, como o futebol ou o ciclismo.

Assim como o *Frontão Curitybano*, o *Prado Guabirotuba* foi igualmente importante para a inserção e consolidação do futebol em Curitiba. A estrutura do *Jockey Club do Paraná* foi utilizada pelos clubes de futebol da elite local até, pelo menos, a inauguração do campo do *Internacional Football Club*, em setembro de 1913. O gramado, que ficava no centro da pista de corridas, era utilizado como campo e as arquibancadas de madeira, construídas para os espectadores do turfe, recebiam agora, os primeiros admiradores do futebol. Abertos aos novos divertimentos, esses espaços se converteram em instituições irradiadoras dos esportes na cidade. Conforme Silva: "Pode-se afirmar que o Turfe deu o suporte necessário para que outras práticas como o ciclismo, o atletismo e principalmente o futebol, tivessem condições de serem conhecidos em Curitiba"¹²⁷.

Como já foi assinalado, ambos os espaços mencionados - o *Frontão Curitybano* e o *Prado Guabirotuba* - eram, no final do século XIX, espaços de sociabilidade e distinção das camadas abastadas da região. Um primeiro argumento que poderíamos sustentar, partindo dessas constatações, diz respeito ao fato de que, uma das apropriações do futebol no início de sua prática em Curitiba, deu-se sob os signos, espaços e valores de uma cultura de elite pré-existente, que lhe imprime sentidos, lógicas, aspirações e sentimentos próprios a esse grupo. A observação parece desnecessária, haja vista que entre os historiadores e memorialistas do futebol paira, até hoje, uma espécie de consenso a respeito dos primórdios elitistas - e, tão somente, elitistas - do futebol no Brasil.

Essa cronologia tradicional remonta ainda aos primeiros escritos acerca do futebol. Como apontam Maurício Drumond e João M. C. M. Santos, uma narrativa que sublinha o papel das elites e das estruturas burocráticas nos primórdios do futebol, já aparece no texto de Francisco Calmon para o verbete "Desportos", do "Dicionário Histórico, Ethnographico e Geographico do Brasil", publicado em 1922, pelo *Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro* (IHGB)¹²⁸. Estudando a cidade de São Paulo, João P. F. Strepco afirma que o surgimento desse esforço de memória, materializado em publicações de jornalistas e memorialistas, estaria intimamente atrelado à massificação do futebol, que transformava suas partidas em eventos altamente rentáveis. Conforme

¹²⁷ SILVA, M. *Op Cit*, p 13.

¹²⁸ SANTOS, João M. C. M.; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Vol. 17, n. 34. p 21-23.

Streapco, a construção memorialística do que chama de "tradição elitista"¹²⁹ serviria: "[...] para legitimar a atuação desses grupos como atores dirigentes do espetáculo quando o futebol começou a ganhar contornos de espetáculo de massa muito rentável, entre os anos 1910 e 1920"¹³⁰. Essa cronologia está presente, também, na obra *O Negro no Futebol Brasileiro*¹³¹, de Mario Filho, que, investigando o caso específico do futebol carioca, extrapola suas conclusões para o restante do território nacional¹³². Escrito de grande repercussão e importância na construção de um imaginário social acerca do futebol brasileiro, como observam Drumond e Santos, as proposições de Mario Filho foram compartilhadas: "[...] por muitos estudiosos de futuras gerações que utilizaram a obra do jornalista como fonte primordial - e desproblematizada - de seus trabalhos"¹³³.

No caso de Curitiba, o preço da aplicação de modelos etapistas e unidirecionais, seria a exclusão, na narrativa histórica, de uma série de contradições e apropriações conflitantes de símbolos da modernidade, como o futebol, por grupos subalternos, por diferentes contingentes étnicos e instituições sociais. A história do futebol em Curitiba, compreendeu avanços e recuos, estratégias de inserção de grupos sociais aliados à prática formal e tentativas de restrição à ascensão desses grupos, apropriações informais da modalidade esportiva e perseguição policial a

¹²⁹ Streapco chama de "tradição elitista" a ideia, segundo a qual, nos primeiros anos da prática do futebol em São Paulo, os únicos grupos envolvidos com o novo esporte eram aqueles oriundos das elites locais. Conforme o autor, essa narrativa clássica, frágil em termos documentais, teria surgido no momento em que o futebol já ganhava contornos de espetáculo de massas, entra as décadas de 1910 e 1920, e foi fomentada pela própria elite, como uma forma de legitimar a atuação desses grupos enquanto dirigentes do espetáculo. Cf: STREAPCO, João P. F. *"Cego é aquele que só vê a bola." O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)*. Dissertação em História - USP, São Paulo, 2010. p 51.

¹³⁰ Idem.

¹³¹ FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

¹³² Segundo Pereira, Mario Filho divide a história do futebol em três períodos distintos: "[...] no primeiro, que iria dos primeiros anos do século até meados da década de 1910, o futebol seria um jogo de elite, praticado somente pelos jovens elegantes que se associavam aos principais clubes da cidade; o segundo, que iria deste momento até o final da década de 1920, definiria o momento de aproximação de outras camadas sociais, sendo marcado pelo impulso sistemático de exclusão dos negros e pobres que começavam a se envolver como jogo; por fim, um último período, que se inicia na década de 1930, assinalava finalmente a efetivação da presença negra nos campos, na concretização do que o próprio autor chamaria de "ascensão social do negro". Cf: PEREIRA, L. *Op Cit.* p 15. Para críticas à cronologia estabelecida por Mario Filho sobre o futebol carioca, ver: PEREIRA, L. *Op Cit.*; SANTOS, João Manuel M. C. *A Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. São Paulo: Tese em História - USP, 2010. E: SANTOS JR, Nei J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*. Rio de Janeiro: Dissertação em História Comparada - UFRJ, 2012.

¹³³ SANTOS, J. DRUMOND, M. *Op Cit.* p 23. Segundo os autores, algo análogo teria ocorrido com a obra de Thomás Mazzoni, que também foi apropriada pelos estudiosos sem maiores problematizações. Conforme Santos e Drumond, no decorrer das décadas, o peso dessas interpretações foi tamanha que, mesmo autores críticos dessa periodização, como Leonardo A. M. Pereira, terminaram, em alguns momentos, por reproduzir as acertivas de Filho e Mazzoni, como no caso dos mitos fundadores do futebol brasileiro, Charles Miller e Oscar Cox. Idem, p 30.

essas apropriações. Assim como a mesma música era dançada nos salões elegantes do *Verein Thalia* e no escuro da Praça Tiradentes, o futebol também foi praticado, desde os primeiros anos de sua chegada a Curitiba, nos campos do *Jockey Club*, do *Frontão Curitybano* ou, posteriormente, no *ground* do Internacional F. C., mas, igualmente, nas ruas, praças, bosques, campos improvisados, nas amplas áreas abertas dos arrabaldes, em colégios, instituições militares e quintais. Desse modo, a apropriação que alguns segmentos das elites deram ao futebol, embora hegemônica, foi apenas uma das múltiplas apropriações que esse esporte teve quando de sua chegada na cidade.

Nos próximos itens enfocaremos duas dessas apropriações. Em primeiro lugar a forma clássica - ou modelo britânico - de prática do futebol. Organizada em torno de clubes e posteriormente ligas, disputada em espaços específicos, com um tempo determinado a partir de regras bem estabelecidas por instâncias reguladoras. De outro lado, a prática informal, o futebol de rua ou varzeano, mais flexível e lúdico, mesclado a diversos elementos da cultura popular. No decorrer do texto, atentaremos para as relações que a imprensa e o poder público estabeleceram com essas formas distintas de prática. Como veremos, era comum que essas instituições - imprensa e Estado - legitimassem e estimulassem a prática identificada com as elites, dita racional, enquanto rebaixavam, estereotipavam e perseguiam as apropriações populares, entendidas como "anárquicas". Ao fim e ao cabo, analisaremos como os próprios segmentos populares organizaram seus clubes e ligas, pressionando por sua inserção no espaço legitimado da prática formal.

1.3 *Football(s)*: entre o requinte dos salões e a banalidade das ruas

Com o desaparecimento dos relatos sobre o *Sport Club*, a prática do *football* só voltaria a ser noticiada pelo *Diário da Tarde* em 1907¹³⁴, por ocasião da: "[...] fundação de um club sportivo no excellent Colegio Paranaense [...]", que promovia, além de "[...] outros jogos tendentes ao desenvolvimento physico [...] o magnifico sport inglez *foot-ball* que é presentemente

¹³⁴ Moletta Júnior afirma que, mesmo sem ser alvo de cobertura da imprensa, é provável que o futebol continuasse a ser praticado na cidade. O autor embasa-se em duas fontes, uma fotografia de 1905 encontrada no acervo do Curitiba Foot Ball Club, onde aparecem alguns praticantes de futebol e um anúncio dos charutos Foot Ball, à venda na Charutaria Aymoré. MOLETTA JR, C. *Op. Cit.* p 42-44.

um dos generos de exercicios mais apreciados nos grandes centros"¹³⁵. Posteriormente, o esporte britânico voltaria às páginas do jornal em 1909, quando a *Sociedade Teuto-Brasileiro de Curitiba* - ou *Turnerevin* - foi convidada para excursionar à cidade de Ponta Grossa, onde disputaria uma partida amistosa com o *Pontagrossense Foot Ball Club*. O jogo terminou com a vitória, por 1 a 0, do time dos Campos Gerais. Meses depois, alguns dos associados do Teuto, que participaram do jogo em Ponta Grossa, junto a outros interessados pelo novo esporte, fundaram o primeiro clube específico para a prática do futebol na cidade, o *Coritybano Football Club* - que depois alteraria o nome para Coritiba F.C. Entre seus fundadores estão diversos comerciantes e industriais da cidade, ligados a famílias das elites imigrantes - especialmente alemãs - estabelecidas em Curitiba, como Frederico Essenfelder, Alvim Hauer, Arthur Hauer, Waldemar Hauer, João Vianna Seiler, Ludwig Egg e Arthur Iwersen¹³⁶.

Em novembro de 1910 seria fundada em Curitiba uma nova agremiação dedicada ao futebol, o *Paraná Sport Club*. A sociedade foi criada por funcionários ingleses da *American Brazilian Engineering Co.*, responsável por serviços ferroviários no estado, além de empregados do *London Bank*, aqui estabelecidos¹³⁷. Apesar de contar em seu plantel com jogadores cujos nomes denunciavam a origem anglo-saxônica, como Tomkin, Lincoln, Barton, Wild, Ruffelse, Flygare, Jonhson¹³⁸, o Paraná estava longe de ser um clube apenas de ingleses. Na verdade, uma parte significativa dos dirigentes da associação pertenciam à elite curitibana. Em 1914, por exemplo, os representantes do clube na reunião com o prefeito Cândido de Abreu eram, o jornalista do *Diário da Tarde*, Rubens Amaral, J. Silva Jardim, Mario Carneiro e Magnus Flygare¹³⁹. Durante o período estudado, um dos principais dirigentes do Paraná S. C. e, posteriormente, da liga curitibana, foi Ildefonso Rocha, filho de Bento Munhoz da Rocha, major, proprietário de uma exportadora de erva-mate e de diversas outras empresas na cidade. O presidente do Paraná S. C., entre 1914 e 1917, era, ainda, proprietário de um dos principais palacetes da cidade, construído entre 1912 e 1914, na região do Batel¹⁴⁰.

¹³⁵ DIARIO DA TARDE apud SILVA, Marcelo M. *Op Cit*, p 150.

¹³⁶ Ibid. p 61-65.

¹³⁷ Sobre a fundação do Paraná Sport Club ver: MACHADO, Heriberto I; CHRESTENZEN, Levi M. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígitus, 1990, p 5; CAPRARO, A. *Op Cit*, p 83 e MOLETTA JR, C. *Op. Cit.* p 93.

¹³⁸ O Sport entre nós. *A Republica*, 14 out 1913, p 1.

¹³⁹ Sport. *Commercio do Paraná*, 11 nov 1914, p 2.

¹⁴⁰ TRINDADE, E. *Op Cit*, p 197.

Outro clube que ostentava diversos proprietários de palacetes era o *Internacional Football Club*, fundado em 22 maio de 1912, por vinte e seis sócios, reunidos na sede social do *Jockey Club* do Paraná. A primeira diretoria do clube contava com homens de algumas das famílias mais poderosas da região. Era o caso de Joaquim Américo Guimarães, Agostinho Ermelino Leão Júnior e Hugo Mader, todos ligados à produção, beneficiamento e comercialização da erva-mate, principal produto de exportação do Paraná, desde o século XIX¹⁴¹. O esforço em delimitar as atividades econômicas de alguns dos principais dirigentes do futebol curitibano na década de 1910 não diz respeito à mera curiosidade ou preciosismo, antes, esse mapeamento nos permite compreender a rede de relações nas quais esses sujeitos estavam ligados, apontando algumas influências até então negligenciadas no futebol curitibano.

Homens como João Vianna Seiler - que desenvolveu atividades ligadas à indústria madeireira, segundo produto de exportação do Paraná, atrás apenas do mate em importância¹⁴² -, Ildfonso Rocha, Joaquim Américo Guimarães e Agostinho Ermelino Leão Júnior, para citar apenas alguns, viajavam e faziam transações econômicas em cidades como São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Paris, Londres, mas, também, Buenos Aires e Montevideú, já que Uruguai, Argentina e Chile, eram os principais compradores da erva-mate produzida no estado. Gilmar Mascarenhas de Jesus demonstrou a importância desses países e de suas capitais no desenvolvimento do futebol no Rio Grande do Sul¹⁴³. Apesar do maior distanciamento geográfico do Paraná, os intensos fluxos de informações e mercadorias que interligavam esses territórios por meio da economia do mate, não podem ter seus impactos culturais negligenciados. É possível que, junto aos grandes centros brasileiros e europeus, cidades como Buenos Aires e Montevideú, onde o futebol era praticado desde fins do século XIX, tenham inspirado e servido de modelo aos futebolistas locais. Essa relação é percebida até mesmo na circulação de esportistas. Ainda em 1915, dois irmãos argentinos, Agostinho Peres Escalada e Luiz Escalada, jogavam pelo *América*

¹⁴¹ Para maiores informações sobre a fundação do Internacional F. C., ver: CAPRARO, A. *Op Cit*, p 58-83.

¹⁴² Sobre a atividade madeireira no Paraná, ver: PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. Curitiba: IPARDES, 2006, p 105-117. Sobre a relação de João V. Seiler com a atividade madeireira, ver: Referência: NICOLAS, Maria. *Almas das Ruas - Volume 1*. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1974, p 258-259.

¹⁴³ MASCARENHAS, G. . A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, n.26, 2000.

*Football Club*¹⁴⁴ e o próprio Essenfelder, capitão do Coritiba F. C., havia nascido em Buenos Aires¹⁴⁵.

A apropriação dos esportes, e mais especificamente do futebol, entre esses setores da elite, era contraditório. Bebia, ao mesmo tempo, em referências modernas e tradicionais, expressas, respectivamente, na nova ética do ativismo¹⁴⁶, por um lado, e, por outro, numa cultura de elite cujas referências, como vimos, remontavam ao século XIX. Era a cultura de salão, ensinada nas escolas às moças de "boa família", iniciando-as em noções elementares de belas artes, literatura, línguas, história e geografia, as chamadas "artes de salão"¹⁴⁷, cuja maior expressão entre os esporte foi, talvez, os refinados *festivais sportivos*, organizados pelos clubes elegantes da cidade. Capraro descreve esses eventos da seguinte maneira:

Ilustrando o processo de introdução do esporte no Brasil pode-se citar como exemplo os "festivais esportivos". Termo comum em dias de partidas futebolísticas - geralmente domingos - chamados assim porque antes e após as disputas eram realizados piqueniques, chá da tarde ou, até mesmo, saraus dançantes. Além dos praticantes de football que, na sua maioria, eram jovens estudantes de famílias tradicionais das metrópoles, frequentavam tais festividades as finas moças da sociedade brasileira, educadas no "seio" familiar, sendo elas e as respectivas famílias os primeiros espectadores do futebol.¹⁴⁸

Esses festivais reuniam uma série de práticas distintas, neles os esportes modernos, identificados com as metrópoles e o fenômeno da urbanização, conviviam com jogos tradicionais, como as corridas de sacos, as corridas de ovos ou de burros. A título de exemplo, o primeiro festival organizado pelo Internacional F. C. no ano de 1914, contou, antes do *match* de *football*, com o "[...] interessante numero 'Porco engraxado', que despertou a maxima hilariedade"¹⁴⁹. Essa "hibridação cultural", para usar um termo de Néstor García Canclini, ou seja, esse processo no qual: "[...] estruturas ou práticas discretas, que existam de forma separada, se combinam para gerar novas estruturas, objetos e práticas [...]"¹⁵⁰, tem relação com o que Capraro denominou, em referência à arquitetura curitibana na primeira república, de "concepção eclética de esporte", onde o futebol tinha pouca autonomia enquanto prática: "A concepção de esporte, [...] era eclética,

¹⁴⁴ Sport, *Commercio do Paraná*, 21 mar 1915, p 2.

¹⁴⁵ MOLETTA JR, C. *Op. Cit.* p 61.

¹⁴⁶ Sobre o "novo valor filosófico e ético do ativismo" e sua relação com a prática esportiva em Curitiba, consultar: CAPRARO, André M. Esporte, cidade e modernidade: Curitiba. MELO, Victor Andrade. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010, p 164.

¹⁴⁷ TRINDADE, E. *Op Cit*, p 64-73.

¹⁴⁸ CAPRARO, A. *Op Cit*, 2002, p 30.

¹⁴⁹ O Sport, *Commercio do Paraná*, 06 jan 1914, p 2.

¹⁵⁰ CANCLINI, Nestór G. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006, p XIX.

uma vez que tinha como projeto central a exacerbação do modelo cultural dos grandes centros europeus. As atividades eram conjugadas sem crivo, desde que isso significasse mover-se"¹⁵¹.

Se os clubes e festivais esportivos, a princípio, eram tidos como espaços elegantes, símbolos de distinção social e civilidade e, por isso mesmo, restritos a um segmento específico da sociedade - os donos de palacetes, ou, quando muito, dos sobrados das classes médias¹⁵² - isso não significa que os moradores das construções improvisadas de madeira, cortiços, hotéis baratos e casas de pensão, estivessem completamente alheios às novas práticas que chegavam na cidade. Esses indivíduos, em sua agência social, e na medida do possível, apropriaram-se, à sua maneira, desses símbolos da modernidade. Partindo de outros referenciais - a "cultura popular relativamente autônoma"¹⁵³ de que falamos anteriormente - esses sujeitos também foram protagonistas dos primeiros anos da prática futebolística em Curitiba.

Segundo Hebe Mattos, no Rio de Janeiro, a partir da década de 1870, formou-se uma opinião pública baseada no crescimento das classes médias, na imprensa crítica e numa cultura política que valorizava a ocupação dos espaços públicos. Cafés, praças, ruas tornam-se espaços de discussão de estudantes, artistas e jornalistas. Esses espaços, agora ressignificados, configuraram um novo *locus* privilegiado da ação política e das manifestações culturais. Em paralelo a isso, a presença do povo na rua anunciava o aparecimento de um novo ator político: "[...] surgira uma cultura política na qual as manifestações em praça pública adquiriram centralidade, o que parecia trazer a presença política do povo nas ruas como um novo e definitivo personagem da cena pública, formado pelas classes médias e trabalhadoras urbanas"¹⁵⁴.

A politização das ruas também se fazia sentir em Curitiba, esse movimento está expresso nos inúmeros *meetings* cívicos, nas revoltas pela carestia, nas manifestações pelo Contestado, na campanha civilista em prol da candidatura de Ruy Barbosa, nas sublevações pela entrada do Brasil na primeira guerra mundial, na greve dos sapateiros em 1906 e nas greves gerais de 1917 e 1919. De forma menos clara, mas igualmente importante, esse alargamento da esfera pública se dava por meio dos debates na rua, das leituras públicas de jornais, dos contadores de histórias, dos agitadores populares, estava explícita nos apedrejamentos a prédios públicos e privados, nos

¹⁵¹ CAPRARO, A. *Op Cit*, 2010, p 159.

¹⁵² Sobre a relação as distinções na forma de morar em Curitiba, ver: TRINDADE, E. *Op Cit*, p 107-208.

¹⁵³ CHALHOUB, Sidney. *Op Cit*, p 256

¹⁵⁴ MATTOS, Hebe. A vida política. IN: SCHWARCZ, L. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p 92.

empastelamentos de jornais, nas escritas nos muros, nas brigas cotidianas entre trabalhadores, e naquelas entre eles e a polícia, nas serestas de homens embriagados pelas noites, nas exposições das "mulheres públicas", nas paradas cívicas, nos corsos carnavalescos e no futebol de rua.

Ainda em 1906 um articulista de *A Republica*, que assinava com o pseudônimo Conde de Rhono, indicava o peso que o futebol já galgava entre a população local, especialmente a garotada. Para o jornalista, depois do ciclismo, o futebol teria sido a nova epidemia que assolava a cidade:

Veio depois o Football. Uma verdadeira epidemia foi esse jogo. Crianças desde os 4 annos lá andavam aos ponta pés com a enorme bolla; uns com os narizes esborrachados, carões esfolados, cheios de arranhadelas, outros com os braços na tipoia, proveniente tudo, das violencias do jogo. Mas qual, nada disso os demovia, era a febre do tempo.¹⁵⁵

Em 1915, outra publicação, dessa vez no *Diário da Tarde*, comentava a conversão de praças e ruas em campos improvisados para a prática do esporte bretão:

Está graçando uma verdadeira epidemia 'foot-ballesca' na petizada. Os nossos meninos não tem [sic] outra preocupação que a lidar e pensar na bola. Amanhecem e anoitecem às voltas com o violento desporto bretão, totalmente empolgados por esse jogo perigoso. Reunem-se em bandos os petizes, arranjam uma bola e transformam em 'ground' a faixa angusta de uma rua, a largura de uma praça ou a amplidão do campo.¹⁵⁶

O professor Flávio Luz, em tom apocalíptico, definia a situação como: "[...] espectáculo selvagem das nossas ruas e praças transformadas em campos de jogo de meninos vagabundos"¹⁵⁷. Além dos "meninos vagabundos", alguns jovens e adultos também utilizavam os espaços públicos para a prática do futebol, era o caso dos inferiores do 4^o *Regimento de Infantaria* que, segundo o colunista do *Commercio do Paraná*: "[...] parecem ser affeitos ao jogo de foot-ball, pois todas as tardes vemol-os 'cchotar', alli, na Praça da Republica"¹⁵⁸. Oliveira Duarte era ainda mais radical, clamava uma intervenção policial que regulamentasse a prática do jogo, na sua versão, criado por um "amaldiçoado sapateiro": "Por toda a parte, pelas praças, pelas ruas, pelos quintaes, pelos caminhos, pelas estradas, dentro de casa, é o foot-ball, é o pontapé, em tudo e por tudo"¹⁵⁹. Na verdade, Oliveira Duarte reclamava a intervenção estatal com dois anos de atraso.

¹⁵⁵ O Monoculo, *A Republica*, 20 out 1906, p 1.

¹⁵⁶ Males dos desportos, *Diário da Tarde*. Curitiba, 15 out 1915, p 2.

¹⁵⁷ LUZ, Flávio. Um illustre professor contra o futebol. Curitiba, *Diário da Tarde*, 18 out 1919, p 1-2.

¹⁵⁸ O Sport, *Commercio do Paraná*, 21 ago 1914, p 3.

¹⁵⁹ DUARTE, Oliveira. Folhas ao Vento, *Commercio do Paraná*, 04 nov 1915, p 1.

Pelas regulamentações municipais, o futebol nas ruas era proibido desde, pelo menos, 1913, quando as *Instruções para o Trânsito de Vehiculos* foram publicadas¹⁶⁰.

Mário Marcondes de Albuquerque, em seu livro de memórias *Curitiba que o meu tempo guardou*, traz algumas informações sobre os espaços alternativos utilizados para a prática do futebol entre as décadas de 1910 e 1920. Um deles era o Campo da Cruz, nas imediações da rua Lamenha Lins, espaço que a garotada conhecia como "nossa zona", por ser utilizado para a prática futebolística. No alto da rua Ivaí, localizava-se o campo do Tebé e, aos domingos, a Praça Osório se transformava em campo improvisado¹⁶¹. Maria Luiza, nossa ilustre visitante carioca, observou em seu passeio pelos arrabaldes da cidade que alguns espaços verdes eram utilizados para a prática esportiva¹⁶². É o caso do Parque da Providência, no Batel, onde a autora encontrou: "[...] um grupo de cavalheiros e senhoras [que] jogava o 'tennis'"¹⁶³. Outros parques, como o Bosque Recreativo, situado na rua Marechal Deodoro, eram igualmente utilizados para a prática esportiva¹⁶⁴ e mais tarde sediaria o campo do Paraná S. C.

A disponibilidade de gramados não era uma exclusividade dos arrabaldes, como recorda Albuquerque: "No centro de Curitiba também existiam as praças esportivas ou mais precisamente, gramados em que se jogava futebol"¹⁶⁵. Como o campo do Andaraí, nas imediações das "[...] antigas baías do Nono e Terceiro Regimento de Artilharia"¹⁶⁶. A praça da República - hoje praça Rui Barbosa - e a rua Comendador Araújo seriam outros espaços da prática, onde posteriormente surgiriam o Republica F. C. e o clube Adônis. Completando o quadro espacial traçado nas memórias de Albuquerque, havia ainda um campo no Alto da Glória, atrás do Cemitério Protestante, o Campo do Pinto, entre a rua Buenos Aires e a Coronel Dulcídio, e a própria rua Aquidaban era utilizada para a prática¹⁶⁷.

Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen, por sua vez, apontam para existência de outros espaços onde se jogava futebol, ainda na primeira década do século XX, são

¹⁶⁰ *A Republica*, 24 nov 1913, p 3.

¹⁶¹ ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. *Curitiba que o meu tempo guardou*. Curitiba: Editora Lítéro-técnica, 1986, p 7-9.

¹⁶² Para uma análise mais aprofundada da relação entre as práticas esportivas e as áreas verdes em Curitiba, recomendo a leitura do quarto capítulo da tese de Marcelo Moraes e Silva "Cultura física, associações esportivas e a natureza: consolidando o dispositivo esportivo". Cf: SILVA, Marcelo M. *Op Cit*. 2011, p 113-151.

¹⁶³ LUIZA, Maria. Curitiba-Jornal, *Diário da Tarde*, Curitiba, 26 out 1914, p1.

¹⁶⁴ MOLETTA JR, C. *Op. Cit*. p 37.

¹⁶⁵ ALBUQUERQUE, M. *Op Cit*, p 13

¹⁶⁶ *Idem*.

¹⁶⁷ *Ibid*, p 14-17.

eles: o Ginásio Paranaense, o Colégio Paranaense (internato), um terreno em frente ao Hospício na rua Comendador Araújo, a Praça Carlos Gomes, os fundos da residência da família Leão, um campo improvisado na residência da família Veiga, na rua João Gualberto, o terreno aberto próximo à Cervejaria Brasileira e: "Na região do alto da Glória, outros grupos, por volta de 1907, praticavam o jogo nos espaços dos (grandes) terrenos existentes"¹⁶⁸. A profusão de locais relacionados ao futebol em uma cidade que contava, em 1905, com 53.928 habitantes, com um número aproximado entre 60 e 70.000 em 1912, chegando aos 78.986 em 1920¹⁶⁹, aponta para um quadro, no qual, segmentos distintos da população tinham acesso à nova prática esportiva, embora se apropriassem dela de maneiras diferentes.

A multiplicidade das formas de apropriação do futebol não era uma exclusividade curitibana. João Paulo França Streapco - e, mesmo antes dele, Plínio Labriola Negreiros¹⁷⁰, Gilmar Mascarenhas de Jesus¹⁷¹ e Fátima M. R. F. Antunes¹⁷² - afirma que, ainda nos primórdios do século XX as classes populares de São Paulo haviam se apropriado do futebol, o que teria motivado a intervenção das autoridades públicas no sentido de regulamentar a prática, proibindo-a em locais considerados inapropriados, como as ruas¹⁷³. O autor chama de "tradição elitista" a ideia, segundo a qual, nos primeiros anos da prática futebolística em São Paulo, os únicos grupos envolvidos com o novo esporte eram aqueles oriundos das elites locais, numa narrativa que atribui a este segmento o papel fundamental nos primórdios do futebol no Brasil. Conforme Streapco, essa narrativa clássica teria surgido no momento em que o futebol já ganhava contornos de espetáculo de massas, entre as décadas de 1910 e 1920, sendo construída pelas próprias elites, como uma forma de legitimar sua atuação enquanto dirigentes do novo espetáculo¹⁷⁴.

Henrique Sena dos Santos, em instigante artigo a respeito da prática do futebol nas ruas de Salvador, entre os anos 1905 e 1920, vai além, identificando formas específicas de apropriação

¹⁶⁸ MACHADO, Heriberto; CHERESTENZEN, Levi. *Futebol do Paraná: 100 anos de História*. Curitiba, 2005, p 9-10.

¹⁶⁹ TRINDADE, E. *Op Cit*, p 20.

¹⁷⁰ NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. Dissertação em História - PUC-SP, São Paulo, 1992.

¹⁷¹ MASCARENHAS, G. . Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, p. 32-47, Rio de Janeiro, 2002.

¹⁷² ANTUNES, Fátima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação em Sociologia - USP, São Paulo, 1992.

¹⁷³ STREAPCO, João Paulo França. *"Cego é aquele que só vê a bola." O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistanas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)*. Dissertação em História - USP, São Paulo, 2010, p 13-33.

¹⁷⁴ *Ibid*, p 33-60.

popular do futebol, rompendo assim com a narrativa etapista que estabelece as elites como únicos protagonistas no período de inserção do futebol na região. Se, em Curitiba, intelectuais com grande inserção na imprensa, como Flávio Luz e Oliveira Duarte, consideravam o futebol de rua uma prática de "meninos vagabundos"¹⁷⁵, a imprensa soteropolitana rotulava-o de "[...] football de garotos, foot-ball de vadios, foot-ball de vagabundos, foot-ball nocivo ou football prejudicial"¹⁷⁶. Para Santos, a facilidade das regras do futebol, a grande margem de improviso permitida pelo jogo e a simplicidade dos materiais utilizados, que poderiam ser substituídos por adaptações barateadas, como bolas de meias ou traves de latão, foram elementos importantes que permitiram sua apropriação por grupos distintos.

Segundo Santos, ao ser apropriado pelas classes populares, o esporte bretão tinha seus sentidos hegemônicos - "moderno", "civilizado" - ressignificados por uma cultura popular relativamente autônoma, que imprimia novas referências à prática esportiva. Ao passo que entre as elites o futebol era jogado, normalmente, nos finais de semana, com um horário bem estabelecido de início e término das partidas, nas ruas essa temporalidade era flexibilizada, não havendo dias específicos, nem horários específicos para a prática. Igualmente improvisados eram os espaços e materiais, o campo era substituído pelos logradouros públicos, as bolas e uniformes importados, pelas roupas maltrapilhas e por qualquer objeto esférico, enquanto que tijolos e latões ocupavam a função das traves. A própria corporalidade e oralidade presentes nos jogos de rua eram distintas das dos *grounds*, sendo normalmente associadas à violência, à desordem ou à falta de educação pela imprensa local, empenhada em distinguir, para seus leitores, o "bom futebol" do "mau futebol"¹⁷⁷. Na visão da imprensa, no futebol de rua: "o sentido, amadorístico, pedagógico e civilizatório do futebol dava lugar a um caráter lúdico, pernicioso e irracional"¹⁷⁸.

Dessa maneira, assim como a capoeira, o samba e os batuques, o futebol de rua teria contribuído para a manutenção das ruas como espaços lúdicos das classes populares, jogando na contramão de um projeto urbanístico que, cada vez mais, identificava os logradouros públicos como espaços exclusivos para a passagem de veículos e mercadorias. Aos pontapés, contribuía-se na conformação de uma "cultura lúdica comum" entre os grupos subalternizados:

¹⁷⁵ LUZ, Flávio. Um ilustre professor contra o futebol. Curitiba, *Diário da Tarde*, 18 out 1919, p 1-2.

¹⁷⁶ SANTOS, Henrique Sena. "Desastres materiais, desordens morais": O "football de vagabundos" nas ruas de Salvador, 1905 - 1920. *Recorde: Revista de História do Esporte*, vol 5, n 1, Rio de Janeiro, 2012, p 5.

¹⁷⁷ *Ibid*, p 5-18.

¹⁷⁸ *Ibid*, p 14.

[...] estes lugares onde latas, bolas de meia e bexigas de bois rolavam como bolas de futebol, historicamente eram constituídos por subalternizados que ao experimentarem uma cultura lúdica em comum contribuíram para transformarem as praças, becos, ruas e largos da cidade em lugares de sociabilidade popular, onde práticas lúdicas eram constantemente (re)significadas.¹⁷⁹

Assim como em Salvador, a imprensa curitibana, vez ou outra, atribuía adjetivos pouco lisonjeiros como "futebol de vagabundos", "*Foot ball desastrado*"¹⁸⁰ "football maníaco"¹⁸¹, para o jogo praticado fora dos campos do *Jockey Club* ou do Internacional F. C. Esses relatos, mesmo que dispersos e pouco frequentes, indicam que nas ruas, praças, bosques, terrenos baldios e gramados improvisados, outros jovens praticavam futebol, para além daquele pequeno círculo dos primeiros clubes da capital paranaense. Nem todos esses jovens comungavam da cultura de elite e das "artes de salão", seus costumes lúdicos estavam mais próximos aos bailes populares, fandangos, batuques, *sumpfs* que às partidas dançantes do *Verein Thalia* e do *Club Curitybano*. Como observou Nicolau Sevcenko, as classes subalternas nunca estiveram alheias às novidades da modernidade, embora elas chegassem "em proporções imensamente desiguais" para esses grupos:

O fato é que as populações excluídas aos poucos vão se apercebendo de que é possível dispor de elementos dessa modernidade para reforçar as características de infixidez, jogo e reajustamentos constantes, que sempre lhes garantiriam maiores oportunidades no confronto social, mas que precisamente as novas políticas de controle, segregação e cerceamento das cidades planejadas tentavam lhe tolher [...] Alguns vão reclamar daqueles que "não sabem o seu lugar", outros vão se aproveitar para jamais ficar no lugar em que se desejaria que eles permanecessem.¹⁸²

A cultura popular, nesse período de formação da classe trabalhadora curitibana¹⁸³, era menos um "sistema" uniforme e bem acabado, que uma "arena de elementos conflitivos"¹⁸⁴. Como observa Chalhoub para o caso carioca, ela é resultado de uma dialética entre as normas e valores burgueses e "[...] as normas e os valores criados pela própria classe trabalhadora na sua prática real de vida"¹⁸⁵. Nessa conjuntura, elementos como o futebol, identificados com a modernidade, eram apropriados e ressignificados por essa cultura popular, tão híbrida quanto a

¹⁷⁹ Ibid, p 23.

¹⁸⁰ Foot ball desastrado, *Commercio do Paraná*, 02 ago 1915, p 2.

¹⁸¹ Consequências do Foot ball. *Commercio do Paraná*, 02 set 1916, p 3.

¹⁸² SEVCENKO, Nicolau. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. IN: SEVCENKO, Nicolau (org) *Op Cit*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 611.

¹⁸³ Sobre a formação da classe trabalhadora em Curitiba, ver: RIBEIRO, L. *Op Cit*, 1985 e VASCO, Ediméri S. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. Curitiba: Dissertação em História - UFPR, 2006.

¹⁸⁴ THOMPSON, E. P. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 17.

¹⁸⁵ CHALHOUB, Sidney. *Op Cit*, p 255.

sua correspondente de elite. Esse processo desagradava os praticantes "legitimados" do novo esporte, que assistiam com certo amargor, um jogo símbolo de distinção, ter seus sentidos hegemônicos deturpados nos espaços públicos. Como assinalou Mascarenhas, eram: "[...] os excluídos da urbe, que se apropriam de terrenos baldios para iluminar, aos dribles, este lado escuro da metrópole"¹⁸⁶.

Seja nas praças esportivas ou nas ruas, o fato é que o futebol, a partir da década de 1910, se imiscuiu em quase todos os recônditos do cotidiano curitibano. Além das partidas aos domingos no *Jockey* ou da brincadeira de rua, onde o futebol se misturava com outros divertimentos, o novo esporte se propagava também nas vitrines da *Casa Clack*, onde as taças, uniformes e chuteiras estavam expostos. Nos periódicos da cidade, quase todos dedicando um espaço para os esportes, no bate-papo dos cafés e nas palestras na rua XV. Entre 1910 e 1914 novos clubes surgiram, como, por exemplo, o *Sport Club Foot Ball Militar*, do batalhão de infantaria da cidade, o Reco-Reco, o Bella Vista, o Spartano e o *Imprensa Foot-Ball Club*. Em Paranaguá, o Paranaguá e o Rio Branco. Em Ponta Grossa, o Guarany¹⁸⁷ e o Operário e, em Antonina, o *Antoniense Foot Ball Club*.

O jogo movimentava os próprios círculos artísticos e culturais da cidade. Em 1915, a banda do Regimento de Segurança, que sempre tocava nos *festivais sportivos*, incluía no seu repertório oficial o Hino do América, de autoria do próprio regente da banda, o maestro Eugenio do Rosário¹⁸⁸. No mesmo ano, o ator Reynaldo Teixeira, da Companhia Alves da Silva, dedicava o espetáculo de estreia de sua nova peça ao *Spartano Sport Club*¹⁸⁹, enquanto isso, o Cine-Teatral organizava uma exibição em homenagem ao Internacional F. C.¹⁹⁰. Em 1919, um dos principais nomes do teatro curitibano de então, José Buzetti Mori, iniciava os ensaios de sua nova peça, *Shoot em Goal*, uma: "comedia de costumes sportivos"¹⁹¹, segundo o *Commercio do Paraná*.

Aos poucos, os clubes de futebol adentrariam em outro evento bastante popular, o carnaval. Em 1919, o Paraná S. C.¹⁹², o Coritiba F. C., o Aymore e o Bello Horizonte S. C.

¹⁸⁶ MASCARENHAS, G. *Op Cit*, 2002, p 7.

¹⁸⁷ MOLETTA JR, C. *Op. Cit.* p 98.

¹⁸⁸ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*, 05 mai 1915, p 2.

¹⁸⁹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*, 02 jun 1915, p 3.

¹⁹⁰ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*, 24 out 1916, p 3.

¹⁹¹ Shoot em Goal, *Commercio do Paraná*, 24 jul 1919, p 1.

¹⁹² Carnaval 1919, *Commercio do Paraná*, 23 fev 1919, p 4.

tinham seus bailes carnavalescos divulgados pelos jornais locais¹⁹³. O futebol que, segundo André M. Capraro, chegava a atrair um público aproximado de 3.000 pessoas ao *Jockey Club*¹⁹⁴, nesses anos iniciais do século XX, estava longe de alcançar a magnitude de um carnaval como o de 1914 que, nas contas do *Commercio do Paraná*, levou às ruas de Curitiba um número aproximado de 12.000 pessoas¹⁹⁵.

Contudo, o impacto do futebol no cotidiano curitibano não pode ser medido apenas pelas frequências aos estádios. Do mesmo modo que ocorriam diversas formas de prática do futebol, algo análogo se deu com as formas de consumo. Em outras palavras, existiam múltiplas formas de consumir o jogo, formas que passavam ao largo da presença física nas arquibancadas. Uma delas era a compra de jornais diários, que abasteciam os leitores com os resultados das últimas partidas, outra era a improvisação de espaços - como árvores e ribanceiras - nas proximidades do *ground*, que permitissem assistir aos jogos sem pagar o ingresso. A compra de produtos relacionados à prática, era uma forma de consumo na qual as casas comerciais apostavam, e a associação a algum *club* poderia ser uma estratégia eficiente para conseguir certo destaque social ou ostentar uma identidade, seja de classe ou étnica.

Esse impacto progressivo do futebol na vida cotidiana fica claro quando analisamos o número de envolvidos na sua prática, organização e consumo. Entre maio e junho de 1916, o *Diário da Tarde* organizou um concurso para que seus leitores escolhessem o clube mais popular da cidade, a disputa contou com 3.235 votantes, que escolheram o América F. C., o Internacional F. C. e o Operário F. C., de Curitiba, como os três clubes com maior popularidade¹⁹⁶. Três anos depois, em 1919, o colunista do *Commercio do Paraná* indicava um número ainda maior de *sportmens* no estado. Em seus cálculos, a "collectividade sportiva" paranaense contava com "[...] cerca de 25 mil almas"¹⁹⁷. É possível que haja certo exagero nas contas do cronista, de qualquer modo, o desenvolvimento do futebol no estado era notável, para o desagrado de alguns que abominavam a nova prática, identificando-a com uma modernidade viciosa, que estava destruindo o que restava da pacata Curitiba de tempos atrás.

¹⁹³ Carnaval, *Commercio do Paraná*, 02 mar 1919, p 3.

¹⁹⁴ CAPRARO, A. *Op Cit*, 2002, p 43.

¹⁹⁵ Carnaval 1914, *Commercio do Paraná*, 26 fev 1914, p 1.

¹⁹⁶ O resultado foi o seguinte: América (1.761), Internacional (422), Operário (352), Coritiba (184), Britania (162), Spartano (91), Paraná (73), Savóia (58), Colégio Renascença (37), Reco-Reco (34), Torino (28), Pinheiros (14), Fire (13), Aymore (5), Campo Alegre (1). Resultado do Concurso, *Diário da Tarde*, 21 jun 1919, p 2.

¹⁹⁷ Sport, *Commercio do Paraná*, 21 fev 1919, p 2.

1.4 Curitiba, *nova Sparta*: o futebol como flagelo moderno

Em março de 1917, o advogado, escritor, jornalista, fundador da revista *Olho da Rua* e dramaturgo curitibano, Seraphim França, iniciou uma verdadeira campanha contra o que considerava a "degeneração dos costumes" e a "decomposição social". O primeiro texto, publicado no jornal *Commercio do Paraná*, em 23 de março de 1917, tornou-se um verdadeiro manifesto conclamando a união de "todos os bons cidadãos" contra os "factores da nossa destruição"¹⁹⁸. O texto iniciava com um diagnóstico pessimista do período: "São dolorosos os symptomas de decomposição social que dia a dia se registram. [...] Nunca na sociedade paranaense avultaram tão tristes occurencias e tão dignas de pezar". As causas dessa situação catastrófica, seriam: "[...] a licenciosidade da época, a escola pervertedora dos Cinemas e Theatros, o contagio impudico dos romances baratos, acrescido do farto auxílio corruptor da imprensa sem escrupulos"¹⁹⁹. Em seguida, o autor elencava uma série de ações que deveriam ser tomadas para a erradicação do mal social: censura policial aos teatros, proibição de peças atentatórias à moral e aos bons costumes, silenciamento ou repreensão da imprensa aos hábitos imorais - "As minucias e os detalhes picarescos ou amoraes do facto são apenas encentivos para a sua reprodução!"²⁰⁰ -, repressão ao mundanismo, fim do "snobismo copista" dos costumes europeus e redução da hospitalidade local, que teria atraído para a cidade uma série de homens corrompidos. A mensagem era clara: "Urge reagir - porque já em nosso meio começam a surgir os germens que levam á dissolução dos costumes"²⁰¹.

No dia seguinte, Seraphim França publicou um novo artigo, em tom ainda mais agressivo que o primeiro: "A nossa sociedade sempre foi recatada e pudica. Volva-se à Coritiba singela de ha dez annos, de convivio modesto e cordial... e desconhecemos a perfidia mascarada e satanica, a maldade trahidora e infamante"²⁰². É notável o ressentimento expresso em seus textos, na pena do advogado curitibano a euforia de alguns intelectuais com a modernidade se transformava em pavor, o progresso em degenerescência. Em sua visão, a cidade pacata de

¹⁹⁸ FRANÇA, Seraphim. Urge reagir. *Commercio do Paraná*, 23 mar 1917, p 2.

¹⁹⁹ Idem

²⁰⁰ Idem

²⁰¹ Idem

²⁰² FRANÇA, Seraphim. Urge reagir. *Commercio do Paraná*, 24 mar 1917, p 2.

outrora fora invadida por moços sem valor, arrivistas sombrios, que flertavam com as moças nas ruas, expondo-as ao constrangimento público. Eram "profissionais da conquista", que intimidavam respeitáveis senhoritas nos cinemas e nos teatros, lançando sobre elas seus olhares maliciosos e perversos: "A liberdade das famílias esta actualmente coagida por uma série de precauções que não existiam, e que agora existem depois que aqui se implantou uma turba de elementos maus que constituem uma constante ameaça ao seu bem estar e ao seu pudor"²⁰³. O perigo vinha de fora, seria externo à "verdadeira Curitiba", mas seu desenvolvimento só teria ocorrido graças à ingênua hospitalidade dos moradores locais, que receberam de braços abertos as serpentes que, mais tarde, destilariam seu veneno pelo corpo social. Contra os corruptores tudo seria permitido, mesmo a violência, aquela que lava a honra dos ofendidos. O próprio Seraphim França postava-se à disposição para defender o agressor, se preciso fosse: "Da minha humilde banca de advogado eu não vacillarei em dar apoio devotado de obscura intelligencia mas de tenaz esforço, na defeza de todo aquelle que para collimar este objectivo moral... pratique um acto, seja elle qual fôr, ainda que da mais brutal violencia"²⁰⁴.

Não demorou muito para que outras pessoas aderissem à "cruzada santa" proposta por França, contra o que chamava de "civilização de empréstimo": "[...] o depravado conceito de civilização que entre nos se pretende implantar e que não é sinão a capa em que se acoberta a horda de salafrios e patifes, arvorados em innovadores dos nossos costumes"²⁰⁵. Theodorico Franco, por exemplo, considerava a prostituição, as roupas extravagantes e os hábitos modernos, três chagas dos novos tempos que deveriam ser extirpadas: "Cada povo tem o seu costume e em face disso nos devemos furtar ao espírito de imitação que absolutamente não satisfaz as nossas necessidades em confronto com o meio cosmico"²⁰⁶. Outro que se uniu à campanha contra a corrupção moral, foi o professor Flávio Luz. Para o educador, os costumes depravados da "super-civilização [sic] da vida chic", punham em risco a vida em família e o recato do lar. Crítico audaz da modernidade, entendia-a como uma experiência profunda de exacerbação das futilidades humanas, uma espécie de "sociedade de aparências" em oposição a uma "sociedade de essência", projetada num passado idealizado, no qual "sentimentos elevados e grandeza de alma" causavam maior comoção que os modismos supérfluos:

²⁰³ Idem

²⁰⁴ Idem

²⁰⁵ FRANÇA, Seraphim. Urge reagir. *Commercio do Paraná*, 25 mar 1917, p 2.

²⁰⁶ FRANCO, Theodorico. Em prol dos nossos costumes. *Diário da Tarde*, 31 mar 1917, p 1.

A sociedade actual se esforça por imitar tanto quanto a vida mundana das grandes cidades lhe transmite através das lições suggestivas da pellicula cinematographica. É o cinema a grande escola do crime e da perdição, é o cinema o factor por excellencia da nossa decadência moral [...].²⁰⁷

Apesar de nenhum dos autores ter citado o futebol como uma das causas da "degenerescência dos costumes", o movimento em marcha provocou a reação de alguns *sportmen* de Curitiba. Antecipando-se às críticas, Luiz Guimarães publicou um extenso artigo em defesa do futebol, na coluna *Sport do Commercio do Paraná*, em 27 de março de 1917. Reclamando do trato recebido pelos esportistas no Brasil - "Dizer-se sportman nos Brasil equivale a depreciar em 50% o seu valor individual; a nossa classe é desprestigiada e ridicularizada por quasi todos"²⁰⁸ - o autor defendia que a promoção dos esportes seria uma espécie de missão:

Nós outros, que praticamos os sports ou por elles nos interessamos, estamos plenamente convencidos de sua grande utilidade como meio de desenvolvimento physico e elemento integrador do caracter e crentes de que procurando o seu progresso e propagando o seu uso, prestamos, na limitada esphera de nossa acção, um pequeno auxílio em pró da nossa definhada raça.

No desempenho dessa nossa missão, não aspiramos glórias nem recompensas, em todas as demais partes do mundo, onde o progresso e a civilização já atingiram um grau mais elevado do que no nosso paiz, os governos e os poderes competentes olham com especial agrado ás sociedade sportivas e protegem-nas e auxiliam-nas moral e materialmente, zelando a sua existencia e esforçando-se pelo seu engrandecimento.

E não precisamos ir muito longe; no nosso proprio continente sul-americano temos a prova dessa affirmação; os representantes do povo nas visinhas republicas da Argentina, Chile e Uruguay votam, nos orçamentos da nação, importantes subvenções e auxílios ás sociedades sportivas com especialidade hippicas e de sports athleticos. Na Europa, o gosto pelos sports e a protecção dos governos aos mesmos, attingem proporções incalculaveis; nao estou bem certo, mas creio que na Suecia ou na Hollanda foi creado o Ministerio dos Sports, exclusivamente encarregado de pugnar pelo seu desenvolvimento.²⁰⁹

Mobilizando argumentos de cunho eugênico, Guimarães buscava legitimar suas teses com citações de diversos cientistas que aprovavam a prática esportiva, como o médico Francisco Eiras, da *Academia de Medicina do Brasil*, o comandante Gustave Lefebvre, autor do *Tratado de Exercício Physicos*, o educador francês Prof. Demery, Dr. Colbert, autor de *Surmenage nos Sports*, e Paul Voivenel, que em seus pronunciamentos no *Congresso Internacional de Educação Physica*, havia enaltecido o papel do futebol no desenvolvimento físico dos franceses.

De fato, a França era um paradigma para Guimarães, a prova de que uma "nação de intelectuais" poderia ser, igualmente, uma "nação de esportistas". Procedendo dessa maneira, o *sportmen* curitibano buscava distanciar o futebol das críticas feitas por Seraphim França,

²⁰⁷ LUZ, Flavio. Sim, urge. *Commercio do Paraná*, 25 mar 1917, p 2.

²⁰⁸ GUIMARÃES, L. Sport. *Commercio do Paraná*, 27 mar 1917, p 3.

²⁰⁹ Idem

Theodorico Franco e Flávio Luz, a outros elementos da modernidade, como o cinema. Segundo Guimarães, longe de degenerar os costumes, o futebol elevaria o caráter, promoveria o sentimento de coletividade e patriotismo, aprimoraria fisicamente a "raça brasileira", despertando-lhe o civismo. Em outras palavras, o futebol seria um instrumento e não um empecilho na moralização dos costumes.

Num primeiro momento, pode parecer estranho o empenho de Luiz Guimarães em escrever um texto defendendo-se de uma crítica que não lhe fora endereçada. Na verdade, a situação é melhor compreendida se voltarmos a 1915, ano dos primeiros debates públicos acerca dos "males do football", em que Flávio Luz se envolveria. Dr. Luz era uma figura pública de destaque no cenário intelectual curitibano e protagonizou alguns dos debates mais acalorados a respeito do novo esporte da moda, o que lhe conferiria certo protagonismo entre os inimigos do futebol.

Flávio Ferreira da Luz nasceu em Curitiba em 1887, de onde saiu para tornar-se bacharel pela Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro. Retornando à cidade natal, assumiu o posto de oficial de registro de imóveis e professor em um colégio de sua propriedade, posteriormente ajudou na fundação da Universidade do Paraná, na qual assumiu a cátedra de Direito Penal. Filiado, desde 1915, à *Federação Espírita do Paraná* (FEP), Dr. Luz fora um dos principais líderes do espiritismo no estado, sendo diversas vezes presidente da FEP, além de diretor da *Revista de Espiritualismo*. Sua atividade na imprensa era intensa, colaborou com periódicos locais como o *Diário da Tarde*, o *Commercio do Paraná*, *O Dia* e a *Gazeta do Povo*, na imprensa carioca escreveu na revista *Careta* e no jornal *Diário de Notícias*²¹⁰. O primeiro artigo de sua autoria que encontramos, contra a mania do *football*, data de abril de 1915. Intitulado "Porque Dechamos", o texto inicia com uma crítica a atitude de copiar hábitos de outros povos, o que considerava uma tendência do momento. Para o autor, dentre as importações culturais seria preciso filtrar o que realmente era bom e contribuiria no desenvolvimento moral da sociedade, do que era mau e vicioso. Citando como exemplos de vicissitudes as futilidades da etiqueta e os exageros da moda. Em sua perspectiva, a sociedade tradicional entrava em ruínas por conta de três fatores principais: a falta de religião, a desmoralização do ensino pelos "methodos que se dizem modernos" e o *Foot-ball*.

²¹⁰ Sobre Flávio Luz ver: NICOLAS, Maria. *Almas das Ruas* - Volume 1. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1974, p 213. E sua biografia no site da Federação Espírita do Paraná. Disponível em: <http://www.feparana.com.br/biografia.php?cod_biog=96> . Acesso em: 07 jun 2013.

Em ultimo logar vem o celebre e pernicioso foot-ball, grosseiro e funesto sport que se implantou entre nós como um verdadeiro flagelo.

Desde os bebes até os moços que só se occupam com os matchs, pelos cafés, pelas esquinas, pelos theatros, por toda a parte, enfim, grupos e mais grupos se formam para cultivar a força dos musculos em detrimento da cultura da inteligencia que se vê assim absorver pela terrivel obsessão do football.

De outra cousa não se occupam os nossos filhos sinão do famoso sport, origem de males incuraveis, de vicios abominaveis e de outras muitas surpresas dolorosas.

Dahi a indiferença pelo trabalho e pelos livros, a preferencia dos "cabarets", só frequentados por individuos que não prezam a sua dignidade e que não vacillam em arrastar para esses antros de corrupção e de immoralidade crianças inconscientes dos seus actos.²¹¹

O texto se opunha à concepção hegemônica que associava modernização e progresso, discurso patrocinado pelas elites dirigentes republicanas, grupo ao qual, paradoxalmente, o autor fazia parte. Nos escritos de Flávio Luz, a diferença entre a prática do futebol nos clubes e nas ruas era ignorada, ambas as apropriações do esporte eram tidas como perniciosas. O futebol, enfim, era um flagelo da modernidade. Símbolo de uma sociedade forjada nos músculos que se opunha a outra, essa sim positiva, construída pelos livros. Desse flagelo derivariam outros males modernos como a indiferença ao trabalho, o descaso nos estudos e até mesmo a prostituição.

A resposta ao artigo veio pelo então editor da coluna *Sport*, do *Commercio do Paraná*, Frederico Faria de Oliveira, que assinava com o pseudônimo Willian Brown. O jornalista concordava com o diagnóstico pessimista que Flávio Luz fazia da modernidade, mas discordava da inclusão do futebol entre o vícios dos novos tempos: "A razão estaria toda ao vosso lado si s. retirasse o foot-ball do numero dos vicios apontados em vosso artigo." Em seu texto, Oliveira sai em defesa dos "verdadeiros sportmen", aqueles que praticavam o futebol de maneira regrada e nos horários de lazer. Para o autor, o futebol era um: "[...] sport, que bem praticado não traz os inconvenientes que o distincto conterraneo quer descobrir". E prossegue:

Sportman fervoroso, admirador entusiasta do sport inglez, não achamos justo o vosso pensar e a forma de expandil-o, porquanto os nossos verdadeiros footballers nunca deixaram de render o seu culto aos livros e ao trabalho, estudando nas horas adequadas ao estudo e trabalhando como exigem as circunstancias de cada um.

É preciso que o sr. dr. Flavio Luz saiba que os rapazes que se dedicam ao foot-ball fazem-no nas horas de lazer, do mesmo modo que o illustre professor, depois de encerrar as aulas de seu collegio, á tardinha, se diverte em uma reunião qualquer.

Se ha quem leve dias e noites em grounds são raras excepções e a culpa não cabe áquelles que, sendo verdadeiros sportmen, sabem muito bem empregar o seu tempo.²¹²

Ao defender os "verdadeiros footballers" o autor deixa subentendido a existência de "falsos footballers". Algumas características que definiriam os bons esportistas, como a prática

²¹¹ LUZ, Flávio. Por que decahimos - Um grande mal social. *Diário da Tarde*, 23 abr 1915, p1.

²¹² BROWN, William. *Sport. Commercio do Paraná*, 25 abr 1915, p 2.

ordenada por regras e efetuada em tempos determinados, conforme vimos, não se aplicavam às apropriações populares como o futebol de rua, onde os tempos, regras, espaços e equipamentos eram improvisados e flexíveis. Assim, ao passo que, para Flávio Luz, um observador externo ao círculo esportivo, não havia necessidade de distinção entre os praticantes do futebol, sendo todos, em última instância, igualmente corrompidos; para Frederico Faria de Oliveira, editor da principal coluna esportiva de Curitiba, frequentador assíduo dos *festivals sportifs*, defensor da ética amadora, sócio do América e *player* do Imprensa F. C., ou seja, uma fala do interior dos grupos de futebolistas, a distinção entre o que considerava o futebol virtuoso e o futebol pernicioso - esse sim digno de todas as críticas - era imprescindível.

O argumento parece não ter convencido Flávio Luz, que voltou a escrever no *Diário da Tarde* em 27 de abril. Dessa vez, o autor chama a atenção para o caráter "violento, excessivo, immoderado por natureza" do futebol. Aludindo à sua condição de educador, afirma: "[...] é no exercício dessa árdua e ingrata profissão que eu tenho apreciado a acção perniciosa do foot-ball na família e na escola". Para Luz, os benefícios que o esporte trazia a uma minoria de praticantes criteriosos eram ínfimos se comparados aos males que provocava no restante da sociedade:

Si é bem verdade que muitos moços dedicam ao sport as suas horas de lazer, não é menos exacto que a meninada das escolas não tem hora nem dias para estragar as roupas e os calçados, esquecendo nos delírios dos "shoots" os deveres da escola e os afazeres do lar. Não ousarei contestar que, como William Brown, haja por essa cidade um bom numero de "sportmen" criteriosos e cumpridores dos seus deveres. Mas esses constituem a excepção e por isso mesmo seriam para derimir o mal decorrente o mal decorrente dos abusos da maioria [...]

A preocupação única é o foot-ball: fala-se em "matches", "goals", "shoots", "players", de preferencia ao objeto das lições. Correm todos os dias listas para a admissão de sócios a um novo club; garrulos bebés que hontem deixaram as bactas e a mamadeira, nunca viram o ABC, mas ja cultivam o famoso sport.²¹³

Flávio Luz se contrapunha ao frenesi das importações culturais que caracterizou o período da *Belle Époque*: "Cada povo tem a sua índole e os seus costumes; por isso deixemo-nos de macaqueação". Para o autor, as comparações com a França e a Inglaterra eram descabidas, a falta de uma regulamentação estatal e a excessiva quantidade de clubes seriam diferenciais que impossibilitariam paralelos entre a realidade local e a internacional: "Lá na Inglaterra o sport obedece a regulamentos oficiais e não existem, em cada cidade de 50.000 habitantes, cem clubs

²¹³ LUZ, Flávio. A propósito do Foot Ball. *Diário da Tarde*, 27 abr 1915, p 1.

de foot-ball, cujos campos são frequentados desde a manhã até a noite por desocupados e por meninos que faltam à escola, como aqui acontece"²¹⁴.

Na réplica ao novo artigo, Frederico Faria de Oliveira manteve sua base de argumentação inicial, diferenciando o futebol praticado pelos clubes, daquele jogado em outros espaços. Sobre a violência e os excessos, Oliveira respondia:

Perfeitamente, admittamos que esse sport tenha os inconvenientes apontados por s. s. Precisamos porem frizar o facto em que nos baseamos e que constitue a principal falta do illustre patricio para com os nossos verdadeiros sportmen, os quaes, tendo plena noção do que seja qualquer exercicio feito em demasia, nao se deixam absorver somente pelo football, praticando-o conforme mandam as normas da educação physica, isto é, cultivando-o com absoluta moderação se exercitando uma ou duas horas por dia, e isso nem sempre.²¹⁵

A respeito dos exageros praticados pelos jogadores que não pertenciam ao seleto grupos dos filiados aos clubes fidalgos - os "meninos de escola" ou "desocupados" - sua argumentação caminhava no sentido de diferencia-los dos "sportmen de verdade":

[...] a culpa não pode de maneira alguma caber áquelles que tem um pouco de senso e que collocam em primeiro plano os deveres a que estão sujeitos para depois, então, entregarem-se à prática desse sport, que é um divertimento como outro qualquer.²¹⁶

Frederico Faria de Oliveira não falava em nome de qualquer praticante de futebol. Em sua perspectiva, o grupo de jogadores "moralizados" era injustiçado pelas acusações generalizantes de Flávio Luz, que colocavam na mesma cumbuca os donos de palacetes e os moradores dos barracos de madeira. Mais que defender os benefícios do futebol, Willian Brown pretendia esclarecer ao professor que havia, do seu ponto de vista, diferenças abissais entre os "*sportmen* verdadeiros" e os outros praticantes. Como o próprio autor define, seu objetivo era: "[...] defender de seu juízo menos justo os footballers conterraneos que sabem cultivar o sport a que se dedicam, esses que ahi se apresentam com clubs organizados"²¹⁷.

As motivações do colunista do *Commercio do Paraná* precisam ser compreendidas em relação à conjuntura na qual estava inserido. A adoção do futebol pelas classes populares gerou reações dos praticantes dos clubes de elite, que pretendiam manter o jogo em seu círculo restrito. O exclusivismo e a restrição no acesso à prática, eram condições fundamentais para a manutenção de um ideário de distinção em torno do futebol. A proliferação de formas e maneiras de apropriar-se do modismo, caminhou ao lado de um processo de hierarquização e

²¹⁴ Idem

²¹⁵ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*, 28 abr 1915, p 3.

²¹⁶ Idem

²¹⁷ Idem

distinção dessas apropriações, que legitimava e deslegitimava algumas dessas práticas, impondo-lhes diferentes valorações. Nesse processo, como observa Henrique Sena dos Santos para Salvador, a imprensa teve um papel fundamental: "[...] os jornais queriam deixar claro que existia um 'bom futebol' e um 'mau futebol'"²¹⁸.

O debate entre William Brown e Flávio Luz prosseguiria por mais algum tempo, nesse entremeio, novos atores contrários e favoráveis ao futebol adentraram ao debate. Normalmente, tendemos a menosprezar as falas contrárias ao futebol, não raro partimos de pressupostos anacrônicos que estabelecem que o sucesso do jogo em terras brasileiras era inevitável. Essa operação mental termina por esvaziar os significados desses primeiros anos da prática no país, reduzindo-a a uma espécie de "pré-história" sem conflitos, uma fase de estruturação linear, daquilo que mais tarde seria um evento de massas. É como se o futebol estivesse predestinado, desde a sua chegada, a ser um esporte de multidões. De fato, a aceitação desse esporte nunca foi unânime em Curitiba, durante toda a década de 1910 inúmeras vezes se levantaram contra o futebol, essas vozes não foram ignoradas pelos defensores da prática, pois impunham obstáculos materiais e simbólicos para a legitimação do jogo inglês, bem como à sua aproximação do poder público, dificultando a criação de consensos em torno de demandas dos esportistas, como subvenção às suas práticas pelo Estado e a isenções de impostos a clubes e materiais destinados à promoção de exercícios físicos por meio do futebol.

O debate seria reaceso em outubro de 1915, quando os jornais locais passam a noticiar que crianças estavam faltando às aulas para jogar futebol: "Diversos professores tem nos trazido queixas contra as numerosas faltas dadas por alunos que não comparecem às aulas para se entregarem ao desporto bretão!". Tão preocupante quanto a falta à escola, eram as fraturas provocados pela brincadeira e os estragos em postes e vidraças:

[...] o jogo na rua e nas praças da azo á verificação de incidentes que podem ter consequencias funestas.

A imprensa registrou o caso daquelle alumno do grupo escolar da Gloria que fracturou um braço. Nos aqui noticiamos dois factos: a queda de que foi victima a venerada pessoa de um dos mais acatados membros do nosso alto commercio e a quasi queda da esposa gravida de um dos nossos mais conhecidos clinicos.

Afóra isso, quanto foco estragado, quanta vidraça espatifada, quantos estragos que os "shoots" de garotos occasionam.²¹⁹

²¹⁸ SANTOS, H. *Op Cit*, p 16.

²¹⁹ Males dos Desportos. *Diário da Tarde*, 15 out 1915, p 2.

A notícia era um prato cheio para o professor Luz, que escreve uma carta e envia a redação do *Diário da Tarde* comentando a publicação. Nessa missiva o autor defende a necessidade da intervenção policial contra o jogo:

A contaminação da nossa mocidade pela mania de "foot ball" atesta por um lado a carência de preocupações elevadas e de aspirações visando o bem estar de espírito; por outro a completa dissolução social a que nos conduziu a excessiva tolerancia das leis e dos homens publicos, em face dos grandes males que nos têm atacado.

Ante a febre do maldito jogo, o respeito devido aos paes tornou-se uma velhacaria; a ordem e a frequencia na escola passaram a ser uma utopia; o assumpto mais palpitante é suffocado pela monomania do "foot ball"; emfim, sr. redactor, a vossa reportagem deixou bem frizante o espectáculo selvagem das nossas ruas e praças transformadas em campo de jogo de meninos vagabundos.

Torna-se necessaria a urgente acção repressiva por parte da policia, cohibindo esse mal terrivel, de que são os unicos culpados os srs. paes, como responsaveis pela sua educação e pelos seus actos²²⁰.

Outro que, como vimos, apoiava a ideia de intervenção policial contra o futebol, era o jornalista Oliveira Duarte: "[...] se faz necessário a intervenção da polícia, proibindo a organização de campos infantis de football, pelas ruas, onde as creanças em nada aprendem de útil e não aproveitam coisa alguma para a saúde"²²¹. Para o autor, vivíamos em uma "orgia sportiva infantil"²²². Em sua acepção, era fundamental distinguir "educação sportiva" e "educação physica", a primeira estaria voltada à extrapolação dos limites do homem, associando-se ao exagero e fadiga; a última, mais nobre, prepararia o homem para seus deveres morais e cívicos, promovendo o equilíbrio necessário entre músculo e intelecto, corpo e alma²²³. Daí Oliveira Duarte defender a redução do tempo dedicado à prática do futebol em benefício da ginástica ou do tiro. Imbuído da retórica militarista que emergia com a Primeira Grande Guerra, o jornalista buscava a comprovação de seus argumentos na experiência inglesa: "A Inglaterra tinha, antes da guerra, grounds de foot-ball, por toda a parte, e não tinha soldados, que lhe estão fazendo muita falta hoje"²²⁴.

Alguns ainda apelavam aos exageros e metáforas para exprimirem seu desconforto com uma sociedade onde o corpo tonificado e seus espaços de culto assumiam centralidade nas relações sociais. Um articulista que assinava com o pseudônimo Ego, na coluna "Coisas de Curitiba", do *Diário da Tarde*, depois de anunciar sua inaptidão e falta de interesse com os

²²⁰ LUZ, F. As nossas campanhas. *Diário da Tarde*, 18 out 1915, p 1-2.

²²¹ DUARTE, Oliveira. A mania dos pontapés. *Commercio do Paraná*, 04 nov 1915, p 1.

²²² _____. Educação sportiva e educação physica infantil. *Commercio do Paraná*, 06 out 1915, p 3.

²²³ Idem.

²²⁴ _____. Folhas ao vento. *Commercio do Paraná*, 23 out 1915, p 2.

esportes, reclamava da hegemonia da cultura física, que teria tornado a cidade uma nova Esparta: "[...] vivo fora do mundo, porque Curitiba, actualmente, está transformada numa nova **Sparta**, onde os jogos de força exercem pleno domínio"²²⁵. Na mesma linha, uma nota do *Rio Jornal*, republicada na *Gazeta do Povo*, propunha que as escolas ministrassem conteúdos que ensinassem aos garotos a forma adequada de se comportarem nos estádios e praticarem o futebol de maneira: "[...] methodica e regrada, que não se pareça em absoluto com esse simulacro de 'sport' em que se entretêm os meninos, em quasi todas as ruas da cidades e dos bairros, com grande risco das vidraças da vizinhança". Simbólica era sua conclusão: "Já é tempo, afinal, de sermos **athenienses!**"²²⁶.

Em nosso entendimento, apesar desses intelectuais frequentemente apelarem ao argumento da "agressividade excessiva" para justificarem sua rejeição ao futebol, a questão da violência era secundária em seus escritos. Incomodados com as intensas transformações comportamentais pelas quais a sociedade passava, esses indivíduos projetavam em algumas manifestações dos novos tempos, como o cinema ou o futebol, todo seu ressentimento com a concepção mais abstrata de "modernidade". Nesse sentido, autores como Seraphim França, Theodorico Franco, Flávio Luz e, em menor medida, Oliveira Duarte, se aproximam do que Sandra Jatahy Pesavento chamou de discurso "saudosista" ou "passeísta". Caracterizam o presente e o urbano enquanto tempo/espço do caos e dos vícios, em oposição ao passado rural, materializado no pequeno vilarejo de outrora, agora idealizado, transformado em mito. Diante das intensas mudanças, da aceleração na percepção do tempo, e o conseqüente esgotamento de antigos referenciais, esse passado se estabelece como um ponto fixo, confortável, de onde partem as análises e entendimentos sobre o presente. O passado, enfim, torna-se o tempo/espço privilegiado para a reafirmação de identidades tensionadas no presente:

Há, na visualização do urbano, uma reorientação da relação passado/presente, o que faz com que a carga de positividade aponte em direção àquilo que ficou para trás. Assim, as apreciações que se estabelecem sobre o presente apontam que o passado era melhor do que a situação vivida no momento. Estabelece-se não apenas uma evocação positiva daquilo "que já foi", como se lamente que "as coisas boas desapareceram". Mais do que isso, constrói-se um tipo de visão sobre o urbano que coloca a "mudança" sob suspeita, tal como o futuro, que não assegura certezas. É o passado que organiza a compreensão do mundo, e é por esse viés que advém o conforto, a certeza e os valores que podem dar significação ao mundo.²²⁷

²²⁵ EGO. Coisas de Curitiba. *Diário da Tarde*, 19 mai 1915, p 1. Grifo nosso.

²²⁶ Desportos. *Gazeta do Povo*, 27 mai 1919, p 1. Grifo nosso.

²²⁷ PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999, p 303.

Essas manifestações contrárias ao futebol, por vezes, extrapolavam o plano discursivo. Em 1917, o inspetor escolar do município de Palmeira, Dr. Alceu do Amaral Ferreira, expediu uma circular endereçada a todos os professores de sua jurisdição, proibindo a prática do futebol nas escolas: "Ilimo Sr. Professor. Como medida de hygiene physica e moral, deveis, de maneira peremptória, prohibir, no exercício do seu cargo, a pratica do "sport" denominado football". Suas justificativas mesclavam argumentos de cunho biológico, denunciando os perigos da prática, com outros de cunho moral, que apelavam aos danos materiais provocados pelos praticantes. Segundo Ferreira, o futebol seria danoso aos organismos dos jovens, ainda em formação: "Alem dos prejuizos immediatos que elle determina "surmenage", traumatismos de diversas especies e, ás vezes, accidentes mais ou menos graves, acarreta ainda inconvenientes outros de não menos importancia, taes como: hernias, dilatações cardiacas, lesões do myocardio [...]". Era preciso intervir imediatamente, incentivando outras atividades nos horários de ociosidade dos estudantes, pois o esporte bretão já estaria promiscuando as futuras gerações: "[...] por isso [disseminação do futebol] que é frequente encontrar-se, na via publica desta cidade, grupos de meninos, numa promiscuidade lamentavel, ostentando a grosseria requintada dos 'trancos' e 'shoots". Não menos importante eram os transtornos causadas pelos jogadores: "[...] a perturbação causada á ordem publica pela balburdia, rixas e algazarras, impossiveis de evitar entre grupos de educação hecterogenea e abandonados ao dominio completo dos mais variados instinctos"²²⁸.

Em Paranaguá, os opositores do jogo inglês eram igualmente expressivos. Ainda em 1916, sob a batuta do colunista social do jornal *O Diário do Comércio*, ensaiou-se a organização de uma *Liga Contra o Football* na cidade portuária.²²⁹ Interessante notar que a iniciativa antecipava em dois anos a liga homônima, criada no Rio de Janeiro, por intelectuais do cabedal de um Lima Barreto. Em 1919, depois de um jogo entre o Rio Branco F. C. e o União F. C. pela *Liga Municipal de Foot-Ball*²³⁰ de Paranaguá, o debate sobre a proibição da prática futebolística voltou à tona na cidade. Na ocasião, por conta de uma confusão estabelecida após um gol do União F. C., o esquadrão da polícia presente no local avançou sobre os torcedores cometendo,

²²⁸ Pelos Municipios. *Commercio do Paraná*, 18 mai 1917, p 2.

²²⁹ Secção Sportiva. *Diário da Tarde*, 31 mai 1916, p 2.

²³⁰ A *Liga Municipal de Foot-Ball* é um desdobramento da *Liga Paranaense de Foot-Ball*, fundada em agosto de 1914. A liga parnaguara é a mais antiga do estado do Paraná, sua criação antecede a *Liga Sportiva Paranaense*, primeira entidade curitibana, fundada em fevereiro de 1915. Em 1919 a *Liga Municipal de Foot-Ball* era filiada à *Associação Sportiva Paranaense*, com sede na capital, sendo responsável por organizar a prática do futebol em Paranaguá, respeitando as deliberações da entidade estadual (A.S.P.) e da Confederação Brasileira de Desportos (C.B.D.), à qual ambas eram filiadas.

segundo narra uma carta enviada a *Gazeta do Povo*: "[...] toda a sorte de tropelias, chegando mesmo a espancar mulheres e crianças"²³¹. O incidente causou comoção geral na cidade, os jornais da capital noticiavam a situação do operário Clementino Peixoto de Paiva, que foi hospitalizado e quase veio a óbito em decorrência da violência policial. Os desdobramentos do caso levaram à paralisação do campeonato e à proibição da prática do futebol na cidade. Assim noticiava a *Gazeta do Povo* em setembro de 1919: "[...] o sr. Luiz Picanço, delegado de polícia de Paranaguá, proibiu terminantemente o jogo de football em toda a cidade, ainda que seja jogado com... bola de panno"²³².

A tentativa de proibição não logrou êxito, em 1919 a prática futebolística já estava plenamente consolidada no Brasil, e o Paraná não era uma exceção. Nessa conjuntura, o espaço para as críticas e ações dessa natureza eram cada vez mais escassos. Em Curitiba, os debates mais contundentes transcorreram até 1917. Em 1919, as gritas contra o futebol eram cada vez mais escassas, soavam caricaturais aos colunistas esportivos curitibanos, habituados há anos com esses debates. Quando, em março de 1919, chegou à cidade a notícia da fundação de uma liga contra o futebol no Rio de Janeiro, a reação de Luiz Guimarães - há essa altura editor esportivo do *Commercio do Paraná* - foi de ironia, satirizando um de seus fundadores, o escritor Lima Barreto:

O sr. Lima Barreto, pelas ideias expeditas mostra ser possuidor de um talento aprimorado, de tino perspicaz e sobretudo de uma grande capacidade descobridora.

É, talvez, uma dessas notabilidades que ainda não se popularisaram, pela sua excelsa modestia; mas, agora, no momento histórico em que atravessamos resolveu exhibir-se.

Não pode ficar esquecido pelo povo brasileiro.

Qual Ruy Barbosa qual nada: Lima Barreto é o candidato verdadeiramente popular e nacional. Lima Barreto precisa, para salvação da Patria ser guiado á presidencia da Republica. Clemenceau, Wilson e Lloyd George desaparece ao seu lado.

Viva Lima Barreto! Viva o futuro presidente da Republica! Viva o astro de maior grandeza universal!

Ora, sempre aparece cada um... Livra!²³³

Nem sempre a reação era descontraída, como vimos, a união entre o *ground* e a rua, presente nos discursos dos "inimigos do futebol" - que entendiam como a mesma coisa o futebol "oficial" e o "informal"²³⁴ - incomodava imensamente os praticantes dos grandes clubes, que

²³¹ O foot-ball e a policia. *Gazeta do Povo*, 22 ago 1919, p 1.

²³² Os sucessos de Paranaguá. *Gazeta do Povo*, 03 set 1919, p 2.

²³³ GUIMARÃES, Luiz. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 mar 1919, p 2.

²³⁴ A denominação futebol "oficial" e futebol "informal", para caracterizar, respectivamente, o futebol praticado aos moldes ingleses e o futebol improvisado ou varzeano, foi utilizada por NEGREIROS, Plínio J. L. C. *Resistência e*

viam seus nomes e os nomes de suas agremiações associadas à baderna e a algazarra em diversas publicações. De alguma maneira, é possível pensarmos que uma das principais questões colocadas aos *sportmens* curitibanos nesses anos iniciais do século XX, foi a da necessidade de distinguir o futebol jogado pelas elites, daquele apropriado de forma improvisada pelas camadas populares. Era necessário estabelecer a maior distância possível do futebol de rua e das imagens negativas que ele carregava, se preciso fosse, forjando uma oposição intransponível entre as duas formas de jogar. Nesse processo, a construção de espaços específicos para a prática futebolística, a criação de ligas, regulamentos e a proximidade com o poder público, cumpriram papel importante. Igualmente fundamental foi a atuação dos colunistas esportivos, espécie de porta-vozes dos grandes clubes e ligas, sempre a postos quando o assunto era a defesa do futebol "oficial".

1.5 *Imprensa Sports Club*: apontamentos sobre a formação do colunismo esportivo em Curitiba

"Vou fundar um club de football com a rapaseada da imprensa!"²³⁵, teria dito Bernardino Pereira Netto, que assinava como Henry Sport na *Kodak Sportivo* do jornal *A Tribuna*, nos primeiros dias de outubro de 1914. O exagero da expressão não cabe ao seu suposto autor, fora colocada em seus lábios pelo amigo, e também colunista esportivo, John Keeper²³⁶, que naquele início de primavera publicava suas notas no *Binoculo Sportivo* do *Diário da Tarde*. Com ou sem a frase espirituosa, em 19 de outubro, na chácara do coronel Paulo de Assumpção, foi fundado o *Imprensa Sports Club*. Na presença de: "[...] grande numero de jornalistas, reporteres e outras pessoas estranhas á imprensa, mas solidárias com a ideia da fundação do club [...]"²³⁷, foi eleita a diretoria da agremiação e decidido seus fins: "[...] trabalhar com afinco pelo desenvolvimento dos vários sports: foot-ball, lawn tennis, etc."²³⁸.

A iniciativa contava com o apoio de diversos periódicos locais, como os jornais *Commercio do Paraná*, *Diário da Tarde*, *Diário da Manhã*, *A Tribuna* e a revista *O Miko*. Além

Rendição: a gênese do Sport Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo (1910-1916). Dissertação em História - USP, São Paulo, 1992, p 32-62.

²³⁵ KEEPER, John. *Binoculo Sportivo*. *Diário da Tarde*. 12 out 1914, p 1.

²³⁶ Durante a pesquisa não conseguimos descobrir o nome do jornalista que assinava com esse pseudônimo.

²³⁷ KEEPER, John. *Binoculo Sportivo*. *Diário da Tarde*. 19 out 1914, p 1.

²³⁸ Idem

de Bernardino Pereira Netto e John Keeper, nomes importantes da imprensa local e alguns editores, como Tasso da Silveira, Generoso Borges e Vicente Nascimento Júnior, participavam da empreitada. Como guarda-metas, jogava Frederico Faria de Oliveira, o responsável pela coluna *Sport no Commercio do Paraná* e, como avante, Rubens de Assumpção, um dos fundadores da revista *O Shoot*, primeiro periódico esportivo da cidade. Em seu curto período de existência - as notícias sobre o Imprensa S. C. desaparecem ainda no primeiro trimestre de 1915 -, a agremiação não obteve sequer uma vitória nos gramados. Mesmo assim, a simples existência do Imprensa S. C., é emblemática por explicitar as estreitas relações entre imprensa e futebol, desde os primeiros anos da prática, bem como, da proximidade - o que não é sinônimo de ausência de conflitos - e das trocas de experiências e informações entre os diversos colunistas esportivos existentes na cidade.

Segundo Victor Andrade de Melo, durante o século XIX e a década inicial do século XX, os jornais e revistas funcionaram como órgãos mediadores entre as agremiações esportivas e o grande público. Agências educadoras das novas práticas e caixa de ressonância das posições dos aficionados.

A importância de discutir o papel da imprensa encontra-se, assim, no fato de que, dado a esse papel protagonista, em grande medida os sentidos e significados do esporte foram aqueles que os jornalistas negociaram, sempre a meio do caminho entre os interesses da empresa, os seus interesses próprios e o que consideravam interesses públicos (o que normalmente significavam interesses de pequenos grupos ou setores), esferas que não poucas vezes se misturavam.²³⁹

O entendimento da emergência dos esportes em geral, e do futebol em específico, como tema relevante, digno da cobertura jornalística, deve levar em conta tanto as transformações no interior dos próprios esportes e a sua popularização nas décadas iniciais do século XX, como as transformações na imprensa, que propiciaram a inserção de diversas temáticas em suas publicações. Se, por um lado, o futebol se tornou uma prática de grande alcance no período analisado, despertando o interesse da população por informações relacionadas a essa prática, por outro, a própria imprensa brasileira, e também a curitibana, experimentava profundas transformações entre as décadas finais do século XIX e as iniciais do século XX. Conformava-se um jornalismo empresarial, interessado na ampliação do seu público leitor - o que acarretaria maior vendagem, mais patrocinadores e maior poder político - aberto a novas temáticas, ao

²³⁹ MELO, Victor A. Causa e Consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. IN: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012, p 24.

cotidiano, enfim, a tudo que interessasse aos potenciais consumidores de impressos e possibilitasse maior alcance às publicações. Em nosso entender, esses dois processos - popularização do futebol e desenvolvimento de um jornalismo empresarial - são fundamentais para a compreensão da inserção, cada vez mais significativa, das coberturas dos eventos futebolísticos na imprensa curitibana.

Tradicionalmente considera-se que em fins do XIX e início do XX a imprensa artesanal deu lugar à lógica da indústria. A divisão complexa do trabalho, as especializações de funções e as novas máquinas que dependiam menos das habilidades manuais, invadiram o cotidiano das redações, impondo-lhes novas formas de organização e novas formas de relação com o público leitor. A luta política que até então era a razão de ser da própria fundação dos jornais deu lugar à lógica do mercado, à ética empresarial e à necessidade de atingir um número cada vez maior de leitores, o que levou a uma maior pluralidade de assuntos nesses impressos²⁴⁰. Essas transformações não foram lineares e atingiram com maior intensidade a chamada grande imprensa, paralela a ela, um sem-número de pequenos jornais sobreviviam ainda com suas técnicas tradicionais de impressão e organização, mantendo a temática política como carro chefe de suas publicações. São exemplos disso os periódicos operários e anarquistas que se multiplicaram nesse período²⁴¹.

No Paraná, antes mesmo da emancipação da província já havia jornais que circulavam em Curitiba, então quinta comarca da província de São Paulo. Esses periódicos assinados pelos órgãos locais, como o *Paulista Oficial*, noticiavam os atos do governo informando à comarca as determinações da província. A imprensa local só se desenvolveria posteriormente, impulsionada pela emancipação e intimamente atrelada à administração de Zacarias de Góis e Vasconcelos. Para Osvaldo Pilotto, em *Cem anos de Imprensa no Paraná*, a própria instalação da *Typographia Paranaense* - primeira tipografia de Curitiba, responsável pela publicação do periódico *Dezenove de Dezembro* - se deu a convite do presidente da província, convite aceito pelo niteroiense Cândido Martins Lopes²⁴². O último quarto do século XIX, assistiu a uma maior efervescência nas publicações, envoltos nos ventos do republicanismo e do abolicionismo, uma diversidade de

²⁴⁰ LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. p. 149

²⁴¹ PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa Cultura e Anarquismo. In: MARTINS, Ana Luíza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008. Nesse capítulo o autor traça um panorama interessante dos periódicos anarquistas.

²⁴² PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná*. Curitiba: A. M. Cavalcanti. 1976. p. 6 - 10.

periódicos foram criados, muitos deles de vida efêmera. Entre 1897 e 1898, havia 30 periódicos circulando em Curitiba²⁴³. Entretanto, ao passo que ampliavam os periódicos, com a implementação da República, segundo Pilotto, reduzia-se a liberdade de expressão. Para o autor, o desaparecimento do *Dezenove de Dezembro* se deu nessa esteira. Negando-se a conviver com o cerceamento de suas liberdades, o periódico teria optado pelo encerramento das impressões²⁴⁴.

Segundo Rosane Kaminski, a partir da década de 1880: "[...] se observa o despontar de uma indústria gráfica favorecida pela chegada de imigrantes europeus e a presença de alguns periódicos ilustrados"²⁴⁵. Com o alvorecer do novo século, a multiplicação de empresas gráficas e o barateamento nos custos de produção, propiciaram a ampliação do número de revistas e jornais que circulavam na cidade, sendo que grande parcela destes, eram sustentados pela publicidade comercial. Do mesmo modo, a criação do primeiro estabelecimento litográfico - a *Litografia do Comércio*, surgiu por volta de 1884 - e as primeiras experiências com o ensino de desenho e gravura na *Escola de Artes e Indústrias do Paraná*, fundada em 1887, possibilitaram, ainda em fins do século XIX, a utilização de imagens pela imprensa local, o que favorecia a ampliação do alcance e vendagem desses impressos, em uma conjuntura marcada pelos pequenos índices de alfabetização da população local. Conforme os levantamentos da autora, entre 1900 e 1920, existiam mais de sessenta revistas e almanaques publicados em Curitiba²⁴⁶.

No que concerne à cobertura das atividades esportivas, muitas dessas revistas, especialmente as humorísticas e de caráter comercial, destinavam espaços de suas publicações aos *sports*. O "quinzenário humorístico" *O Miko*, dirigido pela empresa Rodrigues & Cia, que circulou na cidade em 1914, publicava desde seu quarto número a coluna *Miko Sportman*. Dirigida pelo jornalista que assinava com o pseudônimo Micomedes, a coluna era composta por breves notas informativas sobre os acontecimentos esportivos. Apesar do tom cômico na escrita, o texto mantinha grande proximidade do colunismo social. Em algumas publicações, Micomedes

²⁴³ Ibid. p. 30.

²⁴⁴ Ibid. p. 21. A obra de Osvaldo Pilotto poderia ser classificada como uma obra comemorativa. Idealizado pelo Instituto Histórico, Geográfico e Etnográfico Paranaense, o livro inaugura a coleção "Estante Paranaense". Carregada de um discurso saudosista com forte caráter regionalista, a obra pouco se preocupa com o distanciamento analítico. Sob sua pena, os acontecimentos tomam dimensões quase heroicas. Preocupado em indicar pais fundadores e eleger homens geniosos, que teriam transformado a imprensa paranaense com suas iniciativas, o autor termina por negligenciar algumas dimensões sociais desses impressos. Entretanto - desde que se faça uma leitura rigorosa - a obra se apresenta como bibliografia/fonte indispensável para o estudioso da imprensa paranaense, dado o exaustivo levantamento de periódicos efetuado pelo autor.

²⁴⁵ KAMINSKI, R. A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920. *Revista Científica/FAP* v. 5, p. 149-170. Curitiba, 2011, p 150.

²⁴⁶ Idem, 149-153.

se utilizava da linguagem esportiva e da licença humorística, para satirizar acontecimentos sociais, como os debates locais entre católicos e livres pensadores: "No match jogado entre o Padre Taddei e o Professor Dario, os Sousas querem apelar para o 'touch-hand' - recolocação da bola - mas o 'referee' snr. Carlos de Laet declarou 'off-side' os protestantes"²⁴⁷.

Outra inserção do futebol nas revistas curitibanas se deu por meio de *Pelo Mundo Sportivo*, publicada ainda no primeiro número da *Revista do Povo*, que circulou em Curitiba entre 1916 e 1920. No editorial inaugural da seção, lia-se:

Mau grado a grita que por ahi se fez em torno do football, que, se dizia, era sport anti-hygienico, anti-salutar e uma porção de coisas mais, o jogo bretão, a par das corridas de cavallos, desenvolve-se, aqui, triumphante, fazendo gosto ver-se ahi por esses arrabaldes pittorescos os elegantes pavilhões que estheticamente se erguem, magestosos, abrigando a flor da mocidade patricia, essa juventude sadia e poderosa, que é bem uma honra para o nosso povo reconhecedor da indispensavel cultura physica.

A Revista do Povo, cuja acção, naturalmente, será tão somente em pról dos geraes interesses collectivos, não podia, pois, furtar-se ao dever de crear tambem esta secção, indiscutivelmente necessaria num meio sportivo culto e grande, como é o paranaense.²⁴⁸

O texto ecoa o debate ao qual nos referimos na seção anterior, tomando posição favorável aos praticantes do futebol. A criação de uma coluna esportiva aparece, portanto, enquanto um "dever", visto que a revista objetivava agir em benefício dos "geraes interesses collectivos". Como vimos, em 1916, ano de criação da revista, as discussões acerca da viabilidade do futebol estavam a pleno vapor na cidade. Alheios às lides intelectuais, a maior parte da população abraçava em seu cotidiano a prática esportiva, o que aplacava o "desenvolvimento triumphante do jogo bretão", atestado pelo cronista. Essa missão autoproclamada de bastião na promoção do futebol, foi uma retórica presente em diversas colunas esportivas encontradas durante a pesquisa.

Ainda no tocante às revistas, com o passar do tempo surgiram publicações específicas sobre o tema. De Paranaguá, os curitibanos recebiam em 1915 o semanário esportivo *O Tambor*. No mesmo ano, Rubens Assumpção, Frederico Faria de Oliveira e Luiz Guimarães, fundaram na capital paranaense a revista *O Shoot*, de curta duração, como a maior parte dos periódicos da época. De 1914 a, pelo menos, 1919, era publicado em Ponta Grossa o periódico *O Sport*. E o semanário curitibano *O Flirt*, que circulou pela cidade no segundo semestre de 1919, trazia em sua epígrafe os dizeres: "Revista Literaria Humoristica e Sportiva"²⁴⁹. Analisando a única edição disponível no acervo da *Biblioteca Pública do Paraná*, notamos que o periódico contava ainda

²⁴⁷ MICOMEDES, Miko Sportman. *O Miko*. 21 nov 1914, p 6.

²⁴⁸ Pelo mundo sportivo. *Revista do Povo*. 21 out 1916, p 13.

²⁴⁹ O Flirt. 27 set 1919, p 1.

com uma coluna específica sobre o tema, a *Nota Desportiva*. Em Curitiba, a experiência mais duradoura nesse período em termos de revista esportiva foi *Arte & Esporte*, coordenada pelo então pintor e fotógrafo João Baptista Groff, a publicação circulou entre os anos de 1921 e 1923. Além dos periódicos locais, encontramos referências à venda, em Curitiba, de publicações de outros estados, como as revistas cariocas *Foot Ball* e *Rio Sportivo*, ou o livro *Regras do Foot Ball Association*, de Belfort Duarte. A proliferação de impressos que tinham como tema central o futebol, ou davam destaque ao fenômeno em suas páginas, bem como a associação do esporte à publicidade²⁵⁰ - sustentáculo financeiro dessas empreitadas -, apontam à formação de um incipiente mercado editorial e de bens de consumo associados às práticas esportivas, ainda no limiar da década de 1910. No entanto, se as revistas abrigaram o futebol enquanto tema, foi mesmo nos jornais que o esporte bretão apareceu com maior intensidade. Em Curitiba, como veremos adiante, os principais diários - *Commercio do Paraná*, *Diário da Tarde* e *Gazeta do Povo* - contavam com colunas esportivas desde o início do século XX.

Como já afirmamos, no início do século XX os embates políticos, ainda que relevante, aos poucos deixam de ser o objeto central das publicações. Enquadrados em espaços específicos, destinados exclusivamente às colunas de "opinião", os artigos políticos dão lugar ao fato e às reportagens, tidas como neutras, objetivas, retratos da realidade. Ganha destaque a figura do repórter, aquele que vai a campo à procura do fato que deve ser retratado com isenção e estampado como a verdade - "o que realmente aconteceu" - embora recheado de sensações e fantasias, objetivando envolver o leitor na trama. Para Marialva Barbosa, as décadas iniciais do século XX, são as décadas das crônicas policiais. As coberturas policiais dramatizam o cotidiano, e mesclam o real à fantasia, apelam sempre ao fantástico e irracional. Temos assim o que a autora chama de "fluxo sensacional". Nesses textos policiais, a ideia era sempre integrar o leitor à narrativa, permitindo que ele se identificasse com os personagens, homens e mulheres reais, abatidos pelo imponderável, mortos por acidente. A ideia que permeia essas narrativas é a de que, os mesmos males - incontroláveis, frutos do acaso - que abateram os personagens, poderiam atingir o leitor: "Estão em cena os ingredientes fundamentais do jornalismo sensacional"²⁵¹.

Os anos iniciais do *Diário da Tarde*, guardam muitas dessas características da imprensa sensacionalista. Fundado por Estácio Correia em 18 de março de 1889, o periódico propunha em

²⁵⁰ Sobre a relação entre futebol e publicidade, ver: CAPRARO, *op cit.* 2002, p 109.

²⁵¹ BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Maud X, 2007. p. 55.

sua primeira edição, ser um veículo ponderado em meio à animosidade da luta partidária curitibana. Por essa ponderação desagradou muitas pessoas que por vezes foram alvo de críticas por meio das páginas do diário. O objetivo de Correia era fugir ao convencional dos jornais assinados da época, pretendia tornar-se popular, "cair no gosto do povo". Para tanto, encheu a cidade de fantasmas e lobisomens: "[...] de preferência no alto do S. Francisco e atrás do cemitério. Notícias impressionadoras de aparições terríficas. A imaginação, em delírio, de, [sic] de Poe e Hofmann perpassava nas 4 páginas"²⁵². Os fatos eram narrados de forma fantástica e com escrita cheia de suspense. Preocupava-se com os acontecimentos reais, mas em seus relatos mesclava realidade e ficção. Nas reportagens, dedicava-se aos "furos", largamente propagandeados. O jornal cobria assuntos de várias ordens, abarcando o interesse de diversos curitibanos²⁵³.

Do ponto de vista político, segundo Ribeiro, o *Diário da Tarde* tinha uma: "[...] composição liberal [...] de oposição. Guardando relativa autonomia do governo, abria suas páginas a toda crítica ao mau uso da coisa pública"²⁵⁴. A sede do jornal ficava na rua XV de Novembro, artéria central da cidade. Além da sede, tinha agências na Rua Marechal Floriano, na Visconde de Nacar e nos bairros Portão, Batel e Ahu²⁵⁵. Essa distribuição geográfica de suas sedes, transpõe o caráter meramente informativo e nos dá indícios da importância desse periódico já nas primeiras décadas do século XX. É preciso ressaltar que a agência cumpriu um papel superior ao de simples local de venda dos periódicos, se configurando, ela própria, em espaço difusor de informações, de circulação de ideias e de contato com o público leitor - eram nessas agências que os leitores levavam seus textos para serem publicados na coluna "Reclamações do Povo". Desse modo, as diversas agências tornavam-se também múltiplos espaços onde circulavam as informações por meio de leituras públicas e de comentários, expressões de grande importância em uma sociedade marcada pelo analfabetismo. O alcance desse periódico era

²⁵² CORREIA apud PILOTTO, Osvaldo. *op. cit.* p. 31

²⁵³ Luiz Carlos Ribeiro também chama atenção aos "furos" e à tônica sensacionalista, como traços da linha editorial do *Diário da Tarde*: "Tendo em sua linha editorial a preocupação com as notícias inéditas (o furo) e com certo sensacionalismo - pouco comum na imprensa local acostumada com transcrições de jornais do Rio - o *Diário* cobria com riqueza o cotidiano policial da cidade [...]" RIBEIRO, L. *Op cit.* p 23.

²⁵⁴ Idem.

²⁵⁵ BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As Reclamações do Povo na Belle Époque: A cidade em discussão na imprensa curitibana*. Dissertação em História - UFPR. 2004. p. 2.

propagandeado em sua capa, que trazia o subtítulo "Folha de maior circulação", em 1914 o número avulso do jornal custava 100 réis e a assinatura anual 24\$000²⁵⁶.

Como observaram André Mendes Capraro e Celso Moletta Júnior²⁵⁷, nos primeiros instantes do futebol em Curitiba, o *Diário da Tarde*, com uma linha editorial voltada ao cotidiano da cidade, cumpriu um papel importante na divulgação e cobertura dos jogos, ainda que o fizesse sob os parâmetros do colunismo social, mais preocupado com o ambiente elegante dos *festivals sportifs* que propriamente com as partidas do então excêntrico divertimento britânico, desconhecido pelos próprios jornalistas²⁵⁸. A primeira coluna especificamente esportiva do *Diário da Tarde* - com exceção do turfe, que contava com um espaço exclusivo - foi *Os Sports*, que circulou do início da década de 1910 até julho de 1914. Apesar do nome, o futebol teve certa centralidade nas publicações, que normalmente saíam em segunda página, sem a assinatura do jornalista responsável. A própria incipiência dos esportes modernos, e do futebol, em Curitiba, colaborava para a baixa assiduidade da coluna, já que os jogos eram raros e não seguiam um cronograma pré-fixado. Menos inconstantes eram as coberturas esportivas do *Commercio do Paraná*, principal concorrente do *Diário da Tarde* na década de 1910.

O *Commercio do Paraná* circulou pela primeira vez em 12 de outubro de 1912. O periódico surgiu da massa falida do jornal *Correio do Sul* e, a princípio, funcionava na mesma tipografia do seu predecessor - na praça Tiradentes, nº 40 - de onde só sairia em 1914, quando inaugurou sua nova sede na Rua XV de Novembro. Fazia questão de informar na capa que era impresso em máquina Marinoni, custando 100 réis o número avulso e 21\$000 a assinatura anual. Circulava com quatro páginas nos dias úteis e seis em fins de semana, sendo as duas últimas, quase sempre, destinadas à publicidade. As propagandas não estavam apenas nas últimas páginas, elas se espalhavam por todo o jornal, nas divisões entre as colunas, nas beiras de página, em cada

²⁵⁶ Para termos um parâmetro, segundo Marialva Barbosa, op. cit. p. 30. no Rio de Janeiro a assinatura anual do jornal *Gazeta de Notícias* em 1890 custava 12\$000, o que equivaleria, na ocasião, a dois dias de trabalho de um operário gráfico.

²⁵⁷ CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 19 - 41. e MOLETTA JR, C. *Op cit.* p 38-61.

²⁵⁸ A República foi outro órgão de imprensa que, ainda na primeira década do século XX, imprimiu em suas páginas notícias sobre os reduzidos *players* citadinos. Assim como o *Diário da Tarde*, as notas publicadas em A República, quando não estavam alojadas na coluna social, mantinham o formato de cobertura específico dessas seções. Apenas em 1913 surgiria *O sport entre nós*, coluna esportiva deste jornal, com publicação pouco frequente em toda a década de 1910. A partir da segunda metade da década de 1920, com o aparecimento de *A pagina dos Sports*, publicada semanalmente e com intensa utilização de imagens, é que a cobertura esportiva ganha maior relevância em A República.

brecha havia um anúncio do novo elixir, das novidades de Paris, dos lança-perfumes ou automóveis, denotando o caráter comercial da empreitada.

Seu primeiro diretor foi Duarte Velloso, que organizou, junto com outros parceiros de empreitada, a *Sociedade Anonyma Commercio do Paraná*, entidade que, desde então, passou a gerir as atividades do diário. O principal articulista do impresso era Generoso Borges, jornalista local de renome, responsável, até fins de 1913, pela coluna *Chronica do Dia*, espaço de maior destaque, situado no centro da primeira página, onde lia-se comentários diversos, que versavam da política partidária ao cotidiano da cidade. Em seu manifesto inaugural, o jornal se conclamava independente e traçava seu programa: "[...] cuidar desveladamente dos interesses do Commercio, da Industria e da Agricultura"²⁵⁹. Além do próprio nome, a relação com os indústrias e comerciantes fica evidente, quando analisamos a composição interna do periódico. Seções como "Interesse do Commercio" e "Associação Comercial do Paraná", eram voltadas especificamente para esse segmento, assim como as diversas tabelas de balanços financeiros publicadas semanalmente. Apesar da íntima relação com as elites econômicas, o periódico não era destinado exclusivamente a elas, embebido nos preceitos do jornalismo comercial, pretendia alcançar o maior número possível de leitores, para tanto, reservava uma parte significativa de suas publicações às notícias do cotidiano, crônicas policiais e notas telegráficas.

Foi no *Commercio do Paraná* que surgiu a primeira coluna esportiva mais estruturada de Curitiba, em agosto de 1913, com o nome *O Sport*. Seu editor era Frederico Faria de Oliveira, que acumulava a função de colunista social do periódico. À época, o jovem lapeano tinha apenas dezoito anos e iniciava no mundo do jornalismo. O sucesso à frente da seção projetou-o na rodas esportivas e na imprensa locais, onde seria editor de *O Dia*, *A Tarde*, *O Shoot* e colaborador da *Gazeta do Povo*. Posteriormente contribuiria ainda com a imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo, Montevidéu, Buenos Aires e Portugal²⁶⁰. De agosto de 1913 a outubro de 1914, os textos publicados na coluna não eram assinados, daí em diante, quando a seção passou a se chamar apenas *Sport*, Frederico Faria de Oliveira começou a utilizar o pseudônimo Willian Brown, o mesmo que estampava na escalação do Imprensa S. C. Ainda a partir de 1914, as colunas seriam publicadas diariamente, fato inédito na imprensa curitibana de então. Apenas no ano de 1917, por conta de um desentendimento de Oliveira com a *Associação Sportiva Paranaense* (ASP), e em

²⁵⁹ "Commercio do Paraná". *Commercio do Paraná*. 12 out 1912, p 1.

²⁶⁰ Foi ainda presidente do Tribunal de Justiça Desportiva e da Federação Paranaense de Futebol. Referência: NICOLAS, Maria. *Almas das Ruas* - Volume 1. Curitiba: Editora Litéro-técnica, 1974. p 239.

momentos específicos de crise ou de troca de editores no *Commercio do Paraná*, *Sport* saiu de circulação.

Essa estabilidade, fez do *Commercio do Paraná* o principal periódico dos *footballers* locais, e de sua coluna *Sport*, a mais importante seção esportiva de Curitiba até, pelo menos, os anos iniciais da década de 1920. Para uma breve comparação, enquanto Frederico Faria de Oliveira permaneceu sete anos à frente do jornalismo esportivo deste jornal, sendo substituído somente em 1919, por Luiz Guimarães, o *Diário da Tarde*, apenas entre 1914 e 1916, trocou por dez vezes seu jornalista esportivo. Além da periodicidade regular e da estabilidade, outra característica marcante do *Commercio do Paraná* foram as notícias acerca do movimento esportivo em outras cidades e estados. Desde 1914, Willian Brown contava com correspondentes em Ponta Grossa, Paranaguá, Morretes e Antonina, aproveitando-se do serviço telegráfico da empresa, o jornalista ainda noticiava o resultado das principais partidas realizadas no Rio de Janeiro e em São Paulo. O próprio fato de ser um matutino trazia grandes vantagens ao jornal, em suas páginas, o aficionado que não pode concorrer ao estádio, tinha acesso rápido aos resultados do dia anterior. A sedução pelo imediatismo da notícia e o desgaste de uma informação já publicada, reduzia sobremaneira o número de potenciais leitores dos vespertinos, como o *Diário da Tarde*. Às páginas dos outros periódicos, recorria-se para uma segunda opinião, especialmente em casos de partidas polêmicas, onde a omissão de informações ou o enfoque do narrador poderiam alterar o entendimento da situação.

Apesar de reivindicar uma pretensa neutralidade, nas coberturas do *Commercio do Paraná* os quatro grandes clubes locais - Internacional, Paraná, Curitiba e, posteriormente, América²⁶¹ - monopolizavam a maior parte de suas publicações. O próprio Frederico Faria de Oliveira, além de *player* do Imprensa S. C., foi um importante dirigente do América. Essa relação com a agremiação foi fundamental em diversas situações, como nos casos polêmicos da cisão na *Liga Sportiva Paranaense* (LSP) em 1916 ou da contestação do título do campeonato de 1917, vencido pelos americanos, onde Oliveira foi um defensor intransigente das posições dos dirigentes do América, publicando em sua coluna textos escritos por esses indivíduos, especialmente Luiz Guimarães - um dos principais paredros do clube - com quem mantinha fortes vínculos de amizade, desde os tempos em que ambos trabalhavam na revista *O Shoot*. Este quadro irritava sobremaneira os dirigentes de outras equipes, que enviavam cartas à redação do

²⁶¹ Para maiores informações sobre o América, ver: CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 87-103.

jornal, reclamando da falta de imparcialidade da coluna. Algumas vezes a pressão era tamanha que o colunista precisava ceder, como em 1916, quando Frederico Faria de Oliveira pede para que Luiz Guimarães pare de mandar artigos para serem publicados: "Attendendo a pedidos que nos são feitos quase diariamente, resolvemos interceder junto ao sr. Luiz Guimarães, no sentido de que esse sportman dê por finda a serie de artigos que a dias encetou nessa secção"²⁶².

O *Diário da Tarde* experimentou alguma estabilidade em sua coluna esportiva em 1914, quando Bernardino Pereira Netto - o idealizador do Imprensa S. C. -, que assinava como Jean Sport, após um reclame do Paraná S. C. diante da "indiferença que nos vota a imprensa"²⁶³, fundou a coluna *Binoculo Sportivo*. Apesar dessa seção ter alçado relativa importância nos círculos esportivos locais, sendo publicada quase que diariamente e perdurado por dois anos, passaram por ela, nada menos que cinco periodistas diferentes - Jean Sport, John Keeper, Paul Tennis, John Offside e John Forward - o que contribuía para a falta de solidez da empreitada, impossibilitando a conformação de um perfil editorial mais claro. Ainda em 1915, apareceria no *Diário da Tarde* a *Registro Sportivo*, com Waldemar Ney e, posteriormente, Toby Anybody; e *Sport*, assinada por Keeper. A partir de 1916, a coluna altera o nome para *Secção Desportiva* e deixa de ser assinada. De 1917 até meados de 1920, as publicações sobre esportes no *Diário da Tarde* serão cada vez mais rarefeitas, se comparadas às do *Commercio do Paraná* ou do caçula *Gazeta do Povo*. Normalmente resumiam-se à descrição dos jogos, emitindo poucos comentários e posicionamentos em relação às entidades reguladoras do futebol na capital paranaense ou em outros espaços.

Planejada num escritório de advocacia e nos corredores da Universidade do Paraná, a *Gazeta do Povo* teve como seus primeiros diretores um professor, Benjamin Baptista Lins de Albuquerque, e um ex-aluno e funcionário da Faculdade de Direito, Oscar Joseph de Plácido e Silva. Segundo Marialva Barbosa, entre os anos 1920 e 1930, boa parte dos jornalistas eram estudantes de direito que entravam na profissão entre os 16 e 20 anos. Via de regra, o emprego em jornais era uma forma de ganhar prestígio para galgar um emprego público, aspiração primeira à época, ou poder político, aspiração máxima²⁶⁴. A publicação inaugural da *Gazeta do Povo* data de 20 de janeiro de 1919, mas antes, seus idealizadores fizeram circular pela cidade um

²⁶² BROWN, Willian. Sport. *Commercio do Paraná*. 18 mar 1916, p 3.

²⁶³ Os sports. *Diário da Tarde*. 17 jun 1914, p 2.

²⁶⁴ BARBOSA, Marialva. *op. cit.* p. 88-91.

panfleto redigido por Benjamin Lins divulgando a fundação do novo jornal e informando o caráter da publicação. Neste, lia-se:

Não pertenco, não quero pertencer, a nenhum dos grupos políticos que militam no Estado [...]. Não tem, pois, nenhum fundamento notícia propalada de que o jornal que redigirei se destina ao lançamento ou defesa de qualquer candidato à Presidência do Estado. Será escoimado de vícios políticos, viverá por si, do povo, para o povo²⁶⁵.

Como observou Elza Aparecida de Oliveira Filha, o jornal se autoproclamava neutro e apolítico e trazia abaixo de seu nome, como epígrafe da primeira publicação, a frase "Diário Independente". Entretanto, já na capa de seu primeiro número fazia árdua defesa da candidatura de Ruy Barbosa à presidência da república²⁶⁶. Pesquisando nos acervos da *Biblioteca Pública do Paraná*, percebemos que esse tipo de posicionamento repetiu-se em diversas ocasiões, como em 27 de fevereiro de 1922, quando o jornal faz efusiva campanha à candidatura de Nilo Peçanha, convocando seus leitores ao voto, sob as palavras de ordem "A's urnas, às urnas povo do Paraná!"²⁶⁷.

De fato, seu primeiro ano de existência foi marcado pelo oposicionismo ao governo estadual de Afonso Camargo. As reportagens denunciando corrupção, brigas internas na alta cúpula da administração pública, atrasos em pagamentos, altos impostos e desmandos de autoridades locais eram diárias e ocupavam boa parte da primeira página do jornal. Diferente dos outros periódicos, que apresentavam Curitiba e o Paraná como espaços em franco progresso, a *Gazeta do Povo* construía uma imagem caótica do estado, chegando mesmo, em novembro de 1919, a apoiar uma iniciativa do senador Alencar Guimarães, que visava a intervenção do poder federal no estado²⁶⁸. As inúmeras polêmicas nas quais o periódico se envolveu, renderam represálias a seus editores. Esse é o caso de Plácido e Silva, que à época era diretor da secretaria da Universidade do Paraná, e foi demitido da instituição a pedido do presidente de estado²⁶⁹.

O periódico circulava com quatro páginas nos dias úteis e seis nos finais de semana e datas comemorativas. Praticamente a metade do espaço era coberto por publicidade e outra porção significativa era destinada aos telégrafos "Do paiz e do Estrangeiro". Entre seus

²⁶⁵ MANIFESTO apud OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. *Olhares sobre uma cobertura: A eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais*. Tese em Ciências da Comunicação - UNISINOS, 2006.. p. 34.

²⁶⁶ OLIVEIRA FILHA, Elza. *Op cit.* p. 38. No primeiro capítulo da tese, a autora analisa os primórdios da *Gazeta do Povo*, do O Estado do Paraná e da *Folha de Londrina*.

²⁶⁷ A candidatura de Nilo Peçanha. *Gazeta do Povo*. 27 fev 1922. p 1.

²⁶⁸ A intervenção federal. *Gazeta do Povo*. 08 nov 1919, p 1.

²⁶⁹ BÓIA, W. *De Plácido e Silva*. Curitiba: Secretária de Estado da Cultura, 2002, p 47.

financiadores estavam famílias tradicionais da cidade, ligadas à indústria e ao comércio, especialmente aos setores ervateiros e madeireiros, que através dos *Institutos de Madeira e do Mate*, disponibilizaram o capital inicial para a montagem das oficinas²⁷⁰. Segundo Oliveira Filha, isso explicaria a intensa campanha contra os impostos que ganhou as páginas dos primeiros números dessa publicação²⁷¹. Além dos artigos de cunho especificamente político, normalmente publicados na capa, seções como "Notas Galantes", "Factos e Boatos", "Na tela e na ribalta" e "Notas militares", informavam a seus leitores os assuntos do cotidiano, eventos culturais e movimentações policiais. O preço do número avulso era de 100 réis e 25\$000 a assinatura anual. Acerca dos aspectos físicos, a primeira redação ficava à rua Dr. Muricy, n 95, onde também funcionavam as oficinas. Em 1923, o jornal mudou sua sede para a rua XV de Novembro e na parede externa do prédio, construiu uma pedra de mármore, a chamada "pedra da Gazeta", onde eram colocadas, em manuscrito, as últimas notícias que haviam chegavam por telégrafo à cidade, além das notas de falecimento. A presença de inúmeros jornais, fez da rua XV um centro difusor de informações, ponto de referência para os curitibanos que queriam se manter informados dos últimos acontecimentos, inclusive do futebol. As leituras públicas e os possíveis comentários que as notícias motivavam nos cafés e estabelecimentos comerciais da rua, indicam que a influência das notícias veiculadas por esses órgãos de imprensa tinham sua repercussão alargada para além do círculo restrito dos alfabetizados e assinantes de diários, que tinham condições de ler e comprar periódicos. Além da "pedra da Gazeta", a própria sacada do prédio da redação, se convertia em um espaço de publicização dos acontecimentos de maior relevância:

Nos acontecimentos mais importantes, os redatores chegavam a usar a sacada do primeiro andar do prédio para anunciar, de viva voz, o que seria editado na manhã seguinte. Os resultados de eleições nacionais, os principais momentos da Segunda Guerra Mundial, os placares de jogos e outros eventos eram comunicados verbalmente, direto da redação, aos populares que passavam pela rua ou aos frequentadores dos cafés das proximidades.²⁷²

Desde seu primeiro número, a *Gazeta do Povo* contava com a coluna *Desportos* que, como a maior parte das seções, não tinha a assinatura do jornalista responsável. Alinhada ao tom polêmico do restante da publicação, a coluna, ainda em sua estreia, punha-se a criticar a atuação de Luiz Guimarães, árbitro na partida entre o Britania e um scratch da *Associação Sportiva*

²⁷⁰ Idem, p 71.

²⁷¹ OLIVEIRA FILHA, Elza. *Op cit.* p. 38.

²⁷² Ibid, p 35.

Paranaense (ASP)²⁷³. Nesse período, Guimarães já havia substituído Frederico Faria de Oliveira na direção da coluna esportiva do *Commercio do Paraná*. De seu púlpito, o jornalista repercutiu as críticas da Gazeta, prolongando o debate entre os periódicos pelo restante da semana²⁷⁴. *Desportos* normalmente era alojada na segunda página, aparecendo vez ou outra na primeira. No ano de surgimento do jornal, sua frequência era irregular e seu tamanho era relativamente pequeno, ocupando o espaço de uma coluna ou menos²⁷⁵. Nos primeiros anos da década seguinte, a coluna ganhou maior importância, sendo publicada quase que diariamente, monopolizando, por vezes, a metade da segunda página.

O envolvimento desse periódico com o movimento esportivo local era tão intenso quanto no caso do *Diário da Tarde* e do *Commercio do Paraná*. Entre seus colaboradores, pelo menos dois - Plácido e Silva e Acyr Guimarães -, eram dirigentes de clubes da cidade. Acyr Guimarães esteve entre os pais do Internacional F. C. e da ASP, desde a segunda metade da década de 1910, e Plácido e Silva, à época da fundação do jornal, era o presidente da Associação Atlética Acadêmica, clube fundado em 07 de abril de 1918 por estudantes da Universidade do Paraná, filiados ao Centro Acadêmico do Paraná²⁷⁶, e presidente da Comissão de Sindicância da ASP²⁷⁷. Como a coluna *Desportos* não era assinada, é difícil afirmar com alguma certeza quem estava por trás de suas linhas, existem indícios, no entanto, que apontam para a figura do próprio Plácido e Silva - diretor do jornal - como o responsável pelos textos esportivos²⁷⁸.

Além dos periódicos aqui tratados, outros, como *A Tribuna* e *O Estado*, também mantinham colunas esportivas esporádicas, sem, no entanto, atingirem a mesma repercussão de *Diário da Tarde*, *Commercio do Paraná*, *Gazeta do Povo* e, na segunda metade da década de 1920, *O Dia*, com seu *O Dia Esportivo*, sobre o qual falaremos no terceiro capítulo. Rafael Fortes Soares, abordando a relação da imprensa esportiva, mais especificamente da revista *Fluir*, com o surfe, afirma: "[...] ao apresentar, explicar e narrar o surfe, ela [*Fluir*] o constrói"²⁷⁹. Poderíamos pensar o mesmo em relação ao futebol e as colunas esportivas, principalmente nesses anos de

²⁷³ Desportos. *Gazeta do Povo*. 03 fev 1919, p 2.

²⁷⁴ Ver as edições: GUIMARÃES, L. Sport. *Commercio do Paraná*. 03 fev 1919, p 2. e Desportos. *Gazeta do Povo*, 04 fev 1919, p 1.

²⁷⁵ Cada página era dividida em seis colunas de igual largura.

²⁷⁶ BÓIA, W. *Op cit.* p 58-60.

²⁷⁷ Desportos. *Gazeta do Povo*. 20 mar 1919, p 2.

²⁷⁸ Wilson Bóia, seu biógrafo, remetendo à juventude do biografado, afirma: "não fosse ele, em tempos idos, cronista esportivo e um entusiasta do futebol." BÓIA, W. *Op cit.* p 72.

²⁷⁹ SOARES, Rafael Fortes. *Op cit.* 2009, p. 16.

introdução e consolidação da prática na cidade de Curitiba. À medida que a cobertura do futebol se intensificou, esse caráter foi ainda mais potencializado, e, da divulgação das regras à formação do torcer, da estruturação das federações aos estereótipos dos clubes, do vocabulário futebolístico à construção de rivalidades, em todos esses fenômenos a imprensa estaria presente de algum modo. Nesses vários níveis, a imprensa foi um ator essencial - mas não o único - na construção do futebol e dos valores e sentimentos a ele associados.

1.6 Cercando o *ground* e fechando a rua: a organização da *Liga Sportiva Paranaense* e as relações do poder público com o futebol

Como vimos, no Paraná, a primeira metade da década de 1910 foi marcada por um intenso debate a respeito das virtudes e vicissitudes do futebol. Nesse processo, os clubes oriundos das elites locais e as incipientes colunas esportivas, empenharam-se na legitimação da nova prática, mobilizando argumentos de cunho eugênico e higiênico, que reivindicavam às atividades físicas e esportivas um papel fundamental na "regeneração da raça brasileira". Esses mesmos grupos se esforçaram em diferenciar, perante a opinião pública, o que consideravam o "bom futebol" - aquele praticado nos *grounds*, segundo as regras britânicas, pelos sócios dos primeiros clubes locais - do "mau futebol" - jogado em logradouros públicos e espaços improvisados, por crianças e indivíduos oriundos dos segmentos populares, invariavelmente classificados como "vadios" e "desocupados" pelos *sportmen* locais. Nesse processo de consolidação do futebol, a construção de praças desportivas, a organização de ligas e a aproximação com o poder público, foram estratégias importantes das camadas abastadas para a manutenção de um ideário de distinção em torno do esporte bretão.

Na verdade, havia maior proximidade entre o futebol "formal" e o "informal", do que queriam reconhecer seus praticantes endinheirados. No início, como vimos, ambas as apropriações eram fruto de hibridações²⁸⁰, os próprios campos onde os clubes disputavam suas partidas eram espaços improvisados no *Jockey Club* e no antigo *Frontão Curitybano*. Por vezes, o mesmo indivíduo associado a uma agremiação elegante, se dirigia à praça Osório, ou a qualquer

²⁸⁰ CANCLINI, N. *Op cit.*, 2006.

terreno improvisado, para se divertir em partidas onde os jogadores não pertenciam, necessariamente, ao seu círculo mais restrito de convivas²⁸¹. A violência e as "paixões partidárias"²⁸², estereótipos associadas às classes populares²⁸³ nesse período, eram elementos igualmente presentes nos jogos entre as requintadas agremiações dos *sportmen*. Nesse sentido, nos parece que a tão propalada ética do *fair play*, foi mais uma peça de retórica nesse jogo de tensões, que, propriamente, uma forma de comportamento com correspondência nas ações concretas desses sujeitos. Na imprensa, eram frequentes notas como: "Foi deveras lamentável o que tivemos ocasião de assistir ante-hontem no ground do Internacional [...]"²⁸⁴ ou "[...] a educação sportiva do nosso povo é ainda, em verdade, pequena"²⁸⁵. Para muitos, a solução desses problemas estava na criação de uma liga que regulamentasse a prática do futebol na cidade, a exemplo de outros centros, colaborando ainda para a maior regularidade das partidas, com o estabelecimento de um calendário anual.

Os boatos sobre a organização de uma liga começaram a circular pela cidade ainda em 1912. Em 21 de novembro 1913, representantes do Paraná, Internacional, Coritiba e outros clubes de Paranaguá se reuniram na sede internacionalista, onde fundaram pela primeira vez a *Liga Paranaense de Foot Ball*²⁸⁶, elegeram uma comissão responsável por confeccionar um conjunto de normas para a entidade e enviaram telegramas às ligas de São Paulo, Rio de Janeiro e Porto Alegre solicitando cópias de seus estatutos²⁸⁷. O insucesso da empreitada, que durou poucas semanas, foi assim relatado pelo *Commercio do Paraná*: "Os nossos clubs de foot-ball, após um gesto animador para a criação da Liga Paranaense de Foot Ball, deixaram-se levar por pequeninas questões e puzeram ao lado essa ideia verdadeiramente altiva"²⁸⁸. Em fevereiro de 1914, numa reunião realizada na sede da *Associação dos Empregados do Commercio*, à qual compareceram 150 delegados, representando os futebolistas de Curitiba, Ponta Grossa e Paranaguá, foi refundada a *Liga Paranaense de Foot Ball* e eleita sua primeira diretoria,

²⁸¹ Nas memórias de Mário Marcondes de Albuquerque, temos vários exemplos da porosidade dessas fronteiras sociais e simbólicas. Cf. ALBUQUERQUE, M. *Op cit.* p 7-22.

²⁸² Normalmente utilizavam essa expressão - ou "partidarismo" - para designar o que hoje conhecemos como paixão clubística. Ela normalmente era empregada em tom depreciativo, referindo-se a sujeitos que colocavam o "amor a um clube" acima do "amor ao sport". Um exemplo do emprego desse termo está em: Brown, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 27 nov 1914, p 3.

²⁸³ CHALHOUB, S. *Op cit.* p 247-345.

²⁸⁴ O Sport. *Commercio do Paraná*, 21 jul 1914, p 3.

²⁸⁵ GUIMARÃES, L. Sport. *Commercio do Paraná*. 13 fev 1916, p 2.

²⁸⁶ O Sport. *Commercio do Paraná*. 21 nov 1913, p 2.

²⁸⁷ O Sport. *Commercio do Paraná*. 23 nov 1913, p 2.

²⁸⁸ O Sport. *Commercio do Paraná*. 09 jan 1914, p 2.

presidida por Ernesto Dobler²⁸⁹. Novamente a iniciativa foi infrutífera e, poucos dias depois, as atividades da liga foram encerradas. Mais uma vez o cancelamento das atividades se deveu aos desentendimentos entre os clubes de Curitiba.

O período que vai de 1913 ao início de 1915 foi marcado por diversas tensões entre os três principais clubes da cidade. Durante esses anos, Internacional, Coritiba e Paraná, disputavam jogos entre si nos finais de semana, e praticamente monopolizavam os assuntos das colunas esportivas locais. Não raro, as partidas terminavam em discussões e no abandono de campo por parte de uma das equipes. Durante a semana, as desavenças e trocas de acusações continuavam pela imprensa, que publicava cartas enviadas às redações pelos dirigentes dos clubes. Nessa conjuntura, as disputas por poder e influência entre as equipes curitibanos dificultavam a criação de consensos em torno da fundação de uma entidade dirigente. Diante da instabilidade dos clubes da capital, as agremiações parnanguaras fundam sua própria liga em agosto de 1914, a *Liga Paranaense de Foot-Ball*. Aproveitando o ensejo da notícia, Frederico Faria de Oliveira clamava aos clubes da capital que abandonassem "[...] os pequenos factos que têm ocorrido no nosso meio footballístico[...]" e se inspirassem no exemplo dos *sportmen* do litoral: "Esse gesto da mocidade paranaense [sic], organisando uma liga, que realmente grande vantagem offerece aos clubs de foot ball, deve o quanto antes ser imitado pelos clubmen desta capital"²⁹⁰.

Os debates sobre a organização de uma liga na capital paranaense só voltaram à tona em setembro de 1914, após uma pomposa excursão do Flamengo, do Rio de Janeiro, a Curitiba. No final desse ano, Paraná S. C. e Imprensa S. C. tentaram articular as bases para fundação da entidade²⁹¹, mas a iniciativa esbarrava nos desentendimentos entre Coritiba e Internacional, que àquela altura haviam rompido as relações amigáveis. Em novembro, foi a vez do Paraná romper as relações com o Internacional, conforme carta enviada ao *Commercio do Paraná*, pelo presidente da agremiação²⁹². Paralelo a esse movimento, em maio de 1914, um grupo de rapazes fundou na cidade o *América Football Club*²⁹³, agremiação que, até o início de 1915, não era citada com muita frequência pela imprensa local. Aproveitando-se do litígio entre os grandes

²⁸⁹ O Sport. *Commercio do Paraná*. 11 fev 1914, p 2.

²⁹⁰ O Sport. *Commercio do Paraná*. 02 ago 1914, p 2.

²⁹¹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 11 nov 1914, p 2.

²⁹² BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 04 nov 1914, p 3.

²⁹³ O *América Football Club* funcionava de maneira informal desde 1912, contando em seus quadros com alguns sócios do Internacional. Apenas em 24 de maio de 1914, o clube teve sua fundação formal, rompendo definitivamente seus laços com o Internacional. Em 1915 o clube passa por uma reestruturação e altera seu nome para *América Sport Club*. Ver, CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 87-103.

clubes, o América assumiu a posição de mediador e convocou uma reunião, na sede do *Jockey Club*, em 12 de fevereiro de 1915, para discutir a organização de uma liga²⁹⁴. À reunião compareceram representantes dos clubes de Curitiba, Paranaguá, Ponta Grossa e Antonina, que decidiram pela fundação da *Liga Sportiva Paranaense (LSP)*²⁹⁵. Na ocasião, ainda foi eleita uma diretoria provisória, presidida pelo coronel Paulo Assumpção, e uma comissão para a confecção dos estatutos, composta por Luiz Guimarães, Ildefonso Rocha, Edgar Torres e J. Noijacks²⁹⁶.

Como observa André M. Capraro, a fundação da liga paranaense respeitou uma dupla função: padronizar a prática do futebol, afastando-o do ecletismo dos primeiros anos, por meio da uniformização de tempos, regras e procedimentos; e, em um contexto de proliferação de agremiações de caráter popular pela cidade, segregar de seus quadros os elementos indesejados²⁹⁷. De fato, além do pagamento da joia (taxa de inscrição), como observado por Capraro²⁹⁸, diversos outros mecanismos estatutários²⁹⁹ dificultavam a inserção de clubes e atletas pobres na LSP. Conforme o estabelecido em seu artigo 38, a taxa de filiação para novos clubes era de 50\$000, exceção feita aos clubes fundadores que compunham a segunda divisão da entidade, os quais pagariam a metade desse valor. Caso o número de inscritos ultrapassasse a casa dos vinte clubes, esse valor seria multiplicado por dez, passando a 500\$000. Além da taxa de inscrição, seriam cobradas mensalidades de 20\$000 por clube filiado e, no ato da inscrição das equipes, pagava-se 1\$000 por jogador inscrito, como pregava o artigo 31.

Segundo o artigo 36, o atraso na mensalidade acarretaria a perda do direito de voto nas assembleias e, se o atraso se repetisse pelo segundo mês consecutivo, o clube seria desligado da instituição, ficando sua readmissão submetida ao pagamento da dívida e a uma nova reinscrição, onde todas as taxas deveriam ser quitadas novamente. O clube ainda deveria ter um estatuto em conformidade com o da LSP., uma sede social e um *ground* em condições de uso, sendo que o artigo 42 deixava em aberto a possibilidade deste ser arrendado. Nos dias de jogos, caso cobrasse a entrada, o clube teria de redirecionar 10% das arrecadações da bilheteria à liga. Quitadas todas

²⁹⁴ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 12 fev 1915, p 3.

²⁹⁵ Paraná S. C., Internacional F. C., America S. C., Curitiba F. C., Spartano F. C., Bella Vista F. C. e Savoia F. C. da capital; Paranaguá F. C. e Rio Branco F. C., de Paranaguá; Operário F. C., de Ponta Grossa e Club Athlectico Antoninense, de Antonina. BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 fev 1915, p 2.

²⁹⁶ Idem.

²⁹⁷ CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 112 - 126.

²⁹⁸ Idem, p 125.

²⁹⁹ Os estatutos foram aprovados na assembleia da L.S.P., realizada em 16 de março de 1915. BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 17 mar 1915, p 2.

essas taxas, o clube teria acesso à liga e direito a indicar um representante que comporia o Conselho Superior da entidade, com direito a voz e voto em suas seções. Entretanto, se fosse de seu interesse entrar com pedidos de revisão de jogos, ou reclamações de qualquer natureza sobre as partidas, teria de endereçar, junto ao requerimento, um valor igual a 30\$000. Por último, o profissionalismo era terminantemente proibido segundo o artigo 53.

Cumpridos os requisitos para a inserção na liga, os clubes, sócios e jogadores teriam ainda de passar por um crivo subjetivo: a aprovação da matrícula pela Comissão de Sindicância. Formada por três membros, eleitos pela diretoria da LSP, a Comissão de Sindicância avaliaria o estatuto da agremiação, as condições de seu campo, sua relação de sócio, jogadores e, o mais importante, o corpo de diretores da entidade. No ato da inscrição, os clubes deveriam enviar um verdadeiro relatório sobre seus diretores, expondo a localização de suas residências, sua profissão e o local onde a exerciam. Como firmado no artigo 40 do estatuto, a Comissão de Sindicância deveria observar ainda a "idoneidade dos directores"³⁰⁰.

Os dispositivos estatutários referentes às diretorias dos clubes anunciavam um cenário paradoxal, no qual, mesmo as agremiações mais modestas buscavam em seus mais elitizados quadros o amparo necessário para a aprovação de sua matrícula, indicando-os estrategicamente para preencher as vagas em suas diretorias. Certamente, a correlação de forças no interior das comissões - sobretudo na Comissão de Sindicância, que decidia em primeira instância, sem a necessidade de obter a aprovação de seus atos pelo Conselho Superior da liga - era que, em última instância, determinava a aprovação ou não da inscrição de uma agremiação. Como observou Leonardo A. Pereira a respeito da liga carioca, um peso maior dos clubes populares nessas comissões, poderia acarretar "[...] maior flexibilidade na interpretação dessas regras [...]"³⁰¹, sendo o oposto também verdadeiro.

No caso da LSP, se observarmos a composição das comissões, verificaremos que o América tinha grande peso nessas instâncias. A Comissão de *Sports* era formada por Arthur Pina, representando o *Operário Foot Ball Club*, Hugo Franco representando o Rio Branco de Paranaguá e Luiz Guimarães, representante do América. A Comissão de Sindicância, por sua vez, era integrada por Raul Lara, do Reco Reco-Independente, Hugo Mader, representando o

³⁰⁰ O estatuto da Liga Sportiva Paranaens foi publicado pelo Commercio do Paraná, dividido em quatro partes, nas edições de 21/03/1915, p 2, 23/03/1915 p 2, 31/03/1915:3 e 10/04/1915 p 2. As disposições analisadas até aqui, estão espalhadas por essas edições, daí a opção por não citá-las em separado, o que inviabilizaria a leitura do parágrafo.

³⁰¹ PERREIRA, L. *Op cit.* p 120.

Paranaguá e Hugo Franco, dessa vez representando o *Operário Foot Ball Club* de Ponta Grossa³⁰². Apesar de formalmente ocupar apenas uma vaga em ambas as Comissões, na prática, o América controlava a metade dessas vagas. Haja vista que Hugo Franco era um dos principais dirigentes do América em 1915 sendo, ao lado de Luiz Guimarães, o principal defensor dos interesses desse clube nas seções da LSP. Essa realidade só seria alterada em novembro de 1915, quando Franco e outros quatro dirigentes romperam publicamente com o alvi-rubro³⁰³. O próprio Hugo Mader, que ocupava a vaga na Comissão de Sindicância como representante do Paranaguá, foi durante todo esse período um importante dirigente do Internacional F. C. A estratégia não era nova, como notou Capraro, desde as primeiras reuniões que antecederam a fundação da LSP, alguns dos principais dirigentes do Internacional apareciam como representantes de outros clubes, como no caso do Paranaguá - considerado "clube gêmeo" do Internacional - representado por Joaquim Américo Guimarães na reunião de 22 de novembro de 1913³⁰⁴. De fato, essas negociações, trocas de clubes e apadrinhamentos compunham a teia fundamental dos jogos de poder no interior da liga.

Desde sua fundação, a LSP buscou aproximar-se do poder público, estreitando seus laços com os governantes locais. Em 08 de maio de 1915, o presidente da entidade, Paulo Assumpção, enviou uma extensa carta a Carlos Cavalcanti de Albuquerque, presidente do estado, comunicando a fundação da liga e solicitando apoio à iniciativa: "É com o mais vivo entusiasmo que venho comunicar a v. exa. a fundação, nesta capital, da Liga Sportiva Paranaense, confederação que já reúne em seu seio dezoito corporações sportivas, representando cerca de tres mil associados"³⁰⁵. Segundo Assumpção, a liga colaboraria na formação de um novo homem para a pátria, um homem forjado na ação, sadio e com orgulho próprio. Em suas palavras, os moços dedicados a: "[...] jogos e exercicios [...] representam a genese de uma força que se prepara para as legiões da Patria"³⁰⁶. No mesmo dia, a Assembleia Geral da LSP aclamava, por unanimidade de votos, como presidente honorário da entidade, o prefeito de Curitiba, Cândido Ferreira de Abreu.

³⁰² BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 10 abr 1915, p 2.

³⁰³ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 30 nov 1915, p 2.

³⁰⁴ CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 118.

³⁰⁵ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 08 mai 1915, p 2.

³⁰⁶ Idem

A aproximação dos clubes de futebol com a classe política local já era um fenômeno recorrente. Na verdade, a presença de autoridades em partidas ou *festivals sportifs*, especialmente aqueles de caráter beneficente, era relativamente comum. Muitos homens públicos, ou pessoas de sua proximidade, eram sócios dos clubes da elite local. É o caso de Joaquim Américo Guimarães, importante dirigente do Internacional, cujo pai, Claro Américo Guimarães, chegou a ocupar a presidência do estado, em um período de afastamento do então mandatário, Carlos Cavalcanti. Alguns clubes aproveitavam dessa proximidade com os círculos do poder para angariar privilégios e benefícios do estado.

Pesquisando nos anais da *Câmara Municipal de Curitiba* e da *Assembleia Legislativa do Paraná*, verificamos que, para além do futebol, havia uma proximidade grande do poder público com outros esportes, notadamente o turfe. Apenas em outubro de 1911, a *Câmara Municipal de Curitiba* votou dois requerimentos destinando verbas ao *Jockey Club Paranaense*. O primeiro era um "[...] auxílio para refazer prejuízos [sic] causados na pista do Prado com as últimas enchentes"³⁰⁷. E o segundo, referia-se a outro "[...] auxílio de 1:000\$000 para atender às despesas com os trabalhos relativos à exposição pecuária"³⁰⁸. Em 06 de Agosto de 1914, o vice-presidente do estado enviou um decreto para a apreciação da *Assembléia Legislativa do Estado do Paraná*, suspendendo "[...] o auxílio concedido ao Jockey-Club Paranaense"³⁰⁹. O recorte inicial de nossa pesquisa nos anais da *Assembleia Legislativa do Paraná* foi o ano de 1910. Entre 1910 e 1914, não encontramos qualquer menção à aprovação de auxílios ao *Jockey Club*. Partindo da constatação lógica, segundo a qual, a suspensão de um auxílio pressupõe a aprovação do mesmo, inferimos que o *Jockey Club* recebia contribuições sistemáticas do estado, desde, pelo menos, a primeira década do século XX. Apesar da suspensão de 1914, nos anos de 1918, 1922, 1928 e 1929, encontramos novas referências ao emprego de dinheiro público em eventos turfísticos.

Quanto ao futebol, a primeira menção que encontramos nas atas da *Câmara Municipal*, data de 25 de julho de 1912. Trata-se de um requerimento: "[...] do 'Paraná Sport Club' pedindo a

³⁰⁷ Acta da sessão em 17 de Outubro de 1911 IN: *Annaes da Camara Municipal de Curitiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912, p 10.

³⁰⁸ Acta da sessão em 21 de Outubro de 1911 IN: *Annaes da Camara Municipal de Curitiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912, p 13-14.

³⁰⁹ Decreto N. 534 IN: *Decretos de 1914*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1914, p 220.

praça Santos Andrade, por 10 anos, para n'ella installar a sua séde social"³¹⁰. O requerimento sequer chegou a entrar em votação, sendo arquivado na seção de 29 de outubro de 1912. De fato, uma aproximação mais sólida entre os clubes de futebol e a prefeitura de Curitiba só ocorreria durante a gestão de Cândido Ferreira de Abreu (1913-1916). Abreu chegou à prefeitura de Curitiba por indicação direta do presidente do estado, Carlos Cavalcanti. Em sua gestão, a cidade passou por intensas reformas, que visavam: "sanear, embelezar e policiar" Curitiba, tornando-a: "[...] uma cidade higiênica, saneada e com cidadãos disciplinados para o trabalho"³¹¹. As inspirações para as reformas urbanas vinham das recentes experiências de cidades como Paris, Londres, Nova York, Rio de Janeiro e São Paulo. Por meio do embelezamento da capital paranaense, com o calçamento de ruas, revitalização de praças e parques, construção de novos prédios públicos e estímulo à edificação de novas residências no centro - com fachadas modernas, em estilo eclético ou *art nouveau* - objetivava-se inserir a urbe no *hall* das cidades modernas, projetando Curitiba, ao menos do ponto de vista simbólico, aos patamares civilizacionais que emergiam na *belle époque*³¹².

Para a execução das reformas, foi criada a *Comissão de Melhoramentos da Capital*, com plenos poderes para promover desapropriações e remanejamentos necessários à feitura das obras³¹³. Durante esse período, eram enviados relatórios à *Câmara Municipal* informando as atividades da comissão e o andamento das reformas. Em 15 de julho de 1913, Cândido de Abreu enviou uma mensagem aos vereadores, por meio da qual, junto às informações sobre a administração municipal, encaminhava em anexo dois pedidos de auxílio a instituições privadas, avaliados pelo próprio prefeito:

Por achar dignos de vosso estudo junto remetto dois requerimentos: do Club Coritibano e do Internacional Foot-ball Club, desta capital.

[...]

O segundo requerimento, do Internacional Foot-ball Club, que vem precedido de uma bem fundamentada exposição dos motivos, termina por solicitar da Municipalidade um empréstimo de 8:000\$000 (oito contos) que seria aplicado na construção de séde provisoria, **cerca do Ground** e archibancadas. Esta petição está acompanhada dos documentos necessarios á apreciação do caso

³¹⁰ Acta da sessão em 25 de Julho de 1912 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912, p 116-117.

³¹¹ BENVENUTTI, A. *Op cit.* p 90.

³¹² Para maiores informações sobre as reformas urbanas realizadas durante a gestão Cândido de Abreu, consultar: SÊGA, R. *Melhoramentos da capital: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*. Dissertação em História - UFPR. Curitiba, 1996. E: BENVENUTTI, A. *Op cit.* 2004.

³¹³ Rafael Sêga, chega a afirmar que, a instituição Comissão de Melhoramentos: "[...] conferia ao prefeito poderes 'ditatoriais' na condução das reformas". SÊGA, R. *Op cit.* p 58.

que deve merecer a vossa symphatia pois se entende com a educação physica da nossa mocidade.³¹⁴

No pedido, o prefeito justificava a pertinência do auxílio, apelando às contribuições que as atividades promovidas pelo Internacional F. C. traziam ao desenvolvimento físico da mocidade curitibana. O requerimento enviado por Cândido de Abreu, seguiu para a apreciação das Comissões de Legislação e Fazenda da casa, que emitiram parecer favorável, apenas três dias depois da petição:

As Comissões de Legislação e Fazenda, tendo presente a petição e documentos da sociedade Internacional Foot Ball Club, na qual ella solicita do poder municipal um emprestimo para realizar as obras mais necessarias a seu funcionamento, compromettendo-se a resgatal-a no praso de 3 annos, attendendo que, se a Camara não póde e nem deve conceder emprestimos á particulares, todavia o fim a que se destina a referida sociedade tem grande utilidade porquanto é indubtabel que as diversões exportivas [sic] contribuem muito para o desenvolvimento phisico, as Comissões são de parecer que se conceda um auxilio á mesma sociedade [...].³¹⁵

No parecer das comissões, novamente, as supostas vantagens físicas advindas da prática esportiva eram utilizadas como argumento para a concessão do empréstimo. O projeto de lei que destinava 8:000\$000 para o Internacional F. C. foi votado em de 21 de julho de 1913 e aprovado, com unanimidade de votos, em uma seção presidida por Nicolau Mader, membro de uma das famílias fundadoras da agremiação³¹⁶. Coincidentemente, na mesma seção foi aprovada uma primeira versão da regulamentação dos serviços de automóveis que, mais tarde, embasaria a confecção das *Instruções para o Transito de Vehiculos*. Conjunto de normas, com peso de lei, que regulamentava o trânsito na cidade. O artigo 58 das *Instruções*, versava sobre os jogos em vias públicas. Nele, lia-se: "Art. 58 - São rigorosamente prohibidos nas vias publicas da capital os jogos de football, diabolo, peteca e quaesquer outros que possam perturbar o socego publico e o transito de vehiculos e pedestres"³¹⁷.

A aproximação dos esportes com o poder público em momentos de intervenção urbanística, não foi uma peculiaridade curitibana. Em São Paulo, que passou por remodelações urbanas nas gestões Antonio Prado (1899-1910) e Raymundo Duprat (1911-1913), essa realidade

³¹⁴ Acta da sessão em 15 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913, p 162. Grifo nosso.

³¹⁵ Acta da sessão em 18 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913, p 189-191.

³¹⁶ Acta da sessão em 21 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913, p 192-193.

³¹⁷ *A Republica*. 24 nov 1913, p 3.

se repetiu³¹⁸. O mesmo podemos dizer do Rio de Janeiro, que assistiu a uma drástica reestruturação de seu quadro urbano durante a gestão de Pereira Passos (1902-1906), quando houve, igualmente, uma aproximação do poder público com os esportes, especialmente o remo³¹⁹. Em Curitiba, além dos auxílios ao Internacional F. C. e ao *Jockey Club Paranaense*, houve outras iniciativas nesse sentido. Nem todas partiam das classes políticas, algumas vezes, os próprios clubes e colonistas esportivos pressionavam os mandatários locais para conseguirem subsídios públicos às suas atividades. Em 1914, quando ainda se debatia a criação de uma liga na cidade, Frederico Faria de Oliveira comentava a necessidade de auxílio municipal na empreitada: "A prefeitura também, a exemplo do que se passa nos centros adiantados, deve concorrer para a animação do sport, instituindo um premio de honra - a classica taça - que sera disputada por todas as Associações anualmente"³²⁰.

Em outubro do mesmo ano, foi a vez do Paraná S. C. enviar um pedido à *Câmara Municipal* solicitando: "[...] o auxilio de 5:000\$000 que serão empregados em terreno que adquiriu e que está situado no Parque da Providência (Batel), em construção de archibancada e demais obras complementares para o bom funcionamento da associação"³²¹. A letargia do legislativo municipal em inserir o requerimento do Paraná S. C. na pauta de discussões, desencadeou uma verdadeira campanha entre os colonistas esportivos curitibanos, encabeçados por Frederico Faria de Oliveira, que objetivava pressionar os vereadores para a aprovação da concessão. Em diversas ocasiões, os dirigentes do Paraná S. C. convidaram jornalistas para visitarem o *ground* em construção. Dessas excursões ao Batel, resultavam reportagens que, invariavelmente, mencionavam a necessidade da prefeitura apoiar a iniciativa:

³¹⁸ No decorrer de 1904, durante administração Prado, houve uma tentativa de regulamentar a prática do futebol na cidade, por meio da lei municipal n. 702, que estabelecia critérios rígidos para a construção de campos - entre outras determinações, era exigido uma distancia de, no mínimo, vinte metros de ruas e residências, além da obrigatoriedade de grades ou cercas que delimitassem o perímetro do campo. Entre 1911 e 1913, já sob o governo Duprat, foi edificado o Parque da Floresta, às margens do rio Tiete, espaço que acabou sendo apropriado pelos clubes locais. Cf: STREAPCO, J. *Op cit.* p 16-27.

³¹⁹ Nessa conjuntura, tanto Pereira Passos, quanto Rodrigues Alves, estabeleceram relações com clubes de remo, ciclismo, atletismo e turfe. Em 1905 foram construídos, com dinheiro público, barracões - que serviam como garagens de barcos - para os clubes Botafogo e Guanabara. Além disso, foi edificado o Pavilhão de Regatas, atendendo a uma antiga demanda dos clubes locais por um espaço onde pudessem realizar as regatas. E, ainda em 1905, foi aprovado um auxílio anual, no valor de 12.000\$00, para que a *Federação Brasileira de Sociedades de Remo*, organizasse um campeonato escolar anual, competição que só ocorreu em 1905 e 1906. Cf: MELO, Victor A. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. Rio de Janeiro: *Revista Esporte e Sociedade*, n. 3, 2006, p 11-16.

³²⁰ O Spor. *Commercio do Paraná*. 11 fev 1914, p 2.

³²¹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 18 out 1914, p 3.

Com o que hontem vimos no novo campo do 'Paraná Sport Club' mais uma vez nos convencemos da justiça que faria a nossa Prefeitura se prestasse o auxilio que lhe foi solicitado, auxilio esse que se torna indispensavel, dado o grande sacrificio com que luta aquella associação sportiva para dotar nossa capital de um centro de reunião onde se passe horas de prazer e onde se possa cultivar qualquer genero de sport.³²²

Apesar dos inúmeros conflitos entre futebolistas e periodistas que encontramos no decorrer da pesquisa, é notável que em alguns momentos - especificamente diante das críticas de intelectuais ao futebol ou quando algum clube das elites pleiteava auxílio público - essas rusgas desapareciam, e os colunistas assumiam a posição de porta-voz dos *sportmen*, advogando pelos seus interesses. Não conseguimos apurar se o Paraná S. C. recebeu ou não os 5:000\$000, mas, durante esse processo, o clube se aproximou significativamente de Cândido de Abreu. Em 21 de outubro, o prefeito foi aclamado sócio honorário da agremiação³²³ e, em 11 de novembro, o mandatário recebeu em seu gabinete uma comitiva do Paraná S. C. para discutir os pormenores do projeto³²⁴.

Aproveitando-se das mal traçadas fronteiras entre o público e o privado que caracterizavam uma sociedade recém egressa da escravidão, com uma esfera pública ainda em consolidação, os clubes locais, por vezes, intercediam junto às instâncias municipais, afim de apropriarem-se de espaços comuns para o seu uso privado. Nesse sentido, o *Spartano Sport Club*, em 1916, solicitou à *Câmara Municipal* a praça Senador Correia, para ali construir o seu campo: "Requerimento do Spartano Sport Club, pedindo o uso e gozo da Praça Senador Correia, para nella estabelecer o seu campo de foot-ball"³²⁵.

De fato, como elucidam os exemplos narrados, ensaiou-se uma aproximação inédita entre o Estado e os clubes de futebol durante as gestões de Cândido de Abreu e Carlos Cavalcanti. Contudo, a destinação de dinheiro público para associações privadas, não se deu sem críticas. Muitas vezes se levantaram contra essa situação, questionando os supostos benefícios coletivos que esses auxílios trariam e atentando para o caráter elitista dessas associações "com quem nada tem o povo":

Veze tem havido em que o dr. Candido de Abreu, dando a mão a sociedades sportivas, as quaes tem auxiliado monetariamente, não vae de encontro a interesse algum da população. O povo da capital não quer saber, em absoluto, si em Coritiba existem ou não sociedades sportivas, que

³²² BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 21 out 1914, p 3.

³²³ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 22 out 1914, p 3.

³²⁴ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 11 nov 1914, p 3.

³²⁵ Acta da sessão em 26 de Julho de 1916 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1916, p 213.

nenhuma vantagem lhe trazem. O que elle quer saber é que os melhoramentos da cidade prossigam de molde a que Curitiba possa bem impressionar aos seus visitantes, concorrendo, tambem, para offerecer maior conforto aos municipes. Tem errado, pois, o sr. prefeito municipal prestando auxilios monetarios a sociedades com que nada tem o povo.³²⁶

No extremo oposto dos clubes da elite, estava o futebol de rua ou varzeano. A relação que a administração Cândido de Abreu estabeleceu com essa apropriação popular do esporte bretão é sintomática de um outro objetivo das reformas urbanas, qual seja, o de promover um verdadeiro saneamento social, que tinha como alvo central a cultura e os costumes populares, associados, pelas elites dirigentes, à desordem e atraso. Nesse processo, o alargamento do conceito de "ordem pública" e a estruturação de um aparato policial, encarado como "guarda avançada da vida e da propriedade"³²⁷, empurram ao âmbito do crime e da vigilância hábitos e divertimentos dos segmentos empobrecidos da população. Como afirma com ironia Maria Ignez De Boni:

Reurbanizar implicava, também, em afastar do espaço refinado, dos olhos e narizes das senhoras e cavalheiros que compravam suas *echarps*, luvas de pelica e gravatas da ultima moda parisiense no Chic de Paris ou ia ao Cinema Smart, a população pobre, suja e feia³²⁸.

Em meio a essas transformações urbanísticas, o próprio sentido da rua, seus usos e apropriações, são ressignificados. Segundo Ediméri Stadler Vasco, os logradouros públicos eram o espaço por excelência dos trabalhadores e homens pobres de Curitiba. Era nas ruas que muitos trabalhavam, conversavam com amigos, se deslocavam, flertavam, faziam pequenos negócios, se prostituíam, brigavam, bebiam, brincavam e até moravam. Entretanto, com o alvorecer do século XX, o então espaço de sociabilidade torna-se espaço de fluxo, de velocidade, de circulação de veículos, ideias e mercadorias, onde a pausa e a fixidez não teriam mais espaço:

A rua não era mais o que era nem o que representava para a população de outrora. Até meados do século XIX era possível apropriar-se dela como o lugar do lazer, da brincadeira, da imaginação da criança: nela brincavam meninos e algumas meninas a transpor em seus gestos e brincadeiras elementos do seu mundo mental e social. Mas, nesses novos tempos, a rua mudara, ela se tornara perigosa. Numa clara associação ao projeto de modernização do século XX que se inicia, a rua não é mais o espaço aleatório do público. Antes, ela era pensada e replanejada pelo Estado liberal no sentido de dotá-la eficientemente de seu sentido único: a passagem. Por ela, transitariam veículos por excelência. Os pedestres da Curitiba que se urbanizava deviam ter em mente a adequação à nova ordem do fluxo urbano. Nesse sentido, o espaço da rua do centro econômico da cidade foi alargado e devolvido à população com um novo sentido: o de atender à demanda social dos inúmeros transportes que levavam cargas e pessoas necessárias ao desenvolvimento da cidade.³²⁹

³²⁶ Enquanto a miseria bate a porta dos lares a prefeitura auxilia companhias teatraes. *Diário da Tarde*. 05 jul 1915, p 1.

³²⁷ BONI, Maria Ignês. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998, p 76.

³²⁸ Idem, p 42.

³²⁹ VASCO, E. *Op cit.* p 16.

Contudo, é preciso acrescentar que essas transformações nos usos de espaços públicos não se deram sem conflitos e resistências. Se é verdade que o projeto das elites locais correspondia à descrição supracitada, igualmente verdadeiro é o fato de que a população local se mostrou, durante todo esse período, insubmissa às novas normas. As ruas continuavam cheias de crianças, homens e mulheres, como nos demonstram as inúmeras notas na imprensa sobre atropelamentos e desordens de toda a natureza. Diante da falta de complacência das "classes perigosas", a alternativa era apelar à repressão e à vigilância sistemática dos espaços públicos. Nessa conjuntura, a própria prática do futebol nas ruas torna-se objeto da ação policial.

No tocante à legislação, além da proibição estabelecida pela *Instruções para o Transito de Vehiculos* de 1913, o *Codigo de Posturas do Municipio de Curitiba* de 1919, em seu capítulo V "Policimento das Ruas; Liberdade de Transito", artigo 82, estabelecia: "São rigorosamente prohibidos os jogos de foot-ball, diavolo e peteca nas vias publicas, bem como qualquer outro jogo que possa perturbar o transito. Pena de 20\$000 de multa"³³⁰. As mesmas *Posturas do Municipio*, no capítulo XIV "Casas de jogos. Diversões Publicas", artigo 218, dispunha: "Dependem de licença municipal: 1 - Casas de jogos de bilhar ou de bólas, compreendido o foot-ball [...] Ao infractor multa de 100\$000"³³¹. Na prática, enquanto o artigo 82 vedava a possibilidade de utilizar a rua enquanto espaço alternativo para as diversões futebolísticas, o artigo 218 dificultava o estabelecimento de campos improvisados na cidade, pois o espaço teria que passar pela inspeção municipal e os pagamento de taxas, que precedia a expedição da licença. Mais uma vez Curitiba não estava sozinha na iniciativa, em Salvador vigorava uma determinação da Intendência, desde 1903, que delimitava locais específicos para a prática do futebol³³², e São Paulo, em 1923, aprovou uma lei proibindo o esporte bretão em ruas e praças da cidade³³³.

Ao que tudo indica, a lei, efetivamente, foi aplicada, como sugere uma publicação de agosto de 1915, em *A República*: "O guarda n. 80 entregou ao sr. dr. Sampaio Quente! uma bolla que apreendeu de uns menores que jogavam foot-ball na rua 13 de Maio"³³⁴. Na realidade, a proibição da prática do futebol nas ruas, por meio da legislação municipal, transferia à alçada da

³³⁰ *Codigo de Posturas do Municipio de Curitiba*. Curitiba: Typ da Republica, 1919, p 26. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

³³¹ Idem

³³² SANTOS, H. *Op cit*, p 6.

³³³ STREAPCO, J. *Op cit*. p 16-17.

³³⁴ Ultimas noticias. *A Republica*. 18 ago 1915, p 2.

polícia a responsabilidade de mediar as disputas por espaço numa cidade em constante transformação. Aproveitando desse suporte legal, os próprios indivíduos incomodados com o futebol jogado nos logradouros públicos, passaram a se reportar à guarda civil, ou às colunas policiais dos periódicos curitibanos, reivindicando a ação policial no sentido de intervir para que a brincadeira cessasse. É o caso de Christiano Braun, morador da rua Padre Agostinho, no Campo da Galicia, que, em março de 1918, abriu uma queixa na polícia contra: "[...] muitos menores, dirigidos por 2 filhos de um seu vizinho de nome Schubell [que] constantemente promovem jogos de foot-ball de frente à sua casa tendo ainda hontem sido machucado com a bola um seu filho menor de 2 annos". Prossegue o queixoso: "[...] os menores, alem disso, costumam injuriar pessoas de sua familia"³³⁵. Não sabemos como terminou a denuncia de Braun, mas, periodicamente, os jornais noticiavam ações policiais dessa natureza. Em fevereiro de 1917, o *Diário da Tarde* narrou a história de um tal Miguel Silva, "extremado amante do football", que vivia a "dar com o pé na bola, chegando, mesmo a jogar até nas ruas centraes da cidade". Num dia de pouca sorte: o "footballer maniaco sahiu-se mal". Conforme o cronista: "[...] quando, entusiasmado, se preparava para fazer um goal na vidraça de uma casa da rua Marechal Deodoro, o guarda civil n. 90 deitou-lhe as mãos em cima, levando a bola e o 'boleiro' para o posto central"³³⁶.

Dessa maneira, enquanto os clubes da elite local se entrincheiravam em ligas excludentes e cercavam seus *grounds*, não raro, com auxílios públicos, as ruas se fechavam à prática do futebol e os campos improvisados passavam a ser regulamentados pela prefeitura. Era a reprodução, por meio do futebol, de um dilema mais amplo, que abarcava uma relação dual e conflitiva, por um lado, e circular e retroalimentar, por outro, entre as culturas de elite e popular. Como vimos no decorrer desse capítulo, desde sua chegada a Curitiba, o futebol foi apropriado de diversas maneiras, por diferentes grupos sociais. Nessa análise, nos focamos em duas dessas apropriações, o futebol praticado nas ruas e terrenos improvisados, associado ao lazer popular, e o futebol praticado nos clubes e *grounds* das elites locais³³⁷. A partir disso, mapeamos o desenvolvimento da prática em seus primeiros anos, a estruturação das primeiras agremiações

³³⁵ E preciso acabar com isso. *Diario da Tarde*. 05 mar 1918, p 2.

³³⁶ A Rua Deodoro não é ground , "seu" Silva!. *Diário da Tarde*. 20 fev 1917, p 3. Agradeço a Pamela Beltramin Fabris pela indicação.

³³⁷ Poderíamos ter optado por analisar outras formas de apropriação, como o futebol praticado nas escolas ou em instituições militares.

esportivas e ligas, a territorialidade dos campos, os conflitos entre os adeptos do futebol e seus inimigos, e a relação estabelecida pela imprensa e o poder público com o esporte bretão. Como percebemos, os espaços, equipamentos, regras, tempos, e, também, os valores, significados, modos e objetivos dessas apropriações eram distintas. Igualmente diferente foi a natureza da relação dessas práticas com a imprensa e o estado, que, se por um lado, apoiava e incentivava o futebol "formal", por outro, desencorajava e estereotipava o futebol "informal", chegando mesmo à proibição, pela legislação citadina, da prática nas ruas.

Mas, se os esforços para a seleção dos praticantes persistiam, a verdade é que nos anos finais da década de 1910 o futebol já tinha ser tornado uma febre na cidade, onde existiam algumas dezenas de clubes. Muitas destas agremiações, que surgiam semana a semana, estavam relacionadas a trabalhadores e homens pobres. O Operário F. C. de Curitiba, por exemplo, se orgulhava de ser: "[...] constituído somente de empregados Ferro-Viarios"³³⁸. O Graphico F. C., congregava os trabalhadores de gráficas e tipografias e o Carlos Gomes S. C. reunia os músicos e seresteiros. O Tiradentes F. C., era formado pelos inferiores e praças da força militar, o Artilheiro F. C. era composto pelos inferiores da artilharia, e o Fire S. C. congregava os bombeiros. Além dos clubes associados a determinadas profissões, haviam os clubes de bairro, como o Belfort Duarte S. C., que reunia os moradores da Vila Morgenau, o Mato Grosso F. C., fundado no Bigorriho, e, o Água Verde S. C., que representava o bairro homônimo.

Excluídos dos quadros da LSP - e, posteriormente, da *Associação Paranaense de Sports Athleticos* (APSA) e da *Associação Sportiva Paranaense* (ASP) -, esses clubes não tardaram a formar suas próprias ligas. Assim, em maio de 1917, na sede da *Sociedade Beneficente dos Trabalhadores da Herva Matte*, por iniciativa do Esperança, Botafogo, Guarany, Bello Horizonte, Villa Izabel, Ypiranga, Aymoré, Campo Alegre e Indiana, foi fundada a *Liga Sportiva Municipal* (LSM)³³⁹, que promoveria partidas entre os pequenos clubes da cidade e dos arrabaldes.

A expansão era também geográfica. Além de Curitiba, Ponta Grossa, Paranaguá e Antonina, encontramos menções à prática do futebol nos municípios de Araucária, Castro, Porto de Cima, Campo Largo, Colombo, Imbituva, Irati, Rio Negro, União da Vitoria, Lapa, Tibagi, Teixeira Soares, Três Barras, Morretes, e nos povoados de Poço Bonito e Foz do Iguaçu. Entre os

³³⁸ O Spor. *Commercio do Paraná*. 05 set 1914, p 2.

³³⁹ BROWN, W. Spor. *Commercio do Paraná*. 22 mai 1915, p 3.

novos clubes que surgiam, alguns eram formados por imigrantes italianos ou levavam referências à terra de origem em seus nomes. É o caso do Ítalo-Brasileiro S. C., de Colombo, o Mattarazzo F. C., de Antonina, e, de Curitiba, o Savoia F. C., o Torino F. C. e o Palestra Itália F. C.

CAPÍTULO 2 - DE MANTOS VERDE, VERMELHO E BRANCO: OS PRIMEIROS CLUBES FORMADOS POR IMIGRANTES ITALIANOS E A INSERÇÃO DE AGREMIÇÕES POPULARES NAS LIGAS DE FUTEBOL CURITIBANAS

2.1 Da "Bota" às chuteiras: imigrantes italianos em Curitiba

Às 17 horas do dia 26 de julho de 1918, pelos trilhos da estrada de ferro, chegava em Curitiba uma embaixada italiana, chefiada pelo deputado Vito Luciani, que estava em visita ao Brasil. Aproveitando o ensejo das comemorações pela vitória na Primeira Guerra Mundial, a comitiva procurava estreitar as relações entre Itália e Brasil, países que, se não por outros motivos, mantinham-se ligados pelos grandes contingentes humanos que atravessavam o Atlântico, saindo da "Bota" europeia para aportarem nas costas brasileiras, em direção aos núcleos coloniais do sul do país ou às fazendas de café paulistas.

Anunciando a chegada da missão diplomática, o editorial do *Commercio do Paraná* imprimiu, com os exageros característicos da imprensa do período, o tom retórico das relações entre as nações no imediato pós-guerra:

Essa visita é o significativo mais veemente da solidez dessa ligação de raça, desse espirito emanado do Lácio que tudo tem feito pelo Direito.

A decretação de feriado para o dia de hoje é uma justa homenagem prestada á nobre embaixada.

Outra prova mais real da nossa amizade não poderíamos dar á grande Italia que, na congregação dos esforços dos aliados [sic], ainda hontem [sic], no Piave poz á distancia, mais uma vez, a sanha carniceira do abutre teutonico.

Que sejam bem vindos á nossa terra os filhos da patria gloriosa, que bem compreendam a nossa affectividade, o nosso desvanecimento em os receber, assim como fazemos com a alma em festa num forte amplexo de irmãos.³⁴⁰

O mesmo periódico, no dia seguinte à chegada da comitiva, noticiou, em primeira página, os eventos programados para a recepção da embaixada. Em frente à estação ferroviária, a banda musical do Tiro Rio Branco entoava o hino italiano, oradores proferiam discursos entusiásticos à delegação. A mando do governado Affonso Camargo, um grupo de motoristas esperava os visitantes para um desfile pela cidade, que terminou às portas do Hotel Moderno, local onde os membros da embaixada ficaram hospedados. A "massa popular" que recepcionou os viajantes,

³⁴⁰ A embaixada italiana. *Commercio do Paraná*. 24 jul 1918, p 1.

segundo o impresso, era: "[...] composta em sua maioria de membros da distinta e laboriosa colônia italiana"³⁴¹.

É difícil mensurar o número exato de italianos que viviam em Curitiba nesse período. Entretanto, ao que tudo indica, em 1918 já era significativo o contingente de imigrantes dessa origem estabelecidos na capital paranaense. Ainda em 1914, o dr. Ranieri Venerosi, que havia passado alguns dias na cidade, escreveu um artigo - publicado originalmente na revista *Italia e Brasil*, e traduzido pelo *Diário da Tarde* - denominado "Impressões sobre o Paraná", no qual descrevia para seus compatriotas a situação dos imigrantes italianos estabelecidos na capital do estado. Segundo as contas de Venerosi: "[...] os italianos na capital são cerca de 4.000"³⁴². Os dados de Paolo Longhitano são mais vultosos, para o autor, dos cerca de 25.000 imigrantes italianos que viviam no Paraná em 1903, 5.000 residiam na capital³⁴³. Conforme veremos no decorrer dessa seção, foi em meados da década de 1870 que as primeiras colônias italianas foram estabelecidas no litoral do Paraná. O insucesso das iniciativas colonizadoras e a dificuldade de adaptação no litoral levaram muitos desses imigrantes a se estabelecerem em Curitiba e nos seus arredores, cultivando pequenos lotes nas colônias vizinhas ou sendo absorvidos, como empregados ou empregadores, por uma economia urbana em franca expansão. Para compreendermos a formação dos primeiros clubes de futebol desses imigrantes, é preciso nos reportarmos às características desse processo migratório.

Conforme Luiz Felipe de Alencastro e Maria Luiza Renaux, até meados do século XIX, enquanto funcionava o comércio internacional de escravos, tanto a política agrária brasileira quanto a política de imigração foram tímidas. A partir de 1850, quando o contrabando de escravos foi suprimido, esse quadro se alterou significativamente. Desse momento em diante, a vinda de braços europeus para o Brasil passou a ser uma demanda de grande parte dos fazendeiros, notadamente os cafeicultores, que pressionavam o Estado imperial no sentido de ampliar a mão de obra disponível. A fim de manter e fortalecer uma organização social baseada no grande latifúndio e na agricultura de exportação, os fazendeiros advogavam a vinda de proletários, com o objetivo central de recrutar pessoas que estivessem dispostas a suprir o

³⁴¹ A chegada do embaixador. *Commercio do Paraná*, 25 jul 1918, p 1.

³⁴² VENEROSI, R. Como estão os italianos no Paraná. *Diário da Tarde*. 06 abr 1914, p 1.

³⁴³ LONGHITANO apud MASCHIO, Elaine C. F. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930)*. Tese em Educação - UFPR, Curitiba, 2012, p 258.

trabalho dos escravos que deixavam de vir da África. De outro lado, os burocratas e intelectuais imperiais, preocupavam-se com a alteração cultural e racial do país, portanto: "[...] tentavam fazer da imigração um instrumento de 'civilização', a qual, na época, referia-se ao embranquecimento"³⁴⁴.

Na região que compreende hoje o estado do Paraná, as iniciativas de colonização iniciaram antes mesmo da Independência do Brasil (1822)³⁴⁵. Contudo, foi após a emancipação da Província do Paraná, em 1853, que a imigração para essa localidade se intensificou. Ao passo que, em São Paulo, a vinda de imigrantes visava suprir de mão de obra nas lavouras de café em expansão; na região sul, o objetivo governamental era a colonização de vastos territórios, muitos deles ainda sobre domínio indígena, ou ameaçados em suas fronteiras pelos países vizinhos³⁴⁶. Em relação à Província do Paraná, o estímulo à vinda de imigrantes respondia a uma série de demandas das elites locais. Segundo Sérgio Odilon Nadalin, um dos objetivos foi o fomento ao cultivo de lavouras de subsistência, em pequenas propriedades, voltadas à produção de gêneros alimentícios que abasteceriam os núcleos urbanos em expansão, repletos de potenciais consumidores. Além disso, o povoamento de territórios por imigrantes objetivava "resolver uma questão demográfica". Conforme o autor: "[...] o Paraná era uma província que recebera sua emancipação política há pouco tempo e que via na ocupação territorial uma forma de garantir seu espaço político"³⁴⁷.

Apesar de não ser o único alicerce da economia local, a substituição da mão de obra escrava foi uma das motivações para incentivo à imigração na Província do Paraná. Como observou Nadalin, com os braços europeus - idealizados pelas elites administrativas como "morigerados e laboriosos" - pretendia-se superar o que os grupos dominantes locais consideravam os "males de origem" ou "vícios" de uma sociedade tradicional de tipo escravista.

³⁴⁴ ALENCASTRO, Luiz F; RENAUX, Maria L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes IN: ALENCASTRO, Luiz F. *História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p 293.

³⁴⁵ Ainda em 1816, sob o governo de Dom João VI, algumas famílias açorianas foram estabelecidas na região de Rio Negro. Em 1829, já sob o reinado de Dom Pedro I, um grupo de alemães se juntou aos açorianos naquele local. Em 1847, nas margens do Ivaí, o médico João Mauricio Faivre, por iniciativa privada, fundou, com imigrantes franceses, a colônia Thereza, e em 1852, também por iniciativa privada, desta vez de Carlos Perret Gentil, foi fundada a colônia Superaguy, em Guaraqueçaba, com suíços, franceses e alemães BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969, p 157-159.

³⁴⁶ Para um panorama do assunto, conferir: ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. IN: SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p 215-288.

³⁴⁷ NADALIN, Sérgio O. *Paraná: Ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001, p 74.

Nesse sentido, a condição para o progresso estava calcada na superação da herança escravista, com o conseqüente branqueamento da população local³⁴⁸.

É em meio a esse contexto, nacional e regional, que se situa a imigração italiana para o Brasil e o Paraná. Como observou Angelo Trento, podemos falar da presença de italianos nas Américas desde o processo de colonização, contudo, é apenas a partir dos anos 1870 que a imigração italiana para o Brasil tomará maiores proporções, consubstanciando-se em um fenômeno de massas entre os anos 1880 e 1914. Segundo Trento, dos mais de 3.600.000 imigrantes que entraram no Brasil, entre 1880 e 1924, cerca de 34% eram italianos. Esse percentual sobe para 54% se tomarmos apenas os imigrantes que entraram entre 1880 e 1904. Em termos globais, o Brasil assumiu a terceira posição como destino de imigrantes italianos entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial, acima do qual se encontram a Argentina, destino de cerca de 2.400.000 imigrantes, e os Estados Unidos, em primeiro lugar, com aproximadamente 5.000.000 italianos³⁴⁹.

Em sua obra, Trento traça um panorama geral dos fatores de expulsão que precipitaram a emigração em massa de italianos. Segundo o autor, foram múltiplas as causas da emigração transoceânica. Do ponto de vista demográfico, a redução do índice de mortalidade e a estabilidade do índice de natalidade na Itália, após 1870, provocou um aumento populacional significativo. Do ponto de vista econômico, a depressão agrícola que assolou a Itália nos anos 1880, desencadeou uma crise de carestia de alimentos. Houve ainda uma redução na procura de mão de obra pelo Império-Austro Húngaro e a Alemanha, locais de trabalho temporário para camponeses da Itália setentrional. No caso do Vêneto, local de origem de grande parte dos italianos estabelecidos no Paraná, a guerra comercial com a França em 1887 e o fim das construções de obras públicas, contribuíram, em maior ou menor medida, na disposição de emigrar desses indivíduos. O aumento dos impostos no campo, o confisco de terras por dívidas e, sobretudo: "[...] a impossibilidades, para os camponeses, de conseguirem dinheiro vivo, o qual lhes era cada vez mais necessário e, até, indispensável, impulsionou massas inteiras a atravessar o

³⁴⁸Segundo Nadalin, houve certa romantização da figura do imigrante. Para as elites locais, a vinda de estrangeiros: [...] traduzia-se numa receita para o progresso, via introdução do imigrante branco, livre, pacífico e trabalhador, capaz de ajudar a apurar e 'tonificar' - leia-se branquear - tanto a 'raça' brasileira como o trabalho. O contato com o imigrante europeu deveria servir à eliminação das máculas da sociedade brasileira e levar o elemento nacional a produzir.

Idem.

³⁴⁹TRENTO, Angelo. *Do outro lado do atlântico: um século de imigração italiana para o Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988, p 18.

oceano"³⁵⁰. Frente a esse quadro complexo, Trento é enfático a respeito da pauperização da vida para esses camponeses: "Miséria! Esta é a verdadeira e exclusiva causa da emigração transoceânica entre 1880 e a Primeira Guerra Mundial"³⁵¹.

A acentuada precarização das condições de vida do campesinato italiano, impossibilitou, para um número relevante de pequenos agricultores, a manutenção da posse de terras no país de origem. Nesse contexto, a região sul do Brasil se apresentava atrativa a esses imigrantes desejosos da posse de terras. Como observa Trento: "[...] a região oferecia a esse emigrante a possibilidade de tornar-se, em poucos anos, dono de um sítio de dimensões em média bem maiores do que ele tinha tido na pátria"³⁵².

No Paraná, segundo Altiva Pilatti Balhana, entre 1830 e 1860, os alemães de Rio Negro e Dona Francisca - região de Joinville, Santa Catarina - se deslocaram para o rocío de Curitiba, estabelecendo-se em pequenas chácaras nos arredores da cidade, o que facilitava o escoamento de sua produção. Observando o sucesso da imigração espontânea e seu impacto no aumento da produção e do comércio nesses núcleos, a partir de 1870, notadamente na administração de Adolpho Lamenha Lins, esse programa de estabelecimento de núcleos coloniais nos arredores de centros urbanos foi dinamizado e expandindo para as regiões dos campos gerais e do litoral. É nessa década que teve início a imigração italiana para o Paraná³⁵³. Antes disso, segundo Elaine Cátia Falcade Maschio, apenas um número reduzido de famílias havia se estabelecido na colônia Assungui, a primeira colônia criada após a emancipação política do Paraná, na década de 1860, uma colônia mista, que contava ainda com famílias francesas, inglesas, alemãs e suíças³⁵⁴.

Em 1871, o governo provincial firmou contrato com Savino Tripoti, que ficou responsável por instalar imigrantes italianos no litoral paranaense, formando uma colônia para esse fim. O primeiro grupo de imigrantes só aportou em Paranaguá em fevereiro de 1875, e o segundo, apenas em setembro de 1876. Esses imigrantes se estabeleceram em Alexandra, colônia fundada por Tripoti, que escolheu o local pela proximidade do porto de Paranaguá (cerca de 14

³⁵⁰ Idem, p 31.

³⁵¹ Id, p 30.

³⁵² Id, p 80.

³⁵³ BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978, p 22-24.

³⁵⁴ MASCHIO, Elaine C. F. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930)*. Tese em Educação - UFPR. Curitiba, 2012, p 48.

Km de distância)³⁵⁵. Por uma série de fatores, a experiência da colônia Alexandra durou pouco tempo, sendo que, ainda em 1877, o presidente da província Adolfo Lamenha Lins, rescindiu o contrato com Sabino Tripoti, tomando para a província a responsabilidade sobre os colonos já estabelecidos e sobre as famílias recrutadas na Itália.

Segundo Balhana, o malogro da colônia Alexandra se deve a vários fatores. Dentre eles, destaca-se o descumprimento, por parte do Estado, das disposições contratuais referentes à aplicação de recursos financeiros na introdução e instalação dos colonos e a displicência de Tripoti quanto ao cumprimento dos prazos para a fixação de imigrantes, além de sua ineficiência na gestão e execução do programa de colonização³⁵⁶. Conforme Maschio, a colônia Alexandra era pequena para o número de famílias estabelecidas, o clima era impróprio para as formas de cultivo e as culturas da região setentrional da Itália. Ao frio do Vêneto, região de origem de grande parte desses imigrantes, se opunha o calor do litoral paranaense, ao qual se uniam os insetos, vetores de doenças típicas das florestas subtropicais. As terras, situadas em terrenos de alto declive e difícil acesso, eram improdutivas. Diante dessas situações, as reclamações acerca das condições de vida em Alexandra eram constantes, e muitos colonos expressavam seu desejo de voltar para a Itália, sentindo-se enganados pelas falsas propagandas a respeito do Brasil³⁵⁷.

Segundo Maschio, o interesse inicial do governo era estabelecer os imigrantes no litoral para fomentar a indústria açucareira. Num primeiro momento, não estava nos planos da província realocar essa população na região do planalto curitibano, mesmo porque esse espaço já era povoado por imigrantes alemães e poloneses³⁵⁸. Nesse sentido, para acomodar os colonos que não desejavam permanecer em Alexandra e os imigrantes que continuavam a chegar da Itália, o governo provincial criou a colônia Nova Itália, em 1877. A nova colônia contava com doze núcleos que se estendiam pela região dos atuais municípios de Antonina, Morretes e Porto de Cima³⁵⁹.

Conforme Maschio, a colônia Nova Itália era bem maior que a Alexandra, mesmo assim, os problemas relativos ao clima e às doenças permaneciam, além do que, a dificuldade de acesso e locomoção prejudicava a comercialização dos produtos dessas colônias, que ainda sofriam com

³⁵⁵ BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 24.

³⁵⁶ *Idem*, p 4.

³⁵⁷ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 50.

³⁵⁸ *Idem*

³⁵⁹ BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 27.

as enchentes em períodos de grandes chuvas, quando os rios Nhundiaquara e Sagrado transbordavam³⁶⁰. Para Balhana, os ônus da experiência de Alexandra, e em menor medida, de Nova Itália, se fizeram sentir no Paraná e na Itália, repercutindo negativamente e criando um: "[...] clima desfavorável à colonização no litoral paranaense"³⁶¹. Devido às péssimas condições, em 1878, três anos após a fundação dessas comunidades, restaram na região litorânea, poucas famílias italianas emigradas.

Diante do fracasso dessas iniciativas, a maioria dos imigrantes estabelecidos nas colônias do litoral dirigiu-se ao planalto curitibano de forma gradativa, instalando-se ali de diversas maneiras. Maschio estabelece quatro modos pelos quais os imigrantes italianos se fixaram na região de Curitiba e seus arredores:

1) famílias e indivíduos que se instalaram no centro de Curitiba e ali desenvolveram o comércio, exercendo profissões liberais ou dedicando-se ao trabalho operariado; 2) famílias que compraram lotes em núcleos coloniais nos arredores da capital, compostos predominantemente por outras etnias; 3) famílias que compraram terras de proprietários particulares; e 4) famílias que adquiriram lotes em núcleos coloniais criados pelo governo para acolher exclusivamente imigrantes desta etnia - com um tempo garantido para quitar as despesas com a viagem, os instrumentos agrícolas e seus lotes³⁶².

No ano de 1878 foram fundadas as primeiras colônias italianas do planalto curitibano. Em agosto começou a funcionar a Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra, composta por vênnetos, trentinos e tirolezes. Em setembro foram fundadas as colônias Alfredo Chaves, Antonio Rebouças e Dantas (Água Verde). Em novembro, foi a vez de Santa Felicidade. As últimas compostas por imigrantes provenientes do Vêneto³⁶³. Posteriormente, outros núcleos coloniais que receberam imigrantes italianos - em sua maioria eram colônias mistas - foram estabelecidos nas proximidades da cidade, como Mendes Sá (1883), Santa Gabriela (1886), Presidente Faria (1886), Antonio Prado (1886), Maria José (1887), Eufrásio Correia (1888), Balbino Cunha (1889) e Dona Maria (1889)³⁶⁴.

³⁶⁰ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 51.

³⁶¹ BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 27.

³⁶² MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 19.

³⁶³ A colônia Dantas (Água Verde) - tornou-se o bairro Água Verde; A colônia Santa Felicidade, hoje é um bairro de Curitiba com o mesmo nome; A colônia Antonio Rebouças hoje é um bairro rural de Campo Largo; A colônia Alfredo Chaves é hoje o município de Colombo; E a colônia Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra é um bairro rural de Piraquara. *Idem*, p 60-62.

³⁶⁴ BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *Op cit.* p 164-167. Ver também: MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 19 e BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 27-28.

As colônias italianas nos arredores de Curitiba cumpriram a mesma função das alemãs e polonesas, qual seja, o abastecimento de alimentos na cidade, provenientes dos excedentes de produção da agricultura de subsistência desenvolvida em pequenas propriedades rurais. A proximidade da capital favorecia o deslocamento e comercialização desses produtos agrícolas. Por conta dessas atividades econômicas, muitos desses colonos, mantiveram uma relação intensa com a cidade, para onde iam frequentemente vender os produtos das lavouras. Segundo Balhana, depois da fixação no planalto curitibano, os imigrantes encontraram condições de vida favoráveis: "Superadas as dificuldades dos primeiros contatos com o país de adoção e realizados os reajustamentos de localização, existe um consenso de que os imigrantes italianos estabelecidos no Paraná passaram logo a desfrutar condições de vida bastante favoráveis"³⁶⁵.

Quanto aos números, segundo Romário Martins, entre 1829 e 1934, entraram 8.798 italianos no Paraná, sendo que, apenas entre 1875 e 1878, período denominado pelo autor de "rusch italiano", chegaram à região 4.350 indivíduos oriundos da península itálica³⁶⁶. Segundo Martins, os italianos formaram o quarto maior contingente de imigrantes que se fixaram no Paraná, atrás apenas dos Poloneses, com 47.731 imigrantes; Ucrânicos, com 19.272 e Alemães, com 13.319³⁶⁷. A expansão dessa população se deu, não apenas pelos imigrantes diretos e os reemigrantes - aqueles vinham de outras cidades, estados ou países, para Curitiba - mas também pela reprodução desses grupos. Estudando o comportamento populacional da colônia Santa Felicidade entre 1888 e 1909, Balhana indica que o número médio de filhos de uma família era de 9,92 filhos. Para a autora, a elevada taxa de fecundidade explicaria a grande expansão que esse grupo teve no decorrer dos anos³⁶⁸.

Em termos globais, baseado em documentos diplomáticos, relatos de viajantes e estudiosos do período, Angelo Trento desenvolve uma estimativa da presença italiana no Paraná, entre 1875 e 1914. Os dados levantados pelo autor apontam para um número de 10.000 em 1895; 19.000 em 1900; 25.000 entre 1901 e 1904; 20.000 em 1912; e 30.000 em 1913³⁶⁹. Cabe ressaltar ainda, conforme observou Maschio, que: "[...] diferente da colonização italiana que se estabeleceu nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e São Paulo, onde as levas de

³⁶⁵ BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 28.

³⁶⁶ : MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empreza Grafica Paranaense, 1941. p 76.

³⁶⁷ Idem, p 53.

³⁶⁸ BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.* p 78.

³⁶⁹ TRENTO, Angelo. *Op cit.* p 84.

imigrantes acabaram se concentrando em regiões específicas, no Paraná, a colonização italiana foi dispersa³⁷⁰. Desse modo, os números dos quais dispomos, dizem respeito aos imigrantes espalhados por todo o território paranaense, sendo difícil apontar com exatidão o número daqueles que se fixaram na capital e em seus arredores, recorte espacial dessa pesquisa.

Quanto à origem regional desses imigrantes, conforme Maschio, a maior parte provinha do Vêneto³⁷¹. De modo mais detalhado, novamente o que dispomos é de dados relativos a Santa Felicidade. Para essa localidade, segundo Balhana:

Os dados confirmam a predominância, entre os colonos, de pessoas originárias do Vêneto, e permitiram especificar suas paróquias e dioceses de origem, revelando que a maioria dos imigrantes que se estabeleceram nessa Colônia italiana eram oriundos de Vincenza. Em seguida apareceram Padua, Treviso, Verona, Cremona, Belluno, Ceneda, Udine, Feltre, Veneza, com representação muito pequena em relação aos vicentinos.

É possível ainda precisar as indicações constantes de atas ao nível das localidades menores dessas províncias. As atas evidenciam que havia grupos originários de Lúpari, Rosà, Dueville, Grômolo, Sandrigo, Pozzanela, San Nazario, Tezze, Brusaporco, Godego, Valstagno, e outras.³⁷²

Além daqueles que, saindo dos núcleos coloniais do litoral, se estabeleceram nas colônias nos arredores de Curitiba e em outras regiões do estado, houve indivíduos e famílias que migraram por conta própria à cidade de Curitiba, onde aturam na indústria e no comércio, como proprietários ou operários. Esses indivíduos, segundo Maschio, se estabeleceram no centro urbano da cidade, especialmente nas regiões do Largo São Francisco, Mercês, Ahú e Bigorriho³⁷³. A respeito da situação desses imigrantes italianos fixados na região urbana de Curitiba, o viajante dr. Ranieri Venerosi escreveu, em 1914, que a "coletividade italiana" era representada:

[...] em quasi todas as profissões; os italianos possuem mais de 70 casas de commercio, entre grande e pequenas, e, especialmente, são numerosos os armazens (solidos e liquidos - comestiveis); entre os comerciantes italianos ha varias fortunas de alguns milhões, a maior parte das posses italianas são de algumas dezenas de mil liras. Em Coritiba são italianos muitos hoteis, entre os quaes os maiores: são-n'o [sic], tambem, muitos alfaiates, sapateiros, fabricantes, marceneiros e carroceiros; alguns fabricantes de licores, de pastas alimenticias e de phosphoros. Não faltam alguns medicos, engenheiros, empreiteiros de obras, que firmaram uma optima posição e formam um nucleo distincto da colonia italiana.

Alem dos profissionais e dos negociantes por conta propria, é assás [sic] consideravel em Coritiba o numero de operarios assalariados. A classe operaria italiana não é formada somente pelos residentes na cidade, mas outrosim [sic] por muitos filhos de colonos residentes nas colonias vizinhas. Os operarios italianos sao principalmente pedreiros, marceneiros, empregados da fabrica de phosphoros, dos negocios, etc. As suas condições são discretas, os salarios sao bastante

³⁷⁰ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 18.

³⁷¹ Idem, p 47-58.

³⁷² BALHANA, Altiva P, *Op. Cit.*, p 56-57.

³⁷³ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 58.

remuneradores, sendo actualmente a mão de obra muito procurada, dado o desenvolvimento continuo em que se encontra a cidade, desde alguns annos. Conheci alguns profissioaes e operarios que nos ultimos mezes deixaram S. Paulo para vir estabelecer-se em Coritiba, porque a localidade offerencia condições mais favoraveis.³⁷⁴

O artigo de Venerosi nos oferece algumas indicações importantes a respeito dos italianos estabelecidos na área urbana da capital paranaense. De fato, como aponta o viajante, a participação dos imigrantes e seus descendentes no comércio e na indústria paranaense foi relevante no início do século XX. Levantando os registros de firmas na *Junta Comercial do Paraná*, entre 1890 e 1929, Altiava Pilatti Balhana constatou que, das 4.644 firmas existentes, 60,55% tinham como proprietários imigrantes e seus descendentes, e 39,45% pertenciam a proprietários de ascendência luso-brasileira. Nesse quadro, do total das firmas registradas, 24,20% pertenciam a proprietários de ascendência alemã, enquanto 15,20% pertenciam a italianos³⁷⁵. No que a autora classifica como "serviços em geral": "[...] como transportes e viagens, hotéis, pensões, restaurante e bares, cinemas e diversões, lavanderia e tinturaria, e funerária [...]", os italianos tinham 22,36% das firmas registradas no estado, e 28,28% das de Curitiba³⁷⁶. No setor de "minerais não metálicos": "[...] com as louças, cerâmicas, telhas e tijolos, e outros [...]", eram de italianos 31,31% das firmas registradas no estado³⁷⁷. Nos "couros, curtumes e similares", os italianos eram responsáveis por 23,71% das firmas registradas³⁷⁸. 21,59% das firmas do setor de "metalúrgica e mecânica", pertenciam a imigrantes italianos³⁷⁹, e, no setor de "alimentos e bebidas em geral", a participação desse grupo era de 21,45%³⁸⁰.

Apesar da maior parte desses comércios e empresas se tratarem, na verdade, de pequenas iniciativas, muitas vezes de recursos precários e vida efêmera, já era possível notar, no início do século XX, a formação de um elite imigrante italiana em Curitiba, que se distinguia dos operários, pequenos lavradores e trabalhadores em geral de ascendência italiana, segundo parâmetros de "status, poder e riqueza"³⁸¹. Outro viajante, Domenico Bartolotti, fez a seguinte observação a respeito dos italianos em Curitiba no seu diário de viagem: "Os nossos compatriotas

³⁷⁴ VENEROSI, R. Como estão os italianos no Paraná. *Diário da Tarde*. 06 abr 1914, p 1.

³⁷⁵ BALHANA, Altiava P. Participação dos imigrantes no comércio e indústria do Paraná - 1890/1929. IN: *Un Mazzolino de Fiori, vol II*. Curitiba: Imprensa Oficial, 2003. p 290.

³⁷⁶ Idem, p 291.

³⁷⁷ Id, p 292.

³⁷⁸ Idem.

³⁷⁹ Id.

³⁸⁰ Ibid, p 294.

³⁸¹ BURKE, P. *Op cit*. p 16.

mais consideráveis residem principalmente na capital, onde tem sido formado um núcleo agradável da intelectualidade italiana, com forte influência no país"³⁸². Bartolotti, notou ainda o "valor moral e econômico" desse grupo:

A colônia italiana de Curitiba é a mais importante, não tanto pelo número de cerca de quatro mil compatriotas, quanto pelo seu valor moral e econômico, sendo constituída de profissionais, comerciantes, industriais e diversos trabalhadores qualificados, em boas condições econômicas, como tem demonstrado também as diversas e prósperas instituições italianas.³⁸³

Ricardo Costa de Oliveira, em seu estudo sobre as elites dominantes do Paraná, atentou ao estabelecimento do que chamou, inspirado em Warren Dean, de "burguesia imigrante"³⁸⁴. Para Oliveira, os indivíduos que compunham essa "burguesia imigrante" trouxeram experiências prévias da Europa, alguns já haviam desenvolvido atividades no comércio ou na manufatura, pertenciam a uma classe média com algum capital disponível, conheciam as demandas de produtos e serviços (alimento, vestimenta, etc.) específicas desses grupos emigrados, além de ter acesso a fontes de capitais e fornecedores do continente de origem³⁸⁵. O autor chama atenção para algumas das famílias italianas que compunham esse segmento restrito, como os Todeschini ou os Romani, que enveredaram pela indústria alimentícia; os Bettega e os Zagonel, que dirigiram madeireiras; ou os Malucelli, que investiram em diversas áreas como a agricultura, o comércio e a indústria³⁸⁶.

Outro segmento ao qual Ranieri Venerosi faz menção, é o dos profissionais liberais, médicos, engenheiros, arquitetos e os "intelectuais", aos quais se refere também Bortolotti. Nesse sentido, Curitiba destoa do quadro geral traçado por Angelo Trento sobre a imigração italiana no Brasil. Conforme o autor: "Somente um setor da atividade urbana a emigração italiana não teve praticamente peso algum: o das profissões liberais"³⁸⁷. Especialmente no que se refere aos engenheiros, arquitetos e construtores, imigrantes como Ernesto Guaita, André Petrelli, Giovanni Lazzarini, Carlos Borromei, Ângelo Botuchia e Santiago Colle, Antonio Fanchim, para citar apenas alguns, tiveram grande importância no processo de expansão da arquitetura eclética em Curitiba. Muitos desses indivíduos migraram para região na década de 1880, para trabalhar na

³⁸² BARTOLOTTI apud MASCHIO, E. *Op Cit.* p 259.

³⁸³ BARTOLOTTI apud MASCHIO, E. *Op Cit.* p 267.

³⁸⁴ OLIVEIRA, Ricardo A. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001, p 125.

³⁸⁵ Idem

³⁸⁶ Ibid, p 131-133.

³⁸⁷ TRENTO, Angelo. *Op cit.* p 132.

construção da estrada de ferro Curitiba-Paranaguá e posteriormente se fixaram na capital. Alguns ainda fundaram construtoras que alçaram grande relevância no início do século XX. É o caso dos irmãos Bortolo e Pedro Bergonese, que em 1912 fundaram a "Bortolo Bergonese & Cia, engenheiros, arquitetos, construtores e empreiteiros", construtora responsável pelo prédio central da Universidade do Paraná, a sede do *Banco Francez e Italiano*, a sede do Clube Curitibano, o Colégio Sagrado Coração de Jesus, entre outros inúmeros edifícios³⁸⁸.

Apesar do destaque que os viajantes deram a essa elite imigrante, ela certamente compunha um estrato reduzido dos italianos que se estabeleceram na localidade. A maior parte era composta de pequenos lavradores, operários e trabalhadores urbanos, sujeitos que, pela própria banalidade de suas ocupações, apareciam com pouca frequência na imprensa, quando muito, nas colunas policiais ou imersos nas coletividades anônimas que recepcionavam autoridades diplomáticas. Eram pedreiros, marceneiros, sapateiros, carroceiros, operários das fábricas da cidade, os quais Ediméri Stadler Vasco, em seus estudos sobre a classe trabalhadora de Curitiba, encontrou, analisando processos crime, frequentemente em botequins de contrerãos, envolvidos em brigas com indivíduos de outros contingentes étnicos ou nacionais, os quais se referiam a eles, por vezes, pela alcunha pouco lisonjeira de "italianos de merda"³⁸⁹. Havia ainda aqueles que viviam do subemprego e da marginalidade, trabalhando como engraxates, jornaleiros, aguadeiros, ou desenvolvendo atividades ilícitas, como assaltantes, vendedores de jogos, prostitutas e cafetões³⁹⁰. Era o caso de Ignácio Zagorda que, segundo os depoimentos que o delegado Jose de Alencar Ramos Piedade prestou ao jornalista do *Commercio do Paraná*, era um imigrante italiano naturalizado Argentino, que trabalhou como "cafetão" em Buenos Aires até ser expulso do país, migrando assim para São Paulo, onde continuou a exercer a cafetinagem, até ser expulso do estado pela polícia, vindo parar em Curitiba, onde foi preso e deportado em fevereiro de 1915³⁹¹.

Existiam ainda militantes políticos, especialmente anarquistas, que, com o tempo, assumiram postos de liderança no movimento operário local. Segundo Silza Maria Pazello

³⁸⁸ SUTIL, Marcelo. *O Espelho e a Miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século 20*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009, p 59-67. Vale ressaltar que, segundo Sutil, os responsáveis pela disseminação inicial do estilo eclético em Curitiba, foram os imigrantes alemães. Quando os construtores italianos chegaram, encontraram um ambiente onde o ecletismo já era aceito e estava em plena expansão, ultrapassando limites étnicos.

³⁸⁹ VASCO, Ediméri Stadler. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. Curitiba: Dissertação em História - UFPR, 2006, p 79.

³⁹⁰ TRENTO, Angelo. *Op cit.* p 131.

³⁹¹ O cafetismo. *Commercio do Paraná*. 18 fev 1915, p 2.

Valente, alguns imigrantes italianos que participaram da experiência anarquista da colônia Cecília, ao fim da empreitada (1894) reemigraram, dando continuidade às suas atividades políticas em cidades como Palmeira, Santa Bárbara, Antonina, Paranaguá, Ponta Grossa, São Paulo e Curitiba. Para a capital paranaense, entre outros, dirigiram-se Reinaldo Parodi, Carlos Torti e Ernesto Faccini, que participaram do movimento operário. Egizio Cini, que editou o periódico *Il Diritto*, e, posteriormente, tornou-se industrial no ramo de bebidas. Os ferroviários e Alexandre Nanonni, Luigi Crollanti, Maderna e Pedro Bruno. O professor Domênico Códaga, e o intelectual e líder operário Gigi Damiani, que dirigia, em 1904, o jornal anarquista *O Despertar*³⁹².

Essas múltiplas facetas dos imigrantes oriundos da península itálica em Curitiba, correspondiam, igualmente, a múltiplas possibilidades de identificação desses - e entre esses - sujeitos. De fato, por trás da denominação "imigrante italiano" se esconde uma pluralidade de experiências e vivências que, a referência nacional "italianos", pode, por sua natureza homogeneizadora, mascarar ou diminuir. Se é verdade, como observou Stuart Hall, que as identidades e culturas nacionais são: "[...] um *dispositivo discursivo* que representa a diferença como unidade ou identidade [...]", sendo, "[...] atravessadas por profundas divisões e diferenças internas, sendo 'unificadas' apenas através do exercício de diferentes formas de poder cultural [...]"³⁹³, essa observação é ainda mais válida para os imigrantes italianos que chegaram ao Brasil entre fins do século XIX e início do XX.

Conforme Luigi Biondi, entre os imigrantes italianos: "[...] o sentimento de pertencimento à um estado-nação ou a uma comunidade nacional comum, definível por um conjunto amplo de valores compartilhados e consolidados, era muito flébil no final do século XIX"³⁹⁴. Estado de unificação tardia, o Reino da Itália, consolidado entre 1861 e 1870, mal havia se formado quando teve início a emigração em massa de seus cidadãos. Segundo João Fábio Bertonha, no período em questão, a formação de uma "identidade italiana" era um problema de difícil resolução na própria Itália. As divisões entre norte e sul que começavam a se configurar, a persistência de identidades regionais, os conflitos entre os meios urbano e rural e entre a elite e o povo, impunham

³⁹² VALENTE, Silza M. P. *A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920*. Londrina: Ed, UEL, 1997, p 110-111.

³⁹³ HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p 62. Grifo do autor.

³⁹⁴ BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011. p 36.

obstáculos de difícil superação para a conformação de uma ideia de coletividade entre os habitantes do Estado italiano. Segundo Bertonha, quando da unificação, apenas cerca de 2,5% dos habitantes do reino falavam italiano, quase todos da elite e apenas em ocasiões formais³⁹⁵. Para o autor, essas divisões se refletiam no mundo da imigração: "[...] os emigrantes italianos não se viam, muitas vezes, como compatriotas, mas como vênetos, calabreses, lombardos ou sicilianos, com grande dificuldades de comunicação e um sem-número de preconceitos e barreiras linguísticas e culturais entre eles"³⁹⁶.

Mesmo no Paraná, onde, segundo Balhana, o número de vênetos chegou a ultrapassar os 90% do total de imigrantes italianos³⁹⁷, essas divisões regionais não deixaram de se manifestar. A título de exemplo, a colônia Alfredo Chaves era composta por imigrantes que se recusaram a estabelecer-se em Santa Maria do Novo Tyrol da Boca da Serra. Segundo Maschio, a recusa se deu por dois motivos, o primeiro era a distância daquela colônia de Curitiba, e o segundo: "[...] era o fato de que os primeiros imigrantes a se instalarem naquela colônia eram italianos tirolezes/trentinos (da região italiana do Tirol), enquanto as famílias que se estabeleceram na colônia Alfredo Chaves eram vênetos (da região do Vêneto)"³⁹⁸. Luigi Biondi, que estudou a atuação dos trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, entre 1890 e 1920, afirmou que havia um "embate entre múltiplas identidades"³⁹⁹ entre esses imigrantes, especialmente no que se refere aos valores de classe e os nacionais. Certamente esses "embates de identidades" ocorreram também em Curitiba, não apenas por divisões de classe, mas também por divisões quanto às ocupações no país receptor (lavradores das colônias X trabalhadores urbanos), de gênero, ideológicas, etc.

A fragilidade da "identidade italiana" e os conflitos internos aos imigrantes não passaram despercebidos a Ranieri Venerosi. Comentando a respeito das associações fundadas pelos imigrantes italianos em Curitiba, Venerosi reclama das divisões no interior da "colônia", lamenta a dissolução dos "costumes nacionais" e reprova a atitude dessas associações, em aceitar "indiferentemente" sócios italianos e nacionais:

A colonia italiana em Curitiba encontra-se, no conjunto, em condições economicas assás florescentes. Como collectividade, ella não deixou de dar vida a instituições philanthropicas e á

³⁹⁵ BERTONHA, João F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005. p 56.

³⁹⁶ Idem.

³⁹⁷ BALHANA, Altiava P. *Op. Cit.*, p 16.

³⁹⁸ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 67.

³⁹⁹ BIONDI, Luigi. *Op Cit*. p 33.

sociedades de Mutuo Soccorso; mas no entanto, faltou na colonia a concordia, e as divisoes, baseadas na inveja e nas lutas pessoais, fizeram fenecer as boas iniciativas de caracter nacional.

A Sociedade de Mutuo Soccorso, em seguida a uma dolorosa scisão, tem agora tres filhos masculinos e tres femininos. A mais importante dos filhos é a "Giuseppe Garibaldi", que possui um bello edificio na parte mais elevada da cidade.

A secção local da "Dante Alighieri", que vive uma vida muito solida, promoveu a fundação duma escola italiana, que recebe o auxilio de mil liras do real governo e é frequentada por cerca de 35 alumnos. É esta a unica escola italiana da cidade, e é doloroso constatar que seja frequentada por um numero de alumnos tão desproporcionado com a população italiana. [...]

Ouvi muitas vezes lamentar, por italianos respeitaveis e conhecedores do meio, que a nossa colonia de Curitiba e dos arredores vá caminho do desagregamento quanto á conservação nacional, e, ainda, eu mesmo devia constatar a veracidade da affirmação. Uma boa parte dos nossos compatriotas lá residentes deixaram rapidamente absorver pelo meio e se podem considerar como nacionalizados (brasileiros) nos sentimento e nos costumes.

A indiferença que acima notamos, pela conservação da lingua italiana nos filhos, é um indice assás significativo; observa-se, doutro lado, que qualquer das sociedades de mutuo soccorso italianas, instituições que por toda a parte conservam o caracter rigorosamente nacional, em Curitiba, ao contrario, tem indifferentemente como socios italianos e brasileiros.⁴⁰⁰

Nessa conjuntura, desde fins do século XIX, floresceram diversas associações mutualistas ligadas aos imigrantes italianos fixados em Curitiba. Conforme levantamento de Maschio, em 1883, foi fundada a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi*, e dois anos depois a *Società Regina Margherita*, braço feminino da Garibaldi. Em 1866, surgiu a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Vittorio Emanuele III*. Entrando no século XX, em 1904 foi fundada a *Società Italiana Operária Vêneta di Beneficenza di Santa Felicidade*; em 1905 a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Cristoforo Colombo*; no mesmo ano a *Società Rosa di Natale*, para filhas de associados da Garibaldi; ainda em 1905, a *Società Operária Beneficente Internazionale di Água Verde*; e, em 1916 a *Società Italiana di Beneficenza Livorno Ítalo-Brasileira*⁴⁰¹.

Essas sociedades são, por um lado, exemplos de iniciativas que visavam a integração desse grupo, seja prestando assistência em casos de doenças, morte, velhice, desemprego, impossibilidade de trabalho ou por meio de ações filantrópicas, seja na promoção de atividades que visavam conservar e/ou forjar um sentimento de identificação com o país de origem. Por outro lado, e a um só tempo, a multiplicação dessas associações se configura na própria expressão dos conflitos e das diferenças no interior desse grupo, muitas vezes impressas nos nomes ou nas finalidades dessas sociedades. Algumas traziam referências diretas a uma localidade ou colônia em especifico, como Santa Felicidade ou Água Verde, outras eram destinadas apenas às mulheres, o que apontava para um associativismo específico em relação aos homens. Havia

⁴⁰⁰ VENEROSI, R. Como estão os italianos no Paraná. *Diário da Tarde*. 06 abr 1914, p 1.

⁴⁰¹ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 253.

aquelas que se autoproclamavam operárias, reivindicando assim uma identidade de classe, enquanto outras faziam referência a regiões específicas da Itália, como Vêneto e Livorno. A própria Livorno trazia em seu nome a expressão "ítalo-brasileira", evocando a especificidade dessa identidade imigrante, que destoava da simples "sociedade italiana", ou das referências a figuras com elevado apelo patriótico, como o rei Vittorio Emanuele III, o navegador Cristóvão Colombo ou o revolucionário Giuseppe Garibaldi. Os clubes de futebol fundados posteriormente por esses italianos radicados em Curitiba, guardaram essas mesmas ambiguidades características dessa dinâmica associativa.

A proliferação de associações, muitas vezes de organização precária e vida curta, acompanhada de diversas cisões entre essas entidades, não foi uma característica específica do associativismo italiano em Curitiba, como nos faz acreditar o relato de Ranieri Venerosi. Com efeito, a partir da segunda metade do século XIX até as primeiras décadas do século XX, surgiram uma série de associações fundadas pelos italianos que emigraram para o Brasil. Essas associações eram destinadas aos mais variados fins, desde a ajuda mútua até a promoção da cultura e da língua italiana, passando por aquelas dedicadas à prática esportiva, à promoção de ações beneficentes, literárias, políticas, dentre outras. De maneira geral, as cisões e disputas por influência no interior dessas iniciativas se conformaram em uma tendência desse movimento associativo.

A primeira sociedade de assistência mútua formada no Brasil por imigrantes italianos, foi a *Società Italiana di Beneficenza*, fundada em 1854, no Rio de Janeiro. Em São Paulo, em 1878, foi fundada a *Società Italiana di Beneficenza*, a primeira de muitas sociedades mutualistas que existiram nessa cidade até o final da década de 1920. Segundo dados de Biondi, relativos apenas às sociedades mutualistas da capital paulista, entre 1878 e 1920 foram fundadas cerca de 44 sociedades para esse fim⁴⁰². Pelo interior do estado de São Paulo também surgiram associações ainda no século XIX, como a *Circolo Italiani Uniti*, fundada em Campinas, em 1881. No Rio Grande do Sul, segundo Angelo Trento, a primeira sociedade italiana foi a *Società Italiana di Mutuo Soccorso e Beneficenza*, fundada em 1871, na cidade de Bajé: "[...] que tinha, entre outras, a finalidade de divulgar o conhecimento da língua materna"⁴⁰³. Em 1877, em Porto Alegre, foi criada a *Società di Mutuo Soccorso e Beneficenza*, que em 1878, acresceu ao nome "*Vittorio*

⁴⁰² BIONDI, Luigi. *Op Cit.* p 52.

⁴⁰³ TRENTO, Angelo. *Op cit.* p 171.

Emanuele II", em homenagem ao rei da Itália. Mesmo em locais onde o contingente de imigrantes italianos era menor, se comparado à região sul e sudeste, associações foram fundadas por iniciativa desses imigrantes, no período analisado. Na região amazônica, a primeira sociedade dedicada aos socorros mútuos foi fundada ainda no final do século XIX e homenageava em seu nome a Princesa Helena de Motenegro, esposa do rei italiano Vittorio Emanuele III. Na cidade de Belém, a partir de 1912, passou a funcionar a *Società Italiana di Beneficenza*, e em 1919 foi fundada a *Unione Italiana D'Instruzione e Mutuo Soccorso*⁴⁰⁴.

Segundo dados de Angelo Trento, os cinco estados com maior número de associações italianas em 1908 eram São Paulo, com 170 associações, seguido pelo Rio Grande do Sul, com 53; Minas Gerais, com 24; Rio de Janeiro, com 9; e Paraná, com 7. Contudo, em número de associados, o Paraná superava o Rio de Janeiro, contando com 973 sócios, distribuídos pelas sete associações, enquanto o Rio de Janeiro contava apenas com 926, nas nove sociedades daquele estado. Em 1923, o número de sociedades italianas no Paraná subiu para 16, levando o estado à terceira posição em número de associações, atrás apenas de São Paulo, com 94, e Rio Grande do Sul, com 45. Cabe ainda notar que, de todos os estados analisados pelo autor, Paraná e Pará são os únicos em que o número de associações aumenta entre 1908 e 1923⁴⁰⁵.

Se, entre fins do século XIX e início do século XX, as sociedades formadas por imigrantes italianos expandiam em quantidade, o mesmo não se verificava em estrutura ou número de sócios. A situação era ainda agravada pelas constantes cisões no seio dessas agremiações, como observou Trento: "[...] assistiu-se a uma verdadeira pulverização das instituições italianas, sobretudo a partir da segunda metade dos anos 90"⁴⁰⁶. Para o autor, a fragilidade das associações italianas se dava por três motivos:

A causa dessa fraqueza orgânica, da latente tendência à cisão e à nova fundação, do multiplicar-se de tantas minúsculas e ineficientes "panelinhas" de amigos e clientes (salvo as devidas exceções) deve ser provavelmente atribuída ao fato de que a elite econômica e intelectual italiana, participando pouco da vida política e pública do país - por impossibilidade ou por escolha -, descarregava na vida associativa da colônia ambições, frustrações, manias de grandeza e querelas pessoais. [...] Outro motivo que explicava a multiplicação das entidades associativas era, como dissemos, a persistência e o fortalecimento de identidades regionais e locais. Por fim, não podemos esquecer que a dispersão da imigração no interior de São Paulo e o isolamento em todo o sul do Brasil facilitavam o aparecimento de iniciativas associativas em cada cidade ou colônia de povoamento.⁴⁰⁷

⁴⁰⁴ EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): Pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008. p 231-233.

⁴⁰⁵ TRENTO, Angelo. *Op cit.* p 171.

⁴⁰⁶ *Ibid*, p 172.

⁴⁰⁷ *Idem*.

Diante desse contexto associativo pulverizado, povoado de tensões e desacordos, nem mesmo as tentativas de formar uma federação das sociedades italianas do país, em 1904, ou de São Paulo, em 1884 e 1890, lograram êxito⁴⁰⁸.

Em paralelo à proliferação de associações, houve uma acentuada intensificação nas estratégias de promoção da "italianidade" entre as comunidades de emigrantes espalhadas ao redor do mundo. Segundo Bertonha, o período que vai da unificação da Itália à Primeira Guerra Mundial, foi marcado por diversos esforços do Estado e das elites italianas no sentido de construir uma unidade nacional que rompesse com as: "[...] divisões linguísticas, regionais e culturais que impediam os diferentes povos da Itália de se sentirem realmente italianos"⁴⁰⁹. Para o autor, essas iniciativas tiveram êxito e repercutiram nas "outras Itálias", comunidades de emigrantes estabelecidas para além das fronteiras da península:

É quase um consenso entre os historiadores da imigração italiana que o campanilismo ou identidade local (aldeia/província) e o regionalismo ou identidade regional (regiões) que caracterizaram os imigrantes italianos em fins do século XIX e início do XX estavam sendo gradativamente substituídos, nas primeiras décadas do século XX, por uma identidade italiana, o que, em boa medida, deve ser atribuído justamente à força do nacionalismo que emanava da Itália e atingia as coletividades italianas do exterior.⁴¹⁰

No Brasil, segundo Bertonha, apesar da identidade regional não ter sido completamente suplantada pela italiana, há, no início do século XX, um visível fortalecimento desta: "[...] as comemorações e festas nacionais italianas começaram a atrair cada vez mais público, enquanto as elites italianas locais (e, em menor escala, o governo italiano) lançavam-se ao trabalho para construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia"⁴¹¹.

Para Amado Luiz Cervo, até o governo de Francesco Crispi (1887-1891) a imigração era um tema pouco explorado pela política externa italiana. A partir de Crispi, com o auxílio de Pisani Dossi, chefe de gabinete do *Ministero degli Affari Esteri*, essa situação fica alterada⁴¹². Conforme Cervo, apesar de considerar a emigração um mal, Crispi tinha consciência da impossibilidade de contê-la, atuando, portanto, em sua regulamentação. Durante sua gestão, a emigração se converteu em elemento de política externa italiana, onde o aparelho diplomático era

⁴⁰⁸ Ibid, p 175-177.

⁴⁰⁹ BERTONHA, João F. *Op cit.* p 60.

⁴¹⁰ Idem.

⁴¹¹ Ibid, p 61.

⁴¹² CERVO, Amado L. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992. p 63.

orientado em duas direções: "[...] tutelar ou proteger os italianos no exterior e mantê-los vinculados à pátria"⁴¹³. Além de fiscalizar a atuação das companhias de emigração, direcionar as correntes migratórias e tutelá-las no exterior, o Estado italiano, a partir de Crispi, atuou no sentido de: "[...] retardar as naturalizações e inibir a assimilação, entrando em conflito com os governos que recebiam. Estimulou o sentimento da italianidade, favorecendo a criação de escolas, hospitais, jornais, associações beneficentes"⁴¹⁴.

Nesse processo, segundo Maschio, as escolas tiveram papel fundamental na divulgação da "italianidade". Durante a gestão Crispi, foi instituído as *Scuole Italiane All'estero*, uma rede composta por escolas governamentais e escolas privadas - laicas, confessionais, relacionadas a sociedades de mutuo socorro ou fruto de iniciativas particulares - que atenderiam os emigrados, recebendo subsídios do Estado italiano, caso se adequassem ao programa escolar deste. Os responsáveis pelas escolas italianas estavam submetidos à inspeção do *Ministero Affari Esteri*, que recebiam relatório de inspetores e agentes consulares sobre as atividades nesses estabelecimentos de ensino⁴¹⁵.

Conforme Maschio, no Paraná, as iniciativas escolares étnicas foram reduzidas, se comparadas às de outros estados que receberam esse contingente migratório, entretanto: "[...] apesar de diminutas, a atuação dessas escolas foi fundamental para a difusão do sentimento de *italianità* entre os imigrantes e os descendentes italianos de Curitiba". Essas instituições: "[...] mantidas em parte pelo governo italiano, e em parte, pelas famílias, associações, sacerdotes, congregações religiosas, e em raros casos, com auxílio do governo brasileiro, integravam juntas os projetos identitários do Estado Italiano e da Igreja Católica"⁴¹⁶.

Apesar dessas considerações, Maschio não imputa um papel exclusivo ao governo italiano no processo de conformação de uma identidade comum entre esses imigrantes estabelecidos em Curitiba. Conforme a autora: "[...] além do movimento de *italianità* forjado pelo Estado italiano, existia o arsenal cultural perpetuado no interior das famílias, como parte inerente da condição de partícipes de outra cultura". Para Maschio, os imigrantes possuíam "traços culturais distintos",

⁴¹³ Ibid, p 12.

⁴¹⁴ Idem.

⁴¹⁵ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 250.

⁴¹⁶ Ibid, p 251.

"um conjunto de costumes, hábitos, crenças, valores" que os distinguia da comunidade receptora⁴¹⁷.

À essas observações, deve-se acrescentar ainda a peculiaridade da experiência imigrante. Na condição de estrangeiro, a própria identificação enquanto "outro" - os "italianos" - por parte da sociedade receptora, apesar de não dissolve-las, contribui na ressignificação das diferenças internas ao grupo. Fredrik Barth chamou atenção para o papel da "autoatribuição" e da "atribuição por outros", como um dos traços fundamentais na constituição dos grupos étnicos e suas fronteiras. Segundo Barth: "Na medida em que os atores usam identidades étnicas para categorizar a si mesmos e outros, com objetivos de interação, eles formam grupos étnicos nesse sentido organizacional"⁴¹⁸. Para o autor, embora as categorias étnicas levem em consideração as diferenças culturais entre os grupos, a relação entre os grupos étnicos e uma suposta cultura específica a esses grupos - os "traços culturais distintos", aos quais se refere Maschio –, não é tão simples e unilateral. Conforme Barth: "As características que são levadas em consideração não são a soma das diferenças 'objetivas', mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes". Ao passo que: "[...] alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados, e, em alguns relacionamentos, diferenças radicais são minimizadas e negadas"⁴¹⁹.

É nesse contexto, entre 1914 e 1915, de intensificação do associativismo entre os imigrantes italianos e fortalecimento do sentimento de "italianidade", que foram fundados os primeiros clubes de futebol por imigrantes italianos e seus descendentes em Curitiba, acompanhando uma tendência de proliferação de clubes já significativa no período, conforme analisamos no primeiro capítulo dessa dissertação. Com efeito, essas iniciativas não eram originais, conforme Regina FonticIELha De Rose, existia em Caxias do Sul, desde 1910, o Esporte Clube Ideal, formado majoritariamente por italianos que, após uma cisão na agremiação, migraram para o Esporte Clube Juventude, fundado em 1913, na mesma cidade. Ainda em Caxias do Sul, em 1918 foi fundado um Esporte Clube Savoia⁴²⁰. O mesmo nome Savóia foi escolhido por outra agremiação de italianos, situada em Votarantim, um subdistrito de Sorocaba, no interior

⁴¹⁷ Ibid, p 29.

⁴¹⁸ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART (org.). *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011. p 194.

⁴¹⁹ Idem.

⁴²⁰ DE ROSE, Regina F. *A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação em Ciências do Movimento Humano - URGs. Porto Alegre, 1996. p 65-71.

do estado de São Paulo, que funcionava desde 1900. Em Porto Alegre, ainda em 1909, imigrantes italianos em parceria com luso-brasileiros fundaram o *Sport Club Internacional*, para fazer frente aos alemães do *Grêmio Foot Ball Porto Alegrense* e do *Fussbal Porto Alegre*⁴²¹. Apesar dessas iniciativas anteriores, é mesmo na conjuntura da Primeira Guerra Mundial, diante da onda nacionalista provocada pelo conflito, que um número maior de clubes de futebol foram formados pelos imigrantes italianos no Brasil.

2.2 Savoia e Torino: futebol e italianidade em tempos belicosos

Em agosto de 1914, conforme João Paulo França Strepco, as duas entidades que disputavam o controle do futebol em São Paulo, a *Liga Paulista de Foot-Ball* (LPF), por um lado, e a *Associação Paulista de Sports Atlético* (APSA), por outro, organizaram dois eventos esportivos concorrentes, de forte apelo à comunidade italiana local. Na ocasião, dois clubes da Itália visitaram a cidade, o Torino e o Pro-Vercelli, o primeiro convidado pela LPF e o segundo pela APSA. O Pro-Vercelli, por conta de uma estratégia de promoção da APSA, fora aclamado pela imprensa paulista como "Representação Oficial Italiana", obtendo licença junto ao Consulado Italiano em São Paulo para utilização de uniformes azuis, numa clara alusão ao selecionado italiano. Em uma cidade onde a presença de imigrantes italianos era massiva, ambos os jogos tiveram grande apelo popular. Segundo Strepco, as partidas tiveram um efeito inesperado por essas ligas, qual seja: "[...] o estímulo do futebol dentro das comunidades de italianos e seus descendentes em decorrência das visitas de equipes italianas"⁴²².

Para Strepco, o entusiasmo provocado pelos jogos entre os italianos residentes em São Paulo, se mesclou aos apelos nacionalistas que reverberavam da Europa, em razão da recente deflagração da Primeira Guerra Mundial. Nessa conjuntura, diversos clubes de futebol relacionados aos imigrantes italianos e seus descendentes foram fundados na capital paulista. O autor cita como exemplos, as agremiações: "*Touring F. C.*, *Smart F.C.*, *Società Calcistica Florentia Amicci dello Sport*, o *Paraíso F. C.*, *Ítalo F.B.C.* ou o *Itália F.C.*"⁴²³. O Palestra Itália

⁴²¹ GOELLNER, Silvana V. MAZZO, Janice Z. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. MELO, Victor Andrade. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010. p 189.

⁴²² STREAPCO, J. *Op cit.* p 133.

⁴²³ *Ibid*, 136.

de São Paulo foi fundado no mesmo contexto, em 26 de agosto de 1914: "[...] após a publicação de uma carta, em 14 de agosto, seguida de uma convocação no dia 19, no *Fanfulla* (jornal de maior circulação em São Paulo, na década de 1920, em língua italiana, dirigido aos imigrantes italianos)"⁴²⁴. Conforme Strepco: "A fundação do Palestra Itália está diretamente relacionada às visitas dos times italianos em agosto de 1914"⁴²⁵.

Em Curitiba, o primeiro clube de futebol organizado por imigrantes italianos e seus descendentes foi o *Savoia Foot-Ball Club*, criado alguns dias antes do Palestra Itália paulistano, em julho de 1914. Antes dele, como vimos anteriormente, é provável que, desde 1904, o Clube Tivoli organizasse atividades futebolísticas entre seus associados, sem maiores repercussões na imprensa local. Na verdade, após a fundação dos primeiros clubes, a partir de 1909, era relativamente comum encontrar italianos e seus descendentes entre os jogadores de diversas agremiações locais. A título de exemplo, no Internacional de 1914, jogava Manfredini, no Coritiba, Meneghetti. Em 1915, Francalacci defendia o Spartano, enquanto Borghetto atuava pelo Americano⁴²⁶. Portanto, apesar de não existir ainda um clube relacionado diretamente a esses imigrantes e seus descendentes, o futebol já era conhecido e praticado por esses sujeitos.

Em nossa pesquisa, não encontramos qualquer menção à fundação do Savóia nos jornais locais. Contudo, uma nota publicada no *Diário da Tarde*, em 1915, noticiou a realização de um baile, no dia 01 de agosto, um domingo, em comemoração ao primeiro aniversário da agremiação⁴²⁷. Por se tratar de um domingo, dia comum para a realização de festas, principalmente em se tratando de um clube em que, como veremos, grande parte dos sócios eram trabalhadores, não podemos afirmar com exatidão se o dia do aniversário corresponde à data do festejo. Seja como for, o fato é que os primeiros meses de atividade do clube não foram cobertos pela imprensa local, o que indica que a agremiação tinha pouca relevância do ponto de vista dos cronistas esportivos. Para ser mais exato, as primeiras notícias a respeito do Savóia publicadas no *Diário da Tarde* e no *Commeccio do Paraná*, datam de novembro de 1914, algo em torno de três

⁴²⁴ ARAUJO, José R. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000, p 83.

⁴²⁵ STREAPCO, J. *Op cit.* p 135.

⁴²⁶ CHERESTENZEN, Levi M. MACHADO, Heriberto, I. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígitus, 1994. p 12-18.

⁴²⁷ FORWARD, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 04 ago 1915, p 3.

ou quatro meses após sua fundação, quando o clube disputou uma partida contra a segunda equipe do Internacional F. C.⁴²⁸.

Conforme Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen, o Savóia foi fundado em 14 de julho de 1914, reunindo jovens italianos do Borghetto, na região de Água Verde. Na palavra dos os autores:

Em 14 de julho de 1914, no subúrbio do Borghetto, sob a liderança de Tarquínio Todeschini, foi fundada uma equipe de futebol com o nome Savóia F.C. [sic], em homenagem a família real italiana, adotando as cores da "Casa de Savóia" - verde, vermelha e branca. Todos os descendentes da Colônia Italiana daquela região e do Bairro do Água Verde, tornaram-se adeptos do novo clube. Participaram da primeira diretoria os senhores Tarquínio Todeschini (como presidente), Alexandre Gutierrez, Felisberto Passos e Antônio Cavichiolo - estes últimos fundadores.⁴²⁹

Carneiro Neto corrobora com essas informações, apenas acrescentando entre os fundadores Luiz Perolla e a família Turin⁴³⁰. Em agosto de 1915, o *Commercio do Paraná* publicou a composição do que, provavelmente - tendo em vista que os mandatos dos diretores de clubes costumavam durar um ano nesse período -, foi a segunda diretoria do Savóia. Devido às várias reeleições, podemos ter uma ideia de qual foi a primeira diretoria do clube:

Presidente, Felisberto Passos (reeleito); vice-presidente, Tarquinio Todeschini (reeleito); 1º Secretário, Edgard Zargo (reeleito); 2º Secretário, Sebastião Pereira, thesoureiro, José Sartori (reeleito); orador, Humberto Moletta; director sportivo, Antonio Levorato; captain, José Carlini (reeleito); vice captain, Guilherme Ross; Guarda Sport, Guilherme Costa.
Comissão de Sindicância - Humberto Rosseto (reeleito); Antonio Mazati e Alcides Sampaio.⁴³¹

Algumas informações podem ser extraídas da notícia. A primeira, é que o presidente do Savóia, entre 1914 e 1915, foi Felisberto Passos e não Tarquinio Todeschini. A segunda, e mais relevante, é que, apesar das evidentes referências à "italianidade" expressas na reivindicação por parte do clube de símbolos italianos, como a menção à casa real de Savóia no nome e a utilização das cores da bandeira italiana no uniforme, a agremiação contava em sua diretoria, desde o início, com indivíduos de sobrenomes luso-brasileiros ao lado dos italianos. Nesse sentido, o Savóia parece não se distanciar muito do perfil traçado por Ranieri Venerosi sobre as associações

⁴²⁸ KEEPER, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 14 nov 1914, p 2. E: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*, 14 nov 1914, p 2.

⁴²⁹ CHERESTENZEN, L. M. MACHADO, H. I. *Op cit.* p 6.

⁴³⁰ NETO, Carneiro. *O vôo certo: a história do Paraná Clube*. Curitiba: S/Ed, 1996, p 1.

⁴³¹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 15 ago 1915, p 3.

italianas de Curitiba, que aceitavam "[...] indiferentemente como socios italianos e brasileiros"⁴³².

Se nos atentarmos às ocupações dos dirigentes do Savóia durante a década de 1910, percebemos que a maior parte deles não pertencia às elites locais. Até por esse motivo, a quantidade de informações acerca desses sujeitos na imprensa é deveras reduzida. Daqueles que obtivemos alguma informação, o orador Humberto Moletta era funcionário público, trabalhando como auxiliar técnico da Secretária de Obras Públicas do Paraná⁴³³. O capitão José Carlini era jardineiro⁴³⁴; Alcides Sampaio era soldado⁴³⁵; Sebastião Pereira era aluno da Universidade do Paraná⁴³⁶, José Sartori era membro do Conselho Administrativo da *Sociedade Vittorio Emanuele III*⁴³⁷, e Felisberto Passos e Edgard Zardo, eram, respectivamente, presidente e vice-presidente da Sociedade Beneficente dos Operários, nesse período⁴³⁸.

Mais abastados, eram Alexandre Gutierrez e Tarquinio Todeschini. O primeiro foi um importante criador cavalariço, ligado ao *Jockey Club Paranaense*, esteve entre os fundadores da Federação das Associações Rurais e foi superintendente da Rede de Viação Paraná - Santa Catarina, desenvolveu ainda diversas atividades no ramo agropecuário, ferroviário e, posteriormente, na imprensa radiofônica⁴³⁹. O segundo era irmão de Giuseppe Todeschini, proprietário de uma importante fábrica de massas alimentícias da cidade, a *Raphael Todeschini & Irmãos*, empresa na qual Tarquinio era gerente⁴⁴⁰. Como vimos no primeiro capítulo dessa dissertação, a indicação de pessoas com certo destaque social para ocupar cargos na diretoria dos clubes era uma estratégia fundamental para a inserção dessas equipes no círculo restrito do futebol formal curitibano. Esses sujeitos, por conta de suas redes de contatos, exerciam o papel de mediadores entre os pequenos clubes e as agremiações da elite, e, posteriormente, entre aqueles clubes e a liga.

⁴³² VENEROSI, R. *Op cit*, p 1.

⁴³³ Notas e Noticias, *A Republica*, 25 jun 1913, p 2.

⁴³⁴ Alistamento Eleitor Edital, *A Republica*, 27 set 1919, p 3.

⁴³⁵ *A República*. 18 set 1914, p 2.

⁴³⁶ A Magna Causa, *A República*, 25 jun 1915, p 2.

⁴³⁷ Associações, *A República*, 15 fev 1915, p 1.

⁴³⁸ Festa de beneficencia, *A República*, 05 jul 1916, p 1.

⁴³⁹ Sobre Alexandre Gutierrez, consultar: NICOLAS, Maria. *Almas das Ruas - Volume 1*. Curitiba: Editora Litéro-técnica, 1974. p 140; Exposição Pecuária, *A Republica*, 07 dez 1911, p 1. e 2 Exposição Pecuária, *A Republica*, 30 nov 1911, p 3.

⁴⁴⁰ Sobre os Todeschini, ver: OLIVEIRA, Ricardo C. *Op cit*, p 131. e MANFREDINI, Luiz A. A. *Empreendedores do Paraná: Curitiba*. Curitiba: FIEP/SENAI-DR/SESI-DR, 2011, p 39. Sobre Tarquinio: O caso das sementes de trigo desviadas da Secretaria de Agricultura. *A Republica*, 19 fev 1919, p 1.

Outro aspecto interessante do Savóia, foi a relação que o clube estabeleceu com diversas associações curitibanas. Como vimos, a agremiação contava em sua diretoria com homens ligados à direção da *Sociedade Vittorio Emanuele III* e ao *Jockey Club do Paraná*. Entretanto, foi mesmo com as sociedades operárias que o Savóia manteve uma relação de maior proximidade nesses primeiros anos de vida. Além de seu presidente e primeiro secretário serem, também, presidente e vice-presidente da Sociedade Beneficente dos Operários, o primeiro aniversário do clube foi comemorado na sede da Sociedade Beneficente dos Operários do Batel⁴⁴¹. Segundo Albuquerque, outra sociedade à qual o Savoia permaneceu ligado, foi a Sociedade Operário Beneficente Livorno Ítalo-Brasileiro, que reunia os operários de ascendência italiana do Borghetto e da Água Verde⁴⁴². Não estranha assim que, no início de 1917, o clube tenha se fundido com o *Operário Foot Ball Club Curitybano*, um clube que, nas palavras de Willian Brown, era: "[...] constituído pelos modestos operários da Estrada de Ferro, modestos mas honrados e que sabem ser verdadeiros sportmen"⁴⁴³.

Apesar das referências aos símbolos nacionais italianos por parte do Savóia, o que certamente evoca, ao menos no plano simbólico, uma intenção de se afirmar enquanto um clube representativo dos italianos estabelecidos em Curitiba, na prática, as divisões no interior desse grupo, como vimos, imperavam, impondo sérios obstáculos aos intentos da agremiação. Com efeito, se observarmos a trajetória desse clube, notaremos que no decorrer da década de 1910 o Savóia foi se afastando paulatinamente das pretensões de englobar a totalidade dos italianos, para, mais modestamente, se solidificar enquanto uma associação representativa dos imigrantes italianos, seus descendentes e os moradores em geral da região de Água Verde. Dessa maneira, no caso do Savóia, houve uma interação singular entre a identidade étnica e a identidade de bairro/colônia. Em suas memórias, abordando a distribuição geográfica dos imigrantes em Curitiba, Mario Marcondes de Albuquerque se refere às divisões espaciais e sua expressão na dinâmica associativa dos ítalo-brasileiros: "No centro da cidade existia a Dante Alighieri e no alto da praça da Ordem o Garibaldi, ficando o Livorno com toda a programação social e esportiva (através do Savóia F. C.) dos Italo-Brasileiros [sic] da zona sul"⁴⁴⁴.

⁴⁴¹ FORWARD, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 04 ago 1915, p 3.

⁴⁴² ALBUQUERQUE, M. M. *Op cit*, p 35. Não sabemos se a *Sociedade Operário Beneficente Livorno Ítalo-Brasileiro* e a *Società Italiana di Beneficenza Livorno Ítalo-Brasileira*, citada por Maschio, são a mesma instituição.

⁴⁴³ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 05 mar 1916, p 3.

⁴⁴⁴ ALBUQUERQUE, M. M. *Op cit*, p 35.

De alguma maneira, o próprio perfil da região de Água Verde, espaço de moradia de diversos imigrantes italianos, colaborava no “embaralhamento” dos sentimentos de pertencimento a um espaço específico e a um grupo étnico. Nessa região, conhecida por Água Verde devido à proximidade do rio de mesmo nome, fundou-se em 1878 a colônia Dantas, recebendo 166 imigrantes italianos que haviam recusado a se estabelecer na região de Timbutuva, município de Campo Largo, por sua distância da capital, o que impossibilitaria a comercialização de seus produtos. Segundo Maschio: "As terras que compunham os lotes da colônia foram adquiridas mediante pecúlio junto a Câmara Municipal de Curitiba"⁴⁴⁵. Escrevendo em 1914, Nestor Vítor classificava a região, situada a 2 km de Curitiba, entre os "arrabaldes e subúrbios" da capital. Conforme o autor, no ano de fundação do Savoia, essa localidade estava em processo de incorporação ao território urbano da cidade⁴⁴⁶. De fato, as previsões de Vítor estavam corretas, no decorrer das primeiras décadas do século XX Água Verde tornou-se um bairro da capital paranaense.

Devido à proximidade do núcleo urbano da cidade, da disponibilidade de bondes que ligavam o centro ao local e da abundância de espaços abertos na região, que ainda mantinha características rurais no início do século XX, o arrabalde de Água Verde foi utilizado para a prática do futebol, desde os primeiros anos do esporte na cidade. Em fins 1913, o Internacional S. C. inaugurou o seu *ground* na região, levando ao local, todos os fins de semana, centenas de adeptos do esporte bretão. Sem dúvidas, o fato de abrigar a principal praça esportiva da cidade, auxiliou na divulgação do futebol na região. Um ano após a fundação do Savóia, em dezembro de 1915, a localidade receberia um novo clube, o *Água Verde Sport Club*, que pretendia aglutinar os moradores do arrabalde de mesmo nome⁴⁴⁷. Até a dissolução do Savóia, em meados de 1917, o Água Verde S. C. teve pouco destaque nas publicações esportivas de Curitiba. Em 1918, por conta da saída do Savóia-Operário da *Associação Sportiva Paranaense* (ASP), diversos jogadores que haviam disputado o campeonato da ASP pelo Savóia no ano anterior - como Toni, Vítório, Falcine, Schultz e Tatu - migraram para o Água Verde S. C., que disputou a primeira divisão da

⁴⁴⁵ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*, p 70.

⁴⁴⁶ VÍTOR, Nestor. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996. p 143-144.

⁴⁴⁷ Na verdade há um debate a respeito da data de fundação do Água Verde S. C., enquanto Carneiro Neto afirma que foi em 17 de dezembro, Francisco Genaro Cardoso, defende que o clube foi fundado em 1916. Cf: NETO, C. *Op cit*, p 1. e CARDOSO, F. G. *Op cit*, p 425.

ASP em 1918 e 1919⁴⁴⁸. Depois de quase dois anos distante dos gramados, em março de 1919 o Savóia retornou às atividades⁴⁴⁹, se refiliando à ASP em abril daquele mesmo ano, apenas para disputar partidas amistosas, sem tomar parte no campeonato⁴⁵⁰. Em abril de 1920, o clube se funde com o *Água Verde S. C.*, com o objetivo de fortalecer a equipe para a disputa do campeonato local⁴⁵¹. O novo nome da agremiação, Savóia-Água Verde, expressava bem a situação desse clube, no meio do caminho entre o bairro e a nação.

Outro clube que surgiu nesse período e mantinha relações com os imigrantes italianos e suas associações, foi o *Torino Sport Club*. Apesar da referência que o nome faz à capital do Piemonte, é pouco provável que a agremiação tenha sido projetada para abrigar os imigrantes provenientes dessa região da Itália, segmento pouco expressivo do contingente que se fixou no Paraná. A hipótese mais cabível é que o clube tenha se inspirado no Torino F. C. italiano, que, como vimos, tinha visitado o Brasil poucos meses antes de sua criação. A nota de fundação do Torino S. C. foi publicada no *Diário da Tarde*, em 12 de fevereiro de 1915. Conforme o periódico, estavam entre seus fundadores: Alberto Pinto Cerqueira, Alcides Guimarães, Alcides Vardaneja, Antonio Smanhoto, Francisco Smanhoto, Manoel Seraphim, Nicolau Cosky, Raphael Muzzillo e João Pastiga⁴⁵². A diretoria da entidade foi eleita em 24 de março de 1915, ficando composta da seguinte maneira:

1º presidente, honorario, cavalheiro Carlos Humaitá; 2º presidente, honorario, cavalheiro André Pertelli; vice-presidente José Paladini; 1º secretário, Eponino Macuco; 2º secretário, Tulio Grandellis; 1º thesoureiro, Saturnino Soffiatti; 1º orador official, Carlos Bataglia; 2º orador, Tasso Silveira; director sportivo, Alcídio Vardanega; capitain, Nicolau Olcosky.⁴⁵³

Mais uma vez, assim como no Savóia, entre os associados estavam diversos indivíduos com sobrenomes de outras nacionalidades. A respeito desses sujeitos, encontramos poucas informações. Sabemos apenas que, em 1903, Jose Paladini era um dos editores do *Corrieri de Paraná*⁴⁵⁴, que, em 1917, Eponino Macuco era tenente da Guarda Nacional⁴⁵⁵ e que Tasso da

⁴⁴⁸ CHERESTENZEN, L. M. MACHADO, H. I. *Op cit.* p 20-27.

⁴⁴⁹ Sport. *Commercio do Paraná*. 12 mar 1919, p 2.

⁴⁵⁰ Sport. *Commercio do Paraná*. 18 abr 1919, p 4.

⁴⁵¹ Sport. *Commercio do Paraná*. 10 abr 1920, p 2.

⁴⁵² TENNIS, Paul. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*, 12 fev 1915, p 3.

⁴⁵³ FORWARD, John. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*, 24 mar 1915, p 3.

⁴⁵⁴ Festas da Recepção. *A Republica*. 27 out 1903, p 4.

⁴⁵⁵ Comando Superior da Guarda Nacional. *A Republica*, 19 nov 1917, p 4.

Silveira, no momento de fundação do Torino, era ainda um jovem poeta de vinte anos, prestes a lançar seu primeiro livro, *Fio d'Água*⁴⁵⁶.

Apesar da reunião que elegeu sua primeira diretoria ter ocorrido na sede social do *Jockey Club Paranaense*, o clube pareceu ser um tanto modesto. Durante seu período de existência, teve pouco destaque na imprensa curitibana, jogou na segunda divisão B - uma espécie de terceira divisão - da *Liga Sportiva Paranaense (LSP)* em 1915, e na segunda divisão da *Associação Paranaense de Sports Athleticos (APSA)*, em 1917. Desapareceu, mais ou menos no mesmo período que o Savóia, em 1917, para reaparecer em 1919 com o nome *Torino Football Club*⁴⁵⁷, quando passou a frequentar os campeonatos das ligas suburbanas de Curitiba. Se o Savóia era vinculado a diversas sociedades operárias, o Torino mantinha relações amigáveis com a *Società Italiana di Mutuo Soccorso Giuseppe Garibaldi*, onde realizava seus bailes e eventos sociais⁴⁵⁸.

Não parece ser uma mera coincidência, o fato da fundação do Savóia e do Torino - além de diversos outros clubes de futebol relacionados aos italianos radicados no Brasil - ter se dado em paralelo à eclosão da Primeira Guerra Mundial. Se, a onda nacionalista que emanava da Europa nesse contexto não é capaz de explicar, por si só, o aparecimento desses clubes, é inegável que o clima de exaltação patriótica fomentado pelo conflito auxiliou na precipitação dessas iniciativas. Com efeito, entre 1914 e 1918, os diversos clubes de imigrantes europeus existentes em Curitiba e seus associados se viram envolvidos, direta ou indiretamente, com esses tempos belicosos.

Em 26 de agosto de 1914, Frederico Faria de Oliveira noticiava a partida do capitão do Paraná S.C., o holandês G. Ruffelse, para a guerra:

Alcançado pela mobilização do exercito da sua patria, segue para a Hollanda, no vapor 'Gelria', do Lloyd Hollandez, o valoroso captain do Paraná Sports Club, sr G. Ruffelse.

O consagrado foot baller, como igual não pisou em terras do Paraná, é querido em meio dos intimos pelo seu honissimo character e quasi que idolatrado nas rodas sportivas, por gregos e troyanos.

Intelligente e instruido, o sr Ruffelse tem uma perfeita comprehensão da grandeza do nosso paiz e, por isso, promette a elle voltar, si não for infortunado na luta.

Que ás 12 honororissimas [sic] medalhas que assignalam os seus triumphos no sport se reunam outras tantas, attestando o perfeito cumprimento do seu dever na guerra, é o que desejamos a tão distincto sportman.⁴⁵⁹

⁴⁵⁶ RÜCKER, Joseane. Entre a afluência e o crepúsculo: o silêncio na poesia de Tasso da Silveira. IN: *Travessias*, vol 2, n 1. Cascavel, 2008. p 3.

⁴⁵⁷ OLIVEIRA, Frederico F. Sport. *Commercio do Paraná*. 18 mai 1919, p 2.

⁴⁵⁸ Binoculo Sportivo, *Diario da Tarde*, 06 ago 1915, p 3. e Sport. *Commercio do Paraná*, 22 out 1916, p 3.

⁴⁵⁹ OLIVEIRA, F. F. O Sport. *Commercio do Paraná*, 29 ago 1914, p 3.

G. Ruffelse não foi um caso isolado entre os associados do Paraná S. C. Conforme a *Gazeta do Povo*, em 1924, na matéria "O historico de nossos clubs": "Muitos dos directores e socios do Paraná, com a guerra, seguiram com destino a sua Patria e de lá não mais voltaram"⁴⁶⁰. Como analisamos na primeira parte do texto, o Paraná era um clube frequentado por diversos imigrantes ingleses, que compunham sua equipe de futebol, críquete e rúgbi, além de seu quadro diretivo. Com a deflagração do conflito, a agremiação perdeu boa parte de seus associados, que rumaram ao velho continente para lutar na guerra. Por conta do recrutamento dos atletas ingleses, a partir de 1914, houve um notável "abrasileiramento" dos sócios do clube.

No Rio de Janeiro, os clubes formados majoritariamente por ingleses também sofreram os efeitos do conflito. O *Paysandu Athletic Club* e o *Rio Cricket* tiveram que abandonar o campeonato de 1916 da Liga Metropolitana, por falta de jogadores. Segundo João Manuel Casquinha Malaia Santos: "Era um ciclo que se encerrava no futebol brasileiro. Um ciclo em que a primazia de jogadores de origem inglesa, ou que haviam estudado por lá, começava a decair"⁴⁶¹. Para o autor, por conta da redução dos intercâmbios de jogadores e equipes europeias em decorrência da guerra, os clubes da América do Sul passaram a intensificar seu contato, especialmente os argentinos, brasileiros e uruguaios. Houve ainda, uma aproximação mais efetiva entre os selecionados nacionais e o governo desses países, além de uma intensificação dos eventos internacionais. Santos cita como exemplos, a criação da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), em 1915, e inicio dos campeonatos sul-americanos em 1916⁴⁶².

Do ponto de vista dos imigrantes estabelecidos em Curitiba, o período que vai da deflagração da guerra, em meados de 1914, a abril de 1917, quando o governo brasileiro rompe as relações diplomáticas com a Alemanha em decorrência do torpedeamento do vapor "Paraná", foi marcado por diversas mobilizações relacionadas ao conflito. Em novembro de 1914, uma "comissão de senhoras polacas", aproveitando: "[...] o conflicto em que se debatem os seus opressores [...]", organizou uma festa: "[...] em beneficio da independencia da Polonia"⁴⁶³. Os alemães, segundo Pamela Beltramin Fabris, também se mobilizaram nesse sentido, promovendo

⁴⁶⁰Desportos. *Gazeta do Povo*, 02 abr 1924, p 4.

⁴⁶¹SANTOS, João Manuel M. C. *A Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. São Paulo: Tese em História - USP, 2010. p 130.

⁴⁶² Idem

⁴⁶³ LUIZA, M. Curitiba-Jornal. *Diario da Tarde*, 16 nov 1914, p 1.

festejos e comemorações patrióticas, nas quais os lucros auferidos eram enviados à Cruz Vermelha, por intermédio do Consulado Alemão⁴⁶⁴.

Mesmo que de maneira periférica, os clubes de futebol também participaram desses esforços de guerra. No dia 03 de outubro de 1915, o America S. C. organizou junto com o Clube Teuto-Brasileiro um festival em benefício da Cruz-Vermelha Alemã. Como noticiou o *Commercio do Paraná*, no dia 30 de setembro:

Os rapazes do America Sports Club, num gesto merecedor dos mais entusiasticos applausos, organizaram um grande festival, que se realizará no proximo domingo, no Prado, em beneficio da Cruz Vermelha Allemã.

O America, para a effectivação dessa iniciativa nobre, conta com a coadjuvação da sociedade Teuto-Brazileira, que, como era de esperar, adheriu á idéia, concorrendo assim ambas as associações com um obtulo para a piedosa instituição que nos campos de batalha anima e conforta o guerreiro.⁴⁶⁵

Na programação vespertina, que teve lugar no *Jockey Club*, ao lado das partidas de futebol, provas de ciclismo, atletismo e outros jogos, contava a execução do "hymno allemão com canto". A noite, um baile nos salões do Clube Teuto-Brasileiro fechou o evento.

Em Curitiba, conforme Nadalin e Fabris, a França exercia grande influência sobre os círculos intelectuais, e essa afinidade com o país fez com que muitas pessoas manifestassem seu apoio aos franceses na guerra⁴⁶⁶. O clima de polarização na cidade, entre os apoiadores dos franceses e dos alemães, foi capturado pelo cronista esportivo do *Diario da Tarde*, John Forward, que, informando o resultado de uma partida, provavelmente fictícia, aproveitou para satirizar a posição vacilante da Itália no conflito.

FRANCEZES V. ALLEMÃES

Teve lugar domingo ultimo as 8 horas, no "ground" da rua Ivahy, o match entre estes dois teams, sahindo vencedor os Francezes pelo score de 4 a 3.

Os goals dos Francezes foram marcados pelos seguintes jogadores: Bacquet 2, Dufлот 1 e Brigére 1.

Dos allemães foram marcados pelos seguintes: Flanzer 2 e Schoen 1.

Serviu como juiz o Italo, que foi "imparcialissimo".⁴⁶⁷

Apesar de formalmente ligada à aliança austro-germânica desde o século XIX, a Itália manteve uma posição ambígua durante a crise que originou a Primeira Guerra Mundial,

⁴⁶⁴ FABRIS, Pamela. *"Enquanto nós dormimos o alemão trabalha": relações entre a comunidade étnica germânica e a sociedade curitibana (1870-1918)*. Monografia em História - UFPR. Curitiba, 2009, p 38.

⁴⁶⁵ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 05 out 1915, p 3.

⁴⁶⁶ NADALIN, Sergio O. FABRIS, Pamela. *A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra*. IN: Revista de Historia Regional, Vol. 18, N. 1, 2013, p 23-30.

⁴⁶⁷ FORWARD, John. Binoculo Sportivo, *Diario da Tarde*. 13 jul 1915, p 3.

proclamando a neutralidade no início do conflito, e só entrando na guerra em 1915, ao lado dos franceses e ingleses. Para Bertonha, o país agiu de forma estratégica: "[...] pensando de forma cuidadosa o que cada bloco em disputa estava disposto a oferecer em troca de sua participação (territórios, colônias, etc.) e optando pelo lado que mais ofereceu"⁴⁶⁸. As repercussões da declaração de guerra, em 24 de maio de 1915, contra a Áustria-Hungria, e, em 1916, contra a Alemanha, tocaram o cotidiano dos italianos e seus descendentes na capital paranaense.

Ainda no final de maio de 1915, o *Regio Consolato d'Italia*, por meio do cônsul italiano em Curitiba, Carlo Umiltá, começou a publicar nos jornais curitibanos um chamado às armas endereçado aos reservistas italianos residentes no Brasil⁴⁶⁹. A convocatória gerou um intenso debate na imprensa local durante todo o primeiro semestre de 1915, a respeito da legitimidade da ação da diplomacia italiana e a situação dos filhos de imigrantes residentes no país⁴⁷⁰. Em 10 de junho de 1915, o *Commercio do Paraná* noticiou a passeata e o embarque dos primeiros 26 reservistas que partiam de Curitiba para o Rio de Janeiro, onde tomariam o navio *Principessa Mafalda* em direção à Itália. Na nota, o periódico se posiciona claramente a favor dos aliados, saudando os defensores da "raça latina" que partiam para a guerra.

Foi vibrante a despedida, hontem, dos reservistas italianos que deixaram o Paraná para irem para sua patria, onde vae combater pela expansão territorial da peninsula, contra o imperio dual austro-hungaro. A frente, uma banda de musica, levada pelas bandeiras da nacional e italiana. grande massa popular atravessou as ruas, saudando as redações, debaixo de vivas á Italia, ao Brasil e aos aliados. Durante os trajeto eram executados os hymnos nacionais, a marselhesa e a marcha dos bersaglieri, que emprestavam a cada alma e todas ellas uma união de entusiasmo, vibrando sua'sons [sic] num cabos de vivas e chapéus erguidos. Bendito sejaes vós, patriotas que partis, pois que assim insuflastes na alma brasileira a chama viva do ardor patriótico, para que ella vivesse, e vivesse [sic], no entusiasmo pela Patria, pelo Brasil, e pela raça latina.⁴⁷¹

A partir de 1915, as publicações a respeito da situação da Itália na guerra passam a ser frequentes nos diários curitibanos. O *Diário da Tarde* começou a redigir a coluna "A Itália e Guerra", com informações a respeito das decisões do governo italiano, das estratégias de combate e da movimentação das tropas no nordeste da península. Com efeito, houve forte apelo nacionalista na guerra, e o próprio fato da imprensa local dar visibilidade ao assunto indica que havia um público minimamente identificado com o país, disposto a consumir essas notícias sobre a Itália. Mas essa identidade nacional tinha os seus limites, e esses limites se tornavam ainda mais

⁴⁶⁸ BERTONHA, J. *Op cit*, p 164.

⁴⁶⁹ Regio Consolato d'Italia. *Diario da Tarde*. 29 mai 1915, p 3.

⁴⁷⁰ Os filhos de italianos e o serviço militar. *Commercio do Paraná*. 10 jun 1915, p 3.

⁴⁷¹ Passeata dos reservistas italianos e o seu embarque hoje. *Diario da Tarde*. 03 jun 1915, p 2.

evidentes no caso dos ítalo-brasileiros, os filhos de imigrantes italianos nascidos no Brasil. Em setembro de 1915, o *Diário da Tarde* entrevistou Ignacio Polli, um filho de italianos nascido no Paraná, que havia se alistado junto ao cônsul Carlo Umiltá para lutar pela Itália na guerra, e acabara de voltar da Europa. O episódio narrado por Polli ilumina as ambiguidades da *italianità*, e dá-nos dimensão da complexidade das relações entre esses sujeitos e o Estado italiano.

Pretendendo seguir para a Italia afim de, como voluntario, partir com as tropas para os campos de batalha, apresentei-me, nesta capital, ao consul Carlo Umiltá. Fui aceito no dia 5 de junho do corrente anno, sendo submettido a exame medico pelo dr. Mario de Fiori. O sr. Umiltá acceitou-me como renitente, isto é, como reservista da classe de 1882 e que não attendeu ao chamado em 1902. Recebi guia para a viagem e para apresentar-me aos districto militar de Verona. Embarquei nessa capital no dia 17 de junho, desembarcando, no Rio, a 30 do mesmo mez. Ali embarquei no vapor "Principe Umberto", chegando a Genova a 17 de Julho. A' noite desse mesmo dia parti, via terrestre, para Verona, onde cheguei ás 2 horas da madrugada do dia 18, apresentando-me ali ao districto militar. As autoridades mandaram-me, então, para a junta de alistamento militar onde, como era natural, nada constava a meu respeito, e o meu nome não foi encontrado nas listas dos renitentes. Ora, sendo brasileiro, nunca fui reservista italiano, e portanto, jamais poderia ser renitente. A meu respeito surgiram então muitas duvidas, julgaram-me espião e ate minha vida correu perigo, pois falava-se que me iam fuzilar. No dia 20 de Julho, porem, depois de ter-me justificado, consegui voltar a Genova, á minha custa, dispendendo 16 liras e 90 c. na viagem. A'quella cidade cheguei á tarde do dia 20. No dia 21 dirigi-me ao consulado brasileiro, pedindo passagem para a America. A passagem me foi recusada, bem como qualquer outro auxilio. Fui então ao districto militar de Genova afim de re-haver [sic] os meus papeis que foram requisitados em Verona. Os papeis vieram mais tarde, concedendo-me o mesmo districto passagem para o Rio de Janeiro. Embarquei com destino á capital brasileira, no "Ré Vittorio", a 7 de Agosto, chegando no Rio dia 24. Ali, juntamente com diversos companheiros, dirigi-me ao consulado italiano, solicitando passagem para o Paraná. A passagem me foi negada, declarando-me o consul simplesmente: - Nada tenho com isso. Arranje-se como puder!⁴⁷²

Apesar de contratempos como os de Ignacio Polli obstaculizarem a construção de uma imagem positiva acerca do país entre os italianos e seus descendentes residentes no exterior, o fato é que boa parte desses imigrantes se mobilizaram em função da guerra, e os clubes de futebol a eles ligados não passaram alheios ao evento. Em São Paulo, muitas das partidas disputadas pelo Palestra Itália, em 1915, tiveram seus lucros revertidos a grupos ou entidades patricias. O clube jogou contra o C. A. Paulistano em beneficio da Cruz Vermelha Italiana, contra o Santos F. C. em prol das famílias dos reservistas e contra o Ítalo F. C. e a *Società Calcista Fiorentina*, para arrecadar fundos às vítimas do terremoto na Itália⁴⁷³. Em Curitiba, coube ao Torino o protagonismo nesse sentido, o clube realizou dois festivais no *Jockey Club Paranaense* em beneficio das famílias dos reservistas italianos. O primeiro ocorreu em 08 de agosto de 1915 e o

⁴⁷² A Italia na Guerra. *Diario da Tarde*. 18 set 1915, p 1.

⁴⁷³ ARAÚJO, J. *Op cit.* p 92-93.

segundo, remarcado diversas vezes por conta das chuvas, em 04 de setembro de 1915. Por ocasião do primeiro festival, Willian Brown assinalou:

Esse festival, já inúmeras vezes o dissemos aqui nessa secção, promette revestir-se de um entusiasmo, dado o sentimento altamente patriótico que anima os filhos da artística Italia, que aqui os tem em grande quantidade, conosco convivendo irmanados por uma mesma fé e por um mesmo ideal.⁴⁷⁴

A partir de 1917, houve uma reviravolta nesse quadro. Em 05 de abril os alemães torpedearam o vapor *Paraná*. Em resposta o governo brasileiro rompeu as relações diplomáticas com o país. Em outubro, por conta do torpedeamento de outros dois vapores nacionais, o Brasil declarou guerra à Alemanha, postando-se ao lado dos aliados no conflito. No plano interno, os eventos foram seguidos de uma ostensiva onda nacionalista, e de uma série de retaliações aos alemães que aqui viviam. Em Curitiba, ainda em abril, passaram a ser organizados os primeiros *meetings* cívicos. Nesses eventos, os manifestantes proferiam discursos patrióticos, entoavam os hinos dos países aliados, empunhavam bandeiras dessas nações e, frequentemente, vaiavam os estabelecimentos alemães no decorrer do préstito. Ainda na primeira manifestação, a sede do jornal *Der Kompass*, do Teatro Hauer, da Escola Alemã e da Sociedade Teuto-brasileira, além de algumas residências, foram apedrejadas⁴⁷⁵. Outros diversos *meetings* e depredações ocorreram no decorrer de abril e outubro de 1917, criando uma situação de tensão na cidade, especialmente para os teuto-brasileiros⁴⁷⁶.

Em decorrência das manifestações, algumas partidas do campeonato da *Associação Sportiva Paranaense (ASP)*, previstas para abril, foram adiadas. A entidade e as colunas esportivas se embeberam do tom patriótico do período e aproveitaram a situação para propagandear as "vantagens dos sports" na preparação do homem para a guerra, sempre deixando subentendido a necessidade de apoio estatal às entidades esportivas:

No seu relatório apresentado ao Congresso, diz "A Noite", juntamente com a mensagem presidencial, o sr. ministro da Guerra, falando do grande número de isenções, para o serviço militar, de moços, por insuficiência física, isto é, por pequenas complexão e estatura, lembra a necessidade da prática esportiva nas escolas, que fatalmente fará diminuir de 50 ou mais por cento o número dessas isenções. Com isto o titular da pasta da Guerra, ao mesmo tempo que se mostra um perfeito observador, faz consagração do sport no Brasil. [...]

⁴⁷⁴ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 07 set 1915, p 2.

⁴⁷⁵ FABRIS, Pamela B. A experiência da guerra: o cotidiano de imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba durante o conflito mundial (1914-1918). IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013. p 6 - 7 (no prelo).

⁴⁷⁶ A respeito do assunto, ver também: OLIVEIRA, Marcio. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. IN: *Cadernos CERU, série 2, v. 23, n. 2, 2012*, p 175-202.

E na consagração do sport, o seu officialismo não será apenas o progresso physico das nossas populações, tão necessario á formação dos exercitos, como provam as historias de todos os tempos e como confirma o indomavel Exercito inglez, presentemente, mas será tambem um incentivo contra o analphabetismo, em que nos empenhamos, agora mais que nunca, para sua extinção na nossa patria.⁴⁷⁷

Em 17 de maio, o mesmo jornal anunciava que: "[...] a mocidade sportiva patricia, essa pleidade brilhante de jovens que nos campos de sports se exercitam e se fortificam para a defesa da Patria [...]"⁴⁷⁸, estava organizando um festival em homenagem à Liga de Defesa Nacional e em benefício da Cruz Vermelha Brasileira. A atração principal do evento seria um jogo entre um selecionado da segunda divisão da ASP e o Coritiba F. C. Três dias depois, o jornal publicou que o Coritiba não havia aceitado o convite: "O Coritiba F. B. C. negou-se a prestar auxilio a essa festa, declarando que tem jogo nesse mesmo dia com o Germania F. B. C. de S. Paulo. Enfim, como o Coritiba é formado por elementos germanico, só se esperava isso mesmo..."⁴⁷⁹.

A publicação causou uma verdadeira confusão no meio esportivo curitibano. Ainda no dia 20, os membros da comissão organizadora da festa foram até a sede do jornal, para entregar um: "[...] desmentido formal á nota enviada pelo 'escriba' anonymo"⁴⁸⁰. No dia seguinte, o Coritiba se manifestou por meio de uma carta assinada pelo seu presidente Constante Fruet, em que negava as informações publicadas pelo periódico e afirmava o compromisso patriótico do clube com o Brasil:

O Coritiba Foot Ball Club é composto quasi na sua totalidade de brasileiros natos, e tão patriotas quanto presumem ser os mais patriotas, e os poucos elementos germanicos que contamos em nosso quadro social, temol-os com muita honra, por serem distinctissimos e estarem, absolutamente, indissolvelmente identificados com os nossos sentimentos. Para dar golpe de misericordia sobre essa sordicia [sic], que outro fim não teve, sinão o de pretender lançar a odiosidade publica sobre o nosso humilde club, é o facto de, no próximo domingo 27 do corrente, o nosso 1º Team ir a Piraquara disputar um match, em beneficio da Cruz Vermelha Brasileira e das victimas do torpedeamento do "Paraná". Esse boato, fructo de inveja e do despeito, falhou desta vez. Quanto a vinda do Germania a esta Capital, é outra invencionice como as demais. Nunca cogitamos de semelhante cousa.⁴⁸¹

Diante das contestações, o *Commercio do Paraná* teve que se retratar. Segundo seu cronista esportivo, tudo não passou de um ato de maldade de um tal Manoel de Veiga, que, afirmando ser secretário da comissão da festa, enviou as informações publicadas no dia 20, por

⁴⁷⁷ Sport. *Commercio do Paraná*. 09 mai 1917, p 3.

⁴⁷⁸ Sport. *Commercio do Paraná*. 17 mai 1917, p 3.

⁴⁷⁹ Sport. *Commercio do Paraná*. 20 mai 1917, p 3.

⁴⁸⁰ Sport. *Commercio do Paraná*. 22 mai 1917, p 3.

⁴⁸¹ Idem.

meio de uma carta endereçada ao jornalista. Para o cronista, a opinião de Veiga não correspondia com a do jornal: "Si, algum dia, combatemos o club coritibano, fizemol-o por motivos outros e não eivados por essa mania tola e ingrata de darmos-lhe a classificação de 'club composto de allemães', o que, aliás, não se justificaria de forma alguma"⁴⁸².

No mesmo período, Savóia-Operário e Coritiba protagonizaram uma partida que, segundo os relatos da imprensa, foi bastante violenta: "[...] campo molhadissimo, players furiosissimos, encontros a torto e a direito, aquillo não foi bem um jogo de football"⁴⁸³. Na verdade, os conflitos entre o Savóia e o Coritiba foram constantes nesse ano, e seus motivos remontam ainda à final do campeonato da *Associação Paranaense de Sports Athleticos* (APSA) de 1916, quando o Savóia abandonou o campo, entregando o campeonato ao Coritiba⁴⁸⁴. Voltando à partida, em 26 de maio de 1917, o Savoia enviou uma carta á ASP - que foi publicada pelo *Commercio do Paraná* - onde repudiava a atitude supostamente violenta dos jogadores do Coritiba, que levará á contusão de seu player Theodorico Mendes:

Independente da gravidade ou não gravidade do estado de saúde do ofendido, um facto está no animo e na consciencia de todos: é a selvageria proposital que ocasionou esse atentado á tradicional conducta de todas as sociedades sportivas, que prezam a sua educação e a cultura, com C e não com K...⁴⁸⁵

O trocadilho com os termos "Cultura" e "Kultur"⁴⁸⁶, era uma clara referência ao suposto caráter de "clube composto de alemães" do Coritiba. O Savóia, se aproveitava, assim, da situação delicada pela qual passava seu adversário, devido à suposta recusa do clube em disputar o "festival patriótico", para obter vantagens em uma possível sindicância da *Comissão de Sports* da ASP a respeito da partida. Com efeito, se para os descendentes de alemães a situação era de tensão, para os ítalo-brasileiros, na condição de aliados do Brasil na guerra, os acontecimentos de abril e outubro de 1914 tiveram o efeito oposto, servindo para estreitar os laços com os nacionais e legitimar expressões do nacionalismo italiano na esfera pública. A título de exemplo, no *meeting* do dia 11 de abril, conforme noticiado pelo *Commercio do Paraná*, oradores italianos falaram às massas, a bandeira do país foi levantada, seu hino tocado e houve saudações ao cônsul

⁴⁸² Id.

⁴⁸³ Sport. *Commercio do Paraná*. 22 mai 1917, p 3.

⁴⁸⁴ Sport. *Commercio do Paraná*. 26 dez 1916, p 2 e Sport. *Commercio do Paraná*. 27 dez 1916, p 2.

⁴⁸⁵ Sport. *Commercio do Paraná*. 26 mai 1917, p 3.

⁴⁸⁶ Sobre o conceito de *Kultur* e sua relação com a identidade nacional alemã, ver: ELIAS, N. *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. Especialmente o capítulo 1 "Da sociogênese dos conceitos de 'civilização' e 'cultura'".

italiano em Curitiba⁴⁸⁷. Esse mesmo procedimento se repetiu em diversas outras manifestações. À medida do possível, os clubes de futebol relacionados aos italianos tentaram tirar proveito dessa situação, como indica o caso supracitado.

No entanto, com o passar do tempo esse quadro se alterou, a desconfiança exclusiva em relação aos alemães, inimigos de guerra, foi cedendo espaço paulatinamente a um desconforto mais generalizado quanto às manifestações identitárias de todo e qualquer grupo de imigrantes estabelecidos no país. Como observou Lúcia Lippi Oliveira: "A Primeira Guerra Mundial trouxe a questão nacional à ordem do dia, transformando o significado anterior do nacionalismo". Nascia o "nacionalismo militante" em substituição ao "nacionalismo de tipo ufanista"⁴⁸⁸. Movimentos como a Liga de Defesa Nacional (1916), a Liga Nacionalista de São Paulo (1917), a Propaganda Nativista (1919) e a Ação Social Nacionalista (1920), colocavam em pauta o serviço militar obrigatório, a necessidade de reduzir os elevados índices de analfabetismo e patrocinar um ensino voltado à educação cívica e patriótica⁴⁸⁹. Nessa conjuntura, notadamente a partir de 1915, as escolas das colônias de imigrantes, e as particulares de caráter étnico, passam a ter fiscalização redobrada por parte do governo paranaense, especialmente quanto ao ensino da língua portuguesa e da história e geografia pátrias⁴⁹⁰. Na ótica do Estado brasileiro, era preciso "nacionalizar" os imigrantes e seus descendentes.

O circuito futebolístico curitibano não ficou alheio a essa onda nacionalista. Após outubro de 1917, com a entrada do Brasil no conflito mundial, as manifestações esportivas de caráter patriótico se multiplicaram. Em decorrência da declaração de guerra, o campeonato de 1917 foi paralisado e só voltou a ser disputado em dezembro do mesmo ano⁴⁹¹. Nesse entremeio, os clubes de futebol locais realizaram diversos jogos contra o 4º Regimento de Infantaria de Curitiba. Essas partidas eram propagandeadas pela imprensa local como uma espécie de treinamento dos militares para a batalha⁴⁹². Os festivais também prosseguiram, em dezembro de 1917 a ASP organizou uma tarde esportiva, no *ground* do Coritiba, em benefício da Cruz Vermelha

⁴⁸⁷ Brasil - Alemanha. *Commercio do Paraná*. 12 abr 1917, p 3.

⁴⁸⁸ OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990. p 145.

⁴⁸⁹ *Ibid*, p 145-158.

⁴⁹⁰ MASCHIO, Elaine C. F. *Op Cit*. Especialmente capítulo 2 e 4.

⁴⁹¹ Sport. *Commercio do Paraná*. 05 dez 1917, p 2.

⁴⁹² No dia 02 de novembro o time do 4º Regimento jogou contra o América-Paraná, em 11 de novembro foi a vez do Internacional jogar contra os militares, em 24 do mesmo mês o batalhão de infantaria jogou contra o Água Verde e em 09 de dezembro novamente contra o América-Paraná. Sport. *Commercio do Paraná*. p 2. Ver as edições dos dias 02, 11 e 24 de novembro e 09 de dezembro.

Paranaense⁴⁹³. Em janeiro de 1918, o Internacional organizou outro festival em homenagem às Forças Militares do estado⁴⁹⁴. Em junho de 1918, atendendo a um pedido da sede paranaense da Liga de Defesa Nacional, a ASP organizou mais um festival: "[...] em benefício das famílias dos nossos bravos marinheiros que partiram para os mares guerreiros da Europa"⁴⁹⁵. Esses eventos prosseguiram até o final do conflito, em novembro de 1918. Em carta publicada na coluna *Sport*, no dia 24 de novembro de 1918, o dirigente do América, e um dos principais oradores dos *meetings* patrióticos, Luiz Guimarães, exaltava, em nome do clube que representava, a vitória dos aliados no campo de batalha:

Tenho a elevada honra de apresentar a v. exa., em nome da diretoria desse club, os mais sinceros votos de felicitações pelo armistício que acaba de ser assignado entre as nações beligerantes, armistício este que não é mais que do que a esmagadora victoria das nações alliadas, em cujo meio se encontra a nossa estremecida Patria, sobre a dynastia prussiana.⁴⁹⁶

Mescladas ao pavor provocado pelo surto de gripe espanhola, as comemorações pela vitória se prolongaram até o carnaval de 1919. O *Armistício de Compiègne* pôs fim à batalha entre os Estados, mas não foi capaz de acabar com os conflitos étnicos no interior destes. Em países receptores de imigrantes, como o Brasil, os ecos do "Perigo Alemão", o risco sempre eminente do inimigo interno, dos "quistos étnicos", ainda soavam muito alto nos ouvidos nacionais. Em tom desafiador, o professor Roberto Gomes questionava seus leitores: "O perigo hoje mais à nossa vista é o alemão. Amanhã, quem sabe? Será o italiano, será o francês, será o polaco ou quejando"⁴⁹⁷.

Assim como no ano anterior, em 1919, um ano antes da fundação do Palestra Itália paranaense, Curitiba recebeu a visita de uma missão diplomática italiana, desta vez, presidida pelo Conde Bosdari. Entre as felicitações pela presença da representação italiana na cidade, a recém fundada *Gazeta do Povo* publicou uma carta endereçada a Bosdari, na qual, com alguma dose de ironia, em meio aos elogios à figura do Conde, deixava escapar um certo desconforto com as possíveis finalidades nacionalistas da missão.

V. Exc pode ter dois fins especiaes: -- reavivar no espirito dos italianos, aqui domiciliados, as lembranças da mãe patria; prendel-os, pela saudade, pelo orgulho, despertos, á sua patria de origem; e projectar nos brasileiros, filhos de italianos, pela cohesão da familia, pelo orgulho da sua ascendencia, os sentimentos despertos nos corações dos paes. E, concomitantemente, ver,

⁴⁹³ *Sport. Commercio do Paraná*. 16 dez 1917, p 3.

⁴⁹⁴ *Sport. Commercio do Paraná*. 01 jan 1918, p 2.

⁴⁹⁵ *Sport. Commercio do Paraná*. 27 jun 1918, p 3.

⁴⁹⁶ *Sport. Commercio do Paraná*. 24 nov 1918, p 1.

⁴⁹⁷ GOMES, Raul apud TRINDADE, E. *Op cit*, p 187.

examinar, as condições dos colonos italianos. O primeiro objectivo podernos-ia ser desagradavel. Pois entendemos nós que o colono, uma vez deslocado, fixado entre nós, vivendo de nossa vida, deve á nossa vida adherir para a vida e para a morte; fazer-se brasileiro pelo coração e pela actividade, contrahindo para connosco um pacoto da mais absoluta fidelidade, á nossa nacionalidade e á nossa bandeira.⁴⁹⁸

2.3 Jogando nas "brechas": a ascensão do Savóia e de outras agremiações populares à elite do futebol paranaense

Além das tensões no plano macropolítico, relacionadas à eclosão da Primeira Guerra Mundial e às disputas identitárias daí advindas, o período de fundação do Savóia F. C. foi marcado por conflitos mais restritos, limitados ao âmbito local, que envolviam os primeiros clubes de futebol da cidade de Curitiba e suas disputas pelo controle do esporte que se popularizava na capital paranaense. Como vimos no primeiro capítulo, o período que vai de meados de 1913 ao início de 1915, foi marcado por diversos desentendimentos entre os três principais clubes da cidade: Paraná, Coritiba e Internacional. As animosidades entre essas agremiações eram de tal ordem, que em algumas ocasiões esses clubes chegaram a romper as relações amigáveis. Atento às lacunas de poder que se abriam com esses dissensos entre as agremiações relacionadas às elites locais, o Savóia se consolidou no circuito esportivo curitibano jogando nessas - e com essas - brechas.

A primeira menção ao Savóia nos jornais *Commercio do Paraná* e *Diário da Tarde* se deu no dia 14 de novembro de 1914, quando esses periódicos noticiaram que seria realizada uma partida entre esta equipe e o segundo time do Internacional⁴⁹⁹. O jogo, marcado para as 14 horas do dia 15 de novembro, na praça de esportes do Internacional, no Água Verde, foi, nas palavras de Willian Brown: "[...] muito animado, apesar da equipe do Savóia demonstrar muita falta de training"⁵⁰⁰. A vitória coube aos donos da casa, pelo placar de 5 a 1⁵⁰¹. O próprio fato de disputar uma partida contra o clube mais aristocrático da cidade - ainda que se tratasse do segundo time da

⁴⁹⁸ Exmo. Sr Conde de Bosdari. *Gazeta do Povo*. 17 mar 1919, p 1-2.

⁴⁹⁹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 nov 1914, p 3. E: BINOCULO SPORTIVO. *Diario da Tarde*. 14 nov 1914, p 2.

⁵⁰⁰ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 18 nov 1914, p 3.

⁵⁰¹ Idem

agremiação - apenas três meses depois de sua fundação, indica que o Savóia, apesar de modesto, conseguiu se inserir com celeridade no círculo esportivo local.

Acreditamos que essa inserção precoce se deu por dois fatores. O primeiro deles, de ordem conjuntural, está relacionado ao fato de que, quando o Savóia foi fundado, em julho de 1914, o Internacional estava às turras com o Coritiba e o Paraná, e, portanto, não dispunha de adversários do seu estatuto social para disputar partidas. O segundo fator determinante para a rápida inserção do Savóia, foi a rede de contatos que o clube dispunha, formada por alguns de seus associados mais endinheirados, que possibilitou ao clube ocupar a lacuna que se abriu com a cisão entre as associações de maior prestígio.

Para Capraro: "[...] havia dois grupos distintos lutando pela hegemonia do poder no esporte futebol. O primeiro grupo, era ligado ao tradicionalista e politicamente forte 'Internacional' e o outro pelas elites imigrantes do 'Coritiba' e do 'Paraná'⁵⁰². Por vezes, essas disputas por prestígio e poder terminavam em rupturas entre esses três clubes. Desde novembro de 1913, Internacional e Coritiba estavam com as relações fragilizadas⁵⁰³, o que piorou em agosto de 1914, por ocasião dos conflitos atinentes à organização do selecionado paranaense que enfrentaria o Flamengo, do Rio de Janeiro⁵⁰⁴. Em novembro do mesmo ano, foi a vez do Paraná S. C. romper as relações com o Internacional, depois de uma briga na partida disputada no primeiro dia de novembro de 1914⁵⁰⁵. Na impossibilidade de organizar jogos com os principais clubes da cidade, o Internacional passou a competir com equipes de menor porte, como Avec, Bella Vista e Savóia, onde escalava seu segundo quadro para atuar⁵⁰⁶. Ao primeiro quadro, ficaram reservados os jogos com as agremiações de outras cidades paranaenses, como o Paranaguá F. C., que pertenciam ao mesmo estrato social dos membros do clube⁵⁰⁷.

⁵⁰² CAPRARO, A. *Op Cit.* 2002. p 120.

⁵⁰³ *Ibid*, p 119.

⁵⁰⁴ O SPORT. *Commercio do Paraná*, 30 ago 1914, p 2.

⁵⁰⁵ Conforme o publicado no Diário da Tarde, a discussão começou quando o jogador Dago, do Internacional, irritado com os torcedores do Paraná, se dirigiu ao juiz de linha, Arthur Cerqueira, nos seguintes termos: "Mande essa canalha calar a bocca e deixar de vaias, do contrario chamo a policia...". Logo em seguida, o árbitro Lourenço Lahorgue anulou um gol de Calberg, do Paraná. Irritados com os insultos de Cerqueira e com a anulação do gol, Ildefonso Rocha e Magnus Flygare, respectivamente, presidente e capitão do Paraná S. C., invadiram o campo ordenando que seus atletas se retirassem do jogo. Conforme John Keeper: "Com a retirada da equipe do Paraná vieram os commentarios, as palavras azedas etc. e... era uma vez a compostura, a educação de muita gente!". A briga se generalizou, e Lara, do Paraná, chegou a sacar uma navalha para atingir um oponente. KEEPER, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 02 nov 1914, p 2.

⁵⁰⁶ BINOCULO SPORTIVO, *Diario da Tarde*. 20 nov 1914, p 2. KEEPER, J. *Binoculo Sportivo*, *Diario da Tarde*, 26 dez 1914. p 2. BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 nov 1914, p 3

⁵⁰⁷ KEEPER, J. *Binoculo Sportivo*, *Diario da Tarde*, 26 dez 1914. p 2

Foi nesse período de cisão entre as principais agremiações de Curitiba que o Savóia se aproximou do Internacional, estabelecendo uma relação que posteriormente seria valiosa para seu ingresso na liga. Possivelmente, concorreu para essa aproximação o fato de o Savóia ter sua sede no arrabalde da Água Verde, mesmo local onde estava instalada a praça de esportes do Internacional. É provável ainda, que alguns "padrinhos" de destaque do clube tenham feito a mediação entre ambas as diretorias. Seria o caso, por exemplo, de Alexandre Gutierrez, próximo do *Jockey Club Paranaense* por suas atividades enquanto criador cavalariço, o que o colocava na mesma rede de contatos dos dirigentes do Internacional, como seu próprio presidente Joaquim Américo Guimarães, que foi um dos membros fundadores da *Sociedade Hípica Paranaense* e chegou a ocupar a presidência do *Jockey Club*⁵⁰⁸.

A aproximação com o Internacional e o apadrinhamento de indivíduos com algum prestígio social, como Alexandre Gutierrez e Tarquinio Todeschini, não eram elementos suficientes para elevar o Savóia à elite do futebol local. Assim, depois da partida contra o segundo time do Internacional, o clube só voltaria a ser noticiado na imprensa em dezembro de 1914. E isso porque seu presidente Edgard Zardo enviou uma carta à redação do *Commercio do Paraná*, reclamando que o periódico não publicava notícias sobre os jogos da agremiação que dirigia: "Sr. redactor sportivo do 'Commercio do Paraná' [...] Em vista de não ter sido publicado o match official disputado pelo Savoia e Antartico Foot Ball Club [...] levo ao vosso conhecimento que o resultado do match [...] foi o seguinte: Savoia....7 goals; Antartico...1 goal"⁵⁰⁹. A carta de Zardo parece não ter surtido o efeito desejado, visto que a ausência de notícias sobre o Savóia permaneceu nos meses subsequentes. O clube só voltou às páginas dos diários no ano seguinte, em meio aos debates sobre a fundação da *Liga Sportiva Paranaense* (LSP).

Como vimos no capítulo anterior, as iniciativas para a fundação de uma liga que coordenasse a prática do futebol na capital paranaense remontavam ao ano de 1912, mas a efetivação desse projeto esbarrava nos conflitos entre Internacional, Curitiba e Paraná. No início de 1915, o América assumiu a posição de mediador entre as agremiações litigiosas, e convocou uma reunião para o dia 12 de fevereiro, na sede do *Jockey Club do Paraná*, onde finalmente foi fundada a LSP, eleita uma diretoria provisória e destacada uma comissão responsável pela

⁵⁰⁸ Sobre Alexandre Gutierrez ver o ítem 2.2 desse texto. Sobre Joaquim Américo Guimarães, ver: CAPRARO, A. *Op Cit.* 2002. p 72.

⁵⁰⁹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 04 dez 1914, p 3.

confeção dos estatutos da nova entidade. Estiveram presentes na reunião: Paranaguá F. C. e Rio Branco F. C., de Paranaguá; C. A. Antoniense, de Antonina; Operário F. C., de Ponta Grossa; Internacional F. C., Paraná S. C., Coritiba F. C., América S. C., Spartano F. C., Bella Vista F. C. e Savóia F. C., de Curitiba⁵¹⁰.

Alguns dias depois, em 23 de fevereiro, um tal John Off-side enviou uma carta ao *Diário da Tarde*, em tom de denúncia, afirmando que os clubes Imprensa S. C., Reco-Reco Independente e Operário F. C. de Curitiba, não tinham sido convidados para a reunião de fundação da LSP, por: "[...] uma pequena questão havida com o Paraná Sports Club". Conforme o autor da missiva: "Todos os clubs estão em igualdade de condições, todos elles são formados por moços decentes". Assim, ao não convidar as sociedades supracitadas para a assembleia geral, os idealizadores da LSP davam a prova cabal de que: "[...] em nosso Estado o sport é feito por meio de uma política suja e vergonhosa [...]" levada a cabo por "[...] sportmans que julgam ser o Sport propriedade sua". Off-side indagava ainda: "Dar-se-á a caso que o Bella Vista, Savoya [sic], Spartano e outros demais Clubs da mesma força, sejam mais dignos que os acima mencionados?"⁵¹¹.

Como fica explícito nesses excertos, na concepção de John Off-side, não era a capacidade técnica, a estrutura organizacional ou a idoneidade moral que distinguia clubes como o Savóia, convidado para a reunião de fundação da LSP, de outras agremiações, como o Reco-Reco ou o Operário de Curitiba, que não foram convidados. O que os diferenciava era a maior ou menor proximidade com os, assim nomeados: "[...] sportmans que julgam ser o Sport propriedade sua". Ou seja, os clubes das elites curitibanas⁵¹². No dia seguinte à publicação da missiva, Luiz Guimarães, então secretário do América S. C., clube responsável pela organização da referida reunião, respondeu às acusações de Off-side, em carta publicada no *Commercio do Paraná*. Segundo Guimarães, o convite à assembleia não foi enviado ao Imprensa S. C., Reco-Reco Independente e Operário F. C.: "[...] por haver constado que os jogadores componentes de seus teams tomariam parte no campeonato por outros clubs"⁵¹³. Em sua tréplica, John Off-side ironizou o argumento de Guimarães e reiterou sua tese de que os clubes em questão não foram convidados à reunião, por não cultivarem boas relações com as principais equipes locais: "Que o

⁵¹⁰ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 fev 1915, p 2.

⁵¹¹ OFF-SIDE, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 23 fev 1915, p 1.

⁵¹² Idem.

⁵¹³ GUIMARÃES, L. Sport. *Commercio do Paraná*, 24 fev 1915, p 3.

diga o interessado nessa exclusão, que viu sempre, na fundação do Reco-Reco e do Imprensa, uma ameaça a sociedade a que pertence e onde pontifica como membro da diretoria"⁵¹⁴.

Independente de quem estava correto nesse debate - é provável que Luiz Guimarães fosse honesto em sua justificativa, visto que posteriormente Reco-Reco e Operário curitibano seriam integrados à LSP - o que nos interessa nesse fato, é a constatação de que os próprios sujeitos históricos desse período identificavam nas relações amigáveis com os clubes das elites, uma forma eficaz de galgar espaço e poder no meio futebolístico curitibano. Dessa maneira, ainda que no plano das hipóteses, é possível que a aproximação entre Internacional e Savóia tenha garantido a este o convite para a participação nos debates sobre a organização da liga, ainda que fosse um clube recém-formado, com menos de seis meses de existência. Nessas reuniões, ao lado do Bella Vista, Guarany e outras agremiações, o Savóia defendeu a necessidade de criação de uma segunda divisão, que incluísse os clubes impossibilitados, pelos encargos financeiros⁵¹⁵, de se inscreverem na primeira.

Foi nesses debates que antecederam a fundação da LSP e, posteriormente, no processo de confecção de seus estatutos, que o perfil institucional da liga foi desenhado. Segundo Capraro, os clubes relacionados às elites locais, em face à crescente popularização da prática futebolística no estado, tinham claros interesses na organização de uma liga que garantisse a manutenção do controle da prática formal do futebol em suas mãos, segregando de seus quadros indivíduos cujo perfil social considerassem inadequado. Contudo, de forma paradoxal, pretendia-se, também, que o controle dessa liga fosse relativamente abrangente, alcançando - e direcionando - o maior número possível de agremiações. Para cumprir esses dois objetivos aparentemente contraditórios, a exemplo do que ocorrera no Rio de Janeiro, o modelo adotado na LSP foi o da inclusão de algumas agremiações oriundas das camadas populares em divisões inferiores, sem a possibilidade de ascenso e descenso entre as divisões, reproduzindo no interior da liga as hierarquias sociais existentes fora dela. Como observou Capraro: "[...] a tática adotada foi 'tomar as rédeas' do esporte, tomando conta não somente da organização do campeonato elitista (1ª divisão), mas dos outros clubes também (2ª e 3ª divisão)"⁵¹⁶.

⁵¹⁴ OFF-SIDE, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 24 fev 1915, p 1.

⁵¹⁵ Sobre as taxas cobrada para o ingresso na LSP, ver o capítulo 1, item 1.6.

⁵¹⁶ Capraro, A. *Op cit.* p 123. Na mesma direção estão as análises de: MOLETTA JR, C. *Op cit.* p 89-100. SILVA, M, *Op cit.* p 175-192.

Acreditamos que, não obstante o real interesse das principais agremiações locais em ordenar a prática futebolística no estado, atribuir a criação das divisões inferiores da LSP tão-somente às intenções dirigistas desses clubes, implicaria em negligenciar os esforços empreendidos pelas próprias equipes de menor porte, com vistas à organização da segunda divisão. Com efeito, como noticiou o *Commercio do Paraná*, a proposta de criação dessa divisão, apresentada na assembleia de 12 de fevereiro de 1915, partiu dos próprios clubes que, por conta das elevadas taxas de inscrição, não poderiam se matricular no certame principal:

Diversos clubs dessa capital, e alguns do interior, e outros do litoral, impossibilitados de tomar parte no campeonato da 1ª Divisão, requeirão [sic] hoje, na assembleia que se vae realizar, a organização da 2ª Divisão. Justo como é a aspiração das associações collocadas em segundo lugar, será um acto de inteira justiça a organização da 2ª Divisão, na qual entrarão, além de muitas outras, as sociedades Bela Vista, Savoia, Reco-Reco, Guarany, etc., desta capital.⁵¹⁷

A proposta foi acatada pelos conselheiros e a segunda divisão foi criada. Após a assembleia de 11 de abril de 1915, quando os estatutos foram aprovados e a liga formalizada, a diretoria da LSP enviou um comunicado aos clubes filiados, solicitando que informassem "em que divisão desejam se inscrever", remetendo: "[...] a lista de todos os players dos seus teams afim de serem inscriptos e tomar parte no campeonato"⁵¹⁸. O número de agremiações matriculadas foi tão grande que a segunda divisão teve que ser subdividida em duas. A 2ª divisão classe A, com Spartano, Reco-Reco, Guarany, Operário de Ponta Grossa, Bella Vista e Savóia. E a 2ª divisão classe B - uma espécie de terceira divisão - com Operário de Curitiba, Brasil, Antoninense, Marumby, Torino e Britannia. A primeira divisão, mais prestigiada, contou com os principais clubes de Curitiba: Internacional, Paraná, Coritiba e América; e com duas tradicionais equipes de Paranaguá: o Rio Branco e o Paranaguá. Atendendo à solicitação da LSP, o Savóia enviou no dia 27 de abril seu pedido de inscrição na segunda divisão e sua lista de jogadores para serem matriculados na liga, constando 29 atletas no total⁵¹⁹. Desses, Brazilio, Tute, Anico, Pery, Gur, Beduino, Motta, Paulino, Arthur, Toni e Inglez, formaram a base da equipe campeã da Segunda Divisão A em 1915.

A temporada oficial da LSP começou em 23 de maio, com uma vitória de 2 a 0 do Internacional sobre o América. No início de agosto, as primeiras denúncias de irregularidades já apareciam para esquentar as relações na liga. Na ocasião, Paraná e América protagonizaram o

⁵¹⁷ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 12 fev 1915, p 3.

⁵¹⁸ FORWARD, J. Binoculo Sportivo. *Diario da Tarde*. 13 abr 1915, p 2.

⁵¹⁹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 27 abr 1915, p 2.

caso "Caso Raymundo Pallota"⁵²⁰. Inscrito para tomar parte na disputa de 08 de agosto entre ambos os clubes, o atleta Raymund Pallota teve a legalidade de sua matrícula questionada pelo Paraná, que alegava a impossibilidade do jogador ser escalado na partida por não residir na cidade o mínimo de tempo exigido pelos estatutos (30 dias). Em carta ao *Commercio do Paraná*, o secretário do América negou as acusações, afirmando que Pallota tinha se estabelecido na cidade desde "08 de abril do corrente anno", vindo a Curitiba para trabalhar como correspondente paranaense do jornal *A Cidade*, de Sorocaba, município onde nascera⁵²¹. Na semana seguinte, foi a vez de Badú, outro atleta do América, ter a sua inscrição questionada: "por causa plausível"⁵²². "Que motivo arranjam elles ó bom Deus?", indagava William Brown, cronista esportivo e diretor do América, para quem o clube estava: "[...] decididamente de *urucubaca*, porque de outra forma não se pode traduzir a guerra que lhe movem pessoas a quem o club alivo-rubro jamais fez mal"⁵²³.

Como veremos no próximo capítulo, a equipe do América contava com diversos jogadores vindos de outras cidades, o que abria espaço para constantes questionamentos a respeito da lisura das inscrições desses atletas e de possíveis remunerações que caracterizassem profissionalismo, prática proibida pela LSP. Mas o América não foi a única agremiação a ser acusada por irregularidades no campeonato de 1915. Em outubro, o jornal *Diário do Commercio*, da cidade de Paranaguá, publicou uma carta assinada por Gabriel Oliveira, referente ao jogo entre Rio Branco e Paranaguá, na qual o autor denunciava que um zagueiro do Rio Branco havia recebido suborno do Paranaguá, para facilitar a vitória deste: "[...] o facto de ter o back riobranquista Tibeiro, vendido o seu jogo ao regalo da equipe paranaguense". E chancelava: "[...] caso se faça mister, estou resolvido a provar com testemunho isso que venho asseverar"⁵²⁴.

O próprio Savóia esteve envolvido em algumas "questões" nessa temporada. O jogo de 27 de julho, em que saiu vitorioso por 3 a 2, contra o Spartano, foi contestado pelos derrotados, que pediram a anulação da partida, embasados no fato da bola ter sido usada em dois jogos consecutivos e, por isso, pesar mais que 450 gramas, o que era proibido pelos estatutos: "[...] a bola que serviu para o segundo team, serviu também para o 1º, ocasião em que seu peso era

⁵²⁰ "Caso" e "Questão" eram as palavras utilizadas pela imprensa esportiva para se referir a algum conflito no interior da liga. Ex: "O caso Raymundo Pallota" ou "A questão dos Borboletas".

⁵²¹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 08 ago 1915, p 3.

⁵²² BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 17 ago 1915, p 3.

⁵²³ Idem. Grifo no original.

⁵²⁴ OLIVEIRA, G. Vida Sportiva. *Diário do Commercio*. 19 out 1915, p 2.

quadruplo do devido, em vista de estar o campo completamente encharcado". O representante do Spartano ainda denunciava que: "Um goal do Savóia foi marcado ilicitamente, só porque o sr refree, entende de foot ball como o macaco de engenharia"⁵²⁵. Em outubro, foi a vez do Savóia recorrer de um empate, alegando: "[...] haver o Reco-Reco apresentado um jogador que não está nas condições exigidas pelos estatutos da Liga S. Paranaense"⁵²⁶.

Em carta publicada no *Commercio do Paraná*, Hugo Franco, representante do Operário F. C. de Ponta Grossa na LSP, dava a entender que o descaso com os regimentos da instituição era generalizado. Descrevendo uma reunião da liga em que foram eleitos seus secretários e tesoureiros, Franco reclamou da falta de comprometimento dos dirigentes presentes: "[...] os delegados comodamente refestelados em suas cadeiras, de pernas cruzadas, cigarros acessos, conversam distraidamente". Depois da rápida votação, o presidente da seção anunciou: "Foi eleito o Sr. Fulano de Tal... com '4.500 votos' diz o Lahorgue [...]", enquanto os outros delegados riam, lendo "os ultimos telegramas da guerra" e "o Diario da Tarde". Entre uma leitura e outra, a mesa diretora deliberava sobre os jogos, mensalidades e joias, no entanto, os demais delegados não pareciam interessados: "[...] de braços cruzados, lamentam o maldito temporal". "Que avacalhamento, Santo Deus!", reclamava Franco, para quem: "[...] seria melhor resolver-se os casos de matchs, porcentagens, etc., lá no Grand Café e, em seguida, fazer os respeitaveis delegados assignarem"⁵²⁷.

Durante a temporada de 1915, Hugo Franco foi um crítico assíduo da administração da liga. Um mês depois da carta supracitada, o autor escreveu outro artigo para o *Commercio do Paraná*, no qual denunciava negociatas políticas durante as votações de temas esportivos, alterações em datas de ofícios para beneficiar clubes e, o mais grave, violações no livro de registro de jogadores: "Que se abusasse da prepotencia das votações vá, que alterem as datas dos ofícios [...], mas violar os livros da Secretaria, inscrevendo clandestinamente um jogador, é tão deprimente, é tão deshonroso que, eu proprio, sinto-me intimamente acabrunhado"⁵²⁸. Segundo Franco, os clubes Marumby, Antoniense, Bella Vista, Brasil, Britannia e Torino, eram omissos nas reuniões, votando sempre com outras agremiações, com as quais mantinham "ridiculas combinações politicas". Para o membro do Conselho Diretor da LSP: "Essas constantes

⁵²⁵ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 29 jun 1915, p 3.

⁵²⁶ KEAPER. Sport. *Diario da Tarde*. 26 out 1915, p 2.

⁵²⁷ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 10 ago 1915, p 3.

⁵²⁸ FRANCO, H. L.S.P. - O. *Commercio do Paraná*. Sport. 08 set 1915, p 2.

disparidades, esses eternos vexames [...] têm obrigado a se julgar proxima a queda da mui bem instituída Liga Sportiva Paranaense"⁵²⁹. Alguns meses depois, as previsões de Hugo Franco se mostrariam corretas.

As constantes crises levaram à renúncia de Paulo D'Assumpção da presidência da LSP. O cargo foi assumido por João Seiler, do Coritiba, que, ainda em outubro de 1915, clamava aos futebolistas: "[...] ensarilhem as armas da paixão e do despeito, e unidos todos, num amplexo da mais franca e leal camaradagem, trabalhem pela honra e prosperidade do Sport em nosso caro Paraná"⁵³⁰. Esforço vão, em dezembro de 1915, William Brown noticiou a renúncia João Seiler: "[...] é o segundo que deixa a diretoria da L.S.P. devido a baixa politicagem que nella pretendem introduzir". O título da notícia capturava o clima do momento: "A Liga está se desligando"⁵³¹.

No dia seguinte, Brown narrou os pormenores da renúncia de Seiler, que estaria relacionada aos conflitos pela reforma dos estatutos da liga:

Em fins de outubro passado por proposta do sr, Luiz Guimarães, membro daquela casa, foi, quase unanimemente aprovada a ideia de reforma dos estatutos, nos quaes existiam grandes falhas; foi nomeada uma comissão que jamais cuidou desse trabalho; o sr. João Seiler resolveu então convidar o sr. Luiz Guimarães para a seu lado trabalhar neste sentido; na sessão de hontem, ao ser dada a palavra ao representante do America, como reformador e relator dos novos estatutos, o representante do Britania, declarando pertencer a referida comissão pediu vistas sobre os mesmos dizendo que jamais recebera qualquer convite para que se tratasse de tal assumpto; o sr. João Seiler declarou que havia convidado, pela imprensa, a todos os membros daquela comissão para uma reunião e que apenas havia comparecido o sr. Luiz Guimarães, com o concurso do qual havia ultimado o trabalho que ia ser apresentado. No intuito de fazer obstrucção o representante do Britannia insiste para que seja verificado o numero de representantes quites para a referida discussão e aprovação; o sr. Presidente fez vêr, bem como o representante do America S. Club, que se tratava de uma questão urgente, de um assumpto importante e que não se podia fóra da estação sportiva exigir tal requisito com o qual muito se iria atrazar o serviço em questão. Fallaram então, contra esta opinião, os representantes do Britania, Operario Ponta Grossense e Savoia. A' vista dos protestos destes senhores, o sr João Seiler declarou que, uma vez que notava no Conselho uma certa má vontade e desinteresse pelos destinos da Liga, encerrava a sessão e apresentava o seu pedido de demissão.⁵³²

Escrevendo em março de 1916, Luiz Guimarães deu sua própria versão do ocorrido. Segundo o mesmo, passado algum tempo da renúncia do presidente da LSP: "[...] resolveram dois membros da Diretoria da referida Liga procurar o sr. João Seiler; solicitando que voltasse a assumir o seu cargo"⁵³³. Como narra Guimarães, o paredro do Coritiba anunciou que aceitaria o

⁵²⁹ Idem.

⁵³⁰ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 14 out 1915, p 3.

⁵³¹ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 29 dez 1915, p 2.

⁵³² BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 30 dez 1915, p 2.

⁵³³ GUIMARÃES, L. As causas da scisão. *Commercio do Paraná*. 18 mar 1915, p 3.

convite com duas condições: 1) "[...] o Conselho discutiria imediatamente a reforma dos Estatutos, já confeccionada"; e 2) "[...] elegeria para 1916, uma Directoria na qual figurasse um membro de cada club, tendo indicado o meu modesto nome [Luiz Guimarães] para o posto de Secretario"⁵³⁴. Conforme Guimarães, a proposta de nomeá-lo como secretário da LSP foi rechaçada pelos dirigentes da LSP ligados ao Internacional:

Foi a maior affronta que poderia o sr. Seiler atirar aos seus interlocutores. Como tolerar-se na Directoria de uma Liga, onde predominava o Internacional, que Luiz Guimarães fosse o seu Secretario, o homem que lhe havia contestado com provas e argumentos esmagadores e iniludíveis o título de campeão de 1915?⁵³⁵

Guimarães se referia ao "Caso Dominguito" - que envolveu o paredro do América e o Internacional -, cujos desdobramentos levaram à cisão da LSP e a formação da *Associação Paranaense de Sports Athleticos* (APSA). O "caso" começou em 20 de janeiro de 1916, ainda sob o clima tenso que se estabeleceu na LSP após o pedido de demissão de João Seiler, quando Luiz Guimarães publicou um artigo, no *Commercio do Paraná*, com o título: "O caso Dominguito". Nesse artigo, Guimarães pediu a cassação do título de campeão da primeira divisão de 1915, pertencente ao Internacional, sob a justificativa de que o clube: "[...] fez-se representar em 3 ou 4 matches do campeonato pelo foot-baller Domingos Maciel, que não se achava nas condições prescriptas pelos Estatutos da Liga"⁵³⁶.

O pivô da situação, Domingo Maciel, o Dominguito, era um menor, natural de Curitiba, que estudava no Mackenzie College, na cidade de São Paulo. Para Guimarães, ao escalar Dominguito, o Internacional teria descumprido o artigo 21 do "Regulamento de Foot-Ball", que estabelecia: "Ninguém poderá jogar por um club sem [...] que tenha trinta dias de residencia no Estado"⁵³⁷. Segundo o denunciante - para quem, "ter domicílio" e "residir" eram coisas diferentes -, apesar de ser "domiciliado" em Curitiba, Dominguito: "[...] habitando temporariamente a capital de S. Paulo, não era residente no Estado do Paraná"⁵³⁸.

Os dirigentes do Internacional, por sua vez, declararam que o atleta: "[...] era menor, estudante, vivia as custas de seus pais, e que por estas razões a Lei o considerava como residente

⁵³⁴ Idem

⁵³⁵ Idem

⁵³⁶ GUIMARÃES, L. O caso Dominguito. *Commercio do Paraná*. 20 jan 1916, p 2.

⁵³⁷ Idem

⁵³⁸ Idem

na residencia dos seus progenitores"⁵³⁹. O que Guimarães respondeu negativamente: "[...] a Lei poderá considerar o sr. Domingos Maciel *domiciliado*, como de facto o é, no *domicilio* dos seus progenitores, mas *residente*, nunca"⁵⁴⁰. E, para referendar seus argumentos, Guimarães publicou uma carta de Mario Pollo, primeiro secretário da *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* (LMSA), do Rio de Janeiro, na qual o paredro carioca reiterava as conclusões do denunciante. Nas palavras de Pollo: "O jogador em tais condições *não pode tomar parte* em partidas de campeonato porque o que a lei exige é a *permanencia* de trinta dias no Estado e porque não se deve confundir *residencia* com *domicilio*"⁵⁴¹.

As denúncias de Luiz Guimarães surgiram num momento delicado para a liga, em meio às discussões sobre as eleições da nova diretoria. Nesse processo, alguns *sportmen* defendiam que os cargos diretivos deveriam ser distribuídos de forma equitativa entre os representantes dos clubes filiados à entidade, como acontecia em outras instituições congêneres⁵⁴². Outros dirigentes, especialmente aqueles ligados ao Internacional, defendiam a tese de que a diretoria deveria ser eleita pelo voto direto, o que beneficiaria esse clube, tendo em vista que contava com maior base de apoio, devido aos acordos que tinha com boa parte das agremiações da segunda divisão⁵⁴³. Enquanto isso, entre fins de janeiro e início fevereiro de 1916, as seções esportivas dos jornais *Commercio do Paraná*, *Diário da Tarde*, *A República*, *A Tribuna* e *Diário do Commercio*, dedicaram colunas inteiras à discussão do "caso Dominguito". Em algumas ocasiões, o debate adentrou à esfera dos insultos e acusações. Foi esse o proceder de Lahorgue Sobrinho, dirigente do Internacional, que acusou Luiz Guimarães de desvio de dinheiro da LSP para custear as publicações da revista *O Shoot*. Em face às acusações, Guimarães moveu um processo contra Sobrinho, por calúnia⁵⁴⁴. Desse modo, as crises em torno da liga extrapolavam o campo esportivo, invadindo as instâncias dos tribunais curitibanos.

Em 09 de fevereiro de 1916, a Assembleia Geral, por meio do voto direto, elegeu a nova diretoria para a LSP, tendo como presidente o comerciante Annibal Requião, na vice presidência

⁵³⁹ Idem

⁵⁴⁰ Idem. Grifos no original.

⁵⁴¹ POLLO, M apud GUIMARÃES, L. O caso Dominguito. *Commercio do Paraná*. 20 jan 1916, p 2. Grifos no original.

⁵⁴² O articulista Argus cita como exemplos desse modelo de gestão a LMSA, do Rio de Janeiro, a Liga Paulista de Football (LPF), a Federação Brasileira de Sports (FBS) e a Federação de Remo. ARGUS. Eleições. IN: *Sport. Commercio do Paraná*. 23 jan 1916, p 3.

⁵⁴³ SPORT. *Commercio do Paraná*. 26 jan 1916, p 2.

⁵⁴⁴ NOTAS E NOTÍCIAS. *A República*. 09 fev 1916, p2.

Ildefonso Rocha, 1º Secretário Leonidas Loyola, 2º Secretário Antônio Candido de Figueiredo e para tesoureiro Edgard Torres⁵⁴⁵. A nova composição do corpo diretor, como havia previsto a oposição, contava com diversas pessoas ligadas ao Internacional, o que acirrou ainda mais os ânimos na liga. Em meio às contestações ao processo eleitoral, o pedido de anulação do campeonato de 1915 pelo "Caso Dominguito", as denúncias de desvio de dinheiro dos cofres da liga, os conflitos pela confecção de novos estatutos e, ainda, à sombra das duas renúncias presidenciais do ano anterior, em 17 de fevereiro de 1916, apenas oito dias depois da contestada eleição, a imprensa curitibana noticiou a cisão na LSP e a formação da *Associação Paranaense de Sports Athleticos* (APSA), pelos clubes Paraná, América, Coritiba, e outras seis agremiações: "[...] pertencentes às 2ª e 3ª divisões dessa entidade sportiva"⁵⁴⁶.

Diversos pesquisadores atribuíram ao "caso Dominguito" - e ao conseqüente pedido de anulação do campeonato de 1915 - um papel preponderante na cisão da LSP⁵⁴⁷. Concordamos apenas em parte com essa interpretação. Em nosso entender, as denúncias contra as irregularidades do *player* do Internacional canalizaram uma série de tensões pré-existentes, servindo apenas como um fato detonador, junto com o resultado das eleições para a diretoria da liga, das crises que permeavam a instituição desde seu nascedouro. Isso fica claro na carta enviada ao *Commercio do Paraná*, assinada por Luiz Guimarães, onde o autor expõe: "[...] os motivos que nos levaram a vibrar este golpe de morte na Liga Sportiva". No texto, o próprio representante da APSA indica que o descontentamento com os rumos da LSP vinha desde o ano anterior, e que casos, como o do jogador Domingos Maciel, eram comuns na liga:

No decorrer do campeonato de 1915, ja os clubs demonstravam um grande descontentamento pelos factos seguintes: transferencias illegaes de inscripção de que se aproveitaram: o Internacional, no caso Maxambomba e o Bella Vista, no caso Gheur; o caso Dominguito em tudo identico ao caso Berthelot, sendo aquelle approved e esse rejeitado; inscripções clandestinas em favor do B. Vista; houve tudo isso e houve ainda outras coisas mais.⁵⁴⁸

Segundo Guimarães, o estopim para a cisão veio com a Assembleia de 09 de fevereiro:

⁵⁴⁵ SPORT. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1916, p 3.

⁵⁴⁶ SPORT. *Commercio do Paraná*. 17 fev 1916, p 2.

⁵⁴⁷ Provavelmente, Levi M. Chrestenzen e Heriberto I. Machado foram os primeiros a defender essa tese. Posteriormente, essa narrativa foi reiterada por André Capraro, Celso Moletta Júnior, Marcelo Moraes e Silva, Miguel Freitas Júnior e Natasha Santos. Cf: CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit*, 1990. p 13. CAPRARO, A. *Op Cit*. 2002. p 125. MOLETTA JR, C. *Op Cit*. p 100. SILVA, M. *Op Cit*. 2011, p 186. E FREITAS JR, M; MOLETTA JR, C; CAPRARO, A; SANTOS, N. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. IN: *Revista de História Regional*, 17(2), Ponta Grossa, 2012. p 547.

⁵⁴⁸ GUIMARÃES, L. As causas da cisão. *Commercio do Paraná*. 18 mar 1915, p 3.

Foi convocada a sessão para a eleição da Directoria de 1916; dentre os 16 clubs filiados compareceram 12, cujos representantes eram socios do Internacional F. B. Club e já munidos de chapas promptas, e para os cinco Cargos da referida Directoria foram eleitos 3 socios desse club; na Vice-presidencia collocaram o sr. Ildefonso Rocha, por saberem que está sempre ausente desta Capital, e para 2º Secretario o sr. Antonio Candido de Figueiredo, por julgarem que elle formava fileiras nas hostes dominantes.

Para a Comissão de Syndicancia e para a de Sports, o criterio adoptado foi o mesmo, ou ainda peor. Nesta mesma sessão quando eu, como representante do America e socio benemerito da Casa, pedi a palavra para me defender de uma accusação que me havia sido feita pela imprensa, o presidente declarou ser muito tarde e que só me concederia, se o Conselho prorrogasse a sessão. Requerendo 20 minutos, o Conselho, generoso e magnanimo, concedeu-m'os; entretanto, ao cabo de 10 minutos o presidente declarava encerrada a sessão, porque as galerias haviam applaudido um trecho do meu discurso. Negou-se ainda o Conselho, numa sessão immediata, a discutir a reforma dos Estatutos e cassou o direito da palavra ao representante do Coritiba, sem motivo justificado; o representante do Paraná teve igual sorte, coitado!

Estava dest'arte solenemente implantado no Conselho da Liga o regimen da ralha e do terror. Um verdadeiro estado de sitio sportivo. [...]

O America, o Paraná e o Coritiba tinham sido desprezados ; eram considerados clubs de importancia secundaria; de nada valiam.

Como proceder nessas circumstancias?

Romper com a Liga; e foi o que se fez. Da pratica desse ato surgiu a Associação Paranaense de Sports Athleticos, que se ostenta hoje, forte, cohesa, victoriosa.⁵⁴⁹

Ao recorrer à metáfora do "Estado de Sítio", supostamente implementado pelo Internacional e seus conchavos, para explicar a perda de importância política de Paraná, Coritiba e América na liga, fica perceptível na declaração de Guimarães que a cisão na LSP foi mais um episódio da disputa pela hegemonia do futebol paranaense, que opunha os clubes das elites locais em dois blocos desde meados de 1912. Na palavras de Capraro: "[...] as divergências ocorridas há quase um ano e meio atrás não haviam sido esquecidas"⁵⁵⁰. Assim como em meados de 1914, essa ruptura entre os grandes clubes locais abriu "brechas", com as quais "jogaram" os clubes menores. Se, em 1914, o Savóia se aproveitou do rompimento de relações entre os principais clubes curitibanos para se aproximar do Internacional e assim ser convidado a ingressar na liga. Dessa vez, o clube se aliou ao bloco dos descontentes, aproveitando da cisão para pleitear uma vaga na primeira divisão da nova liga que surgia.

Para entender melhor a importância dessas "brechas" no horizonte das pretensões de ascensão de um clube pequeno, é preciso lembrar que o regulamento da LSP não previa a possibilidade de ascenso e descenso entre as divisões. Assim, o fato do Savóia ter se sagrado campeão da 2ª divisão A em 1915, não lhe garantia uma vaga na 1ª divisão em 1916. O mesmo acontecia com o Britannia, campeão da 2ª divisão B. Na prática, no contexto analisado, uma

⁵⁴⁹ Idem.

⁵⁵⁰ CAPRARO, A. *Op Cit.* 2002. p 125.

agregação do segundo escalão da LSP só teria uma oportunidade real de ascender à primeira divisão em duas ocasiões: quando um clube da primeira divisão desistisse de sua vaga no campeonato, ou, quando houvesse uma cisão que acarretasse a formação de outra entidade, abrindo novas vagas para clubes interessados em ingressar na divisão principal. Foi esse o caso na ascensão de Savoia e Britannia à elite do futebol paranaense, ocorrida em meio ao litígio entre APSA e LSP.

Desde a cisão, APSA e LSP passaram a disputar palmo a palmo o título de liga mais importante do Paraná. Essa competição por prestígio se passou em dois níveis. Em primeiro lugar, ambas as entidades procuraram atrair o maior número de clubes possível, ampliando assim sua base de representatividade no âmbito local. Em segundo lugar, as duas ligas buscaram o reconhecimento externo, solicitando junto à *Federação Brasileira de Sports* (FBS) a chancela de liga oficial do estado. Na verdade, esses dois objetivos eram interdependentes, visto que, imaginava-se, a FBS escolheria como representante do estado a liga com o maior número de clubes filiados. De outro modo, a própria chancela da FBS, pensavam os dirigentes curitibanos, serviria para atrair mais agremiações à entidade.

Para concretizar o primeiro objetivo, ou seja, atrair mais clubes que a liga inimiga, essas entidades e as agremiações que as controlavam - Internacional, Coritiba, Paraná e América - tiveram que renegociar, ainda que parcialmente, seu imaginário em torno da prática do futebol, aceitando disputar os campeonatos da primeira divisão com clubes de menor expressão, não raro formados pelas classes subalternizadas, que, por seu próprio perfil socioeconômico, não poderiam arcar com as despesas relativas à inscrição nesse torneio. Desse modo, para contar com maior número de inscritos, era fundamental derrubar as barreiras que dificultavam a filiação de clubes pequenos e/ou formados por trabalhadores pobres na liga.

Essa foi a estratégia da APSA. Apenas uma semana depois da fundação da nova liga, sua diretoria fez publicar no *Commercio do Paraná* a seguinte nota: "Ficou deliberado [em reunião] que os clubs que requererem filiação até o dia 10 de março proximo ficam isentos do pagamento de qualquer contribuição"⁵⁵¹. Na mesma publicação, a diretoria da entidade anunciou um novo atrativo para os clubes de Paranaguá: "A Associação, no nobre intuito de facilitar a introdução no campeonato de clubs de Paranaguá, resolveu que um match seja disputado aqui e outro na cidade

⁵⁵¹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 24 fev 1916, p 3.

marinha"⁵⁵². Ao estabelecer que os clubes parnaguaras teriam mando de campo em um dos turnos, a nova liga satisfazia uma velha reivindicação das agremiações da região litorânea, que reclamavam desde o ano anterior dos elevados custos para se locomover até Curitiba em todas as partidas do campeonato. Além dos atrativos financeiros, a APSA se esforçou por construir uma imagem em tudo oposta a da LSP. Para demonstrar poder, inaugurou uma sede na imponente rua XV⁵⁵³. Para qualificar melhor a arbitragem, construiu uma "Escola de Referees"⁵⁵⁴. E, para punir com maior rigor a indisciplina nos gramados e a corrupção na diretoria, reformulou os estatutos e criou um "*Codigo Penal Sportivo*"⁵⁵⁵.

As medidas da APSA geraram uma grande evasão na LSP. Dois dias depois de anunciar a isenção "de qualquer contribuição", Spartano, Reco-Reco, Torino, Operario Pontagrossense e Rio Branco de Paranaguá já haviam migrado da LSP para a nova liga⁵⁵⁶. Nas semanas seguintes, Guarany, Água Verde, Puritano, Operário de Curitiba e Humayta fizeram o mesmo⁵⁵⁷. A saída dessas agremiações, pressionou os dirigentes da LSP a também flexibilizarem seus estatutos. Desse modo, uma série de clubes que, até então, quando muito, frequentavam as divisões inferiores da liga, passaram a jogar no certame de maior prestígio. É o caso do Bella Vista, do Americano, do Pinheiros e, principalmente, do Britannia. Agremiação formada pelos: "[...] empregados da Fábrica de Vidros Solheid & Engerke - localizada na rua Ratcliffe [...]"⁵⁵⁸, que saiu da segunda divisão B, para ser campeão da LSP em 1916.

De fato, a existência e representatividade dos clubes populares não poderia mais ser negligenciada pelas elites. E, se na prática, o futebol curitibano permanecia sob o controle das quatro equipes tradicionais da capital, com a cisão no interior das elites, os clubes de menor expressão e aqueles de outras regiões, como Paranaguá e Ponta Grossa, ganharam uma enorme importância política e um maior poder de negociação. Com ambas as ligas disputando filiados, a escolha desses clubes passou a ser o fiel da balança na corrida pelo posto de entidade mais representativa do estado. Nessa conjuntura, o processo experimentado pelo Savóia foi exemplar

⁵⁵² Idem.

⁵⁵³ SPORT. *Commercio do Paraná*. 10 mar 1916, p 3.

⁵⁵⁴ SPORT. *Commercio do Paraná*. 17 mai 1916, p 3.

⁵⁵⁵ GUIMARÃES, L. Secção Desportiva. *Diario da Tarde*. 27 out 1916, p 2.

⁵⁵⁶ SPORT. *Commercio do Paraná*. 26 fev 1916, p 3.

⁵⁵⁷ SPORT. *Commercio do Paraná*. 12 mar 1916, p 3.

⁵⁵⁸ CARDOSO, F. *Op cit.* p 425. Além dos operários da fábrica de vidros, segundo Machado e Chrestenzen, os integrantes de outros dos times, Leão F. C. e Tigre F. C., do "quartirão do Tigre", nas proximidades da vidraçaria, auxiliaram na fundação do Britannia. CHERESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 7.

dessa mudança no poder de influência e negociação dos clubes pequenos. De ator secundário em 1915, essa agremiação passou a protagonista em 1916, com direito a escolher a liga pela qual disputaria o campeonato da primeira divisão

Atento às "brechas" de oportunidade que se abriram com a cisão, o Savóia esperou até o último momento para optar por uma das ligas. Enquanto isso, sua diretoria barganhava com ambos os lados a posição mais favorável ao clube. Em princípio, quando do movimento de ruptura, o Savóia permaneceu na LSP, dando a entender que persistiria no papel exercido desde 1914, o de fiel aliado do Internacional. A primeira indicação em contrário veio em 01 março de 1916, alguns dias depois da APSA anunciar a gratuidade das filiações, quando a diretoria do Savóia, respeitando uma deliberação da assembleia geral, enviou um pedido de demissão à LSP⁵⁵⁹. O clube passou quase um mês em neutralidade, período no qual organizou outras duas assembleias - nos dias 08/03 e 16/03 - para debater em qual liga deveria ingressar. Nesse meio tempo, representantes de ambas as ligas procuraram a diretoria da agremiação, que, pelo fato de ser o campeã da segunda divisão A em 1915, era uma das mais disputadas entre LSP e APSA⁵⁶⁰. A opção pela APSA se deu na última hora, e o pedido de filiação foi enviado no dia em que as inscrições para o campeonato se encerraram⁵⁶¹. O detalhe não parece fortuito, ao se dar o direito de esperar até o derradeiro minuto para escolher um lado, o Savóia demonstrava que, no espaço de apenas um ano, as relações de poder tinham se reconfigurado no futebol paranaense.

Essa correlação de forças tem uma expressão numérica. Das 13 agremiações que disputaram os campeonatos da primeira divisão em 1916 - 7 na APSA e 6 na LSP - sete eram novas nas divisões principais. Dessas sete, 5 tinham vindo da segunda divisão A ou B da LSP⁵⁶². Alguns dos clubes que ascenderam nesse momento, como o próprio Savóia e o Britannia, contavam com atletas oriundos das classes populares em seus times titulares, alguns deles negros e mestiços, como Floriano e Moura, ambos do Britannia⁵⁶³, que enfrentaram novos obstáculos no decorrer do ano, para legitimarem sua participação nesses torneios. Como veremos, esses obstáculos estavam relacionados à tramitação de uma nova "Lei do Amadorismo" na LMSA, do Rio de Janeiro, cujas consequências repercutiram em Curitiba.

⁵⁵⁹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 02 mar 1916, p 2.

⁵⁶⁰ SPORT. *Commercio do Paraná*. 16 mar 1916, p 2.

⁵⁶¹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 05 mar 1916, p 3

⁵⁶² Era o caso do Britannia, do Savoia, do Bela Vista, do Reco-Reco Independente (que depois muda o nome para Palmeiras) e do Spartano,

⁵⁶³ Ver fotografia Britannia Anexo I.

2.4 "Odienta e absurda": a recepção da nova "Lei do Amadorismo" em Curitiba e a defesa da inserção de trabalhadores pobres e negros nas ligas de futebol

Conforme observamos anteriormente, além de competirem pelo maior número de filiados, LSP e APSA disputavam o reconhecimento da *Federação Brasileira de Sports* (FBS)⁵⁶⁴. Desde 1915, a LSP constava na lista das entidades filiadas à FBS, mas, na prática, os dirigentes curitibanos desconheciam quase que completamente a natureza da federação nacional. Isso se dava, pois, como indica Sarmiento, quem fazia a ponte entre a FBS e as ligas estaduais eram os deputados e senadores que, por residirem na capital, cumpriam o papel de representantes dos *sportmen* de seu estado de origem, ficando os reais dirigentes esportivos locais completamente alheios ao que se passava na instituição nacional⁵⁶⁵.

Ainda em 1916, o desconhecimento dos paranaenses sobre o que ocorria no plano esportivo em nível nacional, era alvo de piada no jornal *A Tribuna*, da capital federal. Segundo seu correspondente em Curitiba: "A Liga Paranaense é, como ninguém ignora, uma das cellulas da Federação Brasileira de Sports". Contudo, segue o cronista: "[...] se ella possui junto a essa Federação uma representação, é unicamente por lhe terem dito que a devia ter ahí. Pode-se garantir que a directoria e o conselho da Liga, aqui, não tem uma ideia precisa, nitida, do que seja a Federação Brasileira"⁵⁶⁶. O jornalista ainda informava, que, nas reuniões do conselho da LSP: "[...] nem o nome dessa mesma Federação foi communicado como elle é". Aludindo ao fato dos dirigentes paranaenses desconhecerem a própria denominação *Federação Brasileira de Sports*, se

⁵⁶⁴ A Federação Brasileira de Sports (FBS) foi criada em 08 de Junho de 1914, a partir da iniciativa de Álvaro Zamith, dirigente da LMSA, com apoio da Associação Paulista de Sports Athleticos (APSA) - liga fundada em São Paulo, em 1913, depois de uma cisão na Liga Paulista de Foot-Ball (LPF). Trata-se de uma primeira tentativa de organização de uma instituição que gestasse a prática esportiva em nível nacional. Segundo Carlos Eduardo Sarmiento, a FBS era responsável pela: "organização do esporte nacional, incluindo-se aí a preparação e realização de torneios e eventos esportivos nacionais e internacionais". SARMENTO, Carlos E. *A regra do jogo: uma história institucional da CBF*. Rio de Janeiro: CPDOC, 2006. p 5. Logo, a FBS era, do ponto de vista administrativo, uma instância superior, à qual as demais ligas regionais por ela reconhecidas estavam submetidas. Em troca da submissão às normas da FBS, as ligas regionais ganhavam o título de "liga oficial" nos seus respectivos estados.

⁵⁶⁵ SARMENTO, C. *Op Cit*, p 4.

⁵⁶⁶ Antes de republicar a notícia de *A Tribuna*, o *Commercio do Paraná* corrobora a afirmação dos cariocas: "Publicamos abaixo uma correspondencia daqui enviada para *A Tribuna do Rio*, na qual se diz que os dirigentes da nossa Liga Sportiva nunca ouviram fallar na Federação Brasileira de Sports, á qual está filiada a entidade paranaense. Seria de nosso dever defender os inefaveis *sportmen* paranaenses, mas não o fazemos porque estamos quasi de accordo com o que diz o perspicaz correspondente do jornal carioca". *SPORT. Commercio do Paraná*. 28 jan 1916, p 2.

referindo à entidade apenas como "Liga Metropolitana"⁵⁶⁷. O fato de confundirem constantemente o nome da FBS com o da liga carioca é emblemático sobre a visão que os dirigentes de Curitiba tinham da federação nacional. Para esses sujeitos, a FBS era uma espécie de quintal da Liga Metropolitana (LMSA), completamente dominada pelos cartolas do Rio de Janeiro.

Esse isolamento dos paredros paranaenses, só começou a ser rompido em janeiro de 1916, quando Luiz Guimarães, aproveitando dos contatos que mantinha no Rio de Janeiro - era irmão de Joaquim Guimarães, importante dirigente do Flamengo e da LMSA⁵⁶⁸ -, enviou um ofício à FBS, esclarecendo os pormenores do "caso Dominguito", solicitando ainda que a federação nacional interviesse na LSP para anular o campeonato de 1915⁵⁶⁹. Desse momento em diante, a FBS surgiu como um ator fundamental no jogo político do futebol paranaense, e continuaria assim durante todo o ano de 1916.

Depois de consumada a cisão, LSP e APSA, em disputa para ver quem seria escolhida a "liga oficial" do estado, enviaram ao Rio de Janeiro alguns dos seus mais importantes dirigentes. A LSP destacou para essa missão Agostinho Leão Júnior, empresário do mate e membro de uma das famílias mais influentes de Curitiba⁵⁷⁰. Enquanto sua rival conferiu: "[...] plenos poderes aos Srs João Stoll Goçaves, nosso conterrâneo, e dr. Joaquim Guimarães, irmão do estimado sportman Luiz Guimarães, e representante do Club de Regatas Flamengo junto à Liga Metropolitana, para agirem em nome da [APSA] no Rio de Janeiro"⁵⁷¹.

⁵⁶⁷ Idem. O autismo dos dirigentes paranaenses havia provocado uma situação cômica em 1915, quando, por ocasião da fundação da Federação Brasileira de Football (FBF) - entidade idealizada pela Liga Paulista de Football (LPF), que disputava com a FBS o controle da prática futebolística em nível nacional - os dirigentes da LPS receberam um convite para compor o quadro associativo dessa entidade, convite aceito às pressas pelo então presidente Paulo Assumpção, associando a LSP, ao mesmo tempo, na FBS e na FBF, duas entidades em litígio. Esse fato acarretou uma série de constrangimentos à entidade paranaense, e seus dirigentes tiveram que esclarecer publicamente o mal entendido.

⁵⁶⁸ Luiz Guimarães nasceu no Rio de Janeiro, em família tradicional, filiada ao Fluminense F. C. desde a primeira década do século XX. Foi nesse clube que, ainda jovem, tomou contato com o esporte bretão. Posteriormente jogou no Botafogo, no América, no Rio F. C. e em outras equipes, até chegar ao América de Curitiba em fevereiro de 1915. Depois de aposentadas as luvas de goleiro, Guimarães se tornou um dos principais dirigentes do futebol paranaense, presidindo o América, o Atlético Paranaense e a liga local, nos anos subsequentes. Cf: SOUZA, Jhonatan U. Uma voz contra a seleção: aspectos regionais de um conflito pela hegemonia do futebol nacional. IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013. Seu irmão, Joaquim Guimarães, foi um dos associados que romperam com o Fluminense para formar a equipe de futebol do Flamengo, se tornando posteriormente um dos principais dirigentes cariocas. Era membro do seletivo grupo dos endinheirados "torcedores de fitinha no chapéu", descrito por Mario Filho. FILHO, M. *Op cit.* p 57-58.

⁵⁶⁹ GUIMARÃES, L. O caso Dominguito. *Commercio do Paraná*. 30 jan 1916, p 3.

⁵⁷⁰ SPORT. *Commercio do Paraná*. 30 mar 1916, p 3.

⁵⁷¹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 23 mar 1916, p 3.

Num primeiro momento, a FBS manteve-se neutra e enviou ofícios a ambas as entidades, garantindo que seus interesses seriam levados em consideração, mas recomendando que voltassem a se fundir, para unificar a administração do esporte no estado. Ainda no sentido de fomentar a reunificação, a federação nacional delegou poderes à alguns dirigentes cariocas que visitaram Curitiba, na intenção de mediar o conflito entre as ligas locais e auxiliassem nas negociações para a fusão. O primeiro a tentar negociar a pacificação, foi Alberto Silves, presidente do Villa Izabel F. C. e membro do Conselho Diretor da *Liga Metropolitana de Sports Athleticos* (LMSA), que:

[...] aproveitando a sua estadia nessa capital, onde veio a negocio da companhia de seguros 'Idemnisadora', como bom sportman que é tratou desde logo de empregar os seus bons officios junto á Associação Paranaense de Sports Athleticos e á Liga Sportiva Paranaense, afim de fazel-as chegar a um acordo que viesse pôr termo á scisão que ha mezes se verificou no nosso meio sportivo.⁵⁷²

O *Diário da Tarde* era ainda mais enfático quanto à missão de Silves: "O sr Silves [...] veio, apesar de em caso particular, ver se consegue em nome da Federação Brasileira de Sports, um accordo entre as duas ligas sportivas existentes em nosso Estado"⁵⁷³. Depois de se reunir por duas vezes com a diretoria de cada liga, os membros da APSA, em oposição ao seu próprio presidente João Seiler, rejeitaram a fusão: "[...] por 11 votos contra os do Coritiba F. B. Club e Agua Verde F. B. Club"⁵⁷⁴.

Algumas semanas depois, foi a vez de Belfort Duarte, dirigente do América F. C., do Rio de Janeiro, tentar um acordo entre APSA e LSP. Voltando de viagem ao Rio Grande do Sul e Santa Catarina, onde fundou um América F. C. na cidade de São Francisco do Sul, Duarte passou pela capital paranaense onde se encontrou com alguns dirigentes do América curitibano⁵⁷⁵. Conforme publicado no *Diário da Tarde*, aproveitando sua estadia, Duarte se ofereceu como "intermediario do accordo" entre as ligas locais, mantendo: "[...] sobre esse assumpto [fusão] repetidas conferencias quer com os directores da Associação, quer com os da Sportiva"⁵⁷⁶.

Não obstante os esforços da FBS e dos dirigentes cariocas, a união das ligas não foi consumada. Diante do fracasso das tentativas de negociação, e depois de um longo debate

⁵⁷² SPORT. *Commercio do Paraná*. 08 abr 1916, p 2.

⁵⁷³ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 07 abr 1916, p 2.

⁵⁷⁴ SPORT. *Commercio do Paraná*. 09 abr 1916, p 2.

⁵⁷⁵ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 15 abr 1916, p 2.

⁵⁷⁶ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 18 abr 1916, p 2.

travado na imprensa de Curitiba⁵⁷⁷, a FBS terminou por reconhecer a LSP, sua associada mais antiga, como representante oficial do Paraná⁵⁷⁸. Em face disso, a APSA pediu filiação à *Federação Brasileira de Football* (FBF)⁵⁷⁹, uma entidade fundada em São Paulo, em 1915, que disputava com a FBS o controle do futebol brasileiro⁵⁸⁰. Embora tenha oficializado seu ingresso na FBF apenas em setembro de 1916, desde abril a diretoria da APSA estava ciente de que eram mínimas as chances de ser escolhida pela FBS como sua representante no estado. Nessa conjuntura, as críticas dos dirigentes da APSA à forma como o futebol era gerido na capital federal - e por conseguinte no Brasil, uma vez que os dirigentes paranaenses entendiam a FBS quase que como uma extensão da liga carioca - se multiplicaram.

Um artigo de Luiz Guimarães no *Commercio do Paraná*, de 30 de abril de 1916, é sintomático desse movimento. Na missiva, o primeiro secretário e porta-voz da APSA satiriza os dirigentes cariocas que tentaram intervir para a reunificação das ligas de Curitiba: "Chega até a causar uma certa admiração o interesse que tomam todos presentemente no Rio, pelo sport no Paraná [...]", visto que: "[...] a maior parte delles só conhece o Paraná no mappa ou em photographias, e ignora completamente o movimento sportivo do mesmo"⁵⁸¹. Conforme Guimarães, os cariocas não tinham legitimidade para criticar a cisão no Paraná, pois o exemplo

⁵⁷⁷ Alguns textos, cartas e crônicas desse embate - que ficou conhecido como "Questão do Reconhecimento" - podem ser encontrados nas seguintes edições: GUIMARÃES, L. A questão do Reconhecimento. *Commercio do Paraná*. 14 mar 1916, p 3 ; GUIMARÃES, L. O blefe que faltava. *Commercio do Paraná*. 16 mar 1916, p 2; SPORT. *Commercio do Paraná*. 05 abr 1916, p 1; SPORT. *Commercio do Paraná*. 07 abr 1916, p 2; GUIMARÃES, L. Filiações e Reconhecimentos. *Commercio do Paraná*. 14 jun 1916, p 2 e LOTUS. O reconhecimento da A.P.S.A. *Commercio do Paraná*. 15 jun 1916, p 3.

⁵⁷⁸ Na verdade, desde março a FBS havia deixado claro num telegrama enviado a LSP e publicado no *Commercio do Paraná*, que, caso a fusão não se consumasse, a federação manteria a LSP como sua representante no Paraná, utilizando como critério para a escolha, o fato de essa ser sua filiada desde 1915 e sócia fundadora. Nas palavras do próprio Mario Pollo, primeiro secretário da FBS, no referido ofício: "Em qualquer caso, porem, esta Federação prestigiará de preferencia os organs officiais da Liga Sportiva Paranaense, porque, de accordo com os estatutos da mesma Federação, é essa Liga a unica representante dos sports terrestres do Estado do Paraná perante ella". IN: SPORT. *Commercio do Paraná*. 30 mar 1916, p 3. No entanto, a APSA só desistiu completamente de pleitear uma vaga na FBS em setembro.

⁵⁷⁹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 08 set 1916, p 3.

⁵⁸⁰ No mesmo ano de 1916, a *Federação Brasileira de Football* (FBF) - sediada em São Paulo, onde também estava a sua principal promotora, a *Liga Paulista de Football* (LPF) - e a *Federação Brasileira de Sports* (FBS), do Rio de Janeiro, competiam pela hegemonia do futebol nacional. A disputa se dava basicamente nos mesmos termos que no Paraná. Por um lado, ambas as entidades buscavam a filiação do maior número possível de ligas estaduais, por outro, competiam junto à FIFA e às federações da Argentina e do Uruguai, o reconhecimento em nível internacional. Cf: SARMENTO, C. *Op Cit.* p 1-21. Em uma de suas crônicas, o próprio Luiz Guimarães estabeleceu essa comparação entre a disputa por hegemonia no controle dos esportes que ocorria no Paraná, entre LSP e APSA, com a que se dava nacionalmente, entre FBS e FBF: "O mesmo que está se passando com a Federação de Sports e a Associação Argentina, passa-se entre nós e aquella entidade". GUIMARÃES, L. Filiações e Reconhecimentos. *Commercio do Paraná*. 14 jun 1916, p 2.

⁵⁸¹ GUIMARÃES, L. E' sempre assim. *Commercio do Paraná*. 30 abr 1916, p 2

de indisciplina esportiva vinha deles próprios: "[...] quando não é o Villa Izabel que quer esmagar o Mangueira é o Fluminense que quer comer o Flamengo". E continua:

Junta-se a isso o desacato aos referees, a politicagem das ligas, a eterna disputa de supremacia entre a Federação de Sports e a Federação de Football, o partidarismo dos cronistas e outras bellezas semelhantes e deduz-se depois que quem menos pode criticar os paranaenses somos nós cariocas⁵⁸².

Críticas como a de Luiz Guimarães tinham dois objetivos políticos: o primeiro era deslegitimar os dirigentes cariocas e a FBS, minimizando assim os impactos de uma não aceitação da APSA por essa federação; o segundo objetivo consistia em, por meio das críticas à liga carioca, tentar atingir indiretamente a LSP, uma vez que esta era a representante oficial da FBS no Paraná. Essa estratégia de atacar os cariocas para atingir a LSP fica ainda mais evidente quando analisamos a repercussão em Curitiba da nova "Lei do Amadorismo", que, apesar de debatida no Rio de Janeiro, teve desdobramentos muito importantes no Paraná. Terminando, numa dessas contradições da história - já que a lei foi elaborada para excluir esses grupos -, por legitimar a inserção, como atletas, de trabalhadores pobres e negros nas ligas de futebol locais.

Segundo Leonardo Pereira, Alberto Silveiras - o mesmo dirigente do Vila Isabel que veio a Curitiba em 1916 tentar negociar a reunificação das ligas -, incomodado com a rápida popularização do futebol no Rio de Janeiro, iniciou, em agosto de 1915 - em meio às discussões para a reforma dos estatutos da LMSA - uma campanha, por meio de uma série de textos publicados na revista *Sports*, sobre a necessidade de "selecionar melhor" os atletas da liga carioca. Conforme Pereira, Silveiras protestava contra a "[...] forçada mistura de classes - que tiraria do elegante jogo inglês todo seu brilho"⁵⁸³. No início de 1916, as propostas do dirigente foram transformadas em um projeto, que foi enviado para a apreciação do conselho da liga. Entre outras coisas, esse projeto previa excluir da primeira divisão da entidade, atletas cuja renda mensal fosse inferior a 300\$000 ou que trabalhassem em serviços braçais⁵⁸⁴. A proposta dividiu opiniões, sendo "[...] acolhida com entusiasmo por boa parte da imprensa esportiva [...]"⁵⁸⁵, enquanto era rechaçada por marinheiros e outros indivíduos prejudicados pelo regulamento, que

⁵⁸² Idem. Vale lembrar que Luiz Guimarães nasceu no Rio de Janeiro.

⁵⁸³ PEREIRA, L. *Op Cit.* p 115. Grifo no original.

⁵⁸⁴ Ibid, p 116.

⁵⁸⁵ Idem.

enviaram cartas às redações dos jornais cariocas reclamando do conteúdo preconceituoso da proposta⁵⁸⁶.

Pereira afirma que: "Apesar de todas as críticas recebidas pelo projeto, muitas de suas propostas seriam incorporadas, em abril daquele ano, na discussão sobre a nova Lei do Amadorismo da entidade". Assim como o projeto que a inspirou, a nova lei do amadorismo, aprovada na liga em 26 de abril de 1916⁵⁸⁷, gerou diversas polêmicas e conquistou muitos apoiadores e adversários. Ainda em maio, Noel de Carvalho, presidente do Bangu, publicou uma carta na *Gazeta de Notícias*, protestando contra a decisão da liga. A atitude foi repetida por outras pessoas, que enviaram cartas aos periódicos denunciando a injustiça da novo regulamento, rebatizado agora pelo simbólico epíteto de "lei da seleção"⁵⁸⁸. O fato de, no mesmo período, Rio de Janeiro e São Paulo - com os demais estados se associando a um dos lados - estarem disputando o controle do futebol nacional, por meio, respectivamente, da *Federação Brasileira de Sports* (FBS) e da *Federação Brasileira de Football* (FBF), contribuiu para que essa polêmica sobre o conceito de amadorismo da Liga Metropolitana, ultrapassasse as fronteiras do Rio de Janeiro⁵⁸⁹. Isso gerou, segundo Luiz Guimarães: "[...] innumeros protestos, levantados de norte a sul do país, contra a ilegal, odiosa e absurda pressão que a sua 'criadora' [LMSA] pretendia exercer sobre as classes operárias"⁵⁹⁰.

Em Curitiba, as primeiras notícias sobre a aprovação da nova "lei do amadorismo" no Rio de Janeiro, surgiram em 03 de maio, quando o *Diário da Tarde* publicou todos os doze parágrafos do novo regulamento. No texto da lei, o conceito de amadorismo era completamente reformulado. Embora o artigo 30º mantivesse a definição clássica de amador: "[...] todas as pessoas que por gosto ou divertimento, jamais com intuito de lucro, exercerem qualquer sport athletico [...]", o artigo "31º - Não serão considerados amadores" impunha outros obstáculos para a inscrição de um atleta como amador. Conforme esse artigo, era vedada a condição de amador:

⁵⁸⁶ Ibid, p 116-118.

⁵⁸⁷ SANTOS, J. *Op cit.* 2010, p 143-144.

⁵⁸⁸ Ibid, p 118-119.

⁵⁸⁹ O próprio Leonardo Pereira, na nota de rodapé 56, da página 185, indica que o debate repercutiu também em São Paulo. Cf: Ibid, p 185. De fato, o colunista esportivo de *O Estado de São Paulo* se posicionou contrário à exclusão dos operários, chegando a estimular que esses trabalhadores recorressem à justiça comum, contra a liga estadual (LMSA) e a nacional (FBS): "A exclusão dos operários nos torneios sportivos não é só um absurdo, é também uma coerção dos seus direitos civis, contra a qual, elle podem perfeitamente recorrer á protecção da justiça, tanto mais que se trata de instituições com entidade jurídica, que gosam de subsidios dos poderes publicos, os quaes não podem servir para sustentar privilegios". AMADORES E PROFISSIONAES. *O Estado de São Paulo*. 25 mai 1916, p 3.

⁵⁹⁰ GUIMARÃES, L. Lei do Amadorismo. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1917. p 2.

"[...] aos que tiram seus meios de subsistencia de qualquer profissão braçal [...]" e "[...] aquelles cuja profissão lhes permita receber gorgeta". A lista de proibições continuava, citando cerca de 30 profissões nominalmente - estavam alijados da liga os pescadores, barqueiros, condutores de vehiculos, trabalhadores de fabricas, barbeiros, guardas civis, caixeiros, criados de servir, entre outros. Por fim, o último parágrafo determinava que não seriam aceitos como amadores, todos os indivíduos: "[...] que exercerem qualquer posição profissão ou emprego que, a juízo do Conselho Superior, esteja abaixo do nivel moral e social exigido pelo sport do amadorismo"⁵⁹¹.

A publicação da lei no *Diário da Tarde* serviu para fomentar o debate sobre amadorismo, profissionalismo e inserção de trabalhadores pobres e negros nas ligas de Curitiba e do restante do Brasil. Em um momento marcado pela ascensão dos clubes relacionados aos setores empobrecidos da população local, temia-se que, uma vez bem sucedido o novo conceito de amadorismo na liga carioca, os dirigentes do Rio de Janeiro tentassem fazer com que a nova lei fosse acatada também pela FBS⁵⁹², estendendo seu alcance para todo o território nacional, onde houvesse ligas filiadas a essa entidade. Nessa conjuntura nebulosa e recheada de incertezas, enquanto os dirigentes da LSP - representante oficial da FBS no Paraná - mantiveram um silêncio sepulcral sobre o tema, os paredros ligados à APSA - ressentidos com a não aceitação do seu pedido de inscrição na FBS - se voltaram contra a nova lei do amadorismo, atacando frontalmente os princípios que a regiam. Era o caso de Luiz Guimarães, primeiro secretário e porta-voz da APSA, que definiu a nova lei como "[...] um dos maiores, se não o maior, absurdo sportivo do seculo XX". Argumentava o paredro:

O principio da Igualdade que deve reger e orientar a todas as sociedades mórmente as de natureza sportiva, foi posto de lado; ficaram apenas considerados amadores do sport pela L.M.S.A., no Rio de Janeiro, os estudantes e os que dispõem de mil e quinhentos para comprar uma gravata.

Nas disposições da referida Lei ha contradicções flagrantes. Diz ela:

a) toda as pessoas que, por gosto ou divertimento, jamais com o intuito de lucro, exercerem qualquer sport athletico;

Mais adiante diz que não reconhece amadores os que tirem os seu meio de subsistencia de qualquer profissão braçal. E cita os operarios de qualquer natureza, marceneiros, ferreiros, carpinteiros, etc., os empregados de hoteis, bars, cafés, guardas civis, praças de pret, etc., et.

Não poderão por acaso, esses operarios, esses empregados, esses praças de pret, injustamente atingidos pela Lei, tão amadores quanto os estudantes? Então só tem direito á pratica dos sports os Barões, os viscondes, os commendadores e os estudantes, isto é, os *profissionais da familia*, na sua maioria os que mais fomentam a desordens e anarchizam o sport? Por que motivos as camadas

⁵⁹¹ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 03 mai 1916. p 2

⁵⁹² É preciso recordar que, como apontamos anteriormente, os futebolistas paranaenses entendiam a FBS como uma espécie de extensão da LMSA, confundindo constantemente ambas as entidades, e acreditando que a Federação era uma entidade dominada pelos dirigentes cariocas. Cf: SPORT. *Commercio do Paraná*. 28 jan 1916, p 2.

modestas, as classes trabalhadoras, os operarios, tão honrados e tão dignos como os demais não podem ser considerados amadores?

Serão porventura as profissões destes menos honestas que a dos estudantes, medicos, advogados, engenheiros, etc? Não. Todos nós, sem distinção, somos profissionais da vida; no culto dos sports, o marceneiro pode ser tão amador quanto o medico, o catraeiro, tanto quanto o advogado [...]

Portanto, o que os illustres paredro da Metropolitana adoptaram não foi uma lei de amadorismo, como dizem, mas sim, uma lei de selecção, **odienta e absurda**, porque visa o rebaixamento das classes trabalhadoras e que por isso deve merecer a repulsa de todos os sportmen brasileiros.

Pela nova Lei um caixeiro honrado não pode praticar o sport, entretanto poderá fazê-lo muito traficante engravatado.

Uniformizados, no meio do campo, não se distingue o operário do cientista, o pobre do rico, o trabalhador do capitalista; ha uma lei no sport e perante ella devem todos ser iguaes.⁵⁹³

Em outra carta, ainda comentando a 'lei da selecção', Luiz Guimarães indicava que, além do critério classista de exclusão, haveria outro critério de "selecção" não declarado, baseado em parâmetros raciais e de cor, igualmente reprováveis na concepção do secretário da APSA:

Cada vez me convenço mais de que tinha carradas de rasão, quando me insurgi, num artigo publicado nestas mesmas columnas, contra as absurdas disposições contidas numa Lei approvada pelo Conselho da Liga Metropolitana, do Rio, á qual emprestaram erroneamente a denominação de "Lei do Amadorismo", mas que eu classifiquei de "Lei de Selecção".

De facto, o que procuraram os dirigentes do sport carioca foi seleccionar, mas de uma forma revoltante, odiosa até, os elementos que cultivam o football. E esta selecção absurda, chegou até a ridícula questão de cor, como se todos nós, brancos ou pretos, não tivéssemos os mesmos direitos a gozar e os mesmos deveres a cumprir, em face das soberanas lei que nos regem.

[...] a unica selecção admissivel no sport é a da classe dos amadores e dos profissionais. As demais que se queiram ou que se pretendem fazer, são contraproducentes, ridiculas, absurdas, odiosas e como taes tendem a cahir.

Antes de mais nada, precisam os dirigentes do sport carioca se lembrar que ha muito operario preto e honrado e muito homem de posição social elevada branco e venal.⁵⁹⁴

Nascido em família tradicional no Rio de Janeiro e imerso no círculo restrito das elites curitibanas, Luiz Guimarães não defendia os atletas negros e pobres por simples convicção democrática⁵⁹⁵. Porta voz da APSA, uma liga recém filiada à FBF - entidade paulistana que, como vimos, disputava com os cariocas o controle do futebol nacional - sabia ele, que ao escancarar os preconceitos que regiam a administração do futebol na capital federal, terminaria

⁵⁹³ GUIMARÃES, L. A lei do amadorismo. *Commercio do Paraná*. 07 mai 1916, p 3. Grifo nosso.

⁵⁹⁴ GUIMARÃES, L. Selecção Sportiva. *Commercio do Paraná*. 29 out 1916, p 2. Conforme Pereira, as primeiras tentativas de proibir o ingresso de negros na liga carioca, remetiam ainda ao ano de 1907. Cf: PEREIRA, L. *Op cit.* p 67.

⁵⁹⁵ As ambiguidades de Luiz Guimarães tornam-se evidentes em 1917, quando a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) propõe a proibição do ingresso de analfabetos nas ligas a ela filiadas. Num país onde a imensa maioria da população não tinha acesso a educação formal, uma determinação dessa natureza tinha um poder de exclusão similar ao da "lei do amadorismo" discutida em 1916. No entanto, Guimarães estava entre os que aplaudiam a determinação. Comentando a proibição de analfabeto pela CBD, o cartola afirma que a: "alinea da disposição que deve merecer applausos unanimes dos sportmen brasileiros [...] é aquella que diz respeito ao 'analphabetismo' uma das maiores pragas que assolam a humanidade e muito especialmente o nosso caro Brasil". GUIMARÃES, L. Lei do Amadorismo. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1917. p 2.

por atingir indiretamente a LSP. Dessa maneira, procurava lançar sobre esta, a alcunha de liga aristocrática, dominada pelos corruptos dirigentes do Internacional, que geriam seus negócios como num "Estado de Sítio", enquanto reforçava uma imagem de liga plural, baseada em princípios liberais e republicanos, para a APSA. Ainda no sentido de afirmar uma imagem "democrática" para si mesma, no dia 13 de maio, em meio aos festejos que ocorriam nos clubes operários e negros da cidade, em comemoração à data de assinatura da Lei Áurea, os dirigentes da APSA decidiram organizar, de última hora, um festival esportivo, para prestar: "[...] uma homenagem á grande data que hoje passa"⁵⁹⁶. O festival, "[...] assistido por s. ex., o sr. Presidente do Estado [...]", contou com um jogo entre os combinados "verde" e "vermelho", atletas da APSA, seguido de um "[...] lunch, durante o qual se trocaram os mais cordiais brindes"⁵⁹⁷. Ao se unir às sociedades negras e operárias nas festividades que celebravam o fim da escravidão, a APSA marcava posição, evidenciando o lado que assumia no debate sobre a "lei da seleção".

Na prática, os clubes mais elitizados continuavam ocupando os principais postos de comando da APSA, e os discursos de pluralismo e democracia eram, na maioria das vezes, meras peças retóricas⁵⁹⁸. No entanto, para os trabalhadores braçais, pobres, afrodescendentes e as agremiações formadas por esses segmentos, até então relegados ao segundo plano, considerados uma presença incomoda para os *sportmen*, o simples fato de ter um dirigente da envergadura de Luiz Guimarães, primeiro secretário e porta-voz da maior liga do Paraná, defendendo seus direitos na imprensa, era, por si só, uma vitória. Para esses sujeitos, a recusa de uma parcela dos dirigentes locais à "lei do amadorismo" carioca, ainda que motivada por objetivos outros, significava um avanço inestimável no processo de legitimação de sua inserção no circuito futebolístico formal de Curitiba e, porque não, de sua própria cidadania, do direito à participação efetiva na vida da cidade⁵⁹⁹. Essas defesas públicas eram, ainda, uma demonstração de força. Um

⁵⁹⁶ SPORT. *Commercio do Paraná*. 13 mai 1916, p 3.

⁵⁹⁷ SPORT. *Commercio do Paraná*. 14 mai 1916, p 2.

⁵⁹⁸ Os paredros de Paraná, América e Coritiba, controlavam quatro, das sete vagas da diretoria, e monopolizavam a *Comissão de Football*. Além disso, os principais cargos estavam nas mãos desses indivíduos. A presidência era ocupada por João Seiler, do Coritiba, a vice-presidência era exercida por Gil Guatemosin e Ildefonso Rocha, do Paraná, enquanto o primeiro secretário e porta-voz da liga, era Luiz Guimarães, do América. Mesmo a tesouraria era ocupada por um clube das elites, só que de Paranaguá, o Rio Branco. SPORT. *Commercio do Paraná*. 12 mar 1916. p 3.

⁵⁹⁹ Como Rachel Soihet: "[...] tanto a prática do futebol como a do samba pelos populares nesse período mesclavam-se a um processo de luta com a vista a garantir a sua prática. Afinal, nos primeiros anos da República predominava um quadro em que tais segmentos, excluídos da participação política, rejeitaram a segregação que lhes pretendiam impor e, a partir de suas manifestações, desenvolveram formas alternativa de organização vinculadas ao terreno da cultura, através da qual edificaram uma cidadania. Conseguiram, assim, romper, em grande parte, as algemas que se

sinal de que novos espaços haviam sido conquistados por esses sujeitos, e que uma nova relação de poder, contra-hegemônica, era construída na liga, ainda que de forma lenta e não linear. Em 1917, quando a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) - criada pela fusão entre a FBS e a FBF⁶⁰⁰ - começou a discutir uma nova "lei do amadorismo", que visava, mais uma vez, excluir trabalhadores braçais da prática do futebol⁶⁰¹, Luiz Guimarães deixou claro a importância que esses sujeitos e suas agremiações passaram a ter nas ligas:

[...] não se lembra também a Confederação Brasileira de Desportos que as associações dos diversos Estados que lhe são federadas, não estão dispostas a desprezar as sociedades que as compõem, organizadas por esses mesmos elementos [operários], em prejuízo de seus interesses e em detrimento dos mais comensuráveis princípios do Direito.⁶⁰²

A ascensão dos clubes menores foi sentida também nos gramados. Em 1915, o campeonato da LSP teve os tradicionais Internacional e Paraná como, respectivamente, campeão e vice-campeão. Em 1916, foi a vez do modesto Britannia sagrar-se campeão da LSP, depois de vencer oito jogos, de nove disputados. O segundo lugar coube ao estreante e pouco conhecido América de Paranaguá, que perdeu a decisão do título para os "britannicos", pelo placar de 4 a 0⁶⁰³. Na APSA, o clube dos italianos do Água Verde, estreante na primeira divisão, fez uma temporada igualmente brilhante. Dos treze jogos disputados antes da final, o Savóia venceu dez,

lhes pretendiam aprisionar, integrando-se à vida da cidade, inter-relacionando-se com as demais classes sociais." SOIHET, Rachel. O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília A. N. *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003, p 290. Estudando a cidade do Rio de Janeiro na Primeira República, José Murilo de Carvalho também observou a relação entre festas populares, associações recreativas e a construção de uma via não formal de atuação política: "Impedida de ser república, a cidade mantinha suas repúblicas, seus nódulos de participação social, nos bairros, nas associações, nas irmandades, nos grupos étnicos, nas igrejas, nas festas religiosas, e profanas e mesmo nos cortiços e nas maltas de capoeira. Estruturas comunitárias que não se encaixavam no modelo contratual do liberalismo dominante na política. [...] Foi o futebol, o samba e o carnaval que deram ao Rio de Janeiro uma comunidade de sentimentos, por cima e além das grandes diferenças sociais que sobreviveram e ainda sobrevivem". CARVALHO, José M. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987. p 163.

⁶⁰⁰ A disputa pelo controle da prática do futebol e pelo reconhecimento da FIFA, entre a *Federação Brasileira de Sports*, do Rio de Janeiro, e a *Federação Brasileira de Football*, de São Paulo, só terminou em junho de 1916, por intervenção direta do Itamaraty, através do ministro das Relações Exteriores, Lauro Muller, que, em reunião realizada na sua própria residência, mediou a fusão das federações litigantes, fundando assim a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD), que passou a reger a prática esportiva no Brasil. SARMENTO, C. *Op cit.* p 1-21.

⁶⁰¹ Nos termos do artigo 2º do projeto de lei, "A confederação não considera 'amador': [...] b) os que obtenham no respectivo desporto vantagens sobre os demais, pelo exercício de profissão que sirva de preparo physico a esse desporto". GUIMARÃES, L. Lei do Amadorismo. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1917. p 2.

⁶⁰² Idem

⁶⁰³ CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 17.

empatou dois e perdeu apenas um. Com direito a goleadas sobre clubes tradicionais da cidade, como um 6 a 1 contra o Paraná, em novembro⁶⁰⁴.

No dia 24 de dezembro, Coritiba e Savóia entraram em campo para decidir o campeonato de 1916. Não foi preciso mais de quarenta e cinco minutos para que o Coritiba marcasse o único gol de uma partida que não sobreviveria até o apito derradeiro. No segundo tempo, em protesto contra os erros da arbitragem, o time do Savóia abandonou o campo, interrompendo a partida. Nos dias subsequentes, os jornais noticiaram que o Savóia pediria a "[...] anulação do mach [...]" afim de que, derrotado ou victorioso, a sua victoria ou derrota seja justa, e não cheia de incertezas⁶⁰⁵. Para a surpresa de todos, os savoianos desistiram de pleitear junto à liga a anulação da partida. Diante disso, na reunião do Conselho Diretor da APSA, em 26 de dezembro: "[...] foi proclamado campeão de 1916, o Coritiba F. C."⁶⁰⁶.

Embora o ano de 1916 tenha representado avanços, o processo de popularização da liga não foi linear. Em dezembro deste ano, depois de um longo período de negociação, LSP e APSA se fundiram, surgindo a *Associação Sportiva Paranaense (ASP)*⁶⁰⁷, que coordenou o futebol no estado até 1926, quando alterou sua denominação para *Federação Paranaense de Desportos (FPD)*. Com a criação da ASP, e seu reconhecimento enquanto representante oficial da CBD no estado, a disputa pelo controle do futebol local chegou ao fim. Logo, não era mais necessário ampliar o número de agremiações filiadas, nem flexibilizar as normas para o ingresso de novos clubes. Em outras palavras, as "brechas" de outrora, que permitiram a ascensão de equipes como o Savóia e o Britannia, tinham se fechado, e novas barreiras tornaram a ser erguidas, dificultando novamente o ingresso de agremiações formadas pelas classes populares na primeira divisão da liga paranaense⁶⁰⁸.

⁶⁰⁴ Ibid. p 15.

⁶⁰⁵ SECÇÃO DESPORTIVA. *Diario da Tarde*. 26 dez 1916. p 2.

⁶⁰⁶ SPORT. *Commercio do Paraná*. 27 dez 1916, p 2.

⁶⁰⁷ Para uma análise mais detalhada do processo de unificação de LSP e APSA, e, conseqüentemente, da fundação da ASP, ver o capítulo "Santos Dumont e Olavo Bilac - ilustres visitantes - nos primórdios do futebol paranaense". CAPRARO, A. *Op cit.* 2002, p 127-141.

⁶⁰⁸ Uma delas foi a proibição da inscrição de atletas analfabetos, regulamento aplicado em nível nacional como recomendação da própria CBD. GUIMARÃES, L. Lei do Amadorismo. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1917. p 2. No caso de Curitiba, apesar de não termos encontrado o primeiro estatuto da ASP, sabemos que após sua reforma, em 1923, o regulamento estabelecia, no artigo 111: "São condições exigidas para o registro de jogadores de futebol: a) requerimento assinado pelo próprio jogador". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 fev 1923, p 3. Depois da segunda reforma estatutária, ocorrida em 1926, a exclusão de analfabetos ficou ainda mais explicita. No artigo 52, parágrafo único "Não poderão ser registrados", lia-se: "g) - Os que não sabem ler nem escrever". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 30 mar 1926, p 2. Para se ter uma noção da capacidade de exclusão dessa medida, segundo dados levantados por Alceu Ravello Ferraro e Daniel Kreidlow, em 1920, 71,2% da população brasileira era analfabeta, enquanto,

Esse recrudescimento fica claro quando analisamos o número de equipes que participaram dos campeonatos da primeira divisão da ASP nos anos posteriores à reunificação. Em 1917, dos sete clubes que iniciaram a competição, apenas os três tradicionais - América-Paraná (fundidos), Internacional e Coritiba - terminaram o certame. A única novidade foi o Operário F. C. de Curitiba, clube formado por ferroviários⁶⁰⁹, que ingressou no torneio, por ter se unido ao Savóia, dando origem ao Savóia-Operário, que participou da competição até o segundo turno, quando abandonou a disputa. Em 1918, até bem próximo do início do campeonato, apenas quatro agremiações tinham se inscrito para a disputa, às quais se uniram, posteriormente, a Associação Atlética Acadêmica, formada pelos estudantes da Universidade do Paraná, e o Água Verde F. C., que se apropriou da vaga e dos seus melhores jogadores do Savóia, uma vez que a agremiação tinha encerrado suas atividades no segundo semestre de 1917 e só retornou à divisão principal da ASP em 1920⁶¹⁰.

No campeonato de 1919, que terminou com apenas quatro times, depois dos mesmos Água Verde e A. A. Acadêmica terem se retirado, não houve nenhum clube estreante. Como observou o próprio redator esportivo do *Commercio do Paraná*, o número de agremiações havia diminuído drasticamente se comparado ao ano de 1916: "Ficamos assim reduzidos a 4 clubs, quando em 1916 esse numero attingia a 20 e tantos". Para o cronista, as disputas por vaidade entre os principais clubes curitibanos, que remontavam a 1915, e tinham levado à cisão em 1916, continuavam sendo o principal motivo da debilidade da ASP no final da década: "[...] o mal não foi curado pela raiz; a fusão de 1916 não conseguiu, como previramos, combater a causa mas tão somente os seus efeitos!"⁶¹¹.

Excluídos do principal certame da cidade, os pequenos clubes passaram a se organizar em suas próprias ligas. Não por acaso, a *Liga Sportiva Municipal* (LSM), primeira liga suburbana de Curitiba, foi fundada em 1917, mesmo ano de criação da ASP⁶¹². Outro efeito da centralização no comando do futebol local, foi a transformação do campeonato da ASP - apesar de autodenominar-se "paranaense" - em uma competição cada vez mais circunscrita a Curitiba. Se,

no Paraná, estado com maior número de analfabetos na região sul do Brasil, 66,7% da população era classificada como analfabeta no censo. FERRARO, Alceu R; KREIDLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. IN: *Revista Educação & Realidade*, n. 29 (2). Porto Alegre, jul/dez 2004, p 195.

⁶⁰⁹ GUIMARÃES, L. Lei do Amadorismo. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1917. p 2.

⁶¹⁰ CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 18-25.

⁶¹¹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 27 jun 1919, p 2.

⁶¹² SPORT. *Commercio do Paraná*. 22 mai 1917, p 3.

em 1916, dois clubes de Ponta Grossa, Operário e Guarany, e dois de Paranaguá, Rio Branco e América-Paranaguá, concorreram no campeonato; em 1917, o último ano, naquela década, em que uma agremiação de fora da cidade participou do prélio, o único clube não curitibano a disputar o torneio foi o América-Paranaguá. Assim como os "clubes de várzea" da capital, as agremiações de outras cidades do estado, excluídas do certame de maior prestígio, organizaram sua própria associação, a *Liga Regional Paranaense*, sediada em Ponta Grossa⁶¹³.

Mas, nem todo o espaço conquistado em 1916, se perdeu com a criação da ASP. É fato que o controle burocrático do futebol permaneceu nas mãos das elites locais e dos clubes tradicionais, que tornaram a dificultar a inserção de agremiações populares na principal liga da cidade. No entanto, os atletas que disputavam as partidas por esses clubes, não eram mais os jovens fidalgos que compunham o corpo de associados dessas agremiações. De outro modo, grande parte desses jogadores passaram a ser recrutados nos segmentos empobrecidos da população, alterando profundamente a face do futebol curitibano na segunda metade da década de 1910. Essa mudança no perfil do *sportmen*, foi notada pelo cronista do *Commercio do Paraná*, em 1919, quando pedia aos dirigentes da ASP que não marcassem treinos da seleção paranaense em dias úteis, pois: "[...] muitos dos componentes do nossos combinados são empregados, outros operários, de forma que torna-se difícil a obtenção de licença para os dias de semana"⁶¹⁴.

Outro processo que se iniciou em 1916 e não cessou com a criação da ASP, foi a alteração no perfil étnico dos atletas, com a presença, cada vez mais significativa, de jogadores negros e mestiços nos times titulares. Em 1916, o Coritiba escalou o mulato Arthur Gomes Vidal, conhecido como Arthurzinho. Em 1918, o mesmo clube contou com Bindo, e, em 1919, com Heitor, ambos afrodescendentes⁶¹⁵. Segundo Capraro, outra equipe na qual se notava a presença de negros, desde, pelo menos, 1917, era o América⁶¹⁶. No entanto, foi mesmo o Britannia a agremiação que alterou de maneira mais significativa as relações raciais na elite do futebol curitibano. O clube dos vidraceiros, contou, desde 1915, com Floriano Carvalho e Augusto Moura, aos quais se uniu, posteriormente, o zagueiro Costalgino do Santos, apelidado de Zito.

⁶¹³ SPORT. *Commercio do Paraná*. 18 mai 1917, p 3.

⁶¹⁴ SPORT. *Commercio do Paraná*. 27 mai 1917, p 2.

⁶¹⁵ Segundo o grupo Helênicos, um coletivo de pesquisadores dedicados ao estudo da história do Coritiba F. C., Arthurzinho foi o primeiro atleta negro a figurar na equipe titular da agremiação. HELÊNICOS. *Eternos Campeões: Coritiba Foot Ball Club e seus atletas inesquecíveis*. Curitiba: Edição do autor, 2012. p 28-132. No entanto, antes mesmo de Arthurzinho, Bindo e Heitor, segundo Moletta Junior, o clube já contava com negros, como Natálio dos Santos, entre seus associados. MOLETTA JR, C. *Op cit.* 2009. p 114-116.

⁶¹⁶ CAPRARO, A. *Op cit.* 2002. p 89-91.

Diferente de outros clubes, que escalavam atletas negros e mestiços de maneira esporádica e não regular, o Britannia manteve esses três jogadores na base da sua equipe por quase uma década, além de escalar, eventualmente, outros desportistas negros ou mestiços⁶¹⁷.

Acompanhando a mudança no perfil dos atletas, o público espectador dos jogos de futebol também se diversificou. Num processo de ampliação do número de "assistentes" - como eram chamados os torcedores na época - que foi visto com maus olhos por setores da imprensa curitibana⁶¹⁸. Comentando os insultos lançados pela torcida contra o árbitro, numa partida entre Britannia e Água Verde, o editor esportivo do *Commercio do Paraná*, propôs selecionar melhor os espectadores nas praças esportivas:

[...] somos do parecer, que uma fiscalização rigorosa deve ser exercida na assistência afim de selecciona-la, tanto quanto possivel, e evitar que familias distinctas e sportmen educados se vejam na dura contingencia de supportar as inconveniencias dos que em sua infancia não tiveram a ventura de frequentar os celebres "five-ó-clock tea".⁶¹⁹

Além dessas alterações no perfil de jogadores e espectadores, ao menos dois clubes que ascenderam com as cisões e "brechas" de 1916, conseguiram permanecer na elite do futebol paranaense, mesmo depois da fundação da ASP. Um deles foi o próprio Savóia, clube dos italianos do arrabalde Água Verde, que, apesar de formalmente dissolvido em 1916, na prática, continuou sobrevivendo no interior do Água Verde F. C., uma vez que muitos dos jogadores, dirigentes e torcedores desta agremiação, pertenciam originalmente ao Savóia. Em 1919, os "savoianos" refundaram seu clube, retornando à primeira divisão da ASP em 1920, depois de se fundirem com o Água Verde. A primeira metade da década de 1920 foi um período áureo para o Savoia, quando sagrou-se campeão do Torneio Início de 1923 e conquistou os vice-campeonatos

⁶¹⁷ Para consultar a escalação completa do Britannia nas décadas de 1910 e 1920, ver: CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 17-63. Ver, foto do Britannia AnexoI. Evidentemente, o fato de, a partir de 1916, ter aumentado o número de negros e mestiços nos clubes curitibanos, não nos autoriza a considerar que o racismo e o preconceito por cor tenham encerrado no futebol local. De outro modo, essas tensões permaneceram durante muito tempo e ainda se fazem sentir no presente. Não por outro motivo, ainda em 1956, um cronista do *Paraná Esportivo* afirmava: "Atlético, Coritiba e Guarani, são os únicos Clubes no país, que não aceitam pretos nem crioulos. O racismo nesta época é pura besteira, mas a verdade é que eles não aceitam e pronto. Por essas e outras é que coloreds dos outros Clubes vivem fazendo pontaria nas canelas dos branquinhos". RACISMO. *Paraná Esportivo*, 01 mar 1956. p 3.

⁶¹⁸ Se tomarmos por base os números levantados por Francisco Genaro Cardoso, constataremos que o público pagante nos jogos da principal liga de Curitiba, mais que duplicou em menos de 10 anos. Segundo Cardoso, em 1916, a maior renda de bilheteria, 293\$000, foi num jogo entre Coritiba e Savoia pelo campeonato da APSA, que contou com aproximadamente 2.000 pagantes. Em 1923, um jogo entre Coritiba e Britannia, pelo segundo turno do campeonato da ASP, levou mais de 5.000 pessoas à praça de esportes, gerando uma renda de 3:431\$000. CARDOSO, F. *Op cit.* p 33-50.

⁶¹⁹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 15 mai 1919, p 2.

da primeira divisão em 1922 e 1925, com um time que Francisco Genaro Cardoso, jornalista esportivo na década de 1930, classificou como: "[...] o melhor esquadrão de toda sua existência"⁶²⁰. A partir de 1927, o Savóia retornou à sua trajetória de instabilidades, se desligando da *Federação Paranaense de Desportos* (FPD), e passando a disputar torneios nas ligas suburbanas da cidade. Depois disso, o clube só retornou à primeira divisão do mais prestigiado certame de Curitiba, no ano de 1935⁶²¹.

A outra agremiação em questão é o Britannia. Fundado por trabalhadores da *Fábrica de Vidros Solheid & Engerke*, o clube contava com diversos associados de ascendência italiana⁶²², alguns deles ocupando importantes cargos diretivos na agremiação, como os irmãos Francisco e Geraldo Zanicotti, o primeiro, uma liderança dos trabalhadores tipógrafos de Curitiba, que ajudou na fundação e compôs as primeiras diretorias do *Centro Graphico Paranaense*⁶²³ e, o segundo, uma caixaieiro que trabalhava no comércio da cidade⁶²⁴. Em carta enviada ao *Commercio do Paraná*, no ano de 1921, Berthier de Oliveira, dirigente do Britannia, definiu da seguinte maneira o perfil dos associados da agremiação:

[...] o clube Britannia [é] composto por na sua maioria de operarios honestos e educados, como os que mais o sejam, que labutam desde o amanhecer ao entardecer numa officina de trabalho, ou n'um armazem da Estrada de Ferro ou numa Fabrica de Vidro e que dedicam-se ao Football exclusivamente prazer e diletantismo.⁶²⁵

Com uma equipe formada por diversos trabalhadores pobres, alguns deles negros e mestiços, o Britannia reinou no futebol curitibano das décadas de 1910 e 1920, conquistando 13

⁶²⁰ CARODOSO, F. *Op cit.* p 54.

⁶²¹ Para uma lista de participantes dos campeonatos, ver: CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 28-80. CARODOSO, F. *Op cit.* p 40-88.

⁶²² Chrestenzen e Machado listam, entre os fundadores do Britannia, diversos indivíduos de sobrenome italiano, como: Carlos Thá, Martim Buzzetti, Luiz Buzzetti, Fortunato Sperandio, Francisco Tesserolli, Recieri Tesserolli, José Domingos Bettine, José Cavagnari, Luiz Cavagnari, Étore Regazzo, Nino Fornarolli, Arlindo Della Giacoma, Antonio Foggiatto, Augusto Foggiatto, entre outros. CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 7.

⁶²³ CENTRO GRAPHICO. *A Republica*. 12 jun 1911, p 2. A partir de 1942 a instituição mudou de nome e passou a se chamar *Sindicato dos Trabalhadores nas Indústrias Gráficas do Estado do Paraná* (STIGPR) sendo considerado o sindicato mais antigo - foi fundado em 1911 - em funcionamento na capital paranaense. Cf: FERNANDES, José C. Companheiros de prensa. *Gazeta do Povo*. 30 abr 2011. Disponível em: <<http://www.gazetadopovo.com.br/vidaecidadania/conteudo.phtml?tl=1&id=1121151&tit=Companheiros-de-prensa->>. Acesso em: 10 dez 2013.

⁶²⁴ ALISTAMENTO ELEITORAL DE CURITYBA. *A Republica*. 15 fev 1918, p 3.

⁶²⁵ OLIVEIRA, Berthier. A A.S.P. e o Britannia. *Commercio do Paraná*. 09 abril 1921. p 1. Conforme Fabiane Popinigis: "O termo 'caixeiro' é corrente desde a época do Brasil Colônia. Posteriormente, eles seriam chamados também de "empregados do comércio" e, finalmente, de "comerciários", como os conhecemos hoje". IN: POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007. p 33.

títulos nos seus primeiros quinze anos de existência. O clube faturou a segunda divisão classe B, da LSP, em 1915. Em 1916, foi campeão da primeira divisão da ASP. Levantou o troféu do Torneio Início nos anos de 1919, 1923, 1926 e 1928. Garantiu o campeonato da primeira divisão da FPD em 1928. E foi campeão, por, nada menos, que seis vezes consecutivas - 1918, 1919, 1920, 1921, 1922 e 1923 - da primeira divisão da ASP⁶²⁶. No auge de sua trajetória, em fins de 1922, o "Tigre Invencível", como passou a ser chamado pelos periódicos curitibanos⁶²⁷, excursionou ao Rio de Janeiro, onde empatou uma partida com o Botafogo e venceu outra, por dois a zero, contra o campeão da série B da *Liga Metropolitana de Desportos Terrestres* (LMDT)⁶²⁸ daquele ano, o Vasco da Gama⁶²⁹. Um clube de portugueses, que, assim como o Britannia fizera alguns anos antes em Curitiba, alterou o panorama do futebol na capital federal - num processo que ficou conhecido como "revolução vascaína"⁶³⁰ - ao ser campeão carioca no ano de 1923, com um time formado por diversos trabalhadores pobres, negros e mestiços, que recebiam remunerações ilegais do clube.

Os anos subsequentes ao amistoso de 1922, selaram futuros distintos para cada um dos clubes nele envolvidos. Enquanto a trajetória de sucessos do Vasco da Gama estava apenas começando, os anos de glória do Britannia chegavam a seu ocaso. Em 1924, um novo clube formado por imigrantes italianos e seus descendentes fixados em Curitiba, sagrou-se campeão paranaense, interrompendo a sequência vitoriosa do hexacampeão Britannia, e colocando em risco a hegemonia estabelecida por esse clube no futebol das araucárias. O Palestra Itália, responsável por esse feito, será o tema de nosso próximo capítulo.

⁶²⁶ Para consultar os dados dos campeões desse período, ver: CHRESTENZEN, L. MACHADO, H. *Op cit.* 1990.

⁶²⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 11 abr 1923. p 4.

⁶²⁸ Em 1917, a Liga Metropolitana de Sports Athleticos (LMSA), trocou sua denominação para Liga Metropolitana de Desportos Terrestres (LMDT). Cf: NAPOLEÃO, Antonio C. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). IN: DA SILVA, Francisco C; SANTOS, Ricardo P. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006. p 91.

⁶²⁹ Interessante notar que, segundo João M. C. M. Santos, a derrota do Vasco da Gama para o Britannia, gerou uma reação negativa na imprensa carioca: "As críticas por parte da imprensa se referiam à derrota como a prova de que o Vasco da Gama não tinha condições de estar entre os grandes no Rio de Janeiro". SANTOS, João M. C. M. *Op cit.*, 2010. p 270.

⁶³⁰ A expressão foi divulgada por Mario Filho na obra *O Negro no Futebol Brasileiro*. O autor ilustra com as seguintes palavras, o que teria significado a vitória do Vasco da Gama no campeonato carioca de 1923: "Não se ganhava campeonato só com times de brancos. Um time de brancos, mulatos e pretos era o campeão da cidade. Contra esse time, os times de brancos não tinham podido fazer nada. Desaparecera a vantagem de ser de boa família. o estudante, o branco, tinha de competir, em igualdade de condições, com o pé-rapado, quase analfabeto, o mulato e o preto, para ver quem jogava melhor. Era uma verdadeira revolução que se operava no futebol brasileiro. Restava saber qual seria a reação dos grandes clubes." FILHO, M. *Op cit.* p 126. Para uma apropriação mais crítica do conceito de "revolução vascaína", consultar: SANTOS, João M. C. M. *Op cit.*, 2010.

CAPÍTULO 3 - UM PERIQUITO NA TERRA DAS GRALHAS: A TRAJETÓRIA DO PALESTRA ITÁLIA ENTRE O FALSO AMADORISMO E A ADOÇÃO DO PROFISSIONALISMO EM CURITIBA

3.1 Surgem os "Azuis": a fundação do Palestra Itália de Curitiba

Entre 1917 e 1920, o campeonato da principal liga de Curitiba, a *Associação Sportiva Paranaense* (ASP), sofreu um revés. É preciso ressaltar que a crise não era um privilégio da ASP, conforme Pedro Calil Padis, as reduções nos níveis de exportação de mate e madeira levaram o Paraná, na segunda metade da década de 1910, à sua maior crise econômica desde a conquista da autonomia política, em 1853⁶³¹. As greves gerais de 1917 e 1919, a entrada do Brasil na Primeira Guerra Mundial e o surto de gripe espanhola em 1918, ajudaram a criar um clima instável na cidade. Por ocasião, respectivamente, da guerra e da gripe espanhola, os campeonatos de 1917 e 1918 foram paralisados por um longo período. No interior da ASP, os conflitos entre os clubes, em decorrência de disputas de poder na entidade ou de desacordos quanto aos resultados de jogos - reclamações sobre a postura do árbitro, violência do oponente, desacato da torcida, etc. -, levaram diversas agremiações a se desligarem dos campeonatos realizados nesse período.

Como observamos no capítulo anterior, dos sete clubes que iniciaram o torneio da ASP em 1917, somente três permaneceram até o fim. Às vésperas do início do campeonato de 1918, apenas quatro agremiações haviam se inscrito para o certame. Em 1919, seis clubes deram início ao torneio, desistindo no decorrer da disputa, o A. A. Acadêmica, o Água Verde S. C e o Internacional F. C.⁶³². Diante desse quadro, em 1919, o colunista do *Commercio do Paraná* atestava o declínio da competição, projetando, para um futuro não muito distante, a extinção do futebol em Curitiba: "Não é assim difícil traçar o diagnostico do mal que contamina o sport paranaense; muito em breve termos a infelicidade de vel-o extinto, por completo, se algum não se dispuzer a salvá-lo"⁶³³.

Contudo, é preciso relativizar o discurso apocalíptico do *Commercio do Paraná*. Se é certo, por um lado, que a primeira divisão da ASP entrou em declínio nesse período, por outro,

⁶³¹ PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso do Paraná*. Curitiba: IPARDES, 2006. p 99.

⁶³² CHERESTENZEN, L. M; MACHADO, H. I. *Op cit*, p 18-30.

⁶³³ Sport. *Commercio do Paraná*. 27 jun 1919, p 2.

não seria correto mensurar o grau de desenvolvimento do futebol no estado, pura e simplesmente, pelo número de inscritos no principal campeonato da entidade curitibana. Com efeito, se ampliarmos nossa escala de observação, perceberemos que, apesar dos percalços, a prática do futebol se expandiu consideravelmente na segunda metade da década de 1910. Nesse período, diversos clubes foram fundados na cidade, são exemplos: Villa Izabel S. C., Bello Horizonte F. C., Bota Fogo F. C., Guarany F. C., Indiano F. C., Mato Grosso F. C., Graphico F. C., Artilheiro F. C., Belfort Duarte S. C., Campo Alegre F. C., Carlos Gomes S. C., Esperança S. C., Tiradentes F. C., Imaruhy S. C., Atletico Gymnasial S. C., Universal F. C., Engenharia F. B. C., Engenharia, Diocesano S. C., Luzitania F. C. e S. C. São João.

Acompanhando a multiplicação dos clubes, surgiam também novas ligas. Em maio de 1917, o *Commercio do Paraná* noticiava a fundação da *Liga Sportiva Municipal*, que reunia os clubes curitibanos não filiados à ASP:

Em reunião realizada ante-hontem na sede da Sociedade Beneficente [sic] dos 'Trabalhadores da Herva Matte', entre os clubes de futebol desta capital Esperança, Botafogo, Guarany, Bello Horizonte, e Villa Izabel, todos ali representados, foi tratado da fundação de uma Liga Sportiva Municipal, afim de proteger os interesses dos clubs não filiados à Associação Sportiva Paranaense [...]⁶³⁴

No mesmo mês, nascia a *Liga Regional Paranaense*, com sede em Ponta Grossa, que congregava os times das cidades dos Campos Gerais⁶³⁵. Em 1918, a entidade trocava de nome, passando a se chamar *Liga Sportiva Pontagrossense*⁶³⁶. Em Paranaguá, como vimos no primeiro capítulo, em 1914, fundou-se a *Liga Paranaguense de Football*. As informações a respeito dessa instituição são escassas, sendo difícil saber até quando ela funcionou. Em 1919, a *Gazeta do Povo* anunciava a reorganização da *Liga Municipal de Foot-ball de Paranaguá*⁶³⁷. A palavra "reorganização", empregada pelo periódico, indica que a liga já existia antes mesmo de 1919. É possível que ela tenha sido fundada entre 1917 e 1918, em paralelo à pontagrossense, congregando os clubes do litoral. Em 1920, a liga parnaguara passou por outra reorganização, alterando seu nome para *Associação Paranaense de Esportes Athleticos* e se abrindo para outras modalidades esportivas, como o remo⁶³⁸. No mesmo ano, foi fundada a *Liga Antoniense de Foot-*

⁶³⁴ Sport. *Commercio do Paraná*. 22 mai 1917, p 3.

⁶³⁵ Sport. *Commercio do Paraná*. 18 mai 1917, p 3.

⁶³⁶ Sport. *Commercio do Paraná*. 27 jun 1918, p 3.

⁶³⁷ Desportos. *Gazeta do Povo*. 19 mai 1919, p 1.

⁶³⁸ Esporte. *Commercio do Paraná*. 26 nov 1920, p 2.

*ball*⁶³⁹, em Antonina, a *Liga Municipal de Foot-ball de Morretes*⁶⁴⁰, em Morretes, e a *Liga Municipal de Desportos*, em Curitiba⁶⁴¹. Ainda em 1920, chegou-se cogitar a criação de uma *Liga Militar de Desportos*: "[...] para a disputa de um campeonato entre os clubes militares desta capital"⁶⁴².

Desse modo, apesar do reduzido número de clubes disputando o campeonato da ASP, na verdade, havia aumentado a quantidade de praticantes de futebol no estado. O surgimento de novas ligas não se converteu em ameaça real à soberania da ASP no controle do futebol paranaense, de outro modo, paradoxalmente, essa expansão dos clubes e ligas terminou fortalecendo o poder da entidade. Isso porque, na condição de representante oficial da *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD) no estado, para todos os fins, a principal entidade curitibana era considerada a embaixadora legítima do futebol paranaense no plano nacional. Para terem permissão de disputar partidas com clubes associados à ASP ou a entidades de outros estados vinculadas à CBD, esses novos clubes e suas ligas tinham, necessariamente, por uma questão estatutária, que estarem vinculados à ASP e, por consequência, à confederação nacional. Por outro lado, o artigo 26º dos estatutos da ASP permitia à Comissão de Sindicância aceitar pedidos de filiação de ligas que, tendo seu requerimento acatado, ficariam sobre a guarda da entidade mor paranaense⁶⁴³. Diante desse quadro, a maior parte das ligas fundadas no período terminaram se filiando à ASP, que se tornou uma espécie de federação "guarda-chuva", diante da qual as outras ligas estavam submetidas.

A partir das eleições de julho de 1920, sob a gestão de Antonio Jorge Machado Lima, a ASP passou por uma reorganização interna. Foi formado um novo braço da diretoria, a Comissão de Informações, responsável por redigir o "Comunicado Oficial", publicado quase que diariamente no *Commercio do Paraná*, *Diário da Tarde* e *Gazeta do Povo*, informando as principais deliberações da entidade⁶⁴⁴. Até então, não havia um sistema de comunicação uniforme e centralizado das resoluções da ASP, normalmente, os principais colunistas esportivos ou representantes dos jornais locais participavam como ouvintes das reuniões da associação, tomando nota dos temas debatidos em assembleia e publicando-os em seguida nos periódicos

⁶³⁹ Esporte. *Commercio do Paraná*. 29 ago 1920, p 3.

⁶⁴⁰ Esporte. *Commercio do Paraná*. 02 dez 1920, p 1.

⁶⁴¹ Esporte. *Commercio do Paraná*. 28 set 1920, p 4.

⁶⁴² Esporte. *Commercio do Paraná*. 06 out 1920, p 2.

⁶⁴³ Sport. *Commercio do Paraná*. 27 jun 1918, p 3.

⁶⁴⁴ Sport. *Commercio do Paraná*. 18 jul 1920, p 2

onde trabalhavam. As notas divulgadas a pedido da ASP eram raras, e versavam sobre temas específicos, como convocações de jogadores para treinos do selecionado paranaense ou notificações de punições de clubes e atletas. Esse modelo abria espaço para a reverberação de diversos conflitos internos à entidade e para desentendimentos entre as colunas esportivas de diferentes jornais, que noticiavam as mesmas reuniões de forma distinta e, às vezes, oposta. Não raro, um simples debate de opiniões na assembleia da entidade ganhava contornos de ameaça de cisão nas páginas dos periódicos⁶⁴⁵. Com a instituição da Comissão de Informações e do "comunicado oficial", essa situação foi alterada, as notícias sobre os temas debatidos em reunião passavam pelo crivo da comissão e eram publicados de maneira homogênea em todos os veículos de comunicação oficiais da instituição, contribuindo para a amenização dos conflitos e abafando a repercussão destes.

Ainda no segundo semestre de 1920, iniciaram-se os debates em torno da confecção de novos estatutos para a ASP, que terminaram sendo aprovados apenas em 1923⁶⁴⁶, e sobre a reestruturação da segunda divisão do campeonato, que voltou a funcionar em 1921, com os clubes da *Liga Municipal de Desportos*⁶⁴⁷. O campeonato da primeira divisão da ASP também se tornou mais concorrido nesse ano. O Internacional F. C. e o Paraná S. C. retornaram à disputa, o Savóia e o Água Verde, agora fundidos, se inscreveram na competição, e o Esperança S. C., um clube do futebol varzeano da cidade, foi aceito no torneio⁶⁴⁸. É nesse contexto, de expansão das instituições relacionadas ao futebol e fortalecimento da ASP, que o Palestra Itália curitibano foi fundado.

Francisco Genaro Cardoso relata da seguinte maneira o surgimento do Palestra Itália:

Surgiu com este nome em 7 de janeiro de 1921. A iniciativa teve lugar num banco de bonde entre os desportistas, Antônio Prinsco e Benedito Giampaolli, quando regressavam do campo do Coritiba F. C na Graciosa, após um jogo. Procuraram elementos da colônia italiana e a ideia foi concretizada e eleita ala [sic]. Diretoria tendo por presidente: Natale Ferrari. Em 1922, manda buscar vários jogadores paulistas.

Respaldava-se no Banco Francês-Italiano que empregava os jogadores. Aos poucos foi despertando o brio patriótico dos descendentes de italianos e tornou-se uma das grandes potências do futebol paranaense da década de 20 e 30.⁶⁴⁹

⁶⁴⁵ Ver, por exemplo, a repercussão na imprensa do "caso" Rio Branco x Savoia, entre julho e setembro de 1916. Cf: Sport. *Commercio do Paraná*. 22 ago 1916, p 3; Sport. *Commercio do Paraná*. 30 ago 1916, p 3 e Sport. *Commercio do Paraná*. 20 set 1916, p 2.

⁶⁴⁶ Desportos. *Gazeta do Povo*. 26 jan 1923, p 4.

⁶⁴⁷ Desportos. *Gazeta do Povo*. 15 mar 1921, p 2.

⁶⁴⁸ CHERESTENZEN, L. M.; MACHADO, H. I. *Op cit*, p 28.

⁶⁴⁹ CARDOSO, F. G. *Op cit*. p 425.

Heriberto Ivan Machado e Levi Mulford Chrestenzen afirmam que a ideia de formação do clube remontava a fins de 1920, e que, além do *Banco Francez e Italiano*, a *Sociedade Dante Alighieri* também esteve envolvida na empreitada. Machado e Chrestenzen acrescentam ainda aos fundadores mencionados por Cardoso, Angelo Gorla, que, conforme os autores, era "[...] superintendente do Banco Francês e Italiano [sic] (Sudameris)"⁶⁵⁰. A narrativa de Carneiro Neto é similar a dos demais autores. Neto também chama a atenção para a relação do Palestra Itália com o *Banco Francez e Italiano* e a *Sociedade Dante Alighieri*, ressalta a importação dos nove jogadores vindos de São Paulo, acrescentando apenas Atílio Menolli e Davi Bartolomei entre os fundadores da agremiação e informando que o clube usava uniformes azuis, em referência à seleção italiana⁶⁵¹.

Apesar de não citarem as fontes de onde retiraram as informações, é possível que a narrativa dos autores, especialmente a de Francisco Genaro Cardoso, esteja fundamentada em uma publicação da *Gazeta do Povo*, de 06 de Janeiro de 1925, a respeito da história do Palestra Itália. Se compararmos a crônica publicada no jornal, com o relato de Cardoso, notaremos a evidente semelhança entre ambas:

A ideia de fundação do Palestra Itália surgiu num bond. E' bizarro que se resolva fundar um club de futebol, dentro de um Bond da South ou de outra qualquer companhia.[...]
Em 1920, mez de Dezembro, o Britannia e o Curityba [sic] disputaram uma partida no capo da Graciosa. [...]
De volta á cidade, apóz o jogo, viajavam, num bond da linha Juvevê, os srs. Affonso Prisco e Benedicto Giampaolli, dois fervorosos sportmen, que tinham ido assistir o embate Britannia X Curityba.
Foi então, desse percurso da Graciosa á cidade, que o sr. Prisco manifestou ao seu companheiro, a ideia de fundar mais um club de futebol, intitulado Palestra-Italia, imitando assim, os paulistas, que possuem um club, com identico nome.
A ideia foi bem acolhida adherindo-a [sic] tambem o sr. Angelo Gorla, veterano sportman, que viajava no mesmo bond e que se encontra em Italia presentemente.
E assim começou, entre os elementos da colonia italiana, aqui domiciliada, um grande entusiasmo pela fundação do Palestra-Italia.
Em 7 de janeiro de 1921, sexta-feira, realizou-se a primeira reuniao do novo club, que se filiou logo a Asp [...]⁶⁵²

O excerto supracitado, compõe uma série de publicações sobre o Palestra Itália que ganharam a imprensa curitibana nos primeiros meses de 1925. O motivo de tais publicações foi a conquista do campeonato de 1924 pelo clube, que pôs fim a uma sequência de seis competições - de 1918 a 1923 - ganhas pelo *Britannia*. Desse modo, trata-se de uma reportagem de caráter

⁶⁵⁰ CHERESTENZEN, L. M.; MACHADO, H. I. *Op cit*, p 28-31.

⁶⁵¹ NETO, C. *Op cit*, p 43.

⁶⁵² Desportos. *Gazeta do Povo*. 06 jan 1925, p 5.

comemorativo, que busca enaltecer as figuras de Benedicto Giampaoli - conselheiro do Palestra em 1921 e 1924, e presidente em 1922 e 1923 -, Affonso Prisco - conselheiro em 1922 e 1923, e vice-presidente em 1924 - e Angelo Gorla - diretor esportivo em 1921 e conselheiro fiscal em 1922⁶⁵³ -, no processo de constituição da agremiação. Sendo assim, é preciso ponderar o relato da fonte, como veremos, esse processo é mais complexo e envolve múltiplos atores, não podendo ser reduzido a uma breve conversa no bonde.

Ainda em 26 de julho de 1919, um time formado por funcionários do *Banco Francez e Italiano* disputou uma partida contra um *scratch*⁶⁵⁴ constituído por trabalhadores do *London Bank*, do *London & River Plate* e do *Banco de Curitiba*, no campo do Internacional F. C.⁶⁵⁵. Os jogos continuaram, e em setembro do mesmo ano houve: "[...] um grande festival sportivo promovido pelos funcionarios dos estabelecimentos bancários desta capital"⁶⁵⁶. A fama da equipe do *Banco Francez e Italiano* cresceu para além dos limites de Curitiba. Em setembro de 1920, o time foi convidado pelo Rio Branco de Paranaguá, para disputar uma partida no litoral, contra seu primeiro quadro⁶⁵⁷. Entre os jogadores que atuaram na derrota por 5 a 2 para o Rio Branco, estava Angelo Gorla, que, além de *player*, já atuava como *referee* nos encontros da ASP⁶⁵⁸.

A instituição na qual os jogadores da equipe trabalhavam, era uma sucursal do *Banque Française et Italienne pour l'Amérique du Sud*, com sede em Paris, que funcionava na cidade, desde 1910, no cruzamento da rua 1º de Março com a Marechal Deodoro. Segundo a *Gazeta do Povo*, era difícil mensurar o volume da movimentação da sucursal curitibana do *Banco Francez e Italiano*, pois seus balanços eram feitos englobando o movimento de todas as sedes existentes no Brasil. No entanto: "[...] pella aglomeração [sic] de clientes que sempre notamos em seus guichets e pelo numero de importantes firmas que sabemos ali concentra suas operações [...]", nas palavras da *Gazeta*: "[...] podemos avaliar que o vulto de suas transações o collocam entre os bancos que mais trabalham em nossa praça"⁶⁵⁹. O banco mantinha uma relação muito próxima com italianos residentes na cidade, que utilizavam seus serviços para efetuar transações que

⁶⁵³ A respeito das diretorias do Palestra Itália entre 1921 e 1924, consultar: Desportos. *Gazeta do Povo*. 18 jan 1921, p 2; Desportos. *Gazeta do Povo*. 15 mar 1922, p 3; Desportos. *Gazeta do Povo*. 20 jan 1923, p 3.

Desportos. *Gazeta do Povo*. 26 mai 1924, p 4.

⁶⁵⁴ Palavra utilizada para designar um selecionado ou reunião de jogadores de diversos estabelecimentos ou clubes, que se uniam para disputar uma ou mais partidas.

⁶⁵⁵ Sport. *Commercio do Paraná*. 26 jul 1919, p 2.

⁶⁵⁶ Sport. *Commercio do Paraná*. 14 set 1919, p 2.

⁶⁵⁷ Esporte. *Commercio do Paraná*. 05 set 1920, p 2.

⁶⁵⁸ Esporte. *Commercio do Paraná*. 03 out 1920, p 2.

⁶⁵⁹ Desportos. *Gazeta do Povo*. 03 fev 1921, p 3.

envolviam envios de remessas à Itália⁶⁶⁰. O próprio diretor do *Banco Francez e Italiano* em Curitiba era um italiano, Natal Ferroni, que, em 1921, foi o primeiro presidente do Palestra Itália⁶⁶¹.

Em setembro de 1920, o time dos funcionários do *Banco Francez e Italiano* se institucionalizou, conforme carta enviada por Angelo Gorla à *Gazeta do Povo*: "[...] os funcionarios de 'Banque Française et Italienne pour l'Amerique du Sud', desta cidade, fundaram uma Sociedade Sportiva denominada 'Sudameris Foot Ball Club'⁶⁶². A receita não era nova, com o desenvolvimento do futebol na cidade, notadamente a partir de 1919, surgiram diversas equipes relacionadas a fábricas e estabelecimentos comerciais, como o time da *Casa Oito*, da *Guerreiros & Seiler*, da *Brazilian Railway Company*, do *Banco Nacional do Commercio* e a *Associação Curytibana dos Empregados no Commercio*. Atento a esse movimento, o *Commercio do Paraná* noticiava:

A nossa Curityba, mais ainda, o Paraná inteiro, atravessa uma epoca em que o ethusiasmo esportivo atinge a um grau soberanemente grande [...] Até as casas comerciais, onde trabalham rapazes avidos de exercicios athleticos, possuem quadros que constantemente estão disputando jogos entre si.⁶⁶³

Alguns desses times, posteriormente, se converteram em clubes, como o *Diario da Tarde F. B. Club*, o *South Foot Ball Club*, o *Banmercio Foot-ball Club* e o próprio *Sudameris Foot Ball Club*. Em cidades como o Rio de Janeiro, os clubes ligados ao comércio, bancos e fábricas, chegaram a fundar suas próprias ligas, como a *Liga Bancária de Football*, a *Liga Commercial* e a *Federação do Alto Commercio*⁶⁶⁴. As notícias sobre o Sudameris desapareceram ainda no final de 1920, no mesmo período em que surgiram as primeiras publicações a respeito do Palestra Itália.

As últimas semanas do mês de setembro de 1920 foram especialmente agitadas entre os imigrantes italianos e seus descendentes residentes em Curitiba e nas colônias dos seus arredores. No dia 20 daquele mês foi comemorado o 50º aniversário da unificação política da Itália, e as sociedades *Giuseppe Garibaldi*, *Dante Alighieri*, *Victorio Emanuele III*, do Ahú, *Victorio Emanuele III*, do centro, e o *Circolo Italiano*, se uniram para a execução de uma programação de festejos única, que envolvesse o máximo possível de italianos residentes no município. O

⁶⁶⁰ SPORTELLI, P. Aviso Oportuno. *Diario da Tarde*. 26 dez 1914, p 3.

⁶⁶¹ As festas de 7 de Setembro. *A Republica*. 08 set 1919, p 1.

⁶⁶² Desportos. *Gazeta do Povo*. 25 set 1920, p 2.

⁶⁶³ Esporte. *Commercio do Paraná*. 06 out 1920, p 2.

⁶⁶⁴ SANTOS, João M. C. *op cit.* p 93.

programa da festa, publicado na *Gazeta do Povo*, compreendia: uma palestra, com o Professor Francisco Feola, da Dante Alighieri, no dia 19; um baile na Sociedade Garibaldi, no mesmo dia à noite; o disparo de 21 tiros na manhã do dia 20; e, para o encerramento dos festejos, um "[...] espectáculo de gala no Theatro Guayra, com a representação da popular comedia em 3 actos 'Dall'ombra al sole', por um grupo de amadores da citta di Coritiba"⁶⁶⁵. A programação foi prestigiada pelas autoridades consulares locais, pelo presidente do estado, e por um: "[...] grande numero de familias e cavalheiros, que enchiam completamente a lotação do Theatro, das frizas à platéia"⁶⁶⁶.

No mesmo período, as ótimas atuações do Palestra Itália paulistano repercutiam em outras localidades do país, que tinham os movimentos futebolísticos do Rio de Janeiro e São Paulo como referências. O clube, que já havia conquistado os vice-campeonatos da APSA em 1917 e 1919, teve uma temporada impecável em 1920, perdendo apenas dois jogos, por placares apertados, contra o Corinthians e o Paulistano - 2x1 e 1x0, respectivamente - e desferindo goleadas - como um 7 a 0 diante do Mackenzie e um 11 a 0 contra o Internacional - que construíram o caminho para a conquista do campeonato paulista pela equipe. Com o título, o Palestra Itália se consolidava enquanto uma das agremiações mais importantes de São Paulo e, dada a visibilidade do campeonato deste estado, do Brasil⁶⁶⁷.

Influenciados pelo sucesso da equipe paulistana, outros "Palestra Itália" foram criados no interior de São Paulo e mesmo em outros estados da federação⁶⁶⁸. Em Belo Horizonte, desde 1916 um "scratch italiano" disputava partidas na cidade. A partir de 1919, surgiu a ideia, por parte de Aurelio Noce - que posteriormente seria o primeiro presidente do Palestra Itália mineiro - de formar um clube que congregasse os italianos residentes na capital mineira. A ideia foi amadurecida, e em 02 de janeiro de 1921 foi fundada a *Società Sportiva Palestra Italia*: "[...] contando com o apoio de comerciantes e industriários membros da colônia"⁶⁶⁹. Conforme Euclides de Freitas Couto, foi no Palestra paulistano que os italianos de Belo Horizonte

⁶⁶⁵ A unificação da Italia. *Gazeta do Povo*. 16 set 1920, p 1.

⁶⁶⁶ Pela data da Italia. *Gazeta do Povo*. 20 set 1920, p 1.

⁶⁶⁷ ARAÚJO, J. R. *Op cit.* p 110-121.

⁶⁶⁸ *Ibid*, p 127.

⁶⁶⁹ RIBEIRO, Raphael R. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. In: *V Seminário de imigração italiana em Minas Gerais*, 2009. p 14.

encontraram o modelo no qual se inspiraram para montar sua própria equipe⁶⁷⁰. Segundo Rodrigues, citado por Couto, na época de criação do Palestra Itália mineiro, os fundadores do clube chegaram a mandar um pedido para que a agremiação paulistana enviasse cópias de seus estatutos, que serviram de inspiração para a confecção do regimento interno do clube. Como ironiza Rodrigues: "[...] os fundadores do clube mineiro fizeram uma cópia fidelíssima, pois copiaram até o nome"⁶⁷¹.

Os ecos do “20 de setembro” e das vitórias do Palestra Itália paulistano, também reverberaram no ambiente esportivo local. Em fins de 1920, diversos clubes de futebol relacionados aos italianos foram fundados em Curitiba. Apenas seis dias após as comemorações do cinquentenário da unificação da Itália, em 26 de setembro, como vimos, foi fundado o Sudameris F. B. C. No dia 20 de outubro, era noticiada a fundação do *Palestra Italia Sport Club*, por: “[...] um grupo de socios da 'União B. Recreativa', da Villa Morgnau”⁶⁷². E, no dia 12 de novembro de 1920, um baile “[...] nos amplos salões da Sociedade Beneficente Livorno Italo Brasileira [...]”⁶⁷³ inaugurava as atividades do *Sant'Anna Sport Club*. Por fim, no dia 20 de dezembro foi publicado nos jornais locais um convite para uma reunião na *Sociedade Dante Alighieri*, onde seriam pactuados os termos para a fundação de outro Palestra Itália.

Terça feira 21 do corrente, relizar-se-á uma reunião nos salões da Sociedade Dante Alighieri e para qual estão convidados todos os jogadores de Foot-Ball italianos ou filhos de italianos.
O fim dessa reunião é organizar uma nova sociedade de foot-ball que se denominará Palestra Itália.⁶⁷⁴

A nota supracitada foi publicada em primeira página no *Diário da Tarde*. Um informe similar circulou no mesmo dia na *Gazeta do Povo*, com algumas informações distintas. Conforme a *Gazeta*, a iniciativa de fundação do clube partiu de “[...] um grupo de pessoas [sic] de destaque da colônia italiana desta capital [...]” e, o mais importante, estavam convidados para a reunião na Dante Alighieri: “[...] todos os jogadores italianos e filhos de italianos, assim como as demais pessoas [sic] que se interessam pelo desenvolvimento sportivo de nossa terra”⁶⁷⁵. Apenas dois dias depois de noticiada a convocação para a reunião, o Palestra Itália encontrava seu primeiro

⁶⁷⁰ COUTO, Euclides F. Belo *Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação em Ciências Sociais, PUC-MG, Belo Horizonte, 2003. p 50.

⁶⁷¹ RODRIGUES apud COUTO, E. F. *Op Cit*, p 51.

⁶⁷² Palestra Italia Sport Club. *Gazeta do Povo*. 20 out 1920, p 4.

⁶⁷³ Esporte. *Gazeta do Povo*. 12 nov 1920, p 2.

⁶⁷⁴ Seção Sportiva. *Diario da Tarde*. 20 dez 1920, p1.

⁶⁷⁵ Desportos. *Gazeta do Povo*. 20 dez 1920, p 1.

desafeto, o colunista esportivo do *Commercio do Paraná*, Carlos Munhoz Negrão, que iniciou uma campanha para que o clube não tivesse sua inscrição aceita pela ASP.

Uma sociedade italiana

Segundo um aviso ante-hontem publicado no "Diario da Tarde", devia ter se realizado hontem uma reunião para a organização definitiva de uma sociedade esportiva denominada Palestra Itália.

O referido aviso convoca a reunião somente de "italianos e filhos de italianos"!!

Constando-nos que a nova sociedade esportiva tenciona se filiar á nossa maxima entidade, resolvemos, já que se trata de uma sociedade estrangeira, appellar para a digna directoria da A.S.P. para que assim não aconteça; pois, não nos é dado conceber que uma sociedade cuja constituição é somente de elementos estrangeiros, possa, sem mais nem menos se incorporar á nossa maxima entidade esportiva do Estado, a qual, como é sabido, é constituída de clubes nacionais, o que assim entendemos deve ser.

Confiantes no alto espirito de patriotismo da digna directoria da A. S. P., esperamos que encontre a devida e indispensavel repulsa, porque acima de tudo, está a nossa bandeira, portanto, a nossa nacionalidade em tudo e por tudo.⁶⁷⁶

A mobilização de argumentos de cunho patriótico não era uma novidade na coluna esportiva do *Commercio do Paraná*. Como vimos anteriormente, após a primeira guerra mundial, ganhou força a retórica nacionalista e o discurso atinente à necessidade de "nacionalizar" os imigrantes residentes no país. Dentre as seções esportivas por nós analisadas, aquela que mais se aproximou desse movimento foi a do *Commercio do Paraná*. Ainda em 1918, o periódico debatia a necessidade de "abrasileirar" os termos esportivos⁶⁷⁷. Em agosto de 1920, o matutino divulgou o "vocabulario vernaculo sportivo" elaborado pela *Associação dos Chronistas Sportivos de São Paulo*, no qual eram aportuguesados 69 termos em inglês, usuais nas publicações de caráter esportivo. A título de exemplo, conforme esse vocabulário, o termo *corner-kick* deveria ser substituído nas crônicas por "tiro de canto, tiro de quina", a expressão *goal-keeper*, por "guardião, guarda, vigia, arqueiro, guarda-rede", *goal*, por "ponto" e *Football*, por "futebol". Ao final da matéria, o articulista assinalava: "O 'Commercio' doravante adoptará [sic] esses termos nacionalistas"⁶⁷⁸. De fato, a partir do dia 11 de agosto de 1920, a coluna alterou seu nome de "Sport" para "Esporte", e passou a utilizar os vocábulos elaborados pela *Associação dos Chronistas Sportivos de São Paulo*⁶⁷⁹, se unindo ao: "[...] movimento [...] que vem se fazendo pela nacionalização dos termos esportivos"⁶⁸⁰.

⁶⁷⁶ Esporte. *Commercio do Paraná*. 22 dez 1920, p 1.

⁶⁷⁷ Sport. *Commercio do Paraná*. 26 jun 1918, p 3.

⁶⁷⁸ Sport. *Commercio do Paraná*. 05 ago 1920, p 2.

⁶⁷⁹ Esporte. *Commercio do Paraná*. 11 ago 1920, p 4.

⁶⁸⁰ Esporte. *Commercio do Paraná*. 18 ago 1920, p 4.

Diante disso, não causa espanto a recepção pouco cordial do *Commercio do Paraná* ao Palestra Itália. Em face à campanha encetada pelo matutino contra a aceitação do Palestra Itália na ASP, Angelo Gorla respondeu, pelas páginas do *Diário da Tarde*, às acusações de Carlos Munhoz Negrão.

Tendo o "Commercio do Paraná" na sua secção "Esporte" de dia 22 do corrente extranhado [sic] que para a organização definitiva de uma sociedade sportiva denominada "Palestra Italia", se fizesse um convite somente a italianos e filhos de italianos, suppondo erroneamente que essa disposição trouxesse em si intuitos de "chauvinismo" contra o espírito de nacionalismo brasileiro, tomo a liberdade de declarar-vos que intenção alguma houve de exclusivismo com relação aos brasileiros natos ou de origem lusa, ou de outras origens, a não ser italiana. Como deveis saber, sr. redactor, o elemento italo-brasileiro, longe de alimentar qualquer espirito de italianidade, é, como se sabe, patriota em extremo no que se refere ao Brazil, a sua verdadeira patria, apenas obedecendo a influencia de certas tradições itálicas como homenagem à Patria dos seus maiores - a Italia, mater da gloriosa latinidade, da qual descende o povo brasileiro, que tanto a tem engrandecido.

Portanto, sr. redactor, podeis ficar convicto de que o aviso, tão mal interpretado, do "Palestra Italia", não traz em seu bojo o menor resquicio de jacobinismo italiano, que entre nós não existe. Além disso o convite feito pela "Gazeta do Povo" de 20 do corrente era extensivo ás pessoas que se interessam pelo desenvolvimento sportivo no Estado, ficando assim arredado qualquer caracter exclusivista a exemplo do que se faz em S. Paulo com o "Palestra Italia" que até hoje não foi acoidado de sociedade estrangeira, offensiva aos melindros patrioticos dos brasileiros [...]⁶⁸¹

Algumas informações podem ser extraídas desse excerto, a primeira delas diz respeito à liderança no processo de formação do Palestra Itália, que, ao que tudo indica, coube ao autor da missiva, Angelo Gorla, um superintendente do *Banco Francez e Italiano* que, nas horas vagas, presidia o braço curitibano da *Associazioni Reduci Mutilati di Guerra*⁶⁸². Outro elemento que salta aos olhos, é a negação, por parte de Gorla, da intenção do clube de "alimentar a italianidade", traçando um contraponto com o Palestra Itália paulistano, esse sim chauvinista, definido por Gorla, como uma agremiação de "caracter exclusivista". Na verdade, conforme analisamos anteriormente, desde a Grande Guerra e os traumas com o "perigo alemão", as manifestações étnicas de estrangeiros eram vistas com maus olhos pela sociedade curitibana, o que os impelia a reafirmar, mesmo que de maneira forçosa e pouco convincente, um comprometimento primordial com o Brasil, em detrimento do país de origem. No caso analisado, o apelo ao caráter patriótico dos ítalo-brasileiros e à noção de "latinidade" que, como vimos, também foi manipulada durante o conflito, corroboram com nossa argumentação.

⁶⁸¹ Secção Sportiva. *Diario da Tarde*. 23 dez 1920, p 2.

⁶⁸² Ignoto Militi. *A Republica*. 03 nov 1921, p 4.

Munhoz Negrão não recuou, e a resposta a Gorla veio no dia seguinte à publicação de sua carta no *Diário da Tarde*: "O sr. Gorla perdeu uma excelente ocasião de ficar calado". Para Negrão, era preciso desconhecer a forma como foi criado o Palestra Itália e/ou abandonar a "[...] punjança e [o] vigor daquillo que docemente se chama 'patriotismo'", para não se levantar contra as práticas do novo clube. Segundo o redator do *Commercio do Paraná*, o objetivo de Angelo Gorla, o mentor da iniciativa, era reunir todos os clubes italianos de Curitiba na nova agremiação, que só aceitaria como sócios, os italianos e seus descendentes. Conforme Negrão, a iniciativa só não logrou êxito, pela recusa do Savoia de excluir os atletas nacionais de seu quadro associativo.

Em ligeira palestra (sem Italia, bem entendido), que tivemos com o sr. Antonio Cavichiolo, presidente do Savoia, disse-nos este esportista que o sr. Gorla havia lhe proposto a fusão da nova sociedade com o Savoia, com as condições, porém, de figurarem na fusão jogadores filhos de italianos. Ponderou então o sr. Cavichiolo, que havia elementos de real valor em seu clube, como José Bosa, principalmente, elemento este que tornava-se necessario figurar na organização do quadro.

Declarou o sr. Gorla que isto não podia ser, uma vez que José Bosa nem filho de italiano era.

Agora confrontando este facto com o aviso pelo qual se convocava a reunião de "italianos e filhos de italianos", diremos - é ou não questão de nacionalidade?

Não deve desconhecer o sr. Gorla a campanha que ha muito se vem fazendo pela nacionalização da terminologia esportiva, iniciada, aliás, em um dos Estados mais adiantados em materia de foot-ball - S. Paulo.

Os clubes componentes da Liga Paulista, e até o próprio Palestra Italia (talvez ignore o sr. Gorla) tem elementos brasileiros natos, como Heitor e outros.

Consequentemente, a formação de uma sociedade ou seja de um quadro de jogadores (um tanto peor), constituído somente por elementos "italianos ou filhos de italianos", como quer o sr. Gorla, é contraproducente e advirá dahi, fatalmente, as luctas partidarias com resultados não pouco agradaveis!

Esqueceu o sr. Gorla de dizer de onde é e de onde veio.⁶⁸³

É possível que sejam verídicas as informações fornecidas pelo redator esportivo do *Commercio do Paraná*. De fato, após a publicação do convite para a reunião na Dante Alighieri, as notícias a respeito do Sudameris, do Sant'Anna S. C., e do Palestra Itália de vila Morgnau, desapareceram. É provável que essas agremiações tenham se unido à iniciativa de Gorla, se filiando ao novo clube em formação, que, só não se tornou o único representante dos italianos em Curitiba, pela recusa do Savoia-Água Verde em se unir à empreitada. Ademais, o próprio fato do Palestra Itália ter sua sede na *Sociedade Dante Alighieri*, fornece alguns indícios importantes a respeito do perfil traçado por seus idealizadores para a entidade.

A *Società Dante Alighieri* foi criada, na Itália, pelo estudioso Giacomo Venezian, em 1889, em meio às reformas políticas de Francesco Crispi, com o objetivo de auxiliar o governo

⁶⁸³ Esporte. *Commercio do Paraná*. 24 dez 1920, p 2.

italiano na difusão e fortalecimento da cultura pátria entre seus cidadãos estabelecidos fora do país. Segundo Amado Luiz Cervo, a Dante Alighieri foi: "[...] utilizada largamente pelo governo italiano na difusão da língua, da cultura e da 'italianidade' no mundo todo"⁶⁸⁴. Em Curitiba, conforme Elaine Maschio, o *Centro di Instruzione Dante Alighieri*, ligado à *Società Dante Alighieri*, começou a funcionar em 1896, com os auxílios do Régio Cônsul Felipe Rogeri de Villanova, em uma casa em frente à praça Santos Andrade, onde permaneceu até 1900, mudando-se, depois, para o recém-inaugurado prédio da Sociedade Garibaldi, no São Francisco⁶⁸⁵. Segundo a autora, em 1907 a Dante Alighieri abriu uma escola noturna na cidade, e em 1919 já havia adquirido uma sede própria, situada na praça Zacarias. Em 1923, a escola era dirigida por Francisco Feola, secretário do *Regio Consolato Italiano* de Curitiba e editor do jornal *Unione*. Conforme Maschio, apesar de ter autorização do governo brasileiro para funcionar, as escolas dirigidas pela Dante Alighieri recebiam subsídios do governo italiano e mantinham proximidade com o consulado deste país⁶⁸⁶.

Por ocasião da inauguração de uma escola da Dante Alighieri em 1903, o cônsul da Tattara explicou ao *A Republica*, os objetivos da instituição:

Não queremos, disse s. ex., fazer uma escola *exclusivista*, como se os discipulos devessem viver isolados, ou volver aos seu paiz de origem, nós queremos que os discipulos desta escola, ainda sendo orgulhosos de sua nacionalidade de origem, não esqueçam que é neste paiz que lhes foi dada a generosa hospitalidade, e que n'elle devem viver, mostrando-se dignos dessa hospitalidade; quer os discipulos de nossa escola devam sahir cidadãos brasileiros ou italianos, devemos nos preocupar de uma unica cousa: fazer d'elles, nos dois casos, *bons cidadãos*.⁶⁸⁷

Apesar do cônsul italiano procurar relativizar o papel da sociedade na divulgação da "italianidade" entre os imigrantes e seus descendentes, se observarmos as atividades que a Dante Alighieri desenvolvia, essa função de promoção da "identidade italiana" fica evidente. Além de administrar suas escolas, a Dante Alighieri mantinha um grupo filodramático que periodicamente encenava peças de autores italianos para seus associados⁶⁸⁸. A sociedade ainda promovia diversas festas e eventos sociais em comemoração a datas nacionais italianas, onde se tocava o hino da Itália, fazia-se as saudações à bandeira e ao rei e se proferiam palestras a respeito da história

⁶⁸⁴ CERVO, A. L. *Op cit*, p 3.

⁶⁸⁵ MASCHIO, E. *Op cit*. p 270-271.

⁶⁸⁶ MASCHIO, E. *Op cit*. p 272-278.

⁶⁸⁷ Escola Italiana. *A Republica*. 10 ago 1903, p 2. Grifos no original.

⁶⁸⁸ Clubes e Gremios. *A Republica*. 11 ago 197, p 2.

daquele país⁶⁸⁹. Seus anúncios nos jornais eram publicados em italiano e sua relação com a diplomacia e o governo da Itália eram estreitas. Desse modo, é pouco provável que um clube de futebol idealizado na Dante Alighieri, instalado e patrocinado pela mesma, destoasse significativamente dos objetivos gerais da entidade.

Retornando ao debate entre Angelo Gorla e Carlos Munhoz Negrão, ao que parece, a última publicação sobre o assunto se deu em 28 de dezembro de 1920. Na ocasião, o jornalista do *Commercio do Paraná* informava aos seus leitores, que não daria publicidade a uma carta enviada por Gorla à redação do periódico, por entender que as informações contidas no documento, não alteravam sua posição a respeito do Palestra Itália: "A sua ideia 'exclusivista' não só causou péssima impressão em nosso meio esportivo, como está sendo commentada com justa repulsa e antipatia"⁶⁹⁰. Negrão fazia questão de afirmar que não defendia qualquer tipo de restrição aos "italianos ou filhos de italianos, assim como os de outras nacionalidades" na ASP, mas se posicionava contra a "desastrada pretensão de 'exclusivismo'". E, radicalizando ainda mais seus argumentos, o diretor da coluna "Esporte" do *Commercio do Paraná*, advogava a retirada de Angelo Gorla do quadro de árbitros da ASP:

Com relação ao facto de lhe haver sido confiado e estar ainda exercendo o encargo de juiz da nossa maxima entidade, isso só se justifica por uma tolerancia do seu presidente; porque nos parece inacreditavel que o autor de uma desastrada ideia "exclusivista" esteja figurando como juiz de uma Associação Nacionalista!⁶⁹¹

Com essas palavras, Negrão colocou um ponto final no debate: "Damos assim, por terminado o que nos cumpria como dever defender, sem o minimo de vestigio de recuar um só passo desta nossa attitude"⁶⁹². Angelo Gorla também deu por encerrado o assunto, não se ocupando em responder as acusações do jornalista. A estratégia do Palestra Itália foi outra, ao invés de declarar guerra ao *Commercio do Paraná*, o clube escolheu o periódico como um de seus diários oficiais, junto com o *Diário da Tarde* e a *Gazeta do Povo*, onde eram publicadas as resoluções e informes da agremiação. O clube foi além, na assembleia geral de 21 de fevereiro de 1921, Carlos Negrão foi aclamado sócio honorário do Palestra Itália⁶⁹³. Assim, o jornalista que havia iniciado uma campanha contra a agremiação, apenas dois meses antes, se tornava um

⁶⁸⁹ Sociedade Dante Alighieri. *Commercio do Paraná*. 05 jun 1921, p 1. e *A Republica*. 07 jun 1918, p 1.

⁶⁹⁰ Esporte. *Commercio do Paraná*. 28 dez 1920, p 2.

⁶⁹¹ Idem.

⁶⁹² Id.

⁶⁹³ Esporte. *Commercio do Paraná*. 15 mar 1921, p 4.

associado de destaque da nova entidade. Os mimos recebidos parecem ter surtido efeito, pois, nem o *Commercio do Paraná*, nem Negrão, voltaram a tocar no assunto do "exclusivismo".

A despeito das polêmicas que se passavam na imprensa, o Palestra Itália iniciou suas atividades em janeiro de 1921. A primeira partida disputada pela agremiação divulgada na imprensa foi um "match-training" contra o Americano, em 22 de janeiro de daquele ano⁶⁹⁴. Alguns dias antes, em 11 de janeiro, foi eleita a primeira diretoria do clube. Segundo nota publicada na *Gazeta do Povo*, a composição da diretoria era a seguinte: Presidente Honorário: Arcesio Guimarães; Presidente Efetivo: Natal Ferroni; Secretário: José Bersacula; Tesoureiro: Tolentino Zanella; Orador: Luciano Rocha Junior; Conselheiro: Amaro de Santa Ritta, Vincenzo Tornesi, José Boseti, Arcesio Lima, Benedicto Giampaolli; Diretor Esportivo: Angelo Gorla⁶⁹⁵.

Quanto ao perfil desses indivíduos, o presidente da entidade, Natal Ferroni, era diretor do *Banco Francez e Italiano* de Curitiba⁶⁹⁶ e mantinha fortes vínculos com a Itália, país que visitava frequentemente à trabalho⁶⁹⁷. Angelo Gorla, o diretor esportivo, como afirmamos anteriormente, era superintendente do *Banco Francez e Italiano* e presidente da *Associazioni Reduci Mutilati di Guerra* de Curitiba⁶⁹⁸. Sobre os conselheiros Amaro de Santa Ritta e Benedicto Giampaolli, sabemos apenas que o primeiro tentou suicídio em 1915, por "[...] não poder manter sua família pois ha dois meses está desempregado [...]"⁶⁹⁹, e o segundo era proprietário de uma pequena fábrica de balas na cidade⁷⁰⁰. Sobre José Bersacula, Tolentino Zanella, Vincenzo Tornesi, José Boseti e Arcesio Lima, não encontramos nenhuma informação.

Destoavam do restante da diretoria, Arcesio Guimarães e Luciano Rocha Junior. Arcesio era membro da prestigiada família Guimarães, economista, sócio e presidente de uma das mais importantes firmas da cidade, a Guimarães & Cia., foi presidente da Associação Comercial do Paraná, do *Clube Curitybano*, do Internacional F. C., e era sócio da *Gazeta do Povo*⁷⁰¹. Sua escolha como presidente honorário, provavelmente está relacionada às pretensões do Palestra Itália de se filiar à ASP. Como já afirmamos diversas vezes, essas formas de apadrinhamento eram uma prática comum do jogo político interno da liga. Em face às enormes restrições

⁶⁹⁴ Secção Sportiva. *Diario da Tarde*. 22 jan 1921, p 2.

⁶⁹⁵ Desportos. *Gazeta do Povo*. 18 jan 1921, p 2.

⁶⁹⁶ As festas de 7 de Setembro. *A Republica*. 08 set 1919, p 1.

⁶⁹⁷ Esporte. *Commercio do Paraná*. 25 ago 1921, p 4.

⁶⁹⁸ Ignoto Militi. *A Republica*. 03 nov 1921, p 4.

⁶⁹⁹ Mais Uma. *A Republica*. 22 dez 1915, p 1.

⁷⁰⁰ O Natal dos Pobrezinhos. *A Republica*. 24 dez 1929, p 4.

⁷⁰¹ NICOLAS, Maria. *Op. cit.*, p 169-170.

impostas pelos estatutos da entidade, ter um nome de peso na diretoria poderia facilitar o caminho do clube para a primeira divisão da ASP. No caso da eleição de Luciano Rocha Junior para orador, é provável que as motivações do clube tenham sido outras. Rocha Junior era um importante comerciante de Curitiba⁷⁰², proprietário da firma Rocha Junior e Comp. que, entre outros empreendimentos, dirigia a afamada Charutaria Aymoré⁷⁰³. Provavelmente, do ponto de vista do Palestra Itália, mais importante que a situação econômica, era a posição social de Rocha Junior. Presidente da Liga de Ensino e Civismo, relacionado à Liga de Defesa Nacional, ao Comitê Pró-Pátria e ao Centro de Estudos Vernáculos⁷⁰⁴, enfim, com todo esse envolvimento com movimentos de caráter nacionalista, Rocha Junior era um nome estratégico para rebater as denúncias de "exclusivismo" e "anti-patriotismo" que eram desferidas contra o clube pelo *Commercio do Paraná*.

A sede do Palestra Itália ficava na *Sociedade Dante Alighieri*, onde realizava suas reuniões, assembleias e bailes⁷⁰⁵. Até 1923, a equipe palestrina era tratada pela imprensa como "os azuis", por conta dos uniformes que utilizava, numa clara referência às cores da Casa Real de Savoia e da *Squadra Azzurra*, a seleção italiana de futebol. Para os jogos e treinos, utilizava o campo do Internacional, na Água Verde, que provavelmente era cedido ao clube por influência de seu presidente honorário Arcesio Guimarães. Com toda essa rede de contatos, não foi difícil para o Palestra Itália conseguir sua filiação na ASP. De fato, o apadrinhamento de Guimarães, a proximidade com o Internacional F. C. e as relações prévias de Angelo Gorla, enquanto árbitro, com a ASP, aliado ao fato do clube ter entre seus associados diversos membros da elite imigrante, representados pelos altos funcionários do *Banco Francez e Italiano* e pelo corpo diretivo da *Sociedade Dante Alighieri*, davam condições suficientes, tanto econômicas, quanto sociais, para o clube pleitear uma vaga na primeira divisão da entidade. Como forma de agradecimento à aceitação de sua filiação, o Palestra Itália agraciou a ASP com um "rico trophéo [sic] Brasil-Itália"⁷⁰⁶, que seria disputado pelos clubes da recém formada segunda divisão, em 1921.

⁷⁰² Vida Social. *A Republica*. 03 de nov 1921, p 3.

⁷⁰³ Notas e Noticias. *A Republica*. 22 set 1921, p 2.

⁷⁰⁴ Decretos Presidenciais. *A Republica*. 02 set 1918, p 1.

⁷⁰⁵ Sport. *Commercio do Paraná*. 09 mai 1923, p 1.

⁷⁰⁶ Desportos. *Gazeta do Povo*. 31 dez 1921, p 2.

O Palestra Itália estreou contra os times da primeira divisão da ASP, em 13 de março de 1921, num "campeonato systema suiso" organizado pelo Britannia, para arrecadar fundos à Sociedade Beneficente "Capitão Fabriciano"⁷⁰⁷. Os "Azuis" venceram o primeiro jogo contra o Esperança, por 2 a 0, e depois derrotaram o Paraná, por 2 a 1, se classificando para a final contra o temível Britannia, campeão de 1920. A partida final foi acirrada, quando o relógio marcou o fim do tempo regulamentar, nenhuma das duas equipes havia inaugurado o placar. Nos cinco minutos de acréscimo, Maximino vazou o retângulo palestrino, marcando 1 a 0 para o Britannia, que venceu assim o torneio. O vice-campeonato conquistado pelo recém-fundado Palestra Itália e, especialmente, a dificuldade do tricampeão Britannia em derrotar a equipe, causaram certo espanto no círculo esportivo local. Os elogios ao quadro palestrino se multiplicaram na imprensa, que não demorou a apontar a equipe como uma das favoritas para a conquista do campeonato de 1921. O time ficou ainda mais fortalecido com a "importação" de alguns atletas paulistas, que mudaram para Curitiba, com o objetivo de atuar pelo novo clube dos imigrantes italianos.

3.2 Os "Borboletas" do Palestra Itália: a importação dos *players* paulistas e a circulação de atletas em Curitiba

Menos de um mês após a conquista do vice-campeonato no torneio beneficente promovido pelo Britannia, teve início a temporada oficial da ASP com a realização do "Campeonato Initium". A quarta partida desta competição colocou em lados opostos os mesmos finalistas do torneio anterior, saindo novamente vencedor o Britannia, que abateu o estreante Palestra Itália pelo placar de 2 a 1. No decorrer da partida, segundo a descrição fornecida pelo cronista esportivo da *Gazeta do Povo*, a: "[...] assistência se mostrou agitada". E prossegue: "Havia motivos para agitação, pois o Britannia que sempre honrou o nome do esporte paranaense e continuará a fazel-o ia bater-se contra o forte quadro palestrino, que possui elementos de valor, sendo elles em maioria paulistas"⁷⁰⁸.

Conforme a descrição publicada no *Commercio do Paraná*, o clima tenso e agitado dos espectadores se intensificou após o término da partida:

⁷⁰⁷ Esportes. *Commercio do Paraná*. 13 mar 1921, p 2.

⁷⁰⁸ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 04 abr 1921. p 1 e 2.

Provocou commentarios bastante desagradaveis a maneira pela qual foram tratados os jogadores do Palestra-Itália, logo após terminado o jogo deste clube com o Britannia. É preciso, a bem do bom nome de tão apreciado esporte e como medida de educação e moralidade esportiva, que se não mais reproduzam factos tão deprimentes provocados por aquelles que se prezam de ser esportistas, devendo, acima de tudo, acatarem com a devida e indispensavel gentileza e consideração a todos, quer sejam ou não seus adversarios, mormente em se tratando de jogadores recentemente chegados á nossa capital.⁷⁰⁹

Em carta publicada no *Diário da Tarde*, um indivíduo que assinava com o pseudônimo Cailenaz deu maiores detalhes sobre o ocorrido. Segundo este: "[...] alguns britannicos, prevalecendo-se pelo numero, aggrediram um jogador adversario, insultando-o e espancando-o". E continuava: "Enquanto os demais clubs recebiam com grande mimo e satisfação estes jogadores, que abandonando o seu torrão natal, vêm para o nosso Estado desenvolver o sport, os socios britannicos, recebiam-os com palavrões e insultos proprios de gente abjecta"⁷¹⁰.

Em reação ao ocorrido, a diretoria da ASP publicou nos jornais curitibanos: "[...] uma nota official [...] pedindo energicas providencias quanto ao procedimento irregular e anit-sportivo dos socios e torcedores britannicos, ao finalizar o jogo Palestra e Britannia, de 3 do corrente"⁷¹¹. Respondendo à nota oficial, Berthier de Oliveira, paredro do Britannia, enviou uma carta ao *Commercio Paraná* reclamando da forma como seus consócios foram tratados pela ASP: "Pelo modo em que esta redigida a nota official da Associação parece á primeira vista que os socios do Britannia são uma sucia de desordeiros". Para Oliveira, as agressões não teriam partido de pessoas filiadas à agremiação, que, tendo "[...] solidas responsabilidades no meio social [...]", não iriam: "[...] num campo de football portar-se em desaccordo á boa harmonia esportiva". E termina afirmando que as acusações não passavam de: "[...] campanhas de inveja e despeito movidas contra esse club composto de homens simples e honestos [...] o tigre-invensivel, o glorioso campeão parananense"⁷¹².

Essa foi a primeira de muitas confusões e "sururus" - como eram chamadas as brigas à época - protagonizadas por pessoas relacionadas ao Britannia e ao Palestra Itália, e dava o tom daquela que seria a principal rivalidade do futebol paranaense nos anos que se seguiriam à criação dos "Azuis"⁷¹³. Contudo, há algo de singular no evento em questão. O fato de as vitimas

⁷⁰⁹ ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 05 abr 1921, p 1 e 4.

⁷¹⁰ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 04 abr 1921, p 4.

⁷¹¹ ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 09 abr 1921, p 1.

⁷¹² Idem

⁷¹³ Cabe ressaltar a precocidade dessa rivalidade, visto que o Palestra Itália estava ainda em seu terceiro ano de vida. Heriberto Machado e Levi M. Chrestenzen, chegam a afirmar que o Palestra teria surgido com: "o fim precípua de

da agressão serem "jogadores recentemente chegados á nossa capital"⁷¹⁴, parecia, na opinião dos cronistas locais, agravar ainda mais a situação. Cailenaz, no *Diário da Tarde*, chega a reivindicar que os atletas paulistas do Palestra Itália fossem tratados com mimos e recebidos com satisfação, pois: "[...] abandonando o seu torrão natal, vêm para o nosso Estado desenvolver o sport"⁷¹⁵.

De fato, como observaremos no decorrer desse tópico, o desenvolvimento do futebol em Curitiba contou com a participação de diversos indivíduos oriundos de outras cidades, estados e até países. Esses sujeitos, normalmente, vinham para a capital paranaense à convite dos clubes locais, para reforçarem suas equipes. Deslocados de suas cidades de origem, esses *sportsmen*, muitas vezes, viviam às custas dessas agremiações, que lhes arrumavam um emprego na cidade e/ou pagavam suas despesas por meio de pensões, gratificações e auxílios.

A presença desses atletas, apelidados de "Borboletas" pela imprensa - pois mudavam constantemente de clube e cidade -, ajudou a intensificar a prática do "falso amadorismo" ou semiprofissionalismo entre os clubes curitibanos, além de provocar diversos conflitos entre a capital paranaense e as demais cidades do estado, notadamente Ponta Grossa, que reclamavam junto à ASP, o desenvolvimento de novos regulamentos que impedissem os clubes de Curitiba de "roubaram" os jogadores do interior. Nesse tópico, partiremos do caso específico dos "borboletas" do Palestra Itália, para pensar o fenômeno mais geral da circulação de jogadores em Curitiba e seu impacto no meio futebolístico citadino.

Diversos relatos escritos posteriormente, dão conta da presença de jogadores nascidos em São Paulo na primeira equipe formada pelo Palestra Itália. Francisco Genaro Cardoso, escrevendo sobre o campeonato paranaense de 1921, afirma que o futebol paulista servia de referência aos *sportsmen* curitibanos, que tinham disputado treze partidas com o estado vizinho entre 1915 e 1920, saindo vitoriosos em apenas uma ocasião. Para Cardoso, as derrotas até 1920:

desbancar o 'imbatível' time do Britânia". CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 31. Essa rivalidade fez com que os jogos entre essas equipes fossem antecedido de um clima de tensão na imprensa e na liga, quanto à possibilidade de atos violentos por parte de seus torcedores. Em janeiro de 1922, o cronista da Gazeta do Povo relatou da seguinte maneira a postura da torcida em um dos jogos entre Britannia e Palestra Itália: "[...] torceram tanto que o delírio e o entusiasmo saíu das medidas e fomos obrigados á assistir algumas cenas do Far- West... Alguns esportistas que fazem esporte por esporte (assim pelo menos o dizem) bancaram o Willian Hart entrando em grammadado de garruchas em punho. Foi pena a grande fabrica Universal não ter mandado um dos seus cinematographistas, pois assim apanharia um dos mais bellos e interessantes assumptos para as suas fitas em series.[...] Podemos garantir aos nossos leitores que hontem tivemos uma verdadeira tarde esportiva. Nada faltou, foot-ball, box, poses plásticas de tiro ao alvo, lueta romana e até a tradicional "capoeira" entrou em acção". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. Curitiba, 30 jan. 1922

⁷¹⁴ ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 05 abr 1921, p 1 e 4.

⁷¹⁵ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 04 abr 1921, p 4.

"[...] ao invés de desestimularem, serviram de incentivo. Nossos clubes aprenderam e o mais novo concorrente - o Palestra Itália - recém-fundado, importara inúmeros elementos de S. Paulo"⁷¹⁶.

Heriberto I. Machado e Levi M. Chrestenzen, por sua vez, ao comentarem o torneio de 1921, destacam que o "novato time dos 'italianos" era "[...] composto em sua maioria por atletas oriundos do Estado de São Paulo [...]", e que, com a derrota para o Britannia, pelo placar de 6 a 0, na final do campeonato: "[...] os jogadores 'paulistas' foram mandados embora no dia seguinte"⁷¹⁷. Segundo o jornalista Carneiro Neto, eram nove os atletas paulistas do Palestra Itália: "Para disputar o primeiro campeonato e tentar quebrar a série vitoriosa do Britânia, o Palestra Itália importou 9 jogadores de São Paulo. Apenas 2 eram de Curitiba: o goleiro Hermogenes Bartolomei e Martelo, um italiano do bairro Portão". Conforme Neto, após a derrota para o Britannia na final: "[...] a diretoria mandou os paulistas embora, permanecendo por aqui apenas 3 deles que disputaram o campeonato seguinte"⁷¹⁸.

Por fim, os redatores da coluna *Desportos da Gazeta do Povo*, em meio aos festejos pela primeira conquista palestrina, no campeonato da ASP de 1924, publicaram uma espécie de retrospectiva histórica do clube, onde informavam que a agremiação tinha passado o campeonato de 1921 "luctando com a falta de jogadores", e afirmavam que os *players* paulistas, supostamente uma solução para a escassez de bons atletas, também formaram a base da time do Palestra Itália no ano seguinte à sua estreia na ASP: "Em 1922, o seu quadro reapareceu em campo com diversos elementos da Paulicéia, pois era difícil aqui, encontrar os elementos que lhe faltavam"⁷¹⁹.

As fontes que dispomos não nos fornecessem informações sobre o número exato de atletas que vieram de São Paulo para formar a primeira equipe do Palestra Itália. Tampouco encontramos publicações com descrições pormenorizadas das trajetórias e perfis sociais desses indivíduos. No entanto, o cruzamento de alguns indícios tornou possível traçar um panorama dos atletas registrados pelo Palestra Itália na ASP, durante essa primeira temporada do clube na instituição. Em 14 de outubro de 1921, o *Commercio do Paraná* publicou uma convocação de treino para alguns dos jogadores do Palestra Itália, dentre os quais constavam titulares e reservas, do primeiro e do segundo time. Os vinte e sete convocados eram: "Alberto, Ravache, Rodella,

⁷¹⁶ CARODOSO, F. *Op cit.* p 42.

⁷¹⁷ CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 31.

⁷¹⁸ NETO, Carneiro. *O vôo certo: a história do Paraná Clube*. Curitiba: S/Ed, 1996, p 43.

⁷¹⁹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 06 jan 1925. p 5.

Paraná, Taurizano, Granemann, Rocco, Chumbita, Chiaverini, Vidal, Cuca, Primo, Genico, Machado, Polesa, Seleco, Waldemiro, Paquete, Zanella, Francalacci, Bianco, Rizzioni, Prisco, Pozzi, Galdi, Pamphilo e Dante"⁷²⁰. Além destes, pelo menos outros onze indivíduos - Xingo, Pedretti, Chumbita, Italianinho, Hermógenes, Jorge, Schultz, Roque, Friedenreich, Giorgio, Martelo e Alteia - foram mencionados na imprensa como atletas do Palestra Itália⁷²¹. Desses jogadores, ao menos sete vieram de outros estados para disputar o campeonato pelo Palestra Itália.

Um deles foi o zagueiro Alfredo Pedretti, que chegou a Curitiba no dia 22 de abril de 1921⁷²², vindo de São Paulo, onde atuou, entre 1917 e 1921, pelo Palestra Itália daquela cidade⁷²³. O atleta, que disputou o campeonato de 1921 pelo Palestra curitibano, permaneceu na capital paranaense até janeiro de 1922, quando se mudou e, segundo a *Gazeta do Povo*: "[...] fixou residencia, na capital do Paiz, onde irá trabalhar no commercio"⁷²⁴. Alguns dias depois, em 07 de fevereiro, o periódico *O Paiz*, do Rio de Janeiro, noticiou que Pedretti disputaria o campeonato da cidade pelo Carioca F. C.: "Em conversa que mantivemos ante-hontem, no campo do Carioca F. C. com o magnifico full-back paulista Pedretti, antigo jogador do Palestra Itália, este nos declarou que pretende disputar o campeonato da cidade pelo club local e não pelo Botafogo F. C."⁷²⁵.

Ravache também era da Paulicéia, tendo jogado pelo Associação Athletica São Bento em 1920, antes de mudar para Curitiba e ingressar no Palestra Itália⁷²⁶. Da mesma cidade veio

⁷²⁰ ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 14 out 1921, p 2.

⁷²¹ Ver: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 fev 1921, p 3; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 23 abr 1921, p 2-3.; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 nov 1921, p 2. E CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 34.

⁷²² "Chegou hontem a essa capital, com o expresso paulista o muito conhecido pébolista Alfredo Pedretti, que durante a temporada presente vae defender as cores do Palestra Italia" DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 23 abr 1921, p 2 e 3.

⁷²³ O jogador aparece, por exemplo, como titular do segundo quadro do Palestra Itália ainda em 1917, em um jogo contra o Paulistano. SPORT. *Correio Paulistano*. São Paulo, 26 ago 1917 p 3. O atleta só muda de São Paulo depois ter sido expulso pelo Palestra Itália, por motivos que desconhecemos, e de quase ter sido eliminado da *Associação Paulista de Esportes Atléticos* (APEA). O CASO PEDRETTI. *O Combate*. São Paulo. 05 abr 1921, p 1. Quando noticiou a estreia do zagueiro no Palestra curitibano, o *Commercio do Paraná* atentou para a saída, então recente, de Pedretti do Palestra Paulistano: "Nesse encontro jogarã tambem Pedretti, elemento de valor, ex-zagueiro do Palestra Itália de São Paulo, para o qual ainda pouco jogou. ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 11 mai 1921. p 4.

⁷²⁴ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 12 jan 1922. p 2.

⁷²⁵ SPORT. *O Paiz*. Rio de Janeiro, 07 fev 1922. p 7.

⁷²⁶ SPORT. *Correio Paulistano*. São Paulo, 28 nov 1922. p 2. A última notícia que encontramos sobre Ravache, foi a correção de uma nota falsa na *Gazeta do Povo*: Hontem um dos paredros do Palestra enviou-nos uma noticia da partida dos jogadores Taurizano e Ravache para S. Paulo. Scientificamos aos nossos leitores que tal noticia era falsa". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 28 jan 1922, p 3.

Eduardo Taurizano, um italiano do Brás⁷²⁷, que atuou pelo Palestra curitibano entre 1921 e 1922, e retornou à sua cidade natal em 1923, onde, mais tarde, reforçou a equipe da A. A. Palmeiras⁷²⁸. Italianinho e João Russo, o Chumbita, também foram "importados" de São Paulo, e, para lá retornaram no final da temporada de 1921, como informou a *Gazeta do Povo*: "Segundo soubemos, Chumbita e Italianinho vão deixar nosso Estado, retirando-se para S. Paulo. A demissão dos dois jogadores já foi aceita, hontem, pela directoria do Palestra"⁷²⁹. Não dispomos de qualquer informação sobre Italianinho. A respeito de Chumbita, sabemos apenas que pertenceu à equipe do C. A. Colombiano em 1920⁷³⁰ e que, alguns anos depois de sua passagem por Curitiba, fixou residência na cidade de Porto União, em Santa Catarina, onde continuou praticando futebol, chegando a ser convocado para o selecionado catarinense em 1927⁷³¹.

Annibal Giorgio, "estudante no Instituto Médio Dante Alighieri", era outro paulistano inscrito no Palestra Itália⁷³². Além Giorgio e dos demais atletas sobre os quais encontramos alguma informação, acreditamos que havia mais alguns paulistas no Palestra Itália, haja vista que, ainda em outubro de 1921, a *Gazeta do Povo* anunciava a chegada de novos jogadores para o Palestra curitibano: "A esquadra palestrina também não deixa de treinar. Todos os dias estão se exercitando colectivamente. Apresentar-se-á com dois elementos novos, vindos recentemente de S. Paulo"⁷³³.

Dos jogadores que atuaram pelo Palestra Itália em 1921, havia pelo menos um, de nome Pedro Antonio Salvador, que morava em outro estado, o Rio Grande do Sul, antes de ingressar no time curitibano. Xingo, como era conhecido, foi um autêntico "Borboleta", tendo trocado de clube e cidade por diversas vezes no decorrer da década de 1920. Sua primeira passagem por Curitiba se deu entre os anos de 1918 e 1919, quando disputou o torneio da ASP pelo América S. C.⁷³⁴. Em 1920, Xingo se mudou para o Rio Grande do Sul e ingressou na equipe do Guarany de

⁷²⁷ PREFEITURA MUNICIPAL. *Correio Paulistano*. São Paulo, 15 ABR 1920. p 8

⁷²⁸ Em sua nota oficial do dia 29 de agosto de 1923, a diretoria da ASP informava o pedido de transferência do jogador: "[...] o jogador do Palestra Italia Eduardo Taurizano, que solicita transferencia para Associação Paulista de Sports Athleticos". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 29 ago 1923. p 4. Taurizano passou a competir pela A. A. Palmeiras em 1926. SPORT. *Correio Paulistano*. São Paulo, 10 nov 1926. p 6.

⁷²⁹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 nov 1921. p 2.

⁷³⁰ SPORTS. *O Combate*. São Paulo. 17 abr 1920, p 2.

⁷³¹ DESPORTOS. *Republica*. Florianopolis, 21 set 1927. p 2.

⁷³² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 06 jun 1922. p 3.

⁷³³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 out 1921, p 2.

⁷³⁴ A NOSSA VIDA AO AR LIVRE. *A Republica*. 16 ago 1918. p 1. E CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 24-27.

Pelotas⁷³⁵. No ano seguinte, retornou à capital paranaense para jogar pelo Palestra Itália, mas saiu antes do fim de 1921⁷³⁶, com destino a Pelotas, onde reingressou no Guarany. Um ano depois, Pedro Salvado foi convocado para a seleção gaúcha de futebol que disputou o campeonato brasileiro de 1922⁷³⁷. Ainda em dezembro deste ano, Xingo se mudou novamente, dessa vez para São Paulo, onde passou a integrar a equipe do Palestra Itália paulistano, e, no decorrer da década de 1920, a seleção paulista de futebol⁷³⁸.

Não sabemos ao certo como esses atletas foram contatados pela diretoria do Palestra Itália, nem quais foram os atrativos oferecidos pelos dirigentes palestrinos para convencê-los a se deslocarem até o Paraná. Entretanto, é possível inferir que a diretoria da agremiação, que tinha menos de três meses de vida quando o time foi montado, não contava com estrutura suficiente para alavancar, por si só, uma empreitada dessa envergadura. Sendo assim, parece-nos provável que o Palestra Itália tenha contado com o auxílio de outras instituições coirmãs e suas redes de contato na organização da "esquadra azul".

Várias eram as instituições que podem ter auxiliado o Palestra nessa tarefa. Como observamos anteriormente, o clube era vinculado à Dante Alighieri de Curitiba, onde mantinha sua sede. Ao mesmo tempo, Annibal Giorgio, um dos atletas que veio ao Paraná, tinha ligações claras - era estudante - com a Dante Alighieri paulistana. Não nos parece mero devaneio, imaginar que essas instituições mantinham contato entre si, sendo que a Dante Alighieri de São Paulo pode ter colaborado na transferência de Giorgio. O clube ainda mantinha relações com outras entidades que abrigavam sucursais em São Paulo e em Curitiba, e que podem ter auxiliado indicando atletas e/ou mediando a relação entre esses indivíduos e o Palestra Itália curitibano. Era o caso, talvez, do *Circolo Italiano*⁷³⁹, do Palestra Itália de São Paulo⁷⁴⁰, do próprio Consulado Italiano⁷⁴¹ e, principalmente, o *Banco Francez e Italiano*.

⁷³⁵ SPORTS. *A Federação*. Porto Alegre. 29 ago 1921, p 2.

⁷³⁶ Nesse meio tempo, Xingo ainda passou por Curitiba, em janeiro de 1922, para reforçar o Palestra Itália na reta final do campeonato. Como informa a *Gazeta do Povo*: "Chegou a esta capital vindo do Rio Grande do Sul o jogador Xingo, ex-player do America S.C. Consta que Xingo jogará domingo para o Palestra-Italia no encontro com o Britannia". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 25 jan 1922, p 2.

⁷³⁷ SPORTS. *A Federação*. Porto Alegre. 20 jul 1922, p 1.

⁷³⁸ A TARDE ESPORTIVA DE HONTEM. *O Combate*. São Paulo. 18 dez 1922, p 1. Xingo foi escalado para o *scratch* paulista que disputou a taça Washington Luiz. SPORT. *Correio Paulistano*. São Paulo, 10 jul 1926, p 5.

⁷³⁹ Por exemplo, o clube realizou uma matine dançante na sede da Dante Aligheire, convidando os "socios da Dante Alighieri e Circolo Italiano". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 fev 1927, p 6. Segundo João Fábio Bertonha, ambas as associações tinham como fim ajudar a "construir uma unidade cultural e linguística entre os italianos da colônia", fim que as aproximava também do Palestra Itália de São Paulo. BERTONHA, J. *Os Italianos*. São Paulo: Contexto, 2005. p 61.

Comentado sobre os grupos e indivíduos que, em cada clube da cidade, eram responsáveis por "aprimorar suas representações", o jornalista Francisco Genaro Cardoso afirma que, no Palestra Itália, quem cumpria essa função eram: "[...] Benedito Giampaolli, o Banco Francês-Italiano [sic] e... seus clientes descendentes de italianos"⁷⁴². Ainda segundo Cardoso, era o: "[...] antigo Banco Francês-Italiano [sic] que empregava os jogadores [...]"⁷⁴³ vindos para o Palestra Itália em 1922. Os jornais locais não costumavam publicar notícias sobre a vida particular dos jogadores de futebol, a não ser, evidentemente, que se tratasse de alguma pessoa da elite política e econômica paranaense. Sendo os indivíduos em questão, homens recém-chegados ao estado e com pouca ou nenhuma inserção na *high society* curitibana, não encontramos maiores informações sobre suas vidas fora dos gramados, bem como sobre os locais onde foram empregados e domiciliados. A própria proibição do profissionalismo e a defesa, ainda que retórica, da prática amadora, por parte da imprensa esportiva e dos dirigentes, colaborava para que se criasse um clima de relativo silêncio sobre a prática do semiprofissionalismo no futebol curitibano.

No entanto, se analisarmos trajetórias similares de outros atletas que passaram pelo Palestra Itália, notaremos que não é improvável que o próprio *Banco Francez e Italiano*, ou outras casas comerciais pertencentes a pessoas ligadas ao Palestra, tenham empregado esses jogadores. O percurso de Laudelino Ramos é emblemático nesse sentido. Ponta-direita nascido em Castro e revelado pelo União Campo Alegre, de Ponta Grossa, Laudelino mudou para a capital paranaense em 1925 atendendo a um convite dos paredros palestrinos. Durante o período em que ficou no clube, entre 1925 e 1928, o castrense foi contratado como funcionário da sucursal do *Banco Francez e Italiano* na cidade, chegando a compor o time dos funcionários desse estabelecimento⁷⁴⁴. Do mesmo modo, em 1924, Hermogenes, Cunha e Canhoto, outros três importantes jogadores do Palestra Itália na década de 1920, trabalhavam numa mesma empresa,

⁷⁴⁰ Ao que tudo indica o Palestra curitibano mantinha algum contato com seu homônimo paulistano, que chegou a presentear seu coirmão curitibano "com um lindo e custoso presente, representado por dois jogos de camisas tipo pullowers". O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 05 ago 1931, p 7.

⁷⁴¹ Era comum a presença do cônsul italiano de Curitiba nos principais jogos do Palestra Itália. Algumas vezes o consulado oferecia taças para serem disputadas nos festivais promovidos pelo Palestra, como em 1929, quando ofertou a taça "Cruzador Trento" para ser disputada entre Atlético Paranaense e Palestra Itália". O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 14 set 1929, p 7.

⁷⁴² CARDOSO, F. *Op cit.* p 46.

⁷⁴³ *Ibid*, p 425.

⁷⁴⁴ Uma breve biografia de Laudelino pode ser encontrada em: HELÊNICOS. *Op cit.* p 74. Sobre sua presença no Banco: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 set 1926. p 3.

dirigida por um "conhecido futebolista curitybano"⁷⁴⁵. A prática de empregar atletas em empresas ou casas comerciais de dirigentes não era uma peculiaridade do Palestra Itália. Conforme assinalou o próprio Francisco Genaro Cardoso, que iniciou sua carreira como cronista esportivo naquela década: "Contavam todos [os clubes] com um grupo de idealistas que trabalhava e ainda ajudava financeiramente. Donos de casas comerciais empregavam os jogadores. Ou, então, diretores de repartições públicas. Ou gerentes de bancos"⁷⁴⁶.

Na verdade, havia pouca originalidade na estratégia empregada pelo Palestra Itália para montar sua "*squadra azzurra*", uma vez que, desde os primeiros campeonatos paranaenses, a presença de atletas de outras cidades, estados e até países era uma constante nos clubes de Curitiba. Isso demonstra que a cidade estava inserida num processo mais amplo, que superava suas fronteiras, de circulação interestadual e intermunicipal de futebolistas. O que implicava, inevitavelmente, numa troca de experiências, saberes e informações, que se mostrou fundamental para a estruturação do futebol curitibano. Bastaria lembrar que um dos principais articuladores do primeiro clube formado em Curitiba, Frederico Fernando Essenfelder, havia nascido em Buenos Aires, e tinha tomado contato com o futebol na Argentina, em Pelotas e em Porto Alegre, antes de se estabelecer na capital paranaense⁷⁴⁷. O mesmo podemos dizer do carioca Luiz Guimarães, que passou por quase uma dezena de clubes no Rio de Janeiro antes de se mudar para Curitiba. Uma vez na cidade, Guimarães participou ativamente da estruturação do futebol local, presidindo a reunião que fundou a primeira liga da cidade (LSP), participando de quase todas as diretorias das ligas locais nas décadas de 1910 e 1920, auxiliando na confecção de diversos estatutos, para as mais variadas entidades esportivas, militando na imprensa esportiva - fundou *O Shoot*, a primeira revista de esportes da cidade, e escreveu para o *Commercio do Paraná* e *A Republica* -, entre outras atividades⁷⁴⁸. Em ambos os casos, as experiências prévias com a prática futebolística em outras localidades foram fundamentais para a atuação posterior no meio esportivo curitibano.

⁷⁴⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 04 nov 1924, p 5. Ver ainda: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 31 out 1924, p 4; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 06 nov 1924, p 5 e DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 nov 1924, p 5.

⁷⁴⁶ CARDOSO, F. *Op cit.* p 57.

⁷⁴⁷ Para uma breve biografia de Fritz Essenfelder, ver: HELÊNICOS. *Op cit.* p 12-14.

⁷⁴⁸ Alguns apontamentos biográficos sobre Luiz Guimarães podem ser encontrados em: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 26 ago 1922, p 4. E: SOUZA, Jhonatan U. Uma voz contra a seleção: aspectos regionais de um conflito pela hegemonia do futebol nacional. IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013

Os casos de Guimarães e Essenfelder não podem ser considerados exceções. Como eles, dezenas de outros futebolistas nascidos em vários lugares passaram por Curitiba nesse período de formação do futebol na cidade. À título de exemplo, em 1913, quando nem mesmo havia um campeonato a ser disputado na cidade, o Paraná S. C. contava com J. Medeiros e Garoto, ambos vindos de São Paulo⁷⁴⁹, e o holandês G. Ruffelse: "[...] figura de destaque em os melhores *teams* europeus"⁷⁵⁰. Aos quais se uniu, no ano seguinte, o carioca Adolpho⁷⁵¹. O América de 1915 contava, além de Luiz Guimarães, com Abacilio Reis, Berthelot Franco (Badú) e Adriano Mazza. Os dois primeiros egressos do América do Rio, e o último, embora curitibano de origem, tinha passagem pelo futebol da capital federal⁷⁵². Na mesma equipe, estavam Raymundo Pallotta, de Sorocaba; Pedro de Souza Britto, ex-atleta do Americano da cidade de São Paulo; Zizi e Prim, também de São Paulo⁷⁵³; e os irmãos argentinos Agostinho e Luiz Escalada⁷⁵⁴. No mesmo ano de 1915, o estudante e atleta do Mackenzie Domingos Maciel (Dominguito), disputava o campeonato da LSP pelo Internacional⁷⁵⁵. Cardoso descreve da seguinte maneira esse processo:

Não foi somente o América F. C. que importou jogadores de outros Estados. Todos os demais fizeram o mesmo, sendo São Paulo o principal centro de exportação. Mas no passado, no tempo do "amadorismo", ao em vez de "luvas", ordenados e "bichos", eram concedidos empregos e presentes. A maioria dos oriundos paulistas e mesmo do interior do Paraná radicou-se em Curitiba e muitos se destacaram no cenário social, político, comercial e em profissões liberais [...]⁷⁵⁶

No Curitiba F. C. a situação não foi muito diferente. Entre 1915 e 1917, o clube contou, além do argentino Essenfelder, com os paulistas João Bermudes, conhecido como Maxambomba, e Ricardo Thiele. O primeiro chegou a ser chamado de "bandeirante da bola" pelo periódico paulistano *A Gazeta*, tendo passado por clubes dos estados de São Paulo, Paraná, Rio de Janeiro e

⁷⁴⁹ Sobre J. Medeiros: O SPORT. *Commercio do Paraná*. 02 out 1913. p 3. E Garoto: O SPORT. *Commercio do Paraná*. 12 nov 1913. p 3.

⁷⁵⁰ O SPORT. *Commercio do Paraná*. 02 out 1913. p 3.

⁷⁵¹ O SPORT. *Commercio do Paraná*. 18 set 1914. p 3.

⁷⁵² Adriano Mazza: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 10 fev 1915, p 3. Abacilio Reis: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 20 jul 1915, p 3. Berthelot Franco: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 15 ago 1915, p 3.

⁷⁵³ CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 10.

⁷⁵⁴ Respectivamente: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 09 abr 1915, p 2. BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 06 ou 1915, p 3. E: BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 21 mar 1915, p 2.

⁷⁵⁵ BROWN, W. Sport. *Commercio do Paraná*. 20 jan 1916, p 2.

⁷⁵⁶ CARDOSO, F. *Op cit.* p 29. Chrestenzen e Machado também observaram algo similar: Oferecendo emprego e presentes, o América e outros clubes importaram jogadores de estados vizinhos, a maioria de São Paulo e também do interior paranaense, que se radicaram aqui na capital, tornando-se figuras de destaque também no cenário social, político e comercial. Cf: CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 11.

Pernambuco no decorrer da década de 1910⁷⁵⁷. O segundo, antes de chegar a Curitiba, tinha jogado pelo Germânia e o Ypiranga, ambos da capital paulista; o Americano, de Santos; e o Rio Claro F. C., da cidade de mesmo nome⁷⁵⁸. Celso L. Moletta Junior, analisando as listas de sócios e os livros caixa do Coritiba, afirma que os dois atletas não pertenciam ao quadro de associados da agremiação e ainda recebiam pensões no valor de 120\$000, além de auxílios para alimentação, transporte e alojamento para disputarem os campeonatos pela equipe⁷⁵⁹.

De São Paulo, também veio o italiano Ognibene Battista Bonato, que atuou pelo Palestra Itália paulistano em 1915, para o Savóia em 1916, até ingressar no Coritiba em 1917, onde ficou até 1925⁷⁶⁰. Igualmente paulistano era Juan Luís Bermudes, apelidado de Ninho, irmão mais novo de Maxambomba, que mudou para a cidade junto com seu irmão mais velho, em 1915, quando disputou jogos pelo time infantil do Coritiba. Ninho voltou para São Paulo em 1918, onde integrou a equipe do Audax, e retornou ao Coritiba em 1921, para se tornar o maior ídolo da equipe naquela década⁷⁶¹.

À luz do exposto acima, fica evidente que a estratégia do Palestra Itália não tinha nada de original, uma vez que a "importação" de *players* paulistas ou de outros estados foi uma constante no futebol curitibano das décadas de 1910 e 1920. Com efeito, nem mesmo a quantidade - sete, no mínimo - de atletas "importados" pelos "Azuis", pode ser considerada um exagero para os padrões experimentados até então. Como vimos, o América S. C. contou, em 1915, com pelo menos dez atletas oriundos de outros estados e países. Do mesmo modo, em 1918, como rememorou a *Gazeta do Povo* anos depois, o esquadrão da *Associação Athletica Academica*, formado por alunos da Universidade do Paraná, aproveitou: "[...] a chegada do grande numero de estudantes paulistas, todos da saudosissima Universidade de S. Paulo, entre os quaes se achavam optimos foot-ballistas [...]", e reforçou sua equipe "[...] com sete elementos paulistas, quasi todos do famoso team do Gymnasio Anglo-Brasileiro, o terror das equipes collegiais"⁷⁶².

Em meados de 1919, a intensificação da saída de jogadores do estado de São Paulo chegou a preocupar a *Associação Paulista de Sports Athleticos* (APSA), que passou a negar o

⁷⁵⁷ HELÊNICOS. *Op cit.* p 16-19. E: MOLETTA JR. C. *Op cit.* 2009, p 112.

⁷⁵⁸ HELÊNICOS. *Op cit.* p 24.

⁷⁵⁹ MOLETTA JR. C. *Op cit.* 2009, p 111-113.

⁷⁶⁰ HELÊNICOS. *Op cit.* p 30.

⁷⁶¹ HELÊNICOS. *Op cit.* p 54-55.

⁷⁶² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 09 dez 1926, p 6.

"passe"⁷⁶³ aos atletas que solicitavam transferência para outros estados da federação. Segundo a APSA, tratava-se de: "[...] uma medida de defesa de alcance moral contra a emigração de jogadores que na maioria das vezes são atraídos com promessas de emprego e outros meios de sedução já conhecidos". Para a instituição paulista, era preciso que: "[...] a Confederação Brasileira approve uma lei estabelecendo o estagio, pelo menos de um anno, para a transferencia de jogador de um para outro Estado"⁷⁶⁴.

Como forma de prevenir novas "migrações", a APSA decidiu que, enquanto a "lei do estagio" não fosse aprovada pela CBD, os clubes e atletas filiados à instituição paulista não poderiam viajar para outros estados com o fim disputar partidas de futebol. Para cumprir com esse objetivo, a APSA estabeleceu as seguintes medidas: 1) "negar licença para os clubs filiados disputarem matches interestaduais em outros Estados"; 2) "negar a colaboração de jogadores paulistas para jogos internacionais de qualquer categoria que sejam disputados fora de S. Paulo"; 3) pedir às demais entidades estaduais filiadas à CBD que disputavam taças com o selecionado da APSA que: "[...] seus respectivos quadros representativos sejam constituídos unicamente de jogadores natos [...] e na falta destes, por jogadores que tenham cinco annos, pelo menos, de residencia efectiva nos Estados que representarem"; 4) "suspender a disputa de jogos do scratch da A.P.S.A. com os dos outros Estados"; 5) "dar conhecimento destas resoluções á Liga Metropolitana do Rio de Janeiro e a Associação Sportiva Paranaense"⁷⁶⁵.

Como observaram Capraro, Moletta, Freitas e Santos, ainda que viesse à luz na forma de "representações episódicas", a prática do semiprofissionalismo nas primeiras décadas do futebol brasileiro era, na verdade: "[...] um fenômeno sistêmico e não bem localizado

⁷⁶³ A instituição responsável por fiscalizar a transferência interestadual de jogadores era a *Confederação Brasileira de Desportos* (CBD). Quando um atleta mudava de um estado para outro - por exemplo, da *Associação Sportiva Paranaense* para a *Associação Paulista de Sports Athleticos* -, caso ambas as ligas responsáveis pela gestão do futebol nesses estados fossem filiadas à CBD, esta entrava em contato com a última liga pela qual o atleta havia jogado e verificava se ele estava em dia com as suas responsabilidades naquela liga. Caso a resposta fosse positiva, o indivíduo em questão poderia se inscrever na nova entidade - tinha o "passe" - caso a resposta fosse negativa, o atleta não poderia se inscrever na outra liga. Essa mesma lógica se reproduzia no interior dos estados, só que quem dava ou não o "passe", nesse caso, eram os clubes, e a instituição responsável por fiscalizar esse processo era a federação ou liga estadual.

⁷⁶⁴ SPORT. *Commercio do Paraná*. 31 jul 1919. p 2. Em 1917, com o mesmo fim de desestimular a transferência de jogadores, só que entre os clubes do Rio de Janeiro, a *Liga Metropolitana de Desportos Terrestres* (LMD) aprovou uma "Lei do Estágio". O regulamento estabelecia que os atletas que trocassem de clube deveriam ficar um ano em "estágio", parados, treinando e disputando jogos pelos quadros inferiores, só podendo tomar parte na equipe principal após completarem o primeiro ano como associados no clube. Cf: SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 194.

⁷⁶⁵ Idem.

geograficamente"⁷⁶⁶. De fato, tudo indica que, ainda na década de 1910, as "voações" - como se chamava à época o ato de convidar/convencer um jogador a entrar para o seu time - extrapolavam as fronteiras estaduais, sendo que o processo de convencimento envolvia a oferta de empregos, benefícios e "outros meios de seducção" ilegais segundo as normas do amadorismo.

Em maio de 1920, o periódico curitibano *A República* afirmava: "Um dos maiores males que tem perseguido o football brasileiro e que tem entravado a sua marcha ascensional é o profissionalismo [...] Aqui também, e isso infelizmente, não se tem podido fugir ao mal". Para o cronista, o problema do "profissionalismo" era: "[...] estrutural, pois os exemplos vêm de cima". E continuava, transcrevendo uma denúncia, publicada originalmente no jornal *A Gazeta*, de São Paulo, que envolvia os dirigentes do Coritiba F. C. em um atleta da primeira divisão do estado vizinho:

Sabemos de fonte segura que um center half do club de 1ª divisão recebeu um officio do Curityba F. Club convidando-o a jogar o campeonato do corrente anno para a Associação Sportiva Paranaense em seu 1º quadro, com promessas variadas.

Adeantamos ainda mais que essa carta foi entregue a directoria do seu club, pelo jogador em questão, tendo esta respondido ameaçando o Curityba de mandar o officio á Confederação Brasileira de Desportos.⁷⁶⁷

O caso envolvendo o Coritiba F. C. fornece algumas pistas sobre como ocorriam essas transações interestaduais e demonstra que não eram infundadas as preocupações da APSA quanto à migração dos boleiros paulistas. Entretanto, não foi apenas São Paulo que perdeu seus *players* nesse processo de circulação interestadual de jogadores. Outrossim, da mesma forma que os clubes curitibanos importaram futebolistas de outras localidades, muitos atletas nascidos ou formados em Curitiba deixaram a cidade para se aventurarem em outros centros urbanos nas décadas de 1910 e 1920. Antonio Paiva, por exemplo, jogava pelo América do Rio de Janeiro durante a temporada carioca e, quando voltava de férias, disputava partidas pelo América de Curitiba⁷⁶⁸. O mesmo trajeto fazia Osmar Plaisant, aluno do Colégio Militar da capital federal, que, durante o ano letivo, tomava parte em *matches* defendendo o escudo da instituição de ensino, e, nas férias, integrava a equipe do América curitibano⁷⁶⁹.

⁷⁶⁶ CAPRARO, André M; MOLETTA JR; Celso; FREITAS JR, Miguel; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. *Revista de História Regional* 17 (2). Ponta Grossa, 2012. p 553.

⁷⁶⁷ A VIDA AO AR LIVRE. *A Republica*. 06 mai 1920, p 6.

⁷⁶⁸ SPORT. *Commercio do Paraná*. 22 fev 1916, p 3.

⁷⁶⁹ SECÇÃO SPORTIVA. *Diario da Tarde*. 03 abr 1916, p 2.

Outros, como Alfredo Millon, que mudou do Paraná S. C. para o Santos F. C. em 1917, saíram da cidade definitivamente⁷⁷⁰. Foi esse o caso, entre tantos outros, de Luiz Gonçalves, Julio Nascimento, João Macill e Aristides Francalacci. O primeiro, um dos principais responsáveis pela fundação do América S. C., mudou para Porto Alegre em 1916, e lá jogou pelo S. C. Cruzeiro⁷⁷¹. Nascimento e Macill foram para o carioca Fluminense F. C.⁷⁷². E Aristides Francalacci, que disputou o campeonato de 1924 pelo Palestra Itália de Curitiba, se mudou para Tubarão, em Santa Catarina, no ano de 1925, onde continuou a jogar futebol, chegando a ser escalado na seleção de Santa Catarina em 1927⁷⁷³.

Tão intensa quanto a circulação interestadual, foram as migrações de atletas oriundos dos municípios do interior e do litoral paranaense para os clubes da capital do estado. Esse fenômeno fez com que trajetórias como a do meio-campista Gonzalo Penã Rey fossem cada vez mais comuns. Nascido em Vigo, na Espanha, Pena, como era chamado, se estabeleceu em Santo Antônio da Imbituva, interior do Paraná, depois de fugir de um colégio interno na França. Naquela cidade, jogou pelo time da serraria na qual trabalhava, passando, em 1916, para o Guarany S. C. de Ponta Grossa, onde ficou até 1919, quando se mudou para a capital do estado e ingressou no Curitiba F. C. Depois de sair deste clube, em 1923, o atleta passou ainda pelo Iraty S. C., do município de mesmo nome, e pelos clubes União Campo Alegre, Guarany e Corinthians, todos de Ponta Grossa⁷⁷⁴.

Durante as décadas de 1910 e 1920, a intensificação desse processo de migrações intermunicipais gerou diversos conflitos entre as *Associação Sportiva Paranaense* (ASP) e a *Liga Regional Paranaense* (LRP) - entidade filiada à ASP, com sede em Ponta Grossa, responsável por gerir a prática do futebol nas cidades do interior do estado. Em janeiro de 1919, por exemplo, os dirigentes da LRP reclamaram junto à ASP contra o fato dos clubes da capital escalarem jogadores que já tinham disputado partidas naquele ano por agremiações de outras cidades do interior, como Irati, Castro, Teixeira Soares, Entre Rios, União da Vitória e Ponta Grossa. O editor esportivo do *Commercio do Paraná* se posicionou favorável às reivindicações das equipes

⁷⁷⁰ SPORT. *Commercio do Paraná*. 08 abr 1917, p 3.

⁷⁷¹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 10 abr 1919, p 3.

⁷⁷² Respectivamente: SPORT. *Commercio do Paraná*. 05 abr 1919, p 2. E SPORT. *Commercio do Paraná*. 11 abr 1919, p 2.

⁷⁷³ Para alguns dados biográficos de Francalacci, ver: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 15 jan 1925, p 5. A notícia sobre a transferência para Tubarão está em: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 04 set 1925, p 3. Sobre sua participação no selecionado de Santa Catarina: DESPORTOS. *Republica*. Florianópolis, 21 set 1927. p2.

⁷⁷⁴ HELÊNICOS. *Op cit.* p 40-43.

do interior para que houvesse maior controle, por parte da ASP, das transferências de jogadores daquelas cidades para a capital. Segundo o jornalista, esse controle era fundamental para que o campeão paranaense continuasse a ser: "[...] o club mais forte e não o club mais rico".

Como todos sabem a Liga Regional foi fundada sob os auspícios da Associação e [...] é portanto uma sua filiada, cujos estatutos prohibem que um jogador que dispute o campeonato da Associação venha a disputar o seu no mesmo anno. Essa disposição tem a vantagem de não permitir que um club rico mande buscar jogadores bons para enxertar os seus teams, e não se comprehende que a Associação permita isso e a sua filiada não [...] O campeão precisa ser o valoroso campeão da força e não o ridículo campeão da moeda.⁷⁷⁵

Nos anos subsequentes, as propostas de regulamentação da transferência de atletas dos municípios do interior para a Curitiba não avançaram significativamente. Não por acaso, seis anos depois, em 1925, Hercilio Guiraud, correspondente da *Gazeta do Povo* em Ponta Grossa, afirmava: "A cabala de jogadores d'aqui está sendo feita escandalosamente pelos clubs da Capital; si a A.S.P. não regulamentar em tempo uma lei do passe será certo o desaparecimento da L.P.D. e de mais alguns clubs"⁷⁷⁶. Com o fim de desestimular as transferências intermunicipais, em março de 1925, a ASP discutiu e aprovou uma proposta de "Lei do Passe" elaborada pelos dirigentes da *Liga Paranaense de Desportos* (LPD) - entidade situada em Ponta Grossa, que substituiu a LRP na gestão da prática futebolística nas cidades do interior do Paraná - que, entre outras coisas, determinava:

Art. 2º - Os jogadores inscriptos por clubs filiados á Associação Sportiva Paranaense, e que tenham tomado parte na disputa de um determinado campeonato, não poderão ser transferidos para clubs filiados à Liga Paranaense de Desportos, enquanto não findar o referido campeonato; e, vice-versa, a Associação Sportiva Paranaense não poderá igualmente permittir o registro de jogadores que tenham, durante a mesma temporada, disputado jogos filiados á Liga Paranaense de Desportos.⁷⁷⁷

Além dessa proibição, a nova "Lei do Passe" considerava "motivos sufficientes para ser negado o "passe" para a transferencia da inscripção", as seguintes "irregularidades":

- a) não estar o pedido respectivamente acompanhado do recibo que provar ter o petionario pago a taxa de transferencia de inscripção na importancia de 100\$000;
- b) estar o petionario soffrendo a applicação de qualquer pena imposta pelo club a que pertence e pela instituição dirigente local;
- c) estar o petionario respondendo a qualquer processo judicial;
- d) ser o petionario analphabeto, muito embora tendo conseguido illudir a boa fé da comissão de syndicancia respectiva por occasião de se registrar;

⁷⁷⁵ SPORT. *Commercio do Paraná*. 15 jan 1919, p 2.

⁷⁷⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 10 mar 1925, p 4. A instituição à qual se refere Guiraud é a *Liga Paranaense de Desportos*, que substituiu a LRP na gestão do futebol no interior.

⁷⁷⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 13 mar 1925, p 4.

- e) ser o peticionario devedor de qualquer importancia ao club que pertencer ou á instituição dirigente local, derivada da applicação de penalidades, fornecimento de uniformes de jogo ou outro qualquer motivo devidamente ratificado;
- f) não estar terminado o campeonato disputado pelo club para o qual disputou qualquer jogo official.⁷⁷⁸

Cumpridos todos os pré-requisitos, o indivíduo que desejasse migrar de um clube do interior para outro da capital, ou vice-versa, teria ainda que passar por um período de "estágio": "Art 8º - Concedido o passe para qualquer instituição, o jogador que o solicitou só poderá tomar parte em jogos officiais depois de decorrido o estagio de 120 dias, contados da data em que o "passe" te sido concedido"⁷⁷⁹.

Embora impusesse diversos obstáculos às transferências intermunicipais, a nova "Lei do Passe" não conseguiu frear o movimento migratório de jogadores, muitos deles egressos das classes populares, que, cada vez mais, faziam da prática do futebol uma forma de renda e uma estratégia de ascensão social. Não é de se estranhar, portanto, que, menos de um ano depois da aprovação da referida lei, o jornal *O Dia* publicasse uma carta, assinada por Leopoldo Pinto Rosas, dirigente do União Campo Alegre, de Ponta Grossa, em que o paredro denunciava: "[...] a pesca de jogadores que alguns clubs da capital têm vindo fazer" na agremiação que presidia⁷⁸⁰. Conforme Rosas: "[...] nenhum esportistas ignora que a pratica, pelo clubs da capital, de vir pescar jogadores no interior, é ja de longa data"⁷⁸¹.

Na mesma direção, em fevereiro de 1930, o editor da "Pagina Sportiva" do periódico *A Republica*, reclamava dos métodos utilizados pelos cartolas curitibanos para convencer futebolistas de outras cidades a ingressarem em suas equipes:

Queremos referir-nos ao facto de terem sido feitas propostas pouco recommendaveis a dois elementos, a dois excelentes medios de ala, que disputam o campeonato do interior do Estado. Não nos insurgimos, absolutamente, contra os que procuram reforçar para as suas fileiras: isso é esportivo; verberamos, apenas, o procedimento dos apaixonados, que, pondo de lado certos escrúpulos procuram conseguir elementos mediante processos sob todo o ponto de vista condemnaveis, pois a ninguem é licito tentar semear o profissionalismo num terreno onde, até hoje, felizmente, elle não conseguiu medrar.⁷⁸²

Os diversos casos aqui narrados envolvendo transferências interestaduais e intermunicipais de atletas indicam uma íntima relação entre o deslocamento espacial desses

⁷⁷⁸ Idem

⁷⁷⁹ Idem

⁷⁸⁰ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 mar 1926, p 6.

⁷⁸¹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 11 mar 1926, p 6.

⁷⁸² PAGINA SPORTIVA. *A Republica*. 15 fev 1930, p 6.

players e a intensificação da prática do semiprofissionalismo no futebol. Esse processo de financeirização do futebol por meio da remuneração de atletas - classificado pelo jornalista de *A Republica* como "semear profissionalismo onde ele não medrou" - terminou, no decorrer dos anos, por concentrar poder e títulos nas mãos dos clubes com maior capacidade de captação de recursos via bilheteria, associados mensalistas e grupos de apoio formados por casas comerciais, indústrias e até mesmo bancos.

Esse parece ter sido o caso do Palestra Itália de Curitiba, que se ancorava financeiramente no *Banco Francez e Italiano* e em outros comerciantes e industriais de ascendência italiana estabelecidos na cidade. O mesmo grupo, aliás, que criou, anos antes, a *Sociedade Dante Alighieri*, à qual o Palestra estava ligado. Ao "importar" diversos atletas ainda na sua primeira temporada, o clube deixava claro que não havia surgido com o único fim de fornecer um espaço de confraternização e recreio para os ítalo-brasileiros da localidade. De outro modo, sua ambição era conquistar os títulos da cidade e se fixar entre as principais equipes paranaenses. Formado e dirigido por setores da elite e da classe média imigrante, à exemplo do que ocorria com o Vasco da Gama e os imigrantes portugueses no Rio de Janeiro⁷⁸³, o Palestra Itália curitibano foi um meio pelo qual as camadas enriquecidas da "colônia italiana" tentaram se projetar simbolicamente no circuito social cidadão, demonstrando seu poder econômico e sua capacidade gerencial na formação de uma equipe que competia de igual para igual com os times mais tradicionais de Curitiba.

No entanto, a estratégia de importar futebolistas paulistanos não trouxe o resultado desejado, a saber, o título do campeonato. Embora tenha feito uma boa temporada em 1921 - o clube disputou 14 partidas, saindo vencedor em sete ocasiões, empatando por três vezes e perdendo apenas quatro partidas - o Palestra Itália foi derrotado na final contra o Britannia, pelo placar de 6 a 0, ficando com o vice-campeonato na sua temporada de estreia⁷⁸⁴. No ano seguinte, com o enfraquecimento do time pela saída dos atletas paulistas, a equipe amargou uma sexta posição no torneio da ASP. Em paralelo aos fracassos no gramado, as crises internas levaram o clube, segundo a *Gazeta do Povo*, à: "[...] emergência de se dissolver, o que não aconteceu graças a ação e boa vontade de Hermogenes Bartholomei"⁷⁸⁵.

⁷⁸³ Sobre o Vasco da Gama e sua relação com os portugueses do Rio de Janeiro, ver: SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. Principalmente o capítulo 2: "A comunidade portuguesa e a aventura nos sports".

⁷⁸⁴ CHRESTENZEN, L; MACHADO, H. *Op cit.* 1990. p 33.

⁷⁸⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 06 jan 1925, p 5.

As derrotas e crises do ano anterior provocaram uma profunda reorganização no Palestra Itália. Em 1923, o time titular foi completamente remontado com jogadores vindos de clubes da várzea curitibana, como Paranaense, Operário, Americano, Universal e Tirandentes⁷⁸⁶. Em março, "as torcedoras palestrinas"⁷⁸⁷ fundaram o *Grêmio Palestra Itália*, que seria responsável por agitar a vida social da agremiação, organizando bailes e eventos culturais na sede da *Sociedade Dante Alighieri*. No mesmo mês, marcando simbolicamente sua reorganização, o Palestra Itália trocou seus uniformes, abandonando o tradicional azul, para adotar as cores verde, vermelha e branca da bandeira da Itália, o que lhe renderia o apelido de "Periquito". Na ocasião, um torcedor confidenciou ao cronista esportivo da *Gazeta do Povo* o sentido de ruptura que atribuía à troca do uniforme: "[...] a camisa azul é azar, a verde sim, é sorte na certa!"⁷⁸⁸. De fato, as previsões do aficionado se mostraram corretas, com a nova equipe e os novos uniformes o Palestra Itália iniciou uma trajetória vitoriosa, com a conquista da vice-colocação nos campeonatos de 1923 e 1925, e com os títulos estaduais de 1924 e 1926.

3.3 De "Azuis" a "Periquito": trabalhadores pobres e homens de cor, da suburbana ao Palestra Itália

No domingo, 18 de março de 1923, em um jogo amistoso contra o Paraná S. C., o Palestra Itália testou pela primeira vez sua nova equipe, inteiramente remodelada com jogadores egressos de diversos clubes do subúrbio de Curitiba que substituíram os "*players* paulistas", base dos "Azuis" nas temporadas de 1921 e 1922. O resultado não poderia ser melhor para os palestrinos, uma vitória por 4 a 2 contra um clube de tradição na cidade revigorava as esperanças de seus dirigentes e torcedores, projetando um futuro de vitórias para a esquadra. É isso que indicava o cronista esportivo da *Gazeta do Povo*, em seu relato sobre a partida:

O Palestra Itália conseguiu reunir onze jovens ainda novos na arte do pebol, mas que muito promettem para os prelos futuros.

Todo o conjunto é harmonioso, isto é, todos os elementos são quasi da mesma força.

Distingue-se no entretanto, o consagrado arqueiro Hermogenes e o excelente ponteiro Cunha.

⁷⁸⁶ Idem.

⁷⁸⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 14 mar 1923, p 4.

⁷⁸⁸ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 16 mar 1923, p 4.

A equipe, apesar de nova, em mui breve tempo, com alguns embates de responsabilidade, tornar-se-á uma das melhores do Estado.
Com o embate de hontem ficou provado que a reorganização palestrina está em franco progresso.⁷⁸⁹

Como noticiou o mesmo periódico, estava marcada para aquela peleja a estreia do novo uniforme verde, que simbolizava a reorganização do clube: "O valoroso Palestra Italia vae domingo estrear lindo uniforme, identico ao seu congenere de S. Paulo, isto é, camisa verde com bello distinctivo ao lado"⁷⁹⁰. Um atraso na confecção das camisas não permitiu que o novo manto chegasse em tempo para o amistoso contra o Paraná S. C., adiando para abril a estreia do fardamento. Como notou com ironia o jornalista da *Gazeta do Povo*, diferente do que se imaginava, as antigas camisas azuis não deram "azar" à agremiação: "A maioria dos palestrinos não tinham hontem confiança no quadro devido o mesmo ter jogado com as camisas azues. Ficou provado, porém, que os azues também dão sorte... Vamos ver domingo se as verdes são de facto mascottes..."⁷⁹¹.

Desde sua fundação, as expectativas depositadas no Palestra Itália eram enormes. Como assinalamos no início do capítulo, o clube foi idealizado pelos setores médios e enriquecidos da "colônia italiana" de Curitiba para fazer frente ao "invencível" Britannia e conquistar o campeonato da ASP, propagandeando assim, por meio do esporte mais popular da cidade, o poderio econômico e a capacidade gerencial dessa elite imigrante, além de auxiliar na tarefa, encampada por esses mesmos setores, de reforçar os laços identitários que uniam os imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos na capital paranaense com a pátria de origem.

Para atingir os objetivos almejados, os dirigentes palestrinos - a maior parte deles altos funcionários do *Banco Francez e Italiano*, diretores da *Sociedade Dante Alighieri*, pequenos comerciantes e empresários de origem italiana - empreenderam tempo, esforço e dinheiro na construção de uma equipe que fosse minimamente competitiva e pudesse jogar de igual para igual com os clubes mais tradicionais da cidade. A estratégia de "importar" futebolistas de outros estados, principalmente São Paulo, adotada em 1921 e, em menor medida, em 1922, não obstante tenha levado a agremiação ao vice-campeonato na primeira temporada, tinha se mostrado ineficaz, uma vez que o clube amargou a antepenúltima posição no torneio de 1922.

⁷⁸⁹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 mar 1923, p 4.

⁷⁹⁰ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 13 mar 1923, p 4.

⁷⁹¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 mar 1923, p 4.

As derrotas em campo frustraram expectativas e propulsionaram conflitos entre associados e dirigentes da agremiação. Em novembro de 1921, o *Commercio do Paraná* publicou uma carta assinada por Julio Riccetti, que se apresentava como sócio do Palestra Itália "daquelles que tem amor ao club que pertence", na qual o autor protestava: "[...] contra os actos e arbitrariedades que alguns membros da directoria do Palestra Itália estão praticando". Depois de denunciar uma série de irregularidades de um grupo de dirigentes liderados por Mario Montrucchio e David Bartholomei, Riccetti terminava a carta apelando: "[...] para esses dois senhores, se não querem ver a ruina do Palestra, que retirem-se do seio da directoria, do contrario o Palestra irá a fundo"⁷⁹².

Em 1922, a crise no Palestra Itália se aprofundou ainda mais. Depois da derrota para o Britannia na final do campeonato de 1921, grande parte dos atletas vindos de São Paulo voltaram ao seu estado de origem, enfraquecendo o time que disputou o torneio no ano seguinte. Alguns destes, conforme nos informa Julio Riccetti na carta supracitada, foram expulsos do clube por motivo de indisciplina. Esse foi o caso de Chumbita, excluído "porque era farrista", e Italianinho: "[...] por ser um estúpido que muitas vezes respondeu grosseiramente para os directores"⁷⁹³.

Além dos desfalques, repetindo o que ocorrera na temporada anterior, durante o campeonato de 1922 o Palestra Itália voltou a se envolver em confusões nos jogos contra o Britannia⁷⁹⁴. Em maio daquele ano, a agremiação ameaçou abandonar a competição, depois de três jogadores seus serem suspensos e o clube receber uma multa de 445\$000 da ASP⁷⁹⁵. As punições eram relativas à partida de 21 de maio de 1922, contra o Britannia, na qual os atletas palestrinos abandonaram o campo em solidariedade a Paulo Schultz, meio-campista dos "Azuis", expulso do jogo por ter agredido o árbitro⁷⁹⁶. Equipe desorganizada, sequencia de derrotas,

⁷⁹² RICCETTI, J. Esportes. *Commercio do Paraná*. 10 nov 1921, p 4. Segundo o missivista, David Bartholomei compunha o quadro diretivo do Palestra Itália sem ter sido eleito para a função, enquanto Mario Montrucchio tinha sido destituído por uma assembleia geral, mas continuava agindo como dirigente do clube, desrespeitando a decisão dos associados. Para Riccetti, ambos lideravam um grupo de dirigentes palestrinos acostumados a cometer atos autoritários, à revelia das decisões da assembleia geral.

⁷⁹³ RICCETTI, J. Esportes. *Commercio do Paraná*. 10 nov 1921, p 4.

⁷⁹⁴ Em fevereiro de 1922, por exemplo, Benedicto Giampaolli, presidente do Palestra Itália, publicou uma carta na *Gazeta do Povo*, reclamando das sucessivas agressões de pessoas ligadas ao Britannia contra jogadores palestrinos. Segundo o remetente: "É pela terceira vez que os nossos jogadores são maltratados, quer no jogo, quer fora, pelos jogadores e torcedores do Britannia. Todavia, levados pela devida educação sportiva e social, os nossos jogadores não souberam reagir contra aquelles que não podendo levar os louros da victoria licitamente e pelo direito, pretendem leval-os envolvendo por sua maneira de agir numa atmosphaera de terror o juiz e jogadores". GIAMPAOLLI, Benedicto. Nota Oficial. *Gazeta do Povo*. 01 fev 1922, p 1.

⁷⁹⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 02 jun 1922, p 3.

⁷⁹⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 25 mai 1922, p 3.

antepenúltima colocação no campeonato, crise na diretoria, por tudo isso, em fins de 1922, segundo a *Gazeta do Povo*: "[...] o club estava na emergência de se dissolver"⁷⁹⁷.

Para superar essas crises, o Palestra Itália passou por uma intensa reorganização nos primeiros meses de 1923. Em janeiro foi eleita uma nova diretoria, na qual não constavam mais os nomes de Mario Montrucchio e David Bartholomei, respectivamente, vice-presidente e vice-diretor esportivo em 1922, acusados por má gestão na carta de Julio Riccetti⁷⁹⁸. No mesmo mês, com o intuito de preparar futuros atletas, a agremiação organizou uma equipe infantil, na qual competiriam os filhos de associados do clube⁷⁹⁹. Ainda em janeiro, para aproximar o clube da imprensa e tentar melhorar sua imagem pública, os dirigentes do Palestra Itália, liderados pelo goleiro Hermogenes, organizaram a "Prova Clássica Imprensa do Paraná" em homenagem à *Associação dos Chronistas Esportivos do Paraná*, entidade com pouco mais de seis meses de vida, que, segundo os paredros palestrinos, prestava um: "[...] valioso concurso [...] em prol do desenvolvimento do esporte no nosso estado"⁸⁰⁰. Para movimentar as atividades sociais do clube, organizando sarais, bailes, festas, eventos culturais, além de apoiar o time nas partidas que disputava, foi fundado, no mês de março, o *Grêmio Palestra Itália*, instituição que congregava, nas palavras da *Gazeta do Povo*: "todas as torcedoras palestrinas"⁸⁰¹.

Nesse contexto de mudanças, o abandono dos uniformes azuis e a adoção da camisa verde, com detalhes em vermelho e branco, representava, simbolicamente, o sentido de ruptura com o passado que o clube tentava marcar. No entanto, a ruptura era apenas organizacional, os fins da agremiação permaneciam os mesmos de antes, ou seja, propagandear, através das vitórias da equipe, a capacidade gerencial e o poder econômico das elite imigrantes que dirigiam e financiavam o clube, e, por meio do futebol, um dos principais divertimentos da cidade, divulgar

⁷⁹⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 06 jan 1925, p 3.

⁷⁹⁸ A lista completa dos dirigentes do Palestra Itália em 1922 pode ser consultada em: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 15 mar 1922, p 2. Para 1923, ver: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 20 jan 1923, p 6.

⁷⁹⁹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 24 jan 1923, p 4. Esse fenômeno não era exclusivo do Palestra Itália. Desde a segunda metade da década de 1910 o número de equipes infantis e juvenis aumentaram significativamente na cidade. Para congregar esses times, em junho de 1926 foi fundada a *Liga Infantil Paranaense* (LIP), que organizou um campeonato infantil e um juvenil nos anos de 1923 e 1924, sendo dissolvida posteriormente. A equipe infantil do Palestra Itália só se filiou à LIP em 1924. Sua recusa em competir em 1923 causou estranheza no cronista da *Gazeta do Povo*: "Por que será que o Palestra Italia Infantil não se filiou? O valoroso Palestra Italia também tem um quadro infantil, aliás excellentissimo. Porque será que os seus dirigentes não o filiaram à Infantil?". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 31 mai 1923, p 4.

⁸⁰⁰ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 25 jan 1923, p 4.

⁸⁰¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 16 mar 1923, p 4.

e fomentar uma identidade italiana de tons oficialistas gestada em instituições, como a *Sociedade Dante Alighieri*, patrocinadas por essa mesma elite e classe média ítalo-brasileira.

As cores escolhidas são emblemáticas dessa linha tênue entre a ruptura e a continuidade, pois, ao mesmo tempo em que diferiam do velho azul, mantinham o sentido do uniforme antigo, preservando as referências à Itália. Ao imitar seu congênere paulista e se apropriar das cores da bandeira italiana, exibindo-as nos seus atletas, o clube incorporava - no sentido mesmo de tomar forma e corpo - e materializava a italianidade que pretendia divulgar. As novas cores renderam um novo apelido à equipe. Se antes eram conhecidos como "Azuis", agora passaram a ser chamados de "Periquitos", em referência à cor verde do pássaro. Novos uniformes prontos, faltavam agora jogadores de qualidade para vesti-los. E, paradoxalmente, foi nos subúrbios da cidade, entre trabalhadores pobres, luso-brasileiros, negros, mestiços, de diversas nacionalidades, que o Palestra recrutou os homens que vestiriam a bandeira travestida de camisa.

Assim como a diretoria, as atividades sociais e o uniforme, o time do Palestra Itália foi completamente reorganizado no primeiro trimestre de 1923. Da temporada anterior restou apenas o goleiro Hermogenes Bartolomei. Mineiro de Jacutinga, o guarda-metas tinha mudado para Curitiba ainda na década de 1910. Na cidade, jogou pelo Mascaprego, em 1919, e pelo Universal, em 1920. Hermogenes auxiliou na fundação do Palestra Itália e foi o capitão da equipe entre 1921 e 1923, período em que defendeu também a seleção paranaense de futebol⁸⁰². Ao *goalkeeper* se juntaram outros dez futebolistas "cavados" - como era chamado o ato de trazer um jogador para sua equipe - nos clubes da "várzea curitibana". Para melhor compreendermos a origem desses jogadores, precisaremos antes fazer alguns apontamentos sobre o desenvolvimento do futebol suburbano em Curitiba.

Como vimos no capítulo anterior, desde 1917, com a fusão entre a *Associação Paranaense de Sports Athleticos* (APSA) e a *Liga Sportiva Paranaense* (LSP), e o conseqüente surgimento da *Associação Sportiva Paranaense* (ASP), as barreiras para a introdução de clubes de origem popular na liga, que haviam sido brevemente derrubadas com a cisão de 1916, voltaram a ser erguidas, dificultando novamente o acesso de agremiações fundadas pelas classes populares ao principal campeonato da cidade. No decorrer da década de 1920, esse processo não foi revertido e a competição continuou circunscrita aos clubes da elite curitibana, com exceção do Britannia e do Savóia, que tinham ascendido nas "brechas" abertas em 1916, e de outras pequenas

⁸⁰² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 jan 1925, p 5.

agregiações, como Esperança S. C. e Universal S. C., que tiveram participações esporádicas e pouco expressivas⁸⁰³.

As barreiras ao ingresso de pequenas agregiações foram notadas pelo próprio cronista esportivo da *Gazeta do Povo*, que, em 1923, afirmava, em letra garrafais, no título de sua coluna: "PARA ENTRAR NA ASP É PRECISO TER MUITO DINHEIRO". Segundo o jornalista: "[...] pelos novos estatutos, aprovados ultimamente, é impossível no momento uma novel agregiação entrar na entidade"⁸⁰⁴. O autor se referia ao regimento da ASP aprovado em janeiro de 1923. As disposições expressas nesse estatuto, especialmente no seu "Capítulo VII: Da admissão de clubs"⁸⁰⁵, impunham uma série de obstáculos para a inscrição de clubes pequenos na primeira divisão da entidade.

Para um clube entrar na primeira divisão, o processo era longo, burocrático e custoso. O artigo 85º determinava que fossem aceitos apenas oito clubes no torneio, sendo que a inscrição de novas equipes só seria possível quando houvesse a desistência de algum dos participantes. Enquanto não abrisse uma vaga, o clube interessado teria de se matricular "[...] em caráter extraordinario [...] pagando a annuidade de 50\$000". Os clubes "filiados em caráter extraordinario" tinham o direito de disputar partidas amistosas contra as agregiações da entidade, mas não tomariam: "[...] parte nos jogos do campeonato, nem terão representação na assembleia e divisões". Uma vez aberta a vaga almejada: "[...] proceder-se-á um campeonato elliminatorio entre os clubs filiados em character extraordinario"⁸⁰⁶.

Aquele que ganhasse o torneio eliminatório teria a chance de se inscrever na ASP na condição de "filiado em caracter definitivo". No entanto, para que a filiação definitiva fosse consumada, a agregiação teria que: "[...] provar a sua existencia legal, exhibindo os seus Estatutos registrados de accordo com a lei [...]", além de comprovar que "[...] joga futebol 'association' de conformidade com as regras em vigor, exhibindo a relação de jogos já disputados". Era preciso ainda ter uma sede social e uma esportiva, enviar uma lista com os sócios e diretores, e: "[...]

⁸⁰³ O Esperança, "uma das forças do futebol varzeano", nas palavras de Machado e Chrestenzen, se aventurou no campeonato de 1920, ficando na penúltima colocação. CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 28. O Universal disputou a 2ª divisão da ASP em 1921 e 1922, subindo para a primeira divisão em 1923, após a desistência do América S. C. Na divisão principal, o clube disputou os torneios de 1923, 1924 e 1925, ficando em penúltimo lugar em 1924, e em último nas outras duas temporadas. *Ibid*, p 38-47. E: CARDOSO, Francisco G. *Op cit.* p 426.

⁸⁰⁴ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 20 mar 1923, p 4.

⁸⁰⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 30 jan 1923, p 4.

⁸⁰⁶ *Idem*.

pagar as taxas da joia e anuidade, observando a seguinte distribuição: de 300\$00 de joia e 200\$000 de anuidade na divisão da capital"⁸⁰⁷. Por fim, o artigo 92 estabelecia: "Não podem ser admitidos à Divisão da Capital, os clubs que não possuïrem por compra, cessão ou qualquer outro titulo, um campo grammado, fechado, com dimensões legais, archibancadas para o publico, vestuario para os jogadores"⁸⁰⁸.

Essas determinações, especialmente aquela respectiva à aquisição de um campo nos padrões estabelecidos pela liga, e os critérios subjetivos levados em conta pela Comissão de Sindicância na avaliação da lista de diretores e sócios do clube, dificultavam sobremaneira o ingresso de agremiações formadas pelos segmentos subalternizados da população no principal torneio citadino. Excluídos do certame, esses clubes passaram a organizar suas próprias ligas, promovendo campeonatos paralelos aos da ASP/FPD.

A primeira liga "suburbana" ou de "várzea", como eram tratadas essas entidades na imprensa, surgiu em meados de 1917, com o nome *Liga Sportiva Municipal*⁸⁰⁹. No decorrer da década de 1920, outras entidades similares foram fundadas, como a: *Liga Curitybana de Desportos* (1920)⁸¹⁰, *Liga Curitibana de Esportes Atléticoos* (1920)⁸¹¹, *Liga Suburbana Independente* (1923), *Liga Sportiva Curitibana* (1923)⁸¹², *Liga Sportiva Ferroviária* (1924)⁸¹³ e *Liga Curitybana de Desportos* (1926)⁸¹⁴. Por essas ligas passaram diversos clubes pequenos, como Esperança, Belo Horizonte, Botafogo, Guarany, Ipiranga, Campo Alegre, Vila Isabel, Universal, Pinheiros, Diocesano, Paranaense, Associação Comercial, Diário da Tarde, Syrio, Garibaldinho, Itália, Bangu, Operário, entre outros.

Em 1921, com o objetivo de inserir na sua zona de controle os pequenos clubes da cidade, espalhados pelas diversas ligas suburbanas, a ASP reorganizou sua segunda divisão, extinta desde a temporada de 1918. Dentre os clubes varzeanos, migraram para a segunda divisão da "entidade

⁸⁰⁷ Idem. Para se ter uma ideia do que representava esses valores na época, podemos compará-los com a diária de um trabalhador paranaense ou com o valor de algum artigo de primeira necessidade no período. Segundo dados levantados por João M. C.M. Santos, em 1931, um engomador tinha uma diária média de 5\$000 no Paraná. Logo, a joia da ASP corresponderia a 60 dias de trabalho do indivíduo em questão. Nos dados do mesmo autor, com o quilo de pão custando em média 1\$000 em 1924, uma anuidade da liga equivaleria a 200 kg de pão no Rio de Janeiro. SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010, p 471-473.

⁸⁰⁸ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 31 jan 1923, p 4.

⁸⁰⁹ SPORT. *Commercio do Paraná*. 06 out 1917, p 2.

⁸¹⁰ ESPORTE. *Commercio do Paraná*. 23 set 1920, p 4.

⁸¹¹ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 572.

⁸¹² CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 572.

⁸¹³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 jun 1924, p 5.

⁸¹⁴ Sobre a fundação ver: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 dez 1924, p 6.

máxima": Universal, Paranaense, Diocesano e Pinheiro, todos da extinta *Liga Curitybana de Desportos*⁸¹⁵; e America e Tiradentes, ambos da *Liga Sportiva Municipal*⁸¹⁶. Em 1923, a divisão inferior da ASP foi novamente dissolvida, deixando vários clubes e atletas sem ter uma competição para disputar. Foi dessas agremiações, com larga experiência no futebol varzeano da cidade, que o Palestra Itália recrutou os futebolistas que precisava para reestruturar sua equipe que disputaria o campeonato de 1923.

Do Universal veio o ponta-esquerda Luiz Cunha Junior, conhecido, segundo a *Gazeta do Povo*, por sua "mania dos 'dribblings' importunos" e por suas características físicas: "De compleição franzina e muito loiro Cunha se parece em campo, e fora delle, com um compatriota do Kaiser"⁸¹⁷. Do Paranaense vieram Athayde Santos e Moacyr Gonçalves. O primeiro, um curitibano de nascença, que tinha começado a jogar no Tiradentes, em 1920, era definido pelo alistamento eleitoral de 1928 como: "[...] casado, brasileiro, operario, residente a Rua Lourenço Pinto"⁸¹⁸. O segundo, que se tornaria capitão da esquadra palestrina entre 1923 e 1930, tinha origem parnaguara e trabalhava como ferroviário na capital paranaense⁸¹⁹. No futebol, Gonçalves só havia jogado pelo Paranaense, onde ingressou em 1920 e saiu três anos depois para engrossar as fileiras do clube dos italianos da *Sociedade Dante Alighieri*.

Angelo Mattana, atacante do Palestra em 1923, disputou a segunda divisão da ASP, em 1922, pelo Americano⁸²⁰. Do *South Sport Club*, outra equipe da divisão inferior da ASP, vieram Ilio Andretta e Albino Gabardo. Ambos curitibanos, sendo o último um atleta experiente, que começara a jogar com apenas 14 anos nos times suburbanos, tendo competido pelo Club Cabral, Bello Horizonte, Coritiba Extra, Diocesano e South S. C., antes de chegar ao "Periquito"⁸²¹. Ilio, embora tivesse os mesmos 19 anos de Gabardo, havia passado apenas pelo Americano (1921) e o South (1922), quando ingressou no Palestra Itália⁸²². Por fim, do campeão suburbano de 1922, o Corinthians S. C., os dirigentes palestrinos "cavaram" Antonio José Coutinho, zagueiro guarapuavano que, além do alvinegro curitibano, havia defendido as cores do Americano (1921)

⁸¹⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 15 mar 1921, p 2. Não confundir a *Liga Curitybana de Desportos* (LCD) fundada em 1920 e extinta em 1921, com a homônima que foi fundada em 1926 e encerrou suas atividades em 1930.

⁸¹⁶ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 572.

⁸¹⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 12 jan 1925, p 5.

⁸¹⁸ RELAÇÃO DE ELEITORES ALISTADOS NA QUINZENA 16 A 21 DE DEZEMBRO DE 1928. *A Republica*. 02 jan 1929. p 2.

⁸¹⁹ EDITAL. *A Republica*. 17 nov 1921, p 3.

⁸²⁰ A VIDA AO AR LIVRE. *A Republica*. 10 abr 1922, p 4.

⁸²¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 12 jan 1925, p 5.

⁸²² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 09 jan 1925, p 8.

e do Tiradentes (1922)⁸²³. Sobre Dario Pereira, Pedro Nascimento (Canhoto) e Luis Andretta, sabemos apenas que ingressaram no Palestra Itália em 1923, vindos, provavelmente, assim como os demais, de agremiações varzeanas, tendo estes permanecido na equipe, respectivamente, até 1927, 1930 e, o longevo Andretta, até 1937⁸²⁴.

Esses "atletas suburbanos", somados ao goleiro Hermogenes e a Aristides Francalacci⁸²⁵, formaram a base de uma das equipes mais vitoriosa da história do Palestra Itália de Curitiba. Vestidos com os novos uniformes verdes, com detalhes em branco e vermelho, os atletas do "Periquito" foram vice-campeões da primeira divisão em 1923, campeões do Torneio Início em 1925 e conquistaram o campeonato paranaense em 1924 e 1926. A vitória no certame de 1924 se deu de maneira invicta, rompendo com uma longa sequência de seis títulos do rival Britannia. Como observou o cronista do *Commercio do Paraná*, depois do jogo entre Palestra Itália e Savoia, que deu aos "Periquitos" seu primeiro título:

Com essa victoria, obtida pela turma de Moacyr, o Palestra levantou o campeonato da temporada de 1924 [...]. Com isto quer se dizer que foi ao Palestra que coube por termo aos "interminaveis" campeonatos vencidos pelo EX-TIGRE INVENCIVEL - Talvez muito tenha de sentir agora o valoroso Britannia S. Club por ver que o CAMPEÃO DE 1924 é justamente o "quadrosinho" composto de DEZ ELEMENTOS DA 2ª DIVISÃO do ano de 1922.⁸²⁶

O relato publicado no *Commercio do Paraná*, parece indicar que haveria uma espécie de provocação, por parte do Britannia, pelo fato da esquadra de seu rival ser formada por "dez elementos da 2ª divisão", o que faria do time, na opinião do Britannia, um "quadrosinho". Na verdade, caso a provocação partisse mesmo dos britânicos, ela não passava de um artifício retórico, uma vez que o próprio Britannia, durante muito tempo, utilizou da mesma estratégia do Palestra Itália para formar suas equipes. De fato, assim como a "importação" de *players* paulistas na temporada de 1921 não foi uma atitude inovadora do Palestra Itália, também não foi inédita a estratégia palestrina de incluir futebolistas formados nos clubes da várzea curitibana em sua equipe principal.

⁸²³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 08 jan 1925, p 5.

⁸²⁴ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 50-87.

⁸²⁵ Francalacci era joinvilense, e mudou para Curitiba em 1918 para estudar na Escola Americana. Uma vez na cidade, ingressou no Palestra Itália Infantil em 1921, ascendendo ao segundo time palestrino em 1922 e ao grupo principal no ano seguinte. Em 1924, Francalacci mudou com a sua família para Tubarão, em Santa Catarina, onde jogou pelo Hercilio Luz. No mesmo ano, o atleta retornou ao Palestra Itália, de onde saiu definitivamente em 1925, quando voltou a Tubarão. DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 15 jan 1925, p 5.

⁸²⁶ SECÇÃO SPORTIVA. *Commercio do Paraná*. 06 jan 1925, p 6. Grifos no original.

Com efeito, desde a segunda metade da década de 1910, quando proliferaram pequenas agremiações e surgiram as primeiras "ligas suburbanas" na cidade, os clubes da ASP passaram a recrutar atletas nesses espaços menos prestigiados, ao menos pela imprensa, de prática do futebol. Assim como no caso dos jogadores vindos de outras cidades e estados, as transferências dos atletas suburbanos - igualmente conhecidos como "borboletas", por mudarem constantemente de time - para clubes da ASP, não raro envolviam denúncias de gratificações, ofertas de emprego, presentes e toda uma série de táticas de convencimento típicas do semiprofissionalismo.

Em novembro de 1923, mesmo ano que o "Periquito" inscreveu os dez atletas da extinta segunda divisão no seu quadro, a *Gazeta do Povo* informou: "O Britannia Sport Club, nestes ultimos dias registrou uns 20 jogadores, pertencentes ao Corinthians"⁸²⁷. Anos antes, em 1919, o *Commercio do Paraná* publicou uma carta assinada pela "directoria de um club prejudicado", na qual estes denunciavam:

Sr redactor, já está se tornando indigno o procedimento da directoria do Britannia S. Club, a pressão que a mesma faz aos jogadores dos Clubs que não estão filiados a associação, mas que pretendem filiar-se para o anno proximo, mas sendo assim não podem porque vê os seus jogadores registrados em outros clubs, e que só poderão jogar após dois annos; ainda um facto repugnante dessa natureza passou-se hontem justo a um club que a pouco fundou-se nesta capital; alguns membros da directoria do Britannia tiveram a coragem de dizer a jogadores desse club recém-fundado que o mesmo não poderia ir avante, por não ter a necessaria finança para sustental-o, e que logo quebraria, e que era conveniente que os mesmos jogadores passassem para jogar com elles. E bom que a directoria do Britannia trabalhe para o progresso e engrandecimento do seu Club, mas não illudindo a boa fé dos jogadores de outros clubs com promessas sem fim. Terminando sr redactor, peço a v. exa que chame a attenção de quem compete para o procedimento indigente de membros da directoria do Britannia.⁸²⁸

Mesmo os clubes mais elitizados da cidade contavam com atletas formados na várzea. Fundado em 1924, pela união dos tradicionais América e Internacional, o *Club Athletico Paranaense*, campeão da ASP em 1925, contava em sua equipe com o zagueiro João Pereira, revelado pelo Torino⁸²⁹. O Coritiba, por sua vez, teve Victório Delles, o Corruíra, e José Fontana, o Rei, que começaram a jogar no Guarani⁸³⁰. Outro que, segundo os Helênicos: "[...] começou a jogar futebol na várzea [...]", foi João Domingos Carnieri, ponta-esquerda do escrete coritibano entre 1930 e 1933⁸³¹.

⁸²⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 22 nov 1923, p 4.

⁸²⁸ SPORT. *Commercio do Paraná*. 23 mai 1919, p 4.

⁸²⁹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 11 fev 1926, p 3.

⁸³⁰ HELÊNICOS. *Op cit.* 2012. p 64-87.

⁸³¹ *Ibid*, p 88.

Em artigo intitulado "O commercio no foot-ball", publicado na *Gazeta do Povo*, em 07 de março de 1922, o editor esportivo do periódico explicava como funcionavam as transferências de jogadores de um clube a outro, esmiuçando o processo que ele chama de "mercantilização de jogadores". Embora seja longo, o texto merece ser citado na íntegra, por fornecer informações relevantes sobre a relação entre a inserção de atletas oriundos das classes populares nos principais grêmios da cidade e a intensificação das práticas semiprofissionais no futebol curitibano:

Presentemente ser um pebolista exímio equivale a uma profissão commercial. Um jogador inicia-se no peból em um club fraco ou forte em um terceiro ou quarto team, immediatamente os collegas e torcedores começam a troçar com o mesmo chamando-o de "casca", canja e etc.

O jogador dá ouvidos de mercador e continua nos exercícios e, naturalmente vem o progresso. Os seus collegas e "torcidas" começam a apreciar-lhe o jogo e fazer commentarios: "póde substituir fulano com vantagem", "pode ser centro medio do segundo e etc."

Imediatamente o collocam no segundo quadro e pouco depois passa a actuar no primeiro.

Estréa no primeiro quadro "tonto" por actuar num jogo de responsabilidade, os adversarios do club comçam a criticar o jogo do tal jogador, este no entanto, nascido para o peból adquire capacidade excepcionaes e logo começa a mercantilizar-se. No principio pede um par de meias - o que é um par de meias de 5\$000 para um bom jogador, depois um par de sapatos e mais tarde começa a dizer não "jogo amanhã", pretendo abandonar o foot-ball e etc.

Logo então entram em acção algumas "pelegas miudas..."

Os adversários começam a fazer gula no tal jogador e já começam a fazer-lhe propostas de "empregos vantajosos" - duas horas de trabalho por dia e "trezentas pelles mensaes fora as gorjetas, nickeis etc"... O jogador começa a fazer manha e inicia a mercantilização franca do seu jogo - e para quem der mais. A compra do jogador entra em acção, cheques, pelegas e empregos vantajosos, lhe são oferecidos...

A transferencia é feita e o tal jogador, modesto, trabalhador, semi-analfabeto é hoje uma mercadoria posta em leilão...

E cousa interessante a partir desse dia o seu jogo peora visivelmente, na nova equipe.

É que o tal jogador, o "idolo", o exímio, começa a descurar da sua preparação esportiva.

Poucos mezes após o seu jogo desapareceu e então é escurraçado do quadro e expulso do club sobre qualquer pretexto.

E o homem modesto, trabalhador que continua com a amizade até de seus proprios adversarios quando era esportista de verdade fica a perambular pelas ruas na vagabundagem e torna-se um alcolatra, um gatuno e etc., pois trabalho as suas mãos, jamais vira...

O foot ball em Curytiba acha-se em franco progresso e não nos consta que a mercantilização dos jogadores exista, no entanto, é bem provavel que comecem a explorar esse genero de commercio..

E o nosso jornal, que quer o verdadeiro desporto, pede a A.S.P. que opponha uma barreira intransponivel, uma barreira de granito, e uma vontade ferrea de impedir a mercantilização de jogadores que vem trazer a decadência e a discórdia em nossa vida desportiva...⁸³²

Interessante notar o perfil social do protagonista da crônica, um indivíduo bem distante do padrão fidalgo de *sportmen* defendido pela imprensa esportiva. O personagem em questão era um "homem modesto, trabalhador, semi-analfabeto", que começou a jogar num "club fraco" ou "em um terceiro ou quarto team" de uma grande agremiação, que, apesar de rejeitado e criticado por seus companheiros e torcedores no início da carreira, persiste nos treinos "e naturalmente vem o

⁸³²DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 mar 1922, p 2.

progresso", pois: "era nascido para o pébol". Uma vez comprovados os seus predicados, o futebolista começa a ser cortejado por outras equipes: "e inicia a mercantilização franca de seu jogo". Ao que parece, na opinião do autor, os indivíduos com o perfil social supracitado, cada vez mais presentes nos principais times da cidade, seriam mais propensos a se tornarem uma "mercadoria posta em leilão". Os efeitos desse processo seriam perversos para o "trabalhador", que, depois de permitir ser convertido em mercadoria, recebendo presentes, empregos e auxílios para jogar, deixava de treinar, piorava seu desempenho, era expulso do clube e terminava: "a perambular pelas ruas na vagabundagem", tornando-se "um alcolatra, um gatuno e etc.". O processo de "mercantilização do jogador" não traria problemas apenas ao indivíduo, mas a todo o circuito futebolístico, pois levaria a: "decadência e a discórdia em nossa vida desportiva"⁸³³.

De fato, as mudanças causadas pela crescente popularização do futebol e a proliferação das práticas de remuneração de atletas desagradavam profundamente o jornalista da *Gazeta do Povo*, que projetava um futuro nebuloso para o futebol, caso os valores do amadorismo fossem corrompidos. Embora afirmasse que, em Curitiba: "[...] não nos consta que a mercantilização dos jogadores exista [...]", uma publicação na mesma coluna *Desportos*, no dia seguinte, indicava exatamente o contrário:

Estaremos entrando em regimen do profissionalismo?

Consta nos meios esportivos daqui que um dos nossos clubs está offerecendo empregos vantajosos, etc. para os melhores jogadores dos outros clubs.

Consta até que já alguns jogadores despediram-se das suas bandeiras. Não damos creditos a taes boatos, no entretanto, pedimos a Asp, para tomar as mais energicas providencias sobre o caso, pois do contrario, com a mercantilização dos nossos amadores iremos entrar na decadencia do football.⁸³⁴

De nada adiantavam as previsões catastrofistas dos cronistas curitibanos, saudosos de um tempo, mais imaginário que real, no qual os valores do "*sport por sport*" eram reverenciados pela juventude fidalga. Alheios às opiniões alarmistas, boa parte dos clubes curitibanos, no início da década de 1920, apelavam às praticas semiprofissionais para formar equipes tão competitivas quanto à do heptacampeão Britannia. E, muitas vezes, quando não era em outras cidades ou estados, eram nos clubes varzeanos que os dirigentes das principais agremiações citadinas "cavavam" seus reforços. Não por acaso, quando foi noticiada a organização da *Liga Curitybana de Desportos* (LCD), em 1926, o cronista da *Gazeta do Povo* ressaltou a importância que as

⁸³³ Idem.

⁸³⁴ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 08 mar 1922, p 3.

equipes da várzea tinham "preparando os amadores de amanhã"⁸³⁵. Do mesmo modo, em 1927, o periódico indicava a forma como os dirigentes dos principais clubes da cidade viam o torneio suburbano: "Dirão os interessados ser esse o papel da L.C.D.; formar elementos para a divisão principal. Não. A orientação tem que ser outra. Não formar elementos apenas, mas sim preparar conjuntos [...]"⁸³⁶.

Ao egerem as competições varzeanas como um espaço de recrutamento de futebolistas, as principais agremiações de Curitiba repetiam uma tendência verificada em outras cidades brasileiras, como o Rio de Janeiro⁸³⁷. No mesmo ano de 1923, em que o Palestra Itália reorganizou sua equipe com dez atletas da segunda divisão e o Britannia inscreveu vinte jogadores do Corinthians em seu time, na capital federal, o Vasco da Gama conquistou o campeonato carioca de 1923, com um escote repleto de brancos pobres, negros e mestiços, muitos deles analfabetos ou semianalfabetos. O time vinha sendo montado, segundo João M. C. M. Santos, desde 1919: "[...] com as contratações dos jogadores que foram tri-campeões da Liga Suburbana com o Engenho de Dentro"⁸³⁸.

Esses diversos exemplos e indícios aqui analisados, deixam claro que a estratégia de buscar jogadores em outras cidades, estados ou em clubes pequenos, dos subúrbios e várzeas, não foi uma característica peculiar do Palestra Itália, tampouco foi uma singularidade do circuito futebolístico curitibano. Esses casos indicam, também, que a prática de remunerar atletas, chamada aqui de semiprofissionalismo, era mais comum e difundida do que se imagina. Entretanto, se essas práticas não eram específicas do Palestra Itália, parece haver pelo menos uma característica singular na forma de organização do clube, a saber, a divisão rígida que separava os diretores e associados palestrinos de sua equipe de futebol, que, durante a primeira década de existência do Palestra Itália, foi quase toda formada por indivíduos que não pertenciam à agremiação.

Diferente do Savoia, que era um clube de bairro, fundado para congregar os ítalo-brasileiros do arrabalde de Água Verde, local de nascimento da maior parte dos seus jogadores, o

⁸³⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 dez 1926, p 6.

⁸³⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 09 nov 1927, p 6.

⁸³⁷ O título de um texto publicado em 1919, no jornal *O Imparcial*, da capital federal, e citado por João M. C. M. Santos, em sua tese sobre o Vasco da Gama, resume bem essa relação entre os clubes da principal liga do Rio de Janeiro e os atletas suburbanos: "A Suburbana é no futuro campeonato o celeiro da Metropolitana". SANTOS, J. *Op cit.* 2010. p 207.

⁸³⁸ *Ibid*, p 283. Sobre o Engenho de Dentro, ver o item 3.3 "O início da Revolução Vascaína" da mesma obra.

Palestra Itália não fora idealizado como um mero espaço recreativo dos imigrantes italianos e seus descendentes estabelecidos em Curitiba. O clube também não objetivava, necessariamente, mostrar em campo a capacidade técnica dos italianos, escalando para isso quadros compostos por *oriundis*. Na verdade, como ficaria claro na formação da equipe de 1923 - em que boa parte dos atletas tinha sobrenome luso-brasileiro, sendo três deles negros - pouco importava a origem étnica dos seus jogadores. Para os dirigentes palestrinos, o fundamental era formar uma equipe capaz de se tornar campeã, colocando um fim na sequência de torneios conquistados pelo rival Britannia. O que interessava às elites imigrantes não era afirmar a capacidade dos ítalo-brasileiros de vencerem, em campo, os demais clubes da cidade; mas sim, demonstrar que tinham poder e dinheiro suficientes para construir um clube tão imponente quanto as mais tradicionais agremiações da capital paranaense. Em outras palavras, o Palestra Itália era antes um empreendimento de certa elite de imigrantes italianos, que um time formado efetivamente por imigrantes italianos. Às elites imigrantes coube dirigir o clube e não necessariamente jogar por ele⁸³⁹.

Essa divisão rígida entre os papéis de dirigente e atleta - Hermogenes Bartolomei foi um dos únicos jogadores palestrinos a ocupar cargos na diretoria do clube durante a década de 1920 - era, ela própria, resultado das transformações ocorridas no futebol curitibano e brasileiro entre a segunda metade da década de 1910 e a década de 1920. Se, nos primeiros anos da prática do esporte bretão, as equipes eram formadas entre os próprios associados dos clubes, sendo comum encontrar atletas que fossem, ao mesmo tempo, dirigentes das associações pelas quais jogavam; com a massificação do futebol, via inserção dos setores empobrecidos no circuito, até então restrito às elites, do "futebol formal", o fosso que separava atletas e dirigentes se ampliou significativamente. Incomodadas com a crescente popularização do esporte bretão, as elites foram abandonando paulatinamente o campo de jogo no decorrer da década de 1920, mas permaneceram, e ainda permanecem, nos quadros diretivos dos principais clubes de futebol brasileiros, coordenando e extraindo dividendos econômicos, políticos e simbólicos desse

⁸³⁹ Enquanto o time do Palestra Itália era formado por pessoas das mais diversas origens étnicas, o corpo diretivo da agremiação permanecia nas mãos de indivíduos de ascendência italiana, como Benedicto Giamppaoli, Luiz Zanello, José Carboni, Amadeu Fratine, Nicolau Berardi, Affonso Prisco, Frederico Perracini, Primo Lattes, Attilio Meroli, Ameico Matteli, Pedro Gighoni, Aristides Gaboard, entre outros. Para uma lista dos dirigentes do Palestra Itália na década de 1920, consultar os seguintes jornais: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 09 mar 1922, p 3; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 20 jan 1923, p 6; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 26 mai 1924, p 4; DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 08 mai 1926, p 6; O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 01 dez 1929, p 7; O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 23 mai 1930, p 7; O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 mar 1931, p 7. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 jan 1933, p 6.

espetáculo de massas, que começava a se configurar como tal nos anos abarcados por essa pesquisa⁸⁴⁰.

Por outro lado, essa separação entre as funções no interior do clube, reservando aos imigrantes italianos e seus descendentes o papel de comando e gestão, enquanto abria a outros grupos a possibilidade ingressarem enquanto jogadores, propiciou as condições para uma inserção mais precoce de atletas negros e mestiços no Palestra Itália de Curitiba, se comparado a outras agremiações formadas por imigrantes italianos, como o Palestra Itália de São Paulo. Para se ter uma ideia, o Palestra paulistano foi aceitar seu primeiro atleta negro apenas em 1942, quase vinte anos depois do homônimo curitibano, em meio a um contexto conturbado, marcado pelo projeto nacionalista do Estado Novo e pela entrada do Brasil na segunda guerra mundial ao lado dos "aliados". Conjuntura na qual o clube teve que "abrasileirar" seu nome, alterando-o para Sociedade Esportiva Palmeiras, e convivia com o temor de uma possível intervenção do Estado na agremiação⁸⁴¹. Como observou José Renato de Campos Araújo: "É muito significativo que o primeiro atleta negro a atuar no Palestra Itália tenha estreado em 1942, momento em que a associação era pressionada a assumir características nacionais". Nesse contexto: "Nada mais simbólico que a introdução de um jogador negro na equipe, como prova da nacionalidade brasileira do clube"⁸⁴².

De outro modo, desde, pelo menos, 1923, o Palestra Itália curitibano contava com Dario Pereira, Athayde Santos e Moacyr Gonçalves, aos quais a imprensa se referia como os "morenos do Palestra"⁸⁴³. Não dispomos de maiores informações sobre a trajetória de Dario, sabemos apenas, segundo nota da *Gazeta do Povo*, que seu apelido era: "negro Dario", como o tratam os palestrino na intimidade⁸⁴⁴. Em compensação, para Moacyr Gonçalves, abundam relatos, uma vez que foi o líder da equipe palestrina entre 1923 e 1929. Ferrovário, capitão dos "Periquitos",

⁸⁴⁰ Talvez o maior exemplo nesse sentido seja o goleiro da seleção brasileira campeã do sul-americano de 1919, Marcos Carneiro de Mendonça, que pendurou as luvas depois deste campeonato, por entender que as: "transformações teriam acabado com o futebol tal como ele o conheceu", numa clara demonstração de rejeição ao processo de popularização da função de jogador de futebol. No entanto, a saída dos gramados não significou uma retirada completa do meio futebolístico, uma vez que Carneiro de Mendonça continuou exercendo funções diretas no esporte, chegando mesma a presidir o Fluminense F. C. em 1941. PEREIRA, Leonardo A. Pelos campos da Nação: um Goal-Keeper nos primeiros Anos do Futebol Brasileiro. *Revista Estudos Históricas*, vol 10, n 19. Rio de Janeiro, 1997. p 34.

⁸⁴¹ Para uma análise detalhada desse processo e das memórias que o envolvem, ver: SALUN, Alfredo O. *Op cit.* Principalmente o capítulo 5: "Futebol e Política: os anos de 1939-1942".

⁸⁴² ARAÚJO, José R. C. *Op cit.* p 130.

⁸⁴³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 13 jan 1925, p 5. E: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 10 jan 1925, p 5.

⁸⁴⁴ ÚLTIMA HORA DESPORTIVA. *Gazeta do Povo*. 17 abr 1926, p 8.

árbitro da ASP/FPD⁸⁴⁵, representante do Palestra Itália em eventos sociais⁸⁴⁶, Gonçalves aparecia na imprensa falando italiano⁸⁴⁷ e era conhecido por possuir: "[...] grande força moral sobre os seus commandados". Segundo a *Gazeta do Povo*, os jogadores: "[...] conheciam de longe' o capitão do quadro pelos olhos. Não era necessário falar muito em campo. Bastava somente um olhar de Moacyr e todos sabiam o seu significado"⁸⁴⁸.

O próprio "Príncipe"⁸⁴⁹, como era conhecido Gonçalves, se empenhava em reforçar essa imagem de *sportmen* disciplinador, construída pela imprensa sobre sua pessoa. Em um jogo contra o Athletico Paranaense, em 22 de março de 1925, o capitão palestrino chegou a expulsar de campo um zagueiro do seu time por ter agido com deslealdade contra o adversário Manequinho. Conforme a descrição da *Gazeta do Povo*:

O jogo é interrompido num avanço do Athletico por ter Manequinho se contundido, num encontro com um dos zagueiros palestrinos.

Suspeitando da intenção desse encontro, Moacyr Gonçalves, capitão do team, pede que seu jogador se retire de campo.

Não é necessario commentar a attitudo symphatica de Moacyr que por dezenas de vezes, tem demonstrado o prestigio e a alta força moral que exerce sobre os seus commandados.⁸⁵⁰

Esse gesto rendeu-lhe homenagens por parte dos atleticanos, que, depois do jogo: "Ergueram-lhe estrepitoso viva [...] e carregaram em triumpho o centro-medio palestrino, que, antes de ser um completo sportmen, é um amigo sincero e dedicado"⁸⁵¹. O mesmo fez a diretoria da ASP: "Na reunião de hontem da Associação Sportiva Paranaense, esta resolveu elogiar o capitão do quadro Palestrino sr. Moacyr Gonçalves, pela maneira digna e disciplinar com que se portou em campo, por accasião do accidente havido com um dos zagueiros do seu quadro"⁸⁵².

A forma como a imprensa curitibana tratava Athayde Santos era diferente, se comparada à maneira que cobria Moacyr Gonçalves. Irmão de Zito, atacante do heptacampeão Britannia, o operário Athayde era apresentado como uma pessoa humilde, que tinha medo de trens⁸⁵³ e se

⁸⁴⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 fev 1926, p 2.

⁸⁴⁶ Quando Malelo do Athletico Paranaense faleceu, foi Moacyr Gonçalves quem representou o Palestra no velório do mesmo: "Sabbado à noite o Capitão do Palestra Itália, sr Moacyr Gonçalves, compareceu à estação representando seu club e o seu team no desembarque do corpo do desventurado Mallelo". DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 ago 1927, p 6.

⁸⁴⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 fev 1927, p 4.

⁸⁴⁸ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 13 jan 1925, p 5.

⁸⁴⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 07 nov 1929, p 7

⁸⁵⁰ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 23 mar 1925, p 3.

⁸⁵¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 24 mar 1925, p 4.

⁸⁵² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 25 mar 1925, p 5.

⁸⁵³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 19 out 1926, p 3.

alegrava em tirar fotos⁸⁵⁴. Habilidoso, segundo o cronista da *Gazeta do Povo*, "Chique-Chique", como era conhecido⁸⁵⁵, introduziu "[...] no football, à guisa de dribling [...]", uma "[...] dança indígena, muito semelhante a do Charleston"⁸⁵⁶.

Embora atletas negros estivessem presentes nos clubes curitibanos desde a segunda metade da década de 1910, um fato ocorrido com Athayde no ano de 1926, durante uma excursão da seleção paranaense ao Rio de Janeiro, demonstra que as barreiras étnicas e os preconceitos de cor persistiam no meio futebolístico local, não obstante o processo de popularização do futebol. Na descrição do cronista esportivo da *Gazeta do Povo*, sobre o "pós-jogo" da derrota por 3 a 1 da seleção paranaense para o Vasco da Gama:

Nêgo fundo!

Após o jogo no Stadium, apenas um dos nossos estava de cara feia: o Chique-Chique.

- Que te fizeram?

- Foi o Ninho que me chamou de "Nêgo fundo!"

E éra verdade. Ninho, num lance de jogo, no 1º tempo, chamara seu companheiro de "fundo" e isto maguara-o deveras.

Procuramos Ninho e foi o Anjolilo que exigiu que ambos se abraçassem reconciliadoramente:

- "Creio que tenho, como teu capitão, o direito até de te chamar de "Nêgo burro", dizia o Ninho rindo e ainda abraçado com o médio palestrino.

- "Nêgo burro não era nada, mais "fundo" eu não admito", concluiu Chique-Chique, zangado e rindo.⁸⁵⁷

Esse não era um caso isolado de preconceito racial. Em maio de 1930, por exemplo, o jornalista esportivo de *O Dia*, Parahylio Borba, que também foi zagueiro do Britannia e do Athletico Paranaense, se envolveu em um debate com um cronista de "um matutino da capital", que havia criticado sua atuação como jogador, chamando-o de "zagueiro mediocre". Depois das críticas, Borba passou a se referir a esse cronista, sempre em tom jocoso, como: "[...] descendente de algum nobre das costas da África"⁸⁵⁸. Em 29 de maio, o cronista de *O Dia* foi ainda mais direto em seus insultos:

Quando ha poucos dias contaram ao "zagueiro mediocre" que os artigos que foram publicados contra elle, em differentes jornaes, eram de autoria de uma só pessôa, o referido zagueiro, numa attitude de desprezo e nojo, respondeu:

- Serviço de negro, meus caros. Um branco não seria tão immundo e covarde assim...

Deixem-no com a marca que traz no corpo e n'alma...⁸⁵⁹

⁸⁵⁴ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 28 out 1926, p 3.

⁸⁵⁵ Idem. O apelido surgiu pelo fato do jogador, que também era musico, gostar de tocar samba e o "ritmo do 'Chique-Chique'".

⁸⁵⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 17 jan 1927, p 6.

⁸⁵⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 11 nov 1926. p 3.

⁸⁵⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 22 mai 1930, p 7.

⁸⁵⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 29 mai 1930, p 7.

Ambos os casos indicam que a inserção de negros no circuito futebolístico curitibano, não implicou na superação do racismo e do preconceito de cor contra esses atletas. Como observou Ricardo Pinto dos Santos em seu estudo comparativo sobre o racismo no futebol portenho e carioca, a intensificação da competitividade nesse esporte e a busca por atletas mais qualificados forçaram os dirigentes das grandes agremiações a renegociarem: "[...] suas diferenças sociais e de cor e se abrirem para os jogadores de pequenos clubes"⁸⁶⁰. No entanto, essa maior abertura aos setores até então excluídos das principais ligas das cidades, não implicou, conforme Santos, na estruturação de "bases institucionais do esporte" construídas a partir de "[...] um modelo democrático, ou de igualdade valores"⁸⁶¹. De outro modo: "Foram, sim, constituídas refletindo todas as contradições sociais experimentadas naquela sociedade. Pobres e ricos, negros e brancos, imigrantes e criollos sabiam, teoricamente, exatamente seu lugar"⁸⁶². Para Santos, foi exatamente no momento em que começavam a ser superados os obstáculos ao ingresso de brancos pobres e negros nas principais ligas de futebol, que o racismo se apresentou de maneira mais clara, como forma de hierarquizar os indivíduos que, agora, compartilhavam os mesmos espaços de diversão: "[...] a partir da constatação da fragilidade das barreiras de entrada nesse esporte, ocorre um recrudescimento das práticas de distinção. O racismo, nesse sentido, passa a se tornar mais agressivo e, conseqüentemente, mais visível"⁸⁶³.

Do ponto de vista das representações do Palestra Itália na imprensa, o fato do clube ter uma equipe de marcado caráter multiétnico, em nada alterou sua imagem de "clube dos italianos"⁸⁶⁴. Ao contrário, quanto mais vitórias a agremiação conquistava, mais essa associação com a "italianidade" aparecia nos periódicos. Embora contasse com diversos nacionais na equipe, o Palestra Itália era referenciado na *Gazeta do Povo* como a agremiação dos "[...] descendentes da 'Terra Gloriosa' de Mussolini [...]", que mostravam em campo: "[...] a força do espírito latino"⁸⁶⁵. Anunciando uma partida contra o Coritiba, realizada no dia 27 setembro de 1931, o

⁸⁶⁰ SANTOS, Ricardo Pinto. *Entre "rivais": futebol, racismo e modernidade no Riode Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012. p 45.

⁸⁶¹ Ibid, p 48.

⁸⁶² Ibid, p 49.

⁸⁶³ Ibid, p 86.

⁸⁶⁴ Ver fotografias do Palestra Itália no Anexo II, III e IV.

⁸⁶⁵ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 24 set 1931. p 4.

mesmo jornal afirma: "Daqui algumas horas, assistiremos a batalha futebolística ítalo-germânica"⁸⁶⁶.

Do mesmo modo, atletas e torcedores palestrinos eram retratados nas colunas humorísticas falando italiano⁸⁶⁷, enquanto a equipe aparecia saboreando pratos típicos na comemoração das vitórias: "Dizem as más linguas, que os palestrinos levaram tão na certa o jogo contra o Athletico, que já haviam encomendado uma grande mezada de talharines, regada de finas bebidas"⁸⁶⁸. Nas arquibancadas, autoridades consulares e representantes de instituições ligadas a esses imigrantes frequentavam os jogos da equipe, como noticiou *O Dia*: "Os Palestrinos [...] convidaram o mais alto representante da Colonia, para assistir a linda exibição dos camisas verde!"⁸⁶⁹. E mesmo empresas com sede na Itália, como a FIAT, pareciam ter alguma ligação com a agremiação, uma vez que a "Fiat Brasileira S. A., por intermedio da sua succursal de S. Paulo [...]", ofereceu, em 1931: "[...] uma rica e artistica taça, denominada 'FIAT [...]', para ser disputada em um festival organizado pelos "Periquitos"⁸⁷⁰.

Essa persistência de uma certa "identidade italiana" associada ao Palestra Itália, ainda que a equipe representante do clube fosse visivelmente abasileirada - não deixa de ser irônico que futebolistas nacionais, alguns deles negros e mestiços, defendessem em campo "a força do espírito latino" da "pátria de Mussolini" - parece encarnar de maneira um tanto singular a máxima do antropólogo Fredrik Barth, segundo o qual: "[...] as fronteiras [étnicas] persistem apesar do fluxo de pessoas que as atravessam. Em outras palavras, as distinções de categorias étnicas não dependem de uma ausência de mobilidade, contato e informação"⁸⁷¹. Ou ainda, como observou o mesmo autor, as características que são levadas em consideração para o estabelecimento de identidades étnicas e suas fronteiras: "[...] não são a soma das diferenças 'objetivas', mas somente aquelas que os próprios atores consideram significantes". Nesse processo, ao passo que: "[...] alguns traços culturais são utilizados pelos atores como sinais e emblemas de diferenças, outros são ignorados, e, em alguns relacionamentos, diferenças radicais são minimizadas e negadas"⁸⁷².

⁸⁶⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 27 set 1931, p 3.

⁸⁶⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 07 fev 1927, p 4. E: DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 30 ago 1927, p 6.

⁸⁶⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 08 ago 1929, p 7.

⁸⁶⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 29 mai 1930, p 7.

⁸⁷⁰ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 13 mar 1931, p 7.

⁸⁷¹ BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART (org.). *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. Unesp, 2011, p188.

⁸⁷² *Ibid*, p 194.

Por certo, a simbologia edificada em torno do Palestra Itália colaborou para a persistência dessa imagem de "clube dos italianos". O nome, os uniformes, o hino - que tinha como música de fundo a "Giovinezza", hino do fascismo⁸⁷³ -, o sobrenome de seus dirigentes, a sede na *Sociedade Dante Alighieri* e a relação íntima que nutria com o *Banco Francez e Italiano*, tudo isso remetia, direta ou indiretamente, à Itália. Outros espaços de edificação e manutenção desses laços identitários eram os eventos sociais, bailes, festas de carnaval e exposições realizadas na sede do clube. Esses eventos eram promovidos pela própria diretoria do Palestra Itália, pelo *Grêmio Palestra Itália*, que reunia as mulheres filiadas ao clube, ou pelo *Grupo Palestrino*, fundado em junho de 1929 para congregar os torcedores homens da agremiação, com caráter: "[...] exclusivamente recreativo, afim de proporcionar a todos os admiradores daquelle symphatico club, festas e diversões de toda sorte"⁸⁷⁴.

Em setembro de 1919, por exemplo, o clube organizou um festival esportivo "[...] dedicado à laboriosa e progressista colonia italiana domiciliada em nossa capital [...]", cuja taça "Cruzador Trento" era oferecida pelo "[...] ilustre Consul Sr. Amadeu Mammallela"⁸⁷⁵. Em outros eventos, como o "festival artístico" organizado pelo Palestra Itália "nos salões da Sociedade 'Dante Alighieri'", em 1932, o programa executado privilegiava óperas e músicos italianos, na intenção de divulgar a "cultura italiana", propagandeando a identidade pátria por meio das artes:

1ª Parte

- 1 - Monologo - Sr F. Gottardi - Cabaretier.
- 2 - Solo e acompanhamento de Violão Srs Lara e Molina.
- 3 - Surpreza - Numero extra por um torcedor do Palestra.
- 4 - a) Suona Napoli; b) Napoli e Surriento Cançonetas Napolitanas pela srta Electra Baggio.
- 5 - Verdi - Op Forza del destino "Solenne in quest' ora" - Dueto Tenor e Baritono: srs O. Monastier e P. Muzzillo.

2ª Parte

- 6 - Sérénade D'autrefois - Piano e Violino srta Flora Prisco e sr Carmello Prisco.
- 7 - Toselli Serenata - Baritono: P. Muzzillo.
- 8 - Monologo - sr Silva Junior.
- 9 - Puccini - Boheme - "Oh Mimi, tu piu non torni" - Dueto Tenor e Baritono srs O Monastier e P. Muzzillo.
- 10 - Verdi - Op Forza del Destino - Aria de Leonora - Soprano srta Electra Baggio.
- 11 - Leoncavallo - Mattinata; Tenor sr. O. Manastier.
- 12 - Natal de Pierrot - Serenata -Violino e Piano - Srta Flora Prisco e sr Carmello Prisco.
- 13 - Rossini - Barbieri di Siviglia - "Largo al fac totum" Baritono, sr P Muzzillo á caracter.
- 14 - Hymno do Palestra Italia F. C. cantado pelos elementos do 1º e 2º quadro.
Grande Baile⁸⁷⁶

⁸⁷³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 15 jun 1929, p 7.

⁸⁷⁴ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 09 jun 1929, p 6.

⁸⁷⁵ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 14 set 1929, p 7.

⁸⁷⁶ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 29 jan 1932, p 6.

Em algumas ocasiões, as manifestações identitárias de torcedores e associados do Palestra Itália geravam conflitos com a imprensa local. Em junho de 1929, por exemplo, Parahylio Borba, cronista de *O Dia*, repreendeu alguns torcedores palestrinos por entoarem canções fascistas durante o jogo:

Alguns rapazes, pertencentes ao Palestra Itália, no auge do entusiasmo, cantaram um trecho da canção fascista. Alto lá, moços. Si querem ser fascistas, si quere envergar a camisa preta, se querem seguir a lei do ódio, deixem a nossa terra e vão matar a fome lá onde bem entenderem. Esperamos que tal facto não se repita. Cantem as suas canções esportivas, mas nada de fascismo no meio. Não toleramos os fascistas e nem os anti-fascistas. Ademais são todos brasileiros e não lhes fica bem essa palhaçada ridícula. Reflitam.⁸⁷⁷

Quatro dias depois, um dirigente do Palestra enviou uma carta para *O Dia* negando as acusações de Borba: "[...] o que os palestrinos cantaram nessa ocasião foi apenas o hymno do Palestra [...] Esse hymno muito embora tenha musica de 'GIOVINEZZA' nada tem que ver com sua letra"⁸⁷⁸. Em resposta, Borba afirmou: "Os rapazes palestrinos, é verdade, cantaram o hymno do valoroso campeão de 1924-26, mas, entremeiaram-no com o estribillo da 'Giovinezza' dos fascistas". O cronista, no entanto, colocou um ponto final na discussão, afirmando saber: "[...] que no seio do Palestra Italia não se dá guarida a cousas detestaveis como é o fascismo"⁸⁷⁹.

Em que pese os eventuais conflitos com a imprensa por conta do deliberado caráter étnico ou das possíveis opções políticas da agremiação, o Palestra Itália prosseguia em sua empreitada, ao mesmo tempo, esportiva e identitária. Na verdade, embora persistissem, na segunda metade da década de 1920, alguns limites às manifestações públicas de nacionalismos estrangeiros, o fato é que, quanto mais se distanciava da conjuntura traumática da Primeira Guerra Mundial, mais o Palestra, e outros clubes formados por imigrantes, tinham liberdade para expressar e afirmar sua identidade étnica. Na esteira do sucesso palestrino, outras agremiações com o mesmo nome foram fundadas no Paraná, como o Palestra Itália de Morretes e o Palestra Itália de União da Vitória. No mesmo período, em Curitiba, outros clubes foram formados por imigrantes italianos, como o Itália S. C. (1930)⁸⁸⁰ e o Trieste F. C. (1933)⁸⁸¹, ambos varzeanos. Agremiações relacionadas a outros grupos de imigrantes também foram fundadas, como a *Sociedade de*

⁸⁷⁷ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 11 jun 1929, p 8.

⁸⁷⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 15 jun 1929, p 8.

⁸⁷⁹ Idem.

⁸⁸⁰ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 27 out 1932. p 2.

⁸⁸¹ CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Trieste FC: o campeoníssimo suburbano*. Curitiba: Edição do autor, 2006. p 10.

*Educação Física Junak*⁸⁸², que congregava os poloneses, e o *Syrio Futebol Club*, representante da "laboriosa colônia Syria"⁸⁸³. A própria existência desses clubes indica que, não obstante os projetos de nacionalização levados à cabo após a Primeira Guerra Mundial⁸⁸⁴, o espaço para o associativismo étnico ainda era grande na cidade.

3.4 Nas asas do "Periquito": os caminhos da adoção do profissionalismo em Curitiba

A trajetória do Palestra Itália, narrada e analisada até aqui, é emblemática das transformações pelas quais passou o futebol curitibano na década de 1920. Fenômenos como a importação de atletas de cidades do interior do Paraná ou de outros estados e o recrutamento sistemático de futebolistas nas equipes varzeanas, apontam para um contexto onde indivíduos oriundos das classes populares se inseriam na principal liga da cidade na condição de jogadores a serviço, remunerado ou não, de agremiações controladas e financiadas por setores das elites, no caso palestrino, uma elite imigrante. Excluídos da primeira divisão da *Federação Paranaense de Desportos* (FPD) - denominação adotada pela ASP a partir de 1926 - por conta das barreiras econômicas e estatutárias adotadas pela instituição, as agremiações populares terminaram por se converter, na década de 1920, em espaços de formação de atletas para os principais clubes da cidade.

Nesse contexto, a divisão clara entre os papéis de atleta e dirigente, associado e jogador, típica do futebol profissional, já se apresentava como uma realidade em agremiações como o Palestra Itália curitibano, onde os futebolistas não eram escolhidos entre seus associados, mas recrutados em outros espaços de prática futebolística, como as ligas suburbanas ou os clubes de outras cidades e estados. Essa forma de organização intensificou ainda mais a prática de remunerar jogadores, existente no futebol curitibano desde a década de 1910⁸⁸⁵, uma vez que para convencer um determinado indivíduo a entrar para sua agremiação, os dirigentes apelavam à oferta de empregos, prêmios e auxílios dos mais variados. Nessa conjuntura, não tardou para que

⁸⁸² Sobre a Junak, ver: CARDOSO, F. *Op cit.* p 427. E: OLIVEIRA, Márcio. *Sociedades esportivas e imigração: o caso dos poloneses em Curitiba, 1890-1940.* IN: *I Encontro da ALESDE "Esporte na América Latina: atualidade e perspectivas"*. Curitiba, 2008.

⁸⁸³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 18 mar 1931, p 7.

⁸⁸⁴ OLIVEIRA, Lúcia L. *Op cit.* 1990. p 145-159.

⁸⁸⁵ MOLETTA JR, Celso L. *Op cit.* 2009. p 100-118.

começassem a surgir as primeiras vozes defendendo o reconhecimento e formalização do profissionalismo no futebol citadino. Nessa seção, partiremos da trajetória do "Periquito" para pensarmos como foi esse processo de aceitação e regulamentação da profissão de atleta de futebol na capital paranaense.

Depois de conquistar os campeonatos de 1924 e 1926, a equipe do Palestra Itália entrou em franca decadência, terminando a temporada de 1927 na quarta colocação e amargando a última posição no certame de 1928. Esses insucessos levaram os paredros palestrinos a reorganizarem novamente sua equipe. Mais uma vez, repetindo a fórmula que dera certo em 1923, foi nas agremiações varzeanas que esses dirigentes recrutaram novos jogadores para seu time. Os periódicos consultados fornecem poucos dados bigráficos sobre os indivíduos que ingressaram no Palestra a partir de 1929, que formaram a base da equipe campeã da FPD em 1932, último título dos "Periquitos"⁸⁸⁶. Sabemos apenas que o goleiro Amado Mansur veio do Coritiba Médio⁸⁸⁷ e que Antônio M. Sousa, o Tatu, pertenceu ao escrete do Britannia, campeão da FPD em 1928⁸⁸⁸.

Sobre André Kupchak (Dulla), Valdomiro Kupchak⁸⁸⁹, Eugênio Vâni, Mathias Simões e Elísio Gabardo (Gabardinho), que entraram para o Palestra Itália no mesmo período que Mansur e Tatu, não encontramos qualquer informação nos periódicos consultados. Segundo Francisco Genaro Cardoso, que escrevia para a *Gazeta do Povo* nesse período⁸⁹⁰, muitos dos futebolistas que defenderam as cores do Coritiba e do Palestra Itália nos primeiros anos da década de 1930 eram: "Oriundos da várzea ou das esquadras secundárias"⁸⁹¹. Esses "jovens elementos descobertos na várzea", como rememorou o jornalista: "[...] prometiam, em futuro bem próximo, constituir-se em 'revelações de 24 quilates', capazes de causar inveja a paulistas e cariocas [...]"⁸⁹².

De fato, a prática do Palestra Itália recrutar atletas nos clubes varzeanos perpassou toda a década de 1920 e manteve-se com o advento dos anos 1930. Em 1932, por exemplo, quando o

⁸⁸⁶ Para uma fotografia do Palestra Itália em 1933 ver Anexo V.

⁸⁸⁷ CORREIO DESPORTIVO. *Correio do Paraná*, 02 mai 1932. p 3.

⁸⁸⁸ CHRESTENZEN, Levi M. MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 57.

⁸⁸⁹ O nome do atleta, por vezes, é citado nos periódicos com a inicial "W".

⁸⁹⁰ Ver, por exemplo: CARDOSO, Francisco G. O desenvolvimento da cultura física em nosso estado. *Gazeta do Povo*. 26 out 1932. p 5.

⁸⁹¹ CARDOSO, Francisco G. *Op cit.* 1978. p 68.

⁸⁹² *Ibid*, p 65.

clube perdeu alguns de seus melhores jogadores para o Palestra Itália de São Paulo, foi na várzea que seus dirigentes procuraram os substitutos à altura. Como indica a reportagem de *O Dia*:

Os "Periquitos" continuam appellando para a varzea curitybana

É digna de louvores a actividade dos palestrinos no sentido de preencherem os danos que se registraram em suas fileiras com a retirada dos amadores Vani, Gabardinho e Dulla. Em lugar de se deixarem abater pelo desanimo, os "periquitos" envidam todos os esforços afim de recomporem a sua phalange representativa, buscando na várzea curitybana - esse celeiro admiravel de "cracks" futebolisticos - os substitutos para os que partiram.⁸⁹³

Com a nova formação, repleta de "craques varzeanos", que começou a ser montada em 1929, o Palestra Itália se reergueu no campeonato do FPD, conquistando a segunda colocação em 1929, 1930 e 1931. Não era apenas sua posição na tabela que chamava atenção, as goleadas desferidas nesses campeonatos, como o 11 a 2 e o 15 a 2, ambos contra o Aquidaban, respectivamente, nas temporadas de 1929 e 1931, ou o 9 a 1 contra o Paranaense, em 1930, e o 8 a 1 contra o Ferroviário, em 1931, impressionavam os adversários⁸⁹⁴. Alguns desses jogadores que entraram no clube em 1929, como o atacante Gabardinho - artilheiro em 1930, com 10 gols em 8 jogos⁸⁹⁵, e em 1931, com impressionantes 28 gols em 12 partidas⁸⁹⁶ - ganharam visibilidade nacional por suas atuações individuais na equipe dos "Periquitos". Quando, em 1932, como fruto desse processo de reorganização do time, o Palestra Itália sagrou-se campeão da FPD, o contexto político e futebolístico havia se alterado profundamente, se comparado aos primeiros anos de existência da agremiação.

No plano macropolítico, depois de uma conturbada década de 1920, a ascensão de Getúlio Vargas ao poder, no levante de 1930, inaugurou o que a historiografia convencionou chamar de Governo Provisório. Um período, na definição do historiador Boris Fausto, de: "[...] confrontações e incertezas, tendo como pano de fundo a Grande Depressão mundial"⁸⁹⁷. A centralização de poder nas mãos do executivo federal, com a substituição dos governadores estaduais por interventores nomeados por Vargas, indicava as pretensões do governo de: "[...] quebrar a força das oligarquias estaduais, e liquidar o modelo Federativo, que identificava com a Primeira Republica"⁸⁹⁸. No âmbito social, a criação do Ministério do Trabalho, Indústria e

⁸⁹³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 24 jun 1932. p 6. Grifo no original.

⁸⁹⁴ CHRESTENZEN, Levi M. MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 57-67.

⁸⁹⁵ *Ibid*, p 62.

⁸⁹⁶ *Ibid*, p 67.

⁸⁹⁷ FAUSTO, Boris. A vida política. IN: GOMES, Angela de Castro. *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013. p 91.

⁸⁹⁸ *Ibid*, p 92.

Comércio e o surgimento das primeiras leis trabalhistas, estendendo o direito às férias a várias categorias, criando a carteira profissional e regulando os horários de trabalho de mulheres e crianças, evidenciava, para Fausto: "[...] que o novo governo tinha especial interesse em regular as relações entre o Estado e a classe trabalhadora urbana [...]", no intuito de "[...] conceder direitos aos trabalhadores e enquadrar os sindicatos, desmantelando organizações autônomas sob influência dos comunistas e o que restava do anarquismo"⁸⁹⁹.

No que tange especificamente ao futebol, o processo de popularização dessa prática, disseminada pelos mais diferentes grupos sociais nas décadas de 1920 e 1930, terminou por consagrar esse esporte como um legítimo fenômeno de massas, imerso na lógica da incipiente indústria do entretenimento em formação no país⁹⁰⁰. Como observa Leonardo Pereira para o Rio de Janeiro: "Longe de poder ser definido [...] como um símbolo de identidade de classe, fosse ela qual fosse, ele transformara-se então, a partir das apropriações e ressignificações feitas por membros dos mais diversos segmentos sociais, em um grande fenômeno de massas"⁹⁰¹.

Curitiba não foi uma exceção nesse processo, no final da década de 1920 o futebol havia desenvolvido uma capacidade impressionante de mobilização afetiva da população cidadina. À guisa de exemplo, em dezembro de 1928, quando a seleção paranaense venceu a semifinal do VI Campeonato Brasileiro contra a equipe do Pará, pelo placar de 2 a 1, nas palavras do redator esportivo da *Gazeta do Povo*: "[...] uma multidão enchia a quadra 1º Março - Marechal Floriano [...]" em frente à sucursal da Agência Americana, na rua XV de Novembro, num "aspecto quasi inedito", afim de receber notícias telegráficas sobre o transcurso da partida disputada na capital federal. Para o cronista: "Difficilmente experimentaremos emoções tão confortadoras de legitimo paranismo como na tarde de ante-hontem, quando vimos [...] o coração de nossa gente vibrar, em lampejos soberbos de jubilo, ante mais uma victoria expressiva dos nossos valentes conterraneos"⁹⁰². Mario Marcondes de Albuquerque, que esteve entre os torcedores nesse dia, relembra em suas memórias a reação da torcida na rua XV, quando o telegrafista da Agência Americana foi até a sacada do prédio, "com o comprido megafone", anunciar o gol de Marreco, que deu a vitória aos paranaenses:

O intérprete da agência noticiosa vem frente ao público quase louco de satisfação e grita alucinadamente: Marreco pega a bola, desvia dois adversários e envia um fortíssimo chute

⁸⁹⁹ Ibid. p 94.

⁹⁰⁰ SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 7.

⁹⁰¹ PEREIRA, Leonardo A. M. *Op cit.* 2000. p 127.

⁹⁰² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 04 dez 1928. p 5.

(pronunciado com rr bem arrastado) que vai às redes - gol do Paraná! gol do Paraná! O povo delira, se abraça aclamando seu estado com chapéus jogados para cima. O Paraná conquistava seu maior triunfo de todos os tempos - era vice campeão brasileiro! [...] Essa era a rua XV de todos os acontecimentos, aonde se ia até para ouvir jogos com o povo reunido em frente às agências noticiosas numa massa compacta que se equivalia a dos estádios.⁹⁰³

A multidão que ocupava as portas dos telégrafos em busca de notícias sobre partidas disputadas em outras localidades, também dominava os estádios, para o desagrado de Judex, cronista do periódico *O Dia*, para quem: "[...] essa classe de gente frequenta os campos para irritar os jogadores e provocar disturbios e discussões inuteis entre os espectadores". Na opinião do cronista, tinha passado o tempo em que "pessoas bem educadas" iam às praças esportivas "[...] ostentando distintivos e bandeiras dos clubs a que pertenciam". Em 1932, quando escreveu seu protesto, o perfil do torcedor seria outro: "Vimos ali conhecido desordeiro e ébrio contumaz, frequentador assíduo do xadrez [...] em plena liberdade de dar azo a seu baixo instinto de cafajeste tarado. A sua sombra, outros torcedores cobriam de apôdos os amadores"⁹⁰⁴.

Nem todos estavam incomodados com a massificação do futebol. Por um lado, o ingresso de maior número de pessoas nos campos ampliava as rendas de bilheteria, cada vez mais necessárias aos clubes, em tempos nos quais o semiprofissionalismo era amplamente difundido⁹⁰⁵. Por outro, o envolvimento afetivo de milhares de pessoas com esse esporte, projetava social e politicamente as pessoas que o dirigiam. Um exemplo disso se deu nas eleições de 1921, quando o presidente da ASP, Antônio Jorge Machado Lima, foi: "[...] lançado como candidato ao Congresso Estadual pela mocidade esportiva"⁹⁰⁶. A "Candidatura Desportista"⁹⁰⁷, como ficou conhecida na imprensa, foi apoiada pelos cronistas esportivos da *Gazeta do Povo*, *Diário da Tarde* e *Commercio do Paraná*, e: "[...] por todos os presidentes dos clubes de nossa capital"⁹⁰⁸, que lançaram um manifesto recomendando que seus torcedores votassem em Lima para deputado estadual⁹⁰⁹.

⁹⁰³ ALBUQUERQUE, Mario M. *Op cit.* p 19.

⁹⁰⁴ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 13 jan 1932, p 6.

⁹⁰⁵ Se tomarmos como parâmetro os dados levantados por Cardoso, perceberemos que a renda máxima em partidas do campeonato da ASP/FPD mais que decuplicou no espaço de uma década. Em 1920, a partida com maior renda de bilheteria apontada pela autor foi Britannai X Coritiba, pelo primeiro turno do campeonato, com 920\$000 de arrecadação. Onze anos depois, em 1931, o jogo entre Coritiba e Palestra Itália, maior renda daquele certame, arrecadou 12:321\$000. CARDOSO, Francisco G. *Op cit.* 1978. p 41-69.

⁹⁰⁶ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 25 out 1921. p 2.

⁹⁰⁷ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 28 out 1921. p 2.

⁹⁰⁸ ESPORTES. *Commercio do Paraná*. 21 ago 1921. p 2.

⁹⁰⁹ Idem.

Para receber o público que se ampliava e potencializar as arrecadações de bilheteria, novas praças esportivas foram construídas pelas principais agremiações das cidade. Em outubro de 1932, o Palestra Itália inaugurou sua "Praça de Desportos", localizada no arrabalde do Batel. Um espaço, na descrição da *Gazeta do Povo*: "Construído todo com capricho e contando com os requisitos mais modernos exigidos para um logradouro dessa natureza"⁹¹⁰. Para concluir a empreitada, o clube contou novamente com o auxílio do *Banco Francez Italiano*, dirigido à época, pelo italiano Aristides Gaboardi, que também era presidente do Palestra Itália entre 1932 e 1933⁹¹¹. No mesmo mês, o Coritiba inaugurou o "magnífico Estádio 'Belfort Duarte'", segundo a *Gazeta do Povo*, um: "[...] empreendimento de um vulto gigantesco"⁹¹².

Os novos palcos exigiam atores à altura para ocupá-los, atletas capazes de ofertar ao público pagante um espetáculo de qualidade. Para contar com os melhores futebolistas da cidade em suas equipes, os dirigentes apelavam às mais diversas estratégias de convencimento. Em fevereiro de 1930, a coluna humorística *Off-Side* da seção *O Dia Esportivo*, insinuava que o comerciante Diamantino, pai do Brasil F. C., estava oferecendo mobílias para os atletas que entrassem no seu clube: "- Disseram-nos que as 'voações' continuam em grande escala - Por enquanto só o Diamantino está levando vantagem - Em compensação as mobílias estão saindo... gratuitamente"⁹¹³. Dias depois, a mesma coluna afirmava: "O Diamantino, a princípio considerado o 'voador mor', está agora collocado em decimo oitavo lugar! - Acham-se agora em primeiro lugar os coritibanos e palestrinos que estão disputando uma corrida renhida". Segundo o cronista, a tática dos dois clubes para superar o Brasil F. C. nas "voações", era oferecer "outras cositas" para que os jogadores se inscrevessem em suas equipes⁹¹⁴.

Fundado em 12 de janeiro de 1930, pelos funcionários da Rede Viação Paraná-Santa Catarina (RVPSC), o Clube Atlético Ferroviário era constantemente citado na imprensa por praticar "profissionalismo mascarado"⁹¹⁵. Em outubro de 1933, o clube chegou a ser denunciado na CBD pelo Caxias F. C., de Joinville, por aliciar os atletas Lauro Alves, José Pereira Silva

⁹¹⁰ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 01 nov 1932. p 3.

⁹¹¹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 22 jul 1933. p 6.

⁹¹² DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 16 nov 1932. p 3.

⁹¹³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 13 fev 1930. p 7.

⁹¹⁴ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 27 fev 1930. p 7.

⁹¹⁵ Sobre a fundação do C. A. Ferroviário, ver: NETO, Cerneiro. *Op cit.* 1996, p 55.

Júnior e Otacilio Vieira, da equipe catarinense, com promessas de emprego na estrada de ferro⁹¹⁶. Em novembro de 1933, para tentar conter o Ferroviário, que estava contratando os melhores atletas da cidade com ofertas de emprego "[...] nas oficinas e nos escritórios da São Paulo-Rio Grande [...]"⁹¹⁷, os clubes Britannia, Atlético Paranaense, Coritiba e Palestra Itália, segundo a *Gazeta do Povo*, assinaram um pacto, que visava: "[...] prorrogar para quatro anos o prazo de inscrição de amadores já registrados [na FPD]"⁹¹⁸.

Segundo esse regulamento, um atleta inscrito por alguma agremiação filiada à FPD em 1933, só poderia disputar partidas por outro clube em 1937. A medida era uma clara tentativa de desestimular a troca de clubes pelos jogadores, que teriam que ficar quatro anos parados antes de estreiar pela nova equipe. Comentando a medida, que considerava "um absurdo", Muggiati Sobrinho afirmou que, entre os clubes que pactuaram o regulamento havia: "[...] um que desde há muito é o maior 'coleccionador' de bons jogadores e só agora que se viu suplantado, deliberou crear medidas acauteladoras"⁹¹⁹. Quatro dias depois, uma nova publicação na *Gazeta do Povo* deixava claro que o clube ao qual Sobrinho se referia era o Palestra Itália: "E o Ferroviário é o 'voador'... O quadro palestrino será integrado hoje, possivelmente, pelos amadores Caramujo, do Britania, Polenta, do Coritiba, e Mimi, do Atletico. E depois os "aliados" andam a firmar pactos para se livrarem das 'garras' do tricolor"⁹²⁰.

Os casos de "falso amadorismo" eram tão corriqueiros em solo curitibano, que, ainda em 1927, ou seja, seis anos antes da formalização do profissionalismo na cidade, o cronista esportivo da *Gazeta do Povo* era categórico ao afirmar: "[...] não existem verdadeiros amadores"⁹²¹. Em seu raciocínio, o "verdadeiro amador" era aquele que não dependia do futebol para conseguir empregos ou ascensão social: "Pecam os que conseguem essas situações porque jogam bem o futebol e os clubs lhes arranjam bons empregos. Se não jogassem futebol, nunca obteriam taes posições"⁹²². Em face à ampla disseminação do semiprofissionalismo no futebol curitibano, não é de se estranhar que os primeiros debates sobre a legalização de determinadas formas de remuneração de atletas na cidade remetesse ainda à 1923.

⁹¹⁶ Ver: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 26 ou 1933. p 6; O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 05 nov 1933. p 7. E: VIDA ESPORTIVA. *Diario da Tarde*. 13 nov 1933. p 6.

⁹¹⁷ GAZETA ESPORTIVA. *Gazeta do Povo*. 08 nov 1933. p 5.

⁹¹⁸ Idem.

⁹¹⁹ SOBRINHO, Muggiati. Um absurdo. *Gazeta do Povo*. 08 nov 1933. p 5.

⁹²⁰ GAZETA ESPORTIVA. *Gazeta do Povo*. 12 nov 1933. p 6.

⁹²¹ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 08 ago 1927. p 6.

⁹²² Idem.

Na época, a discussão estava centrada exclusivamente na seleção paranaense. A inserção de trabalhadores pobres nos principais clubes da cidade e no próprio selecionado do estado, colocava um novo problema para a Comissão de Futebol da ASP. Para comparecerem aos treinos e viagens da seleção paranaense, esses atletas tinham que faltar ao trabalho, perdendo assim diárias e se indispondo com seus patrões. Diferente dos *sportmen* da década de 1910, que bancavam suas próprias passagens e hospedagens quando o clube ou selecionado disputava partidas em outras localidades, esses trabalhadores não dispunham de condições financeiras para arcarem com essas despesas. Para resolver esse impasse, em 14 de dezembro de 1923, a ASP aprovou um decreto autorizando: "[...] os clubes que dão jogadores para o combinado a pagarem a estes, pelo quarto de serviço que perderem"⁹²³.

Em 1925, o cronista esportivo da *Gazeta do Povo* incluiu a remuneração dos treinos na pauta do debate. Para este, a ASP: "[...] deveria nomear uma comissão que se entendesse directamente com os patrões dos referidos jogadores, solicitando uma dispensa de serviço de uma hora antes do treno". Além disso, a entidade: "[...] deveria pagar as diárias dos jogadores que trabalham em oficinas, por exemplo, e que serão descontadas em caso de falta". Do contrário, segundo o cronista: "[...] não poderemos treinar completo o combinado, a não ser no domingo, por que nos outros dias, os jogadores não arriscarão a perder meio dia de trabalho"⁹²⁴.

Embora debates pontuais, como os supracitados, ocorressem em Curitiba desde a década de 1920, foi mesmo nos anos 1930 que as discussões mais amplas sobre os benefícios e malefícios do profissionalismo no futebol ganharam vulto, dividindo opiniões entre os esportistas da cidade. Escrevendo em 1932, para *O Dia*, Luiz Guimarães, eleito presidente da FPD naquele ano, depois de garantir que em Curitiba havia "[...] centenas de homens pobres que se dedicam à pratica dos desportos, sem auferir d'elle o menor proveito [...]", afirmava: "Nutro um horror profundo pelo profissionalismo esportivo e creio que elle, no passo em que, infelizmente, caminha, arrastará o desporto nacional para a desorganização e para o aniquilamento". Segundo Guimarães, o profissionalismo seria a causa: "[...] do afastamento dos homens de esporte, bem intencionados, em cujo rol incluo o meu nome, da actividade esportiva, porque não suporto jogos a troco de metal, porque não admito jogadores sem moral e sem convicções"⁹²⁵. Contraditório,

⁹²³ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 14 dez 1923, p 4.

⁹²⁴ DESPORTOS. *Gazeta do Povo*. 04 mar 1925, p 4.

⁹²⁵ GUIMARÃES, Luiz. Amadorismo, viga-mestra do progresso esportivo. *O Dia*. 01 jul 1932, p 6.

como de costume, Guimarães voltaria à direção da FPD em 1934, entrando para a história como o primeiro presidente eleito pela entidade após a adoção do profissionalismo no Paraná⁹²⁶.

Judex, que assinava uma coluna diária no jornal *O Dia*, pensava diferente. Embora lamentasse, como Guimarães, a decadência do amadorismo, o cronista acreditava que a adoção do regime profissional era a única saída para o futebol local: "Melhor seria, então, para evitar-se a queda fragorosa do futebol, a implantação do profissionalismo aberto e regulamentado, ainda que com isso se apagasse dos dicionários da educação física a mais bella, esplendida e pura expressão esportiva: Amadorismo!"⁹²⁷. No que concordava o editor de *O Dia Esportivo*, para quem, a única forma de acabar com os jogadores "pedintes", que viviam solicitando auxílios aos dirigentes dos clubes, era formalizar, de uma vez por todas: "[...] contractos que assignalam nitidamente as obrigações das partes [...]", que fossem "devidamente protocolizados" e que "[...] dêem direito a applicação de sanções effectivas" caso uma das partes rompesse com seus compromissos⁹²⁸.

No plano nacional, as demandas pela formalização da profissão de jogador de futebol também aumentavam. Por um lado, como observa Fábio Franzini, os próprios atletas começaram a não aceitar mais: "[...] a situação contraditória que vivem no início da década de 1930 [...]"⁹²⁹, chegando mesmo a ensaiarem a organização de entidades de classe, em São Paulo e no Rio de Janeiro, com o fim de defender os interesses da categoria⁹³⁰. Para Franzini, o "amadorismo marrom" ou "semiprofissionalismo" colocava os atletas em situação ambígua, pois: "Mesmo que fizessem do futebol sua única profissão, o que era cada vez mais comum, eles [futebolistas] não dispunham de qualquer garantia formal que lhes permitisse exercer seu trabalho com segurança e tranquilidade"⁹³¹.

Por outro lado, como notou Carlos Eduardo Sarmiento, no início da década de 1930, dois "processos autônomos" terminaram por impulsionar as demandas pré-existentes de

⁹²⁶ CHRESTENZEN, Levi M. MACHADO, Heriberto I. *Op cit.* 1990. p 74.

⁹²⁷ JUDEX. Falso Amadorismo. *O Dia*. 19 mar 1932. p 6.

⁹²⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 10 mar 1932. p 6.

⁹²⁹ FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003. p 62.

⁹³⁰ Idem. A fundação da "Associação de Jogadores" do Rio de Janeiro: "que tem por finalidade a representação e defesa da classe", foi noticiada em Curitiba. O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 07 fev 1932. p 6. O mesmo ocorreu quando da organização da "Associação de Jogadores" de São Paulo, ocasião na qual *O Dia* republicou uma notícia da "Gazzeta", na qual se lia: "O futebol evolue... Os nossos jogadores officiaes, a exemplo dos seus collegas cariocas, irão fundar uma associação de classe para a defesa de seus interesses". O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 mar 1932. p 6.

⁹³¹ FRANZINI, Fábio. *Op cit.* 2003. p 62.

profissionalização no futebol. São eles: "[...] o interesse manifesto de clubes estrangeiros em contratar atletas brasileiros e a política de valorização do trabalhador do governo Vargas"⁹³². No plano macropolítico, segundo Sarmiento, em que pese o fato do governo Vargas não ter estabelecido: "[...] um referencial legal para a regulação da atividade profissional desportiva, a gradual formulação de uma legislação trabalhista no país não deixava muitas dúvidas sobre o caminho que o mundo esportivo brasileiro deveria trilhar"⁹³³. Para João M. C. M. Santos, a profissionalização dos jogadores de futebol estava em plena sintonia com a lógica do governo Vargas:

A profissionalização dos atletas era perfeita para atingir a duplicidade das medidas tomadas pelo governo Vargas. Primeiro, entrava no contexto da legalização do trabalhador, da assinatura de um contrato, de direitos reconhecidos por lei, como cláusulas de rescisão contratual, luvas e indenizações em caso de contusão de algum jogador. Por outro lado, dava aos dirigentes e associados do clube a possibilidade de tratar seus jogadores de futebol como empregados do clube e não mais como sócios. Assim, como pessoas de origem muito mais humilde, muitas vezes negras e analfabetas, os jogadores passaram a não mais conviver nas dependências sociais de seus elegantes clubes. Além disso, com a profissionalização do futebol, os dirigentes brasileiros poderiam auferir das vantagens das vendas de passes de jogadores, ao invés de perdê-los de graça para o mercado de profissionais fora do país, trazendo mais uma quantidade grande de receitas para os clubes.⁹³⁴

No tocante à exportação de futebolistas, conforme Sarmiento, desde o início da década de 1930, emissários enviados por clubes italianos, "[...] favorecidos por contatos com a grande colônia de imigrantes que residia na capital paulista [...]"⁹³⁵, começaram a articular a transferência de jogadores brasileiros para os clubes europeus, onde o profissionalismo já era uma realidade⁹³⁶. Para Sarmiento:

Esse tipo de ação era facilitado por uma ambiguidade que atingia o futebol brasileiro. Embora a CBD e os tribunais de justiça não reconhecessem qualquer vínculo empregatício formal entre clubes e atletas, a FIFA, ao preconizar que todo jogador que não estivesse sob contrato com uma associação esportiva poderia transferir-se livremente para outra, criava condições de negociação. Dessa forma, a defesa de uma postura pró-amadorismo resultava na abertura de um grande mercado para clubes estrangeiros contratantes.⁹³⁷

⁹³² SARMENTO, Carlos E. *Op cit.* 2006, p 44.

⁹³³ *Ibid*, p 45.

⁹³⁴ SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 415. Para maiores informações sobre a relação do Governo Vargas com os esportes, ver: MANHÃES, Eduardo D. *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. E: DRUMOND, Maurício. *O esporte como política de Estado: Vargas*. IN: MELO, Victor A; DEL PRIORE, Mary. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009. p 213-244.

⁹³⁵ *Ibid*, p 45.

⁹³⁶ "Apesar de resistências, o profissionalismo tinha se imposto em 1855 na Inglaterra, e também o seria em 1924 na Áustria, 1929 na Tchecoslováquia, Hungria e Itália, 1930 na Espanha, 1932 na França. O projeto alemão estava avançado, mas teve de ser abandonado com a chegada de Hitler ao poder, em 1933". FRANCO JR, Hilário. *A dança dos deuses : futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. p 44.

⁹³⁷ SARMENTO, Carlos E. *Op cit.* 2006, p 46.

Nesse contexto, Ninão, Niniho e Niginho, membros da família Fantoni e atletas do Palestra Itália de Belo Horizonte, atravessaram o atlântico rumo à profissionalização, inscrevendo-se, em 1930, na Lazio da Itália. Foram para o mesmo clube, no ano seguinte, outros oito brasileiros: o técnico Amilcar Barbuy, que tinha jogado pelo Corinthians e o Palestra Itália de São Paulo; Pepe, Serafini e Salatin, do Palestra paulistano; Filó, Rato e De Maria, do Corinthians; e Del Debbio, que já havia jogado pelo Lucchese em 1925. Ainda para a Itália, só que no Juventus, ingressou, em 1932, o brasileiro Pedro Sernagiotto⁹³⁸. Na Espanha, depois de uma excursão do Vasco da Gama à Europa em 1931, os atletas cruzmaltinos Fausto e Jaguaré ingressaram no Barcelona⁹³⁹.

Esse processo, nas palavras do historiador João M. C. M. Santos, de "verdadeira sangria de jogadores para fora do país"⁹⁴⁰, não foi restrito a transações intercontinentais. Para América do Sul, com destino à Argentina e Uruguai, que haviam adotado o profissionalismo, respectivamente, em 1931 e 1932, migraram diversos futebolistas como Petronilho, Teixeira, Vanni, Ramon (todos no San Lorenzo), Marin Silveira (Boca Juniors), Domingos da Guia (Nacional de Montevidéu), Leônidas da Silva, Bahia e Luiz (os três no Peñarol) e Patesko, ponta-esquerda revelado pelo Palestra Itália de Curitiba, que trocou a equipe gaúcha Força e Luz pelo Nacional de Montevidéu, em 1933⁹⁴¹. Ao todo, segundo Santos: "Os clubes argentinos e uruguaios conseguiram tirar cerca de quinze dos melhores jogadores do Brasil"⁹⁴².

Para Santos, a saída dos melhores futebolistas rumo a países onde o profissionalismo já tinha se estabelecido foi determinante para acelerar a adoção do regime profissional no Brasil: "Se o contexto político era propício à legalização da profissão de atleta profissional de futebol, a saída de jogadores para o exterior foi uma espécie de catalisador do processo"⁹⁴³. Nessa conjuntura, em 23 de janeiro de 1933, no Rio de Janeiro, os dirigentes do Bangu, Fluminense, America e Vasco da Gama, partidários do profissionalismo, romperam com a *Associação Metropolitana de Esportes Atléticos* (AMEA) e fundaram a *Liga Carioca de Football* (LCF):

⁹³⁸ COELHO, Paulo V. *Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009. p 42-50.

⁹³⁹ SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 368 - 391.

⁹⁴⁰ *Ibid*, p 391.

⁹⁴¹ Sobre Patesko, ver: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 07 mai 1933, p 6. Sobre os outros atletas: SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 391-413.

⁹⁴² SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010. p 407.

⁹⁴³ *Ibid*, p 415.

"[...] primeira entidade dirigente a aceitar oficialmente o profissionalismo no futebol brasileiro"⁹⁴⁴.

Paralelo a esse movimento, em São Paulo, como indica Sarmiento, desde o final da década de 1920: "[...] os clubes associados à APEA foram gradativamente assumindo uma postura favorável à profissionalização do futebol"⁹⁴⁵. Em face à resistência expressa pela CBD em reconhecer e oficializar as relações profissionais no futebol, os dirigentes da APEA e da LCF fundaram, em 26 de agosto de 1933, numa reunião realizada na sede do Palestra Itália de São Paulo, a *Federação Brasileira de Futebol* (FBF), definida por Sarmiento como: "[...] uma entidade paralela, dissidente, que buscaria angariar o maior contingente de afiliados comprometidos com a institucionalização e a disseminação do futebol profissional"⁹⁴⁶.

Em Curitiba, as notícias sobre os movimentos iniciados em São Paulo e Rio de Janeiro com o objetivo implementar o regime profissional no futebol brasileiro, dominaram as colunas esportivas dos principais jornais da cidade desde janeiro de 1933. A princípio, a postura dos dirigentes locais pendeu à manutenção do amadorismo, seguindo assim as diretrizes defendidas pela cúpula da CBD. Em 31 de janeiro de 1933 foi eleita uma nova diretoria para a FPD, tendo à sua frente, como presidente, Francisco de Paula Soares Netto⁹⁴⁷. Comentando, no periódico *O Dia*, os desafios do novo corpo diretivo, o jornalista Antonio Tupy Soares elegeu a manutenção do amadorismo e a defesa dos jogadores curitibanos contra as investidas dos clubes profissionais, supostamente interessados em contratá-los, como as principais tarefas dos pais que assumiam a FPD:

O Dr Paula Soares esta eleito presidente da "Mater". Dentre os muitos problemas, e de resoluções difíceis, que se apresentam em nosso cenário desportivo, aparece logo, em grande saliência, a questão do profissionalismo no futebol brasileiro. Essa causa não deixará de afetar, diretamente, os demais centros desportivos do país, porque os "compradores" logo se infiltrarão por ai a fora, à cata dos "players" mais afamados. Esperemo-los. E dispostos a enfrentá-los com a lição vibrante e esportista de quem prossegue no sentido da ação retilinea. Nessa perspectiva de fatos, o Paraná não ficará esquecido. O Presidente terá que dirigir a nau com muita perícia, desassombro e arrojo. Seus marujos precisam ser leais e, sobretudo, prevenidos e ativos. O desporto do Paraná, pelos seus brilhantes amadores, dará mais um exemplo de seu grande mérito, repulstando as investidas do profissionalismo, quando elas se fizerem sentir.⁹⁴⁸

⁹⁴⁴ FRANZINI, Fábio. *Op cit.* 2003. p 63.

⁹⁴⁵ SARMENTO, Carlos E. *Op cit.* 2006, p 45.

⁹⁴⁶ *Ibid*, p 49.

⁹⁴⁷ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 01 fev 1933, p 6.

⁹⁴⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 02 fev 1933, p 6.

As primeiras ações da nova diretoria indicavam que o caminho a ser traçado pela gestão coincidia com as expectativas do jornalista Tupy Lopes. Entretanto, em meados de 1933, quando chegaram a Curitiba as primeiras notícias sobre a eminente cisão no futebol nacional, a postura da diretoria da FPD foi vacilante. Em telegrama enviado, em 26 de abril, a Arthur Obino, representante do Paraná na CBD, os paredros curitibanos reafirmaram sua fidelidade à entidade nacional e aos princípios do amadorismo, mas orientaram Obino a manter neutralidade nos debates entre profissionais e amadores travados nas assembleias da CBD, recomendando ainda que a diretoria da Confederação empreendesse esforços no sentido de evitar uma possível cisão no futebol brasileiro:

Curitiba, 26 abril de 1933

Exmo Sr. Dr. Arthur Obino - Rio de Janeiro

Pelo presente renovamos vossas credenciais de representante da Federação Paranaense junto à C.B.D. Quanto a Assembleia da Confederação a ser realizada a 8 de Maio a orientação da F.P.D. é a seguinte:

"Ao desporto Paranaense não interessa a lucta travada no desporto carioca entre o profissionalismo, o falso e o verdadeiro amadorismo. Lastimamos apenas o ocorrido que vem enfraquecer o desporto metropolitano, o Paraná vê com sympathia qualquer movimento de aproximação que culmine no reestabelecimento de um "modus vivendi" entre as duas correntes em choque. Sob o ponto de vista do desporto nacional, achamos alta conveniencia para todos os filiados da CBD, que dentro da CBD fiquem todas as grandes associações esportivas do Paiz e que estabilizará mais o desporto dará mais garantia e segurança às Federações Regionaes, a cada instante ameaçadas da perda de seus melhores elementos dada a facilidade da queda do estagio, etc. Colocada assim nesta attitude a Federação Paranaense, cremos, terá ella cumprido o seu dever, elando pelos interesses da C.B.D. Sirvo-me da oportunidade para apresentar-vos as nossas melhores saudações."⁹⁴⁹

Como pode ser observado no telegrama, a principal preocupação dos dirigentes paranaenses era com as constantes ameaças de: "[...] perda de seus melhores elementos dada a facilidade da queda do estagio, etc [...]". Isso se dava, pois, uma vez desfilados da CBD, os clubes que tinham aderido ao profissionalismo se colocavam fora da zona de controle da entidade, não precisando, portanto, respeitar a "lei do passe" e a "lei do estágio" que vigoravam na Confederação Brasileira. Na prática, isso significava que os clubes profissionais poderiam contratar os jogadores de qualquer agremiação filiada à CBD, inclusive os da Federação Paranaense, sem precisar do "passe" de sua equipe e nem esperar o tempo de "estágio" para que eles estreassem pelo novo clube. Em resumo, o atleta poderia ser contratado de graça, sem a convência do clube ao qual pertencia, e estrear no dia seguinte na nova equipe como profissional.

⁹⁴⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 11 jun 1933, p 6.

Com efeito, se, como afirma o historiador João M. C. M. Santos, a "sangria" de jogadores para outros países serviu como um "catalisador" das tensões e demandas por profissionalização, acelerando o processo de reconhecimento da profissão de atleta de futebol no Brasil⁹⁵⁰. No caso específico do Paraná, a saída de atletas para outros estados, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, onde o profissionalismo fora legalizado primeiro, terminou por precipitar a adoção do regime profissional no estado. Diante da perda de seus melhores futebolistas para Itália, Espanha, Argentina e Uruguai, os clubes profissionais de São Paulo e Rio de Janeiro, aproveitando as facilidades de não terem que cumprir a "lei do passe" e a "lei do estágio", e mesmo algumas agremiações amadoras, buscaram em outros estados os substitutos para os jogadores que saíam de suas equipes. Nesse contexto, aproximadamente quinze futebolistas saíram de Curitiba com destino às equipes paulistanas e cariocas.

Um dos clubes mais afetados por esse processo foi o Palestra Itália, que perdeu nada menos que sete jogadores entre 1932 e 1933. Os primeiros a saírem, ainda em 1932, ou seja, em tempos de amadorismo, foram Rodolpho Patesko e Genásio Devóglgio, ambos para Porto Alegre onde iriam: "[...] trabalhar nos escritórios da poderosa Cia. Força e Luz, devendo, também, integrar a sua equipe futebolística, uma das mais valorosas que disputam o campeonato da 'Amgea'⁹⁵¹. Em junho de 1932, Gabardinho e Vani foram para o Palestra Itália de São Paulo⁹⁵², sendo o primeiro registrado como profissional em abril de 1933⁹⁵³. Ainda nesses ano, depois da criação da liga profissional no Rio de Janeiro, Waldomiro e Anjolilo foram para o América do Rio, mas o segundo ficou ali por pouco tempo⁹⁵⁴. Por fim, Dulla ingressou no Palestra Itália paulista em maio⁹⁵⁵.

No mesmo período, Carnieri, Rey e Levorato e Dominguito, todos do Curitiba, foram, os dois primeiros, para o Vasco; Levorato, para o Palestra Itália de São Paulo e, o último, para o América do Rio⁹⁵⁶. Lothar e Jango, ambos do Ferroviário, ingressaram, respectivamente, no Corinthians e no América do Rio⁹⁵⁷. Por fim, saíram do Atlético Paranaense Cecy e Wilkys

⁹⁵⁰ SANTOS, João M. C. M. *Op cit.* 2010, p 415.

⁹⁵¹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 12 fev 1932, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 18 fev 1932, p 6.

⁹⁵² O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 24 jun 1932, p 6.

⁹⁵³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 02 abr 1933, p 6.

⁹⁵⁴ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 16 abr 1933, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 19 mai 1933, p 6.

⁹⁵⁵ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 17 mai 1933, p 6.

⁹⁵⁶ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 15 mar 1933, p 6. O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 25 mar 1933, p 6. O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 06 ago 1933, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 31 mar 1933, p 6.

⁹⁵⁷ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 16 abr 1933, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 28 set 1933, p 6,

Correa, o primeiro com destino à capital federal e o segundo para São Paulo⁹⁵⁸. Para esses dois casos, não temos informações sobre os clubes em que ingressaram.

A saída desses futebolistas, que migravam para outros estados à procura de melhores condições de trabalho e em busca de ascensão social, impactou de tal maneira o futebol curitibano, que os periódicos da cidade passaram a noticiar com antecedência a vinda de emissários paulistas e cariocas, para que os clubes locais pudessem se prevenir contra esses "olheiros". Em 04 de junho de 1933, por exemplo, *O Dia* publicou a seguinte nota:

Ahi vem mais um emissario

O Paraná, tantas vezes menosprezado pelos mentores do esporte nacional, continua sendo um celeiro inesgotável de "cracks" do futebol brasileiro. Ainda agora, ao que estamos informados, o America do Rio, cogita enviar a nosso Estado um emissario afim de aqui conseguir alguns astros do nosso futebol.

Alerta pessoal!⁹⁵⁹

Para estancar a sangria de atletas, os dirigentes dos grandes clubes da cidade e alguns cronistas esportivos passaram a pressionar a diretoria da FPD para que esta rompesse com a CBD, ingressando na *Federação Brasileira de Futebol* (FBF), entidade que congregava as ligas e agremiações profissionais do Brasil. Em entrevista ao jornalista Parahylio Borba, do periódico *O Dia*, José Hernandez Cabezon, dirigente do Coritiba, opinava que, caso o profissionalismo não fosse imediatamente implementado no Paraná: "[...] o nosso Estado está fadado a ficar em um plano muito inferior em matéria de futebol, visto a procura incessante dos nossos elementos que podem ser aproveitados em clubes paulistas e cariocas". E completava: "Urge que sejam tomadas medidas acauteladoras para o nosso renome esportivo. Se impõe, para evitar maiores prejuízos, a implantação do profissionalismo, porque não se trata disso o quanto antes?!"⁹⁶⁰.

Em meio aos debates sobre a adoção do profissionalismo em Curitiba, um novo acontecimento, alheio ao futebol, viria estremecer ainda mais as relações da Federação Paranaense com a CBD. Em dezembro de 1933, a seleção paranaense de basquete viajou até São Paulo para disputar o 8º *Campeonato Brasileiro de Bola ao Cesto*, organizado pela *Confederação Brasileira de Desportos*. Depois de uma derrota, na primeira partida do campeonato, pelo placar 35 a 9, favorável à seleção paulista, o selecionado paranaense foi desclassificado do torneio. No

⁹⁵⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 25 mar 1933, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 26 mar 1933, p 6.

⁹⁵⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 jun 1933, p 6.

⁹⁶⁰ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 04 ago 1933, p 6.

dia da volta à Curitiba, segundo Murici, capitão da equipe paranaense, entrevistado pela *Gazeta do Povo*, teve: "início a nossa 'via-crucis". Conforme o atleta:

Devido a um atrapalho que houve na entrega à L. A. P. do dinheiro remetido pela C.B.D. à F.P.D., nos vimos na hora do regresso sem dinheiro para acomodações de primeira classe. E depois de muito mexer, já que não encontramos outro meio, lançamos mão das nossas diárias, que agora são de 20\$000 apenas, e compramos as passagens de... 2ª classe. As nossas refeições foram pagas pelo presidente da embaixada. O que passamos nessa viagem não é necessário dizer.⁹⁶¹

O tratamento recebido pela seleção paranaense no *Campeonato Brasileiro de Bola ao Cesto* parece ter sido a gota d'água para o rompimento da FPD com a CBD. No dia 14 de dezembro de 1933, a FPD convocou os "Representantes de clubs e Ligas filiadas", para uma assembleia geral, que seria realizada no dia 16 de dezembro, na sede da Federação, onde seria lido "[...] o Relatório do Presidente da Embaixada de Bola ao Cesto que tomou parte no Campeonato Brasileiro [...]" e discutidos outros assuntos "[...] de máximo interesse ao esporte no Paraná"⁹⁶².

Conforme nota do periódico *O Dia*, Luiz Aranha, dirigente da CBD e irmão de Oswaldo Aranha, ministro da Fazenda do governo Vargas, informado da assembleia que ocorreria na cidade, enviou um telegrama à Curitiba, solicitando informações à direção da Federação Paranaense, sobre as notícias que estavam sendo publicadas em "jornais profissionalistas" que: "[...] alardeavam haver a F.P.D. solicitado inscrição na Federação Brasileira de Futebol"⁹⁶³. Em resposta, o presidente da FPD enviou o seguinte telegrama a Luiz Aranha:

Embaixada bola ao cesto, regressando segunda classe, sem leito, diaria vinte mil reis, despertou aqui formidavel descontentamento agravando convicção [sic], não será realizado campeonato futebol. Tabela pedida há mais de mez sem resposta enfrentando Directoria problema exodo jogadores dificil situação financenira. Assembléa sabado tratará assumpto tendo escripto Samuel declarando deveres cargo sobreprei a todas amizades sendo mais facil renunciar. Não pedimos filiação Fed. sim sondamos possibilidade nos aceitarem campeonato profissionaes caso atendesse interesse Paraná, recebendo resposta favoravel todas facilidades. Amanhã tudo será decidido.
Paula Soares⁹⁶⁴

As frases desconexas do telegrama são uma metáfora perfeita para forma fragmentária como era assimilada, em Curitiba, a conturbada situação pela qual passava o futebol brasileiro. Embaixada regressando em segunda classe, diárias reduzidas, campeonato nacional de futebol atrasado, êxodo de jogadores, crise financeira na FPD. Tudo isso, aliado à promessa de "todas

⁹⁶¹ GAZETA ESPORTIVA. *Gazeta do Povo*. 15 dez 1933, p 2.

⁹⁶² O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 14 dez 1933, p 6.

⁹⁶³ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 16 dez 1933, p 6.

⁹⁶⁴ Idem.

facilidades" da entidade profissional, a FBF, criava um clima amplamente favorável à adoção do profissionalismo no Paraná.

Foi o que aconteceu. No dia 17 de dezembro de 1933, a manchete de *O Dia* publicou a seguinte informação: "Por unanimidade de votos, a assembleia geral realizada hontem, deliberou desligar a Federação Paranaense de Desportos da C.B.D., inscrevendo-a, conseqüentemente, na Federação Brasileira de Futebol". Entretanto, uma nota publicada logo abaixo da frase supracitada, dava indícios de como esse ingresso na entidade profissional era contraditório. Segundo *O Dia*: "Essa deliberação não implica na adesão, pelo Paraná, ao profissionalismo"⁹⁶⁵.

A estratégia dos dirigentes paranaenses era magistral. Entrando para FBF, a Federação Paranaense - seguindo o caminho dos estados de Minas Gerais e Rio de Janeiro⁹⁶⁶, que já haviam ingressado na entidade - se inseria na mesma esfera jurídica dos clubes profissionais, que não poderiam mais contratar seus jogadores sem a conivência - "passe" - dos dirigentes curitibanos. Ao mesmo tempo, o ingresso na FBF, como observou o cronista de *O Dia*, não implicava na adoção imediata do profissionalismo em todos os clubes do estado. Com efeito, embora legalizado, o profissionalismo ainda levaria algum tempo para ser efetivado no futebol paranaense. Nada mais conveniente aos grupos que controlavam esse esporte no estado, que, por um lado, dificultavam a migração de futebolistas para outras localidades onde as condições de trabalho e remuneração eram mais vantajosas, e, por outro, não firmavam o compromisso de assalariar e respeitar os direitos trabalhistas dos protagonistas do espetáculo futebolístico, os jogadores.

No tocante à trajetória do Palestra Itália, a fase "profissional", que se inaugurava no futebol curitibano, marcou, para os "Periquitos", a decadência de sua agremiação. Um paradoxo, se pensarmos a equipe como uma das mais bem sucedidas na conjuntura do semiprofissionalismo da década de 1920. Os anos 1930 e 1940, consagraram o Ferroviário, Atlético Paranaense e Coritiba, como os principais clubes da cidade. Em 1942, depois de participações pífias nos campeonatos da década de 1930, por conta da entrada do Brasil na Segunda Guerra Mundial, ao lado dos aliados, o Palestra Itália teve que alterar seu nome, passando a se chamar Paranaense. No ano seguinte, mudou sua denominação para Comercial e, em 1946, para Palmeiras. O clube só voltou a ostentar o nome que lhe dera fama, Palestra Itália, em 1950. Em 1971, por fim, o

⁹⁶⁵ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 17 dez 1933, p 6.

⁹⁶⁶ SARMENTO, Carlos E. *Op cit.* 2006, p 49. Não confundir a cidade do Rio de Janeiro, à época Distrito Federal, com o estado do Rio de Janeiro.

Palestra se fundiu com Britânia e Ferroviário, formando o Colorado E. C, que mais tarde, em 1989, se uniria ao Pinheiros, para dar vida ao Paraná Clube⁹⁶⁷.

⁹⁶⁷ Uma breve trajetória dos clubes que originaram o Paraná Clube, pode ser vista em: NETO, Carneiro. *Op cit.* 1996.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dos atletas que saíram do Palestra Itália, no início da década de 1930, em busca de melhores condições de trabalho em outras localidades, Rodolpho Patesko e Elisio Gabardo, o Gabardinho, foram os que obtiveram maior sucesso na, recém reconhecida, profissão de atleta de futebol. Patesko, revelado no clube Poty, da várzea curitibana, entrou para o "Periquito" em 1930, onde permaneceu até 1932, quando mudou para Porto Alegre, aceitando uma oferta de trabalho da Companhia Força e Luz, que geria uma equipe de futebol com o mesmo nome⁹⁶⁸. Do Grêmio Esportivo Força e Luz, de Porto Alegre, Patesko seguiu, em 1933, para o profissionalismo platino, ingressando no Nacional de Montevideú, mesmo time do zagueiro Domingos da Guia⁹⁶⁹. Em 1934, Patesko se transferiu para o Botafogo do Rio de Janeiro, onde ficou até 1943, tornando-se ídolo do clube da Estrela Solitária na década de 1930⁹⁷⁰. Convocado, diversas vezes, para a Seleção Brasileira, Patesko fez tabelinha com Leônidas da Silva no ataque titular da Canarinho nas Copas do Mundo de 1934 e 1938⁹⁷¹.

Gabardinho, por sua vez, artilheiro do Palestra Itália nas temporadas de 1931 e 1932, saiu do clube em junho de 1932, com destino ao Palestra Itália de São Paulo, onde foi registrado como atleta profissional em abril de 1933⁹⁷². Dali foi para Fluminense, do Rio de Janeiro, e, posteriormente, migrou para a Itália, onde atuou nas equipes da Lazio, Milan e na Seleção Italiana. Convocado, pela *Azzurra*, para a Copa do Mundo de 1938, segundo o jornalista Carneiro Neto, Gabardinho só não pode disputar a competição: "[...] por não ser naturalizado"⁹⁷³. Em maio de 1933, depois de noticiada a formalização do contrato profissional de Gabardinho no Palestra Itália de São Paulo, o cronista esportivo de *O Dia* publicou um poema, que expressa, com rara felicidade, os novos significados que o futebol tinha adquirido para os jogadores oriundos das classes populares.

Quem haverá de dizer
Que um ferreiro ahi-do-Ahú
Um "boboca" e "jururu"

⁹⁶⁸ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 12 fev 1932, p 6. E: O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 18 fev 1932, p 6.

⁹⁶⁹ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 07 mai 1933

⁹⁷⁰ PARANAENSE PATESKO TORNOU-SE ÍDOLO ETERNO DO BOTAFOGO. *Paraná Online*. Disponível em: < <http://www.parana-online.com.br/>>. Acesso em: 25 mai 2014.

⁹⁷¹ NETO, Carneiro. *Op cit*, 1996. p 48-50.

⁹⁷² O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 24 jun 1932, p 6. O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 02 abr 1933, p 6.

⁹⁷³ NETO, Carneiro. *Op cit*, 1996. p 50.

Viesse tão longe a ser
Um astro rutilo, um sol,
La nas canchas bandeirantes
Qual destemido atacante,
No jogo de futebol!

Ao que dizem os jornais
(E eu piamente acredito)
O antigo "periquito"
Dos soberbos pinheiraes,
É um prazer a gente vel-o
Habil, lépido e brejeiro,
Dos backs e do arqueiro,
Transformado em pesadello!

O ex-ferreiro, de surpresa,
Vê na frente um bom ensejo...
Entra feito na defesa
E alinha-se pr'o "despejo"...

O zagueiro entra,
O médio avança,
O extrema centra
E "Elle" alcança...

O keeper aguarda a "péga"
Preparada bem adrede...
Mas no meio da refréga,
A pelota attinge a rede!

O tento da vitória!
Aleguá! Gabardinho!
Abraços, sedas, glórias!
E um pingue... "bolinho"!⁹⁷⁴

Os versos que compõem a primeira estrofe do poema dão conta da surpresa que causava, aos sujeitos históricos daquele período, a intensidade das transformações operadas no futebol curitibano entre as décadas de 1910 e 1930. De fato, como propõe o autor dos versos, quem imaginaria, em 1914, quando surgiu o Savóia, que um ferreiro do bairro Ahú, um "boboca", um "jururu", um indivíduo qualquer, viria a se tornar um astro, ascender socialmente por meio do futebol? Quem, conhecendo o requintado *football* de outrora, arriscaria dizer, que, pouco mais de duas décadas depois da chegada desse esporte à capital paranaense, ex-ferreiros italianos, como Gabardinho, poloneses dos subúrbios curitibanos, como Patesko, e ferroviários negros, como Moacyr Gonçalves, seriam os protagonistas do, agora abraçadado e massificado, futebol?

⁹⁷⁴ O DIA ESPORTIVO. *O Dia*. 25 mai 1933, p 6.

Com efeito, as trajetórias desses, e de outros jogadores, encarnam as transformações ocorridas no futebol curitibano nas décadas abarcadas por essa pesquisa. Nascidos em uma conjuntura, na qual, as possibilidades de ascensão social para indivíduos oriundos das classes populares eram mínimas, esses atletas, por seus sucessos em campo, semeavam no imaginário dos trabalhadores pobres da cidade de Curitiba, o mito da ascensão social por meio do futebol. Se consolidava, assim, no seio das classes populares, aquilo que o antropólogo José Sérgio Leite Lopes chamou de: "[...] projeto de emancipação social pelo esporte"⁹⁷⁵. Um projeto que, até hoje, frequenta os sonhos de meninos pobres das principais cidades brasileiras⁹⁷⁶.

No entanto, a relação dos segmentos empobrecidos da população curitibana com o futebol, nem sempre foi harmônica e amistosa. De outro modo, a inserção das classes populares nas principais ligas gestoras do esporte bretão na capital paranaense foi acompanhada de tensões e conflitos os mais diversos. Nesse trabalho, partindo das trajetórias de alguns clubes fundados por imigrantes italianos em Curitiba, com especial destaque para Savóia e Palestra Itália, procuramos analisar esses conflitos que permearam o processo de popularização do futebol na cidade, notadamente os embates étnicos, de classe e os preconceitos de cor manifestos nesse período.

Como observamos no decorrer desse trabalho, desde sua chegada a Curitiba, o futebol foi apropriado de diversas maneiras por segmentos distintos da população. Não obstante a bibliografia sobre o tema tenda a superestimar o papel das elites na introdução e consolidação do futebol no Brasil, dando especial destaque para a apropriação elitista dessa prática esportiva nas duas primeiras décadas do século XX, em nossa concepção, ao menos para o caso curitibano, é impossível resumir os primeiros anos do futebol na cidade às apropriações elitistas dessa prática. Com efeito, desde sua chegada a Curitiba, o futebol sofreu uma dupla apropriação. De um lado, o *football* fidalgo, que bebia em uma cultura de elite em gestação desde o século XIX, as artes de salão, representadas no circuito futebolístico pela prática nos *grounds*, com equipamentos importados, seguindo as regras inglesas, não raro nos refinados e seletivos *festivals sportifs*. Uma prática que se autorrepresentava como seleta, moderna e civilizada, no interior da qual surgiram os primeiros clubes e ligas de futebol da cidade. De outro lado, o futebol das ruas,

⁹⁷⁵ LEITE, José S. *Op cit.* 2004. 144.

⁹⁷⁶ Sobre o prestígio que a profissão de futebolista tem entre as crianças pobres, com uma amostra de Porto Alegre, ver: DAMO, Arlei S. *Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese em Antropologia Social - UFRGS, Porto Alegre, 2005. p 181-182.

praças e várzeas, apropriado por uma cultura popular dinâmica e ativa, que insistia em reivindicar seu espaço numa modernidade que fora projetada para excluí-la. Dessa circularidade e dialogismo cultural, surge o futebol de rua, a pelada, com equipamentos e espaços improvisados, regras flexibilizadas, sem um tempo pré-determinado ou um calendário de eventos.

Hierarquizadas entre si, essas apropriações do futebol foram tratadas de maneira distinta pela imprensa esportiva e pelo Estado, que, ao passo que celebrava e financiava, as vezes com dinheiro público, o futebol fidalgo, praticado em espaços privados, os *grounds*; perseguia e proibia o futebol de rua, não raro tratado na imprensa com adjetivos como "futebol de vadios" ou "futebol de desocupados". Expulsos da rua, não tardou para que os segmentos empobrecidos da população curitibana passassem a organizar seus próprios clubes, reunindo operários, ferroviários, trabalhadores urbanos e lavradores das colônias que circundavam a capital paranaense. Esses clubes, por sua vez, em face às dificuldades impostas para inserção de agremiações de caráter popular na principal liga da cidade, passaram a organizar suas próprias ligas, conhecidas como "ligas de várzea" ou "ligas suburbanas", onde promoviam suas respectivas competições. Posteriormente, essas ligas se converteriam, na segunda metade da década de 1910 e nos anos 1920, em verdadeiros "celeiros de craques" para os principais clubes da cidade.

Foi em meio a esse contexto de popularização do futebol em Curitiba, que foram fundados diversos clubes relacionados a imigrantes italianos e seus descendentes. Dentre essas agremiações, Savóia e Palestra Itália foram aquelas que alcançaram maior destaque no circuito futebolístico da cidade. Fundado, no arrabalde de Água Verde, em meio à onda nacionalista alavancada pela Primeira Guerra Mundial, o Savóia se pretendia um clube recreativo para os ítalo-brasileiros da região, que, no século XIX, havia abrigado a colônia Dantas, formada por imigrantes peninsulares. Um misto de clube étnico com clube de bairro, o Savóia, ao lado do Britannia - esse um clube de operários, com diversos indivíduos de ascendência italiana entre seus sócios -, foi uma das primeiras equipes de caráter popular a entrar para a primeira divisão da principal liga curitibana. Por meio da trajetória do Savóia, procuramos demonstrar algumas estratégias empregadas pelas equipes pequenas para ascender em um espaço controlado, política e esportivamente, pelas principais agremiações da capital paranaense - Internacional, Coritiba, Paraná e América - que congregavam setores das elites locais.

Como vimos, a ascensão do Savóia à primeira divisão da liga paranaense só foi possível em um contexto de cisão no interior da LSP, que, em 1916, disputou com a APSA o controle do futebol paranaense. A cisão entre os clubes das elites abriu "brechas", ocupadas pelo Savóia, graças à rede de contatos na qual o clube estava inserido. De fato, como indica a experiência do Savóia, ser apadrinhado por uma família emergente, os Todeschini, e cultivar relações de amizade e cooperação com os mais tradicionais clubes da cidade, eram prerrogativas fundamentais para as agremiações pequenas que almejassem ascender ao principal campeonato de Curitiba. Com efeito, a ascensão do Savóia e do Britannia à primeira divisão, respectivamente, da APSA e LSP, em 1916, e a permanência desses clubes na ASP, após a fusão, em 1917, representou um marco no processo de popularização do futebol curitibano. Pela primeira vez, equipes de caráter marcadamente popular disputariam, ao lado das agremiações tradicionais da cidade, a principal competição curitibana.

O sucesso desses clubes - o Britannia conquistou sete títulos entre 1916 e 1923 - formados por trabalhadores pobres, muitos deles negros ou imigrantes, terminou por reordenar as relações de poder no futebol paranaense, que abria sua principal liga, ainda que timidamente, para os setores subalternizados da população. Emblemática dessa mudança - breve, que seja - no perfil da liga local, foi a rejeição que a nova "lei do amadorismo", discutida no Rio de Janeiro, teve entre alguns dirigentes curitibanos. O ponto máximo desse debate foram os textos assinados por Luiz Guimarães em defesa da inserção de trabalhadores braçais e negros nos clubes e ligas de futebol e a organização, pela APSA, de um festival em comemoração à Lei Áurea, em 13 de maio de 1916. Entretanto, a inserção de trabalhadores braçais, imigrantes pobres, negros e mestiços na principal liga da cidade, não representou o fim dos preconceitos de classe, cor ou conflitos étnicos. Como analisamos, durante toda a segunda metade da década de 1910 e a década de 1920, o processo de massificação do futebol foi acompanhado de casos de racismo, explícitos ou velados, de discursos que reclamavam da "violência" e falta de educação dos novos torcedores, e de notas, na imprensa, contra a suposta corrupção e promiscuidade dos atletas, que jogavam em troca de auxílios, empregos e remunerações.

Se, partindo da trajetória do Savóia pensamos os conflitos inerentes à inserção, na década de 1910, das primeiras agremiações populares na liga curitibana; tomando o Palestra Itália como fio condutor de nossa narrativa, analisamos, na década de 1920, a transição do "amadorismo marrom" para o profissionalismo no futebol curitibano. Fundado, em 1921, por segmentos de

uma elite imigrantes relacionada à *Sociedade Dante Alighieri* e ao *Banco Francez e Italiano*, com o objetivo de propagandar a "italianidade" por meio do futebol, o Palestra Itália de Curitiba se converteu, na década de 1920, em uma das principais agremiações da cidade. Administrado e financiado por essa elite imigrante, o Palestra Itália foi um empreendimento dos setores enriquecidos dos ítalo-brasileiros de Curitiba, que pretendiam, com a formação de um clube competitivo, divulgar, no plano simbólico, o poderio econômico e gerencial dessa burguesia imigrante.

Desde sua fundação, o Palestra Itália contou com diversas ressalvas de cronistas esportivos curitibanos, que entendiam que o projeto identitário do clube era incompatível com o esforço de nacionalização dos imigrantes empreendido pelo governo brasileiro depois da Primeira Guerra Mundial. Em que pese esses conflitos, a agremiação seguiu sua trajetória, colecionando títulos nas décadas de 1920 e 1930. Diferente do Savóia, que tinha uma equipe formada basicamente por ítalo-brasileiros associados ao clube, o Palestra Itália contou, durante toda a década de 1920, com um time formado por atletas vindos de outros estados brasileiros, de cidades do interior do Paraná ou recrutados nos clubes da várzea curitibana. Futebolistas das mais diversas origens étnicas e sociais, que jogavam pelo Palestra Itália em troca de auxílios, benefícios ou empregos, conseguidos pelo clube, em estabelecimentos cujos proprietários eram imigrantes italianos ou no próprio *Banco Francez e Italiano*.

A organização interna do Palestra Itália, com uma divisão rígida entre os papéis de dirigente e atleta, associado e torcedor, anunciava as mudanças que estavam por se processar no futebol curitibano. Com a intensificação do processo de popularização do futebol, houve uma progressiva proletarização da função de jogador e uma simultânea financeirização desse esporte, alavancada pelo aumento das rendas de bilheteria que se ampliavam com a expansão do público torcedor. A busca por aprimoramento técnico e tático exigia maior tempo para treinamento e preparação. Tempo esse, indisponível para operários e trabalhadores urbanos expostos à jornadas de trabalho extenuantes durante a Primeira República. A remuneração dos futebolistas e/ou a contratação desses indivíduos em trabalhos fictícios, foi a solução encontrada pelos dirigentes das principais equipes curitibanas, incluindo o Palestra Itália, para resolver esse dilema. O resultado desse processo foi uma estrutura dual para o futebol curitibano, ao passo que os segmentos empobrecidos da população adentravam nos clubes na condição de jogadores - à rigor, funcionários informais -, os cargos diretivos, escolhidos entre os associados do clube,

permaneciam nas mãos das mesmas elites que haviam fundado as principais agremiações da cidade.

Seguindo a trajetória do Palestra Itália, percebemos que, práticas comuns na década de 1910, como a circulação interestadual e intermunicipal de atletas, e o recrutamento de futebolistas nos clubes varzeanos, foram intensificadas na década de 1920, o que terminou por contribuir para o alastramento do "falso amadorismo" por diversos clubes da cidade. Nesse contexto, não tardaram a surgir as primeiras vozes em defesa da formalização e reconhecimento do profissionalismo no futebol paranaense. Apesar da resistência inicial dos dirigentes locais, as pressões de atletas e cronistas esportivos pela adoção do profissionalismo, a saída de jogadores para outros estados, notadamente São Paulo e Rio de Janeiro, onde o profissionalismo já era reconhecido e, por fim, a desorganização da CBD, terminaram por criar as condições favoráveis para o reconhecimento da profissão de jogador de futebol pela *Federação Paranaense de Desportos*, em dezembro de 1933.

De alguma maneira, inaugurava-se uma nova fase no futebol curitibano, um período de embates para a consolidação do profissionalismo. No que concerne à popularização do futebol, as ambiguidades desse processo perduram até hoje, pois o mesmo impulso não foi acompanhado de uma democratização das instâncias diretivas desse esporte. Naquela época, como ainda hoje, a gestão e administração do futebol permaneceram nas mãos de grupos restritos, que extraem dividendos políticos e econômicos do esporte mais popular do Brasil. Em um contexto no qual diversos autores indicam estar em curso um processo de reelitização do futebol⁹⁷⁷, discutir a necessária democratização da gestão desse esporte é uma tarefa inadiável.

⁹⁷⁷ ALVITO. Marcos. "A parte que te cabe neste latifúndio": o futebol brasileiro e a globalização. IN: *Análise Social*, vol. XLI. Lisboa, 2006. ALVITO. Marcos. O esporte que vendeu a sua alma. *Piauí*, 2007. Disponível em: <revistapiaui.estadao.com.br/edicao-15/carta-da-inglaterra/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma>. Acesso em: 14 dez 2013. E, mais recentemente: MASCARENHAS, Gilmar. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014. Especialmente a Parte III "Espetáculo global e negócios: a reinvenção do futebol".

REFERÊNCIAS

FONTES

1. Jornais e revistas

Diário da Tarde – 1904-1933

Comércio do Paraná – 1912-1928

A República - 1904-1933

Gazeta do Povo - 1919-1933

O Dia - 1926-1933

Diário do Comércio - 1915

O Estado de São Paulo - 1916

Revista do Povo - 1916-1920

O Miko - 1914

O Flirt - 1919

O Sport - 1915

Arte & Esporte - 1922

Correio do Paraná -1932

A Federação - 1921-1922

O Combate - 1920-1925

Correio Paulistano - 1917-1926

Republica - 1927

O Paiz - 1922

Paraná Esportivo - 1954

2. Memórias

ALBUQUERQUE, Mário Marcondes. *Curitiba que o meu tempo guardou*. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1986.

SABOIA, América da Costa. *Curitiba de minha saudade: 1904-1914*. Curitiba: 1978.

VÍTOR, Nestor. *A terra do futuro: impressões do Paraná*. Curitiba: Prefeitura Municipal de Curitiba, 1996.

3. Atas da Câmara Municipal de Curitiba

Acta da sessão em 17 de Outubro de 1911 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912.

Acta da sessão em 25 de Julho de 1912 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912.

Acta da sessão em 21 de Outubro de 1911 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba 1911-1912*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1912.

Acta da sessão em 15 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913.

Acta da sessão em 18 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913.

Acta da sessão em 21 de Julho de 1913 IN: *Annaes da Camara Municipal de Coritiba*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1913.

4. Posturas municipais

Codigo de Posturas do Municipio de Coritiba. Curitiba: Typ da Republica, 1919, p 26. Acervo do Instituto Histórico e Geográfico do Paraná.

5. Decretos

Decreto N. 534 IN: *Decretos de 1914*. Curitiba: Typ d'A Republica, 1914.

BIBLIOGRAFIA

ALENCASTRO, Luiz F; RENAUX, Maria L. Caras e modos dos migrantes e imigrantes IN: ALENCASTRO, Luiz F. *História da Vida Privada no Brasil: Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

ALVIM, Zuleika. Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo. IN: SEVCENKO, N. *História da Vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

ALVITO, Marcos. "A parte que te cabe neste latifúndio": o futebol brasileiro e a globalização. IN: *Análise Social*, vol. XLI. Lisboa, 2006.

_____. O esporte que vendeu a sua alma. *Piauí*, 2007. Disponível em: <revistapiaui.estadao.com.br/edicao-15/carta-da-inglaterra/o-esporte-que-vendeu-a-sua-alma>. Acesso em: 14 dez 2013.

ANTUNES, Fátima M. R. F. *Futebol de Fábrica em São Paulo*. Dissertação em Sociologia - USP, São Paulo, 1992.

ARAUJO, José R. *Imigração e Futebol: o caso Palestra Itália*. São Paulo: Editora Sumaré, 2000.

BAKHTIN, Mikhail M. *A cultura popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais*. São Paulo: Huitec, 2010.

BALHANA, A. P.; MACHADO, B. P.; WESTPHALEN, C. M. *História do Paraná*. Curitiba: Grafipar, 1969.

BALHANA, Altiva P. *Santa Felicidade: uma paróquia vêneta no Brasil*. Curitiba: Fundação Cultural de Curitiba, 1978.

BARBOSA, Marialva. *História Cultural da Imprensa: Brasil, 1900-2000*. Rio de Janeiro: Maud X, 2007.

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. IN: POUTIGNAT, P.; STREIFF-FENART (org.). *Teorias da Etnicidade: seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Fredrik Barth*. São Paulo: Ed. Unesp.

BENVENUTTI, Alexandre Fabiano. *As reclamações do povo na Belle Époque: a cidade em discussão na imprensa curitibana (1909-1916)*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2004.

BERTONHA, João F. *Os italianos*. São Paulo: Contexto, 2005.

BIONDI, Luigi. *Classe e Nação: trabalhadores e socialistas italianos em São Paulo, 1890-1920*. Campinas: Editora da Unicamp, 2011.

BONI, Maria Ignês. *O espetáculo visto do alto: vigilância e punição em Curitiba (1890-1920)*. Curitiba: Aos Quatro Ventos, 1998.

- BURKE, P. *Veneza e Amsterdã: um estudo das elites do século XVII*. São Paulo: Brasiliense, 1991.
- CAPRARO, André M. *Football, uma prática elitista e civilizadora - investigando o ambiente social e esportivo do início do século XX*. Dissertação em História - UFPR. Curitiba, 2002.
- _____. *Esporte, cidade e modernidade: Curitiba*. MELO, Victor Andrade. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.
- CAPRARO, André M; MOLETTA JR; Celso; FREITAS JR, Miguel; SANTOS, Natasha. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. *Revista de História Regional* 17 (2). Ponta Grossa, 2012.
- CANCLINI, Nestór G. *Culturas híbridas: Estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.
- CARVALHO, José M. *Os Bestializados: O Rio de Janeiro e a República que não foi*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- CERVO, Amado L. *As relações históricas entre o Brasil e a Itália: o papel da diplomacia*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1992.
- CHALHOUB, Sidney. *Trabalho, lar e botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da belle époque*. Campinas: Editora da Unicamp, 2012.
- CHRESTENZEN, Levi M; MACHADO, Heriberto I. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígitus, 1990.
- CHRESTENZEN, Levi M.; MACHADO, Heriberto I. *Futebol do Paraná: 100 anos de História*. Curitiba, 2005.
- CHRESTENZEN, Levi M; Machado, Heriberto I. *Trieste: o campeoníssimo suburbano*. Curitiba: Edição do autor, 2006.
- COELHO, Paulo V. *Bola fora: a história do êxodo do futebol brasileiro*. São Paulo: Panda Books, 2009.
- CORBIN, Alain Introdução. IN: _____ (org.). *História dos tempos livres*. Lisboa: Teorema, 2001.
- COUTO, Euclides F. *Belo Horizonte e o Futebol: integração social e identidades coletivas (1897-1927)*. Dissertação em Ciências Sociais, PUC-MG, Belo Horizonte, 2003.
- DAMO, Arlei S. *Do Dom à Profissão: Uma etnografia do futebol de espetáculo a partir da formação de jogadores no Brasil e na França*. Tese em Antropologia Social - UFRGS, Porto Alegre, 2005.
- DE ROSE, Regina F. *A influência da imigração italiana no desenvolvimento do esporte no estado do Rio Grande do Sul*. Dissertação em Ciências do Movimento Humano - UFRGS. Porto Alegre, 1996.

DRUMOND, Maurício. O esporte como política de Estado: Vargas. IN: MELO, Victor A; DEL PRIORE, Mary. *História do esporte no Brasil: do Império aos dias atuais*. São Paulo: Editora Unesp, 2009.

EMMI, Marília Ferreira. *Italianos na Amazônia (1870-1950): Pioneirismo econômico e identidade*. Belém: NAEA, 2008.

FABRIS, Pamela Beltramin. *"Enquanto nós dormimos o alemão trabalha": relações entre a comunidade étnica germânica e a sociedade curitibana (1870-1918)*. Monografia em História - UFPR. Curitiba, 2009.

_____. A experiência da guerra: o cotidiano de imigrantes alemães e seus descendentes em Curitiba durante o conflito mundial (1914-1918). IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.

FAUSTO, Boris. A vida política. IN: GOMES, Angela de Castro. *Olhando para dentro: 1930-1964*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. Rio de Janeiro: Mauad, 2003.

FERRARO, Alceu R; KREIDLLOW, Daniel. Analfabetismo no Brasil: configuração e gênese das desigualdades regionais. IN: *Revista Educação & Realidade*, n. 29 (2). Porto Alegre, jul/dez 2004.

FRANCO JR, Hilário. *A dança dos deuses: futebol, cultura, sociedade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FRANZINI, Fábio. *Corações na ponta da chuteira: capítulos iniciais da história do futebol brasileiro (1919-1938)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

GIULIANOTTI, Richard. *Sociologia do Futebol: Dimensões históricas e socioculturais do esporte das multidões*. São Paulo: Nova Alexandria, 2010.

GOELLNER, Silvana V. MAZZO, Janice Z. Esporte, cidade e modernidade: Porto Alegre. MELO, Victor Andrade. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HEINZ, F. O historiador e as elites - à guisa de introdução. _____ (org.) *Por outra história das elites*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006.

HELÊNICOS. *Eternos Campeões: Coritiba Foot Ball Club e seus atletas inesquecíveis*. Curitiba: Edição do autor, 2012.

JESUS, Gilmar M. Fútbol y modernidad en Brasil: La geografía histórica de una novidade. *Lecturas Educación Física y Deportes*, v. 10. Buenos Aires, 1998.

KAMINSKI, R. A presença das imagens nas revistas curitibanas entre 1900-1920. *Revista Científica/FAP* v. 5, p. 149-170. Curitiba, 2011.

LUCA, Tania Regina. A grande imprensa na primeira metade do século XX. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

MACHADO, Heriberto I; CHRESTENZEN, Levi M. *Futebol Paraná História*. Curitiba: Dígitus, 1990.

MANFREDINI, Luiz A. A. *Empreendedores do Paraná: Curitiba*. Curitiba: FIEP/SENAI-DR/SESI-DR, 2011.

MANHÃES, Eduardo D. *Política de Esportes no Brasil*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.

MASCARENHAS, G. A via platina de introdução do futebol no Rio Grande do Sul. *Lecturas Educación Física y Deportes*, Buenos Aires, n.26, 2000.

_____. Várzeas, operários e futebol: uma outra geografia. *GEOgraphia*, v. 4, p. 32-47, Rio de Janeiro, 2002.

_____. *Entradas e bandeiras: a conquista do Brasil pelo futebol*. Rio de Janeiro: Eduerj, 2014.

MASCHIO, Elaine C. F. *A escolarização dos imigrantes e de seus descendentes nas colônias italianas de Curitiba, entre táticas e estratégias (1875-1930)*. Tese em Educação - UFPR, Curitiba, 2012.

MATTOS, Hebe. A vida política. IN: SCHWARCZ, L. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p 92.

MARTINS, Romário. *Quantos somos e quem somos: dados para a história e a estatística do povoamento do Paraná*. Curitiba: Empresa Grafica Paranaense, 1941.

MELO, Victor A. Remo, modernidade e Pereira Passos: primórdios das políticas públicas de esporte no Brasil. Rio de Janeiro: *Revista Esporte e Sociedade*, n. 3, 2006.

_____. *Os sports e as cidades brasileiras: transição dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro: Apicuri, 2010.

_____. Causa e Consequência: esporte e imprensa no Rio de Janeiro do século XIX e década inicial do século XX. IN: HOLLANDA, Bernardo Buarque; MELO, Victor A. *O esporte na imprensa e a imprensa esportiva no Brasil*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2012.

MOLETTA JR, Celso L. *Futebol e formação do espaço público no contexto da fundação do Coritiba Football Club (Curitiba, 1900-1915)*. Dissertação em História - UFPR, Curitiba, 2009.

NADALIN, Sérgio O. Paraná: *Ocupação do território, população e migrações*. Curitiba: SEED, 2001.

NADALIN, Sergio O. FABRIS, Pamela. *A comunidade alemã em Curitiba e a conjuntura da Primeira Grande Guerra*. IN: *Revista de Historia Regional*, Vol. 18, N. 1, 2013.

NAPOLEÃO, Antonio C. História das Ligas e Federações do Rio de Janeiro (1905-1941). IN: DA SILVA, Francisco C; SANTOS, Ricardo P. *Memória social dos esportes: futebol e política: a construção de uma identidade nacional*. Rio de Janeiro: Mauad Editora, 2006.

NEGREIROS, Plínio José Labriola de Campos. *Resistência e Rendição - A Gênese do Sport Club Corinthians Paulista e o futebol oficial em São Paulo - 1910-1916*. Dissertação em História - PUC-SP, São Paulo, 1992.

NETO, Carneiro. *O vôo certo: a história do Paraná Clube*. Curitiba: S/Ed, 1996.

NICOLAS, Maria. *Almas das Ruas - Volume I*. Curitiba: Editora Lítero-técnica, 1974.

OLIVEIRA, Lúcia Lippi. *A questão nacional na Primeira República*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

OLIVEIRA, Marcio. A cidade de Curitiba e os imigrantes alemães durante a Primeira Guerra Mundial, uma análise da imprensa local. IN: *Cadernos CERU, série 2, v. 23, n. 2*, 2012.

OLIVEIRA, Ricardo A. *O silêncio dos vencedores: genealogia, classe dominante e estado no Paraná*. Curitiba: Moinho do Verbo, 2001.

OLIVEIRA FILHA, Elza Aparecida. *Olhares sobre uma cobertura: A eleição de 2002 para o governo do Paraná em três jornais locais*. Tese em Ciências da Comunicação - UNISINOS, 2006.

PADIS, Pedro Calil. *Formação de uma economia periférica: o caso paranaense*. Curitiba: IPARDES, 2006.

PEREIRA, Leonardo A. Pelos campos da Nação: um Goal-Keeper nos primeiros Anos do Futebol Brasileiro. *Revista Estudos Históricos*, vol 10, n 19. Rio de Janeiro, 1997.

_____. *Footballmania: uma história social do futebol no Rio de Janeiro, 1902-1938*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.

PEREIRA, Magnus R. M. *Semeando iras rumo ao progresso: ordenamento jurídico e econômico da sociedade paranaense, 1829-1889*. Curitiba: Editora UFPR, 1996.

PESAVENTO, Sandra J. *O imaginário da cidade: visões literárias do urbano - Paris, Rio de Janeiro, Porto Alegre*. Porto Alegre: Editora UFRGS, 1999.

PILOTTO, Osvaldo. *Cem anos de imprensa no Paraná*. Curitiba: A. M. Cavalcanti. 1976.

POPINIGIS, Fabiane. *Proletários de casaca: trabalhadores do comércio carioca, 1850-1911*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

PRADO, Antonio Arnoni. Imprensa Cultura e Anarquismo. In: MARTINS, Ana Luiza; LUCA, Tania Regina (org.). *História da Imprensa no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2008.

RIBEIRO, Luiz Carlos. *Memória, trabalho e resistência em Curitiba (1890-1920)*. São Paulo: Dissertação em História- USP, 1985.

RIBEIRO, Raphael R. Participação imigrante nos primeiros anos do esporte em Belo Horizonte. In: *V Seminário de imigração italiana em Minas Gerais*, 2009.

RÜCKER, Joseane. Entre a afluência e o crepúsculo: o silêncio na poesia de Tasso da Silveira. IN: *Travessias*, vol 2, n 1. Cascavel, 2008.

SABOIA, América da Costa. *Curitiba de minha saudade: 1904-1914*. Curitiba: 1978.

SALIBA, Elias Thomé, Cultura. IN: SCHWARCZ, L. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SANTOS, Henrique Sena. “Desastres materiais, desordens morais”: O “*football de vagabundos*” nas ruas de Salvador, 1905 - 1920. *Recorde: Revista de História do Esporte*, vol 5, n 1, Rio de Janeiro, 2012.

SANTOS, João Manuel M. C. *A Revolução Vascaína: a profissionalização do futebol e a inserção socio-econômica de negros e portugueses na cidade do Rio de Janeiro (1915-1934)*. São Paulo: Tese em História - USP, 2010.

SANTOS, João M. C. M.; DRUMOND, Maurício. A construção de histórias do futebol no Brasil (1922 a 2000): reflexões. *Revista Tempo*, Vol. 17, n. 34. p 21-23.

SANTOS JR, Nei J. *A construção do sentimento local: o futebol nos arrabaldes de Bangu e Andaraí (1914-1923)*. Rio de Janeiro: Dissertação em História Comparada - UFRJ, 2012.

SANTOS, N. O semiprofissionalismo no futebol brasileiro: representação episódica, fenômeno sistêmico. IN: *Revista de História Regional*, 17(2), Ponta Grossa, 2012.

SANTOS, Ricardo Pinto. *Entre "rivais": futebol, racismo e modernidade no Rio de Janeiro e em Buenos Aires (1897-1924)*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

SCHWARCZ, Lilia M. População e sociedade. IN: _____. (org.) *A abertura para o mundo 1889-1930*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012, p 51.

SÊGA, R. *Melhoramentos da capital: a reestruturação do quadro urbano de Curitiba durante a gestão do prefeito Cândido de Abreu (1913-1916)*. Dissertação em História - UFPR. Curitiba, 1996.

SEVECENKO, Nicolau. O prelúdio republicano, astúcia da ordem e ilusões do progresso IN: _____ (org.) *História da vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

_____. A capital irradiante: técnica, ritmos e ritos do Rio. IN: _____ (org.) *História da vida Privada no Brasil - República: da Belle Époque à Era do Rádio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

SILVA, Marcelo M. *Novos modos de olhar: outras maneiras de se comportar: a emergência do dispositivo esportivo na cidade de Curitiba (1899-1918)*. Tese em Educação - UNICAMP, 2011.

SILVA, Marcelo M. *A emergência das práticas esportivas em Curitiba: O Turfe e a Pelota Basca*. IN: Anais do XXVI Simpósio Nacional de História - ANPUH, São Paulo, 2011.

SINGER, Paul. O Brasil no contexto do capitalismo internacional (1889-1930) IN: FAUSTO, Bóris (org). *História Geral da Civilização Brasileira. Tomo III: O Brasil Republicano. Vol 1: Estrutura de Poder e Economia (1889-1930)*. São Paulo: Difel, 1975.

SOARES, Rafael Fortes. *O surfe nas ondas da mídia: Um estudo de Fluir nos anos 1980*. Tese em Comunicação - UFF. Rio de Janeiro, 2009.

SOIHET, Rachel. O povo na rua: manifestações culturais como expressão de cidadania. IN: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia A. N. *O Brasil Republicano: o tempo do nacional-estatismo - do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira: 2003.

SOUZA, Jhonatan U. Uma voz contra a seleção: aspectos regionais de um conflito pela hegemonia do futebol nacional. IN: *Anais do XXVII Simpósio Nacional de História*. Natal, 2013.

STREAPCO, João P. F. "*Cego é aquele que só vê a bola.*" *O futebol em São Paulo e a formação das principais equipes paulistas: S. C. Corinthians Paulista, S. E. Palmeiras e São Paulo F.C. (1894-1942)*. Dissertação em História - USP, São Paulo, 2010.

SUTIL, Marcelo. *O Espelho e a Miragem: ecletismo, moradia e modernidade na Curitiba do início do século 20*. Curitiba: Travessa dos Editores, 2009.

THOMPSON, E. P. *Costumes em Comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

TRENTO, Angelo. *Do outro lado do atlântico: um século de imigração italiana para o Brasil*. São Paulo: Nobel, 1988.

TRINDADE, Etelvina Maria de Castro. *Clotildes ou Marias: mulheres de Curitiba na Primeira República*. Curitiba: Fundação Cultural, 1996.

VALENTE, Silza M. P. *A presença rebelde na cidade sorriso: contribuição ao estudo do anarquismo em Curitiba, 1890-1920*. Londrina: Ed, UEL, 1997.

VASCO, Ediméri Stadler. *A cultura do trabalho na Curitiba de 1890 a 1920*. Curitiba: Dissertação em História - UFPR, 2006.

WESTPHALEN, Cecília Maria; BALHANA, Altiva Pilatti. *Lazeres e festas de outrora*. Curitiba: SBPH, 1983.

ANEXOS

Anexo I



Foto da equipe do Britannia em 1923, com a base do time heptacampeão entre 1916 e 1923. Em pé: Floriano, Maximino Zanon, Moura, Paraflío Borba, Romano, Faéco e Joaquim Martin. Agachados: Rigolino, Zito, Pedrinho e Felício. Fonte: NETO, Carneiro. *Op cit.* p 33.

Anexo II



Equipe do Palestra Itália em 1924. Em pé: William, Gabardo, Moacyr Gonçalves, Hermogenes, Dario e Athayde. Agachados: Coutinho, Canhoto, Mattana, Atílio e Luis Cunha. Fonte: NETO, Carneiro. *Op cit.* p 44.

Anexo III



Equipe do Palestra Itália em 1926. Em pé: William, Dario, Moacyr Gonçalves, Gabardo, Mattana, Athayde e Cunha. Agachados: Canhoto, Francalacci, Hermogenes e Coutinho. Fonte: NETO, Carneiro. *Op cit.* p 45.

Anexo IV



Equipe Palestra Itália 1927. Em pé: Athayde, Laudelino, Gabardo, Dula, William, Mattana, Anjolilo, Canhoto, Cunha, Moacur Gonçalves. Agachado: Hermogenes. Fonte: NETO, Carneiro. *Op cit.* p 50.

Anexo V



Equipe Palestra Itália 1933. Em pé: Valdomiro, Emílio, Vani, Andretta, Athayde, Canhoto, Cortese, Wilson e Mathias. Agachados: Tatu, Mansur e Anjolilo. Fonte: NETO, Carneiro. *Op cit.* p 53.